



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL



Monografia

**CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TMD SOBRE A QUESTÃO DA MULHER:
uma análise da obra de Vânia Bambirra**

Ana Paula Carvalho de Rezende

Mariana, MG

2022

Ana Paula Carvalho de Rezende

**CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TMD SOBRE A QUESTÃO DA MULHER:
uma análise da obra de Vânia Bambirra**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Serviço Social do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kathiúça Bertollo

Mariana, MG

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R467c Rezende, Ana Paula Carvalho de.
Considerações a partir da TMD sobre a questão da mulher
[manuscrito]: uma análise da obra de Vânia Bambirra. / Ana Paula
Carvalho de Rezende. - 2022.
189 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Kathiúça Bertollo.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Serviço Social .

1. América Latina. 2. Capitalismo - Aspectos sociais. 3. Relações
raciais. 4. Feminismo. I. Bertollo, Kathiúça. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 305

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Paula Carvalho de Rezende

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TMD SOBRE A QUESTÃO DA MULHER: uma análise da obra de Vânia Bambilra.

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social

Aprovada em 05 de janeiro de 2021

Membros da banca

Doutora em Serviço Social - Kathiúça Bertollo - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor em Serviço Social - Rodrigo Fernandes Ribeiro - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora em História - Carla Cecília Campos Ferreira - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Kathiúça Bertollo, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 10/01/2022



Documento assinado eletronicamente por **Kathiúça Bertollo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/01/2022, às 10:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0266270** e o código CRC **D144BD66**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.000327/2022-92

SEI nº 0266270

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

*Aos meus pais, Rita e Venceslau, os maiores revolucionários que eu conheci.
A todas as mulheres da classe trabalhadora.
A Vânia Bambirra, aquela que acende uma chama de paixão e esperança revolucionária.*

AGRADECIMENTOS

“Só Deus sabe o quanto se labutou. Custou mas depois veio a bonança. E agora é hora de agradecer...”

Depois dessa longa e rica caminhada no Serviço Social - e que seja apenas o começo -, o sentimento é de realização de um sonho que certamente não é só meu e foi conquistado com a torcida e apoio de pessoas que eu amo. Felizmente, tenho muitos a quem agradecer.

Agradeço primeiramente a Deus por ser um amigo com quem eu converso diariamente ao pôr do Sol. Sempre sinto Sua presença nesse horário e me pego agradecendo, desabafando, rindo e chorando em meio a esse sentimento inexplicável.

Primeiramente, devo reconhecer e agradecer àquelas que vieram antes de mim: vó Jandira e vó Hilda. Sou a primeira mulher da família em uma Universidade Federal e sei o quanto isso é importante e o que significa para nós. Vó Jandira (*in memoriam*) foi uma mulher temperamental e muito forte. Sempre me dizia, desde criança, ao ouvir meus questionamentos sobre tudo, que eram recorrentes, que quem fosse casar comigo teria que ser forte, porque eu era uma “menina de gênio difícil”. Não entendia na época, mas hoje sei que era um aviso para eu nunca deixar de me impor. Vó Hilda (*in memoriam*), a mulher mais doce que eu conheci, que adorava mexer nos meus cachinhos e fazia a melhor comida do mundo.

Aos meus pais, Rita e Venceslau, minha base, minha inspiração e as pessoas mais importantes da minha vida. Eles me fizeram ser quem eu sou, não me moldaram de acordo com suas expectativas e me criaram a partir do amor e diálogo. Rita, a mulher mais forte que eu conheço, como diz Djonga, *“toda mulher nasce de outra mulher, por isso são fortes duas vezes!”* e, como diz meu pai, uma onça, extremamente esperta e que me ensinou a correr atrás dos meus sonhos e a buscar a independência. Venceslau, uma exceção. Emotivo, chorão, sensível (tudo isso se manifesta em mim), sempre me incentivou a estudar e me deu meu primeiro livro, *Sonho de uma noite de Verão*, quando eu fiz 9 anos e desde então meu amor pela leitura só foi crescendo.

Ao meu irmão, Guilherme, por sempre me incentivar, me acolher, me dar roupas lindas, me aconselhar e ser essa pessoa que contagia a todos com sua serenidade e carinho. Tenho muito orgulho dele, não me canso de dizer.

Ao Urbano, o irmão que a vida me deu e de quem eu amo a companhia e que sempre comemorou comigo todas as minhas conquistas.

Ao meu amado, Pablo, por não me deixar desanimar, por comemorar comigo todas as minhas conquistas e me apoiar, de todas as formas possíveis, em tudo o que eu me proponho a fazer. Por cozinhar pra mim e pra quem eu amo, me lembrar que eu sou capaz, não concordar com tudo que eu falo, ser compreensivo com minhas ausências, respeitar o meu espaço e cuidar de mim.

Aos meus sogrinhos, Bonia, Emerson, Wil e Beca, e ao meu cunhadinho Henderson, por me receberem com tanto carinho na família e me apoiarem sempre.

Ao meu vô amigo (*in memoriam*), para quem eu sempre ligava depois do estágio nas sextas pra contar tudo e que me prometeu, na última vez que nos vimos, que estaria presente na minha banca de TCC e no meu casamento, “só se for de dia, eu não saio de casa de noite”. Sei que ele sempre estará comigo, pois, como disse Sirius Black, *aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade*. Salve, Seu Sebastião!

Às tias Laene, Ivone, Neide, Anadege, Angela (quem, inclusive, me sugeriu o curso no último dia do SISU), e Isabel.

Aos primos Aline, Amanda, Anna Clara e Leo, especialmente a Amanda, minha gansa, minha pessoa, minha prima amiga que me enche de afeto e está comigo desde sempre. Aos meus vizinhos Paulo (*in memoriam*), Geralda e família, Vera, Dona Zeni, Alessandra, Fátima, Glorinha, Seu João, Preta e Natália, minha madrinha. Fui criada em comunidade, cresci nas casas dessas pessoas que sempre me perguntavam quando eu iria me formar e voltar.

Aos meus velhos amigos, que comemoraram comigo minha entrada na UFOP e compreenderam minhas ausências: Cleiton, Karine, Gra, Ellen, Nayara, Rafaela, Tatiele, Dri, Lu (*in memoriam*), Vivi, Paolla e Maycon.

A gente que acredito, gosto e admiro, como Dona Nivea, Fabiana, Nayra, Lize, Izabella, Damires, Max e Wagner.

Aos encontros que a UFOP me proporcionou: enquanto bolsista no NACE, com os bols Salvia, Letícia, Lorrany, Brenda, Ligian, André, Camila, e Guilherme, com quem amei dividir essa experiência, assim como toda a equipe: Carol, Alba, Priscila, Lígia, Kelly, Lu e Vanessa, pessoas com quem tive aprendizados, trocas maravilhosas e vou guardar lembranças dos nossos cafés diários e comemorações de aniversário.

No estágio no Centro de Saúde da UFOP, com Claudia Enes e Patrícia Ribeiro, com quem compartilhei conhecimentos e vivências que vão para além do cotidiano profissional.

No Abrace UFOP, espaço essencial onde pude desabafar, acolher e ser acolhida.

Nos grupos de estudo *Livre Hermana* e *GEPTSSS*, que eu amei participar desde o início e pretendo continuar.

No curso, onde pude conhecer pessoas como Mari, Lucas, Alice, Marcilene, Dani, Yuri, Gabriel, Matheus, Tamiris, Victória, Simone, Helza, Jéssica, Ellen, Daisy, Lina e Dubier.

Nos lugares onde morei, com pessoas de quem eu vou guardar as melhores e mais engraçadas lembranças: Amanda, Maria Victória, Maria Isadora, Amandinha, Thaynara, Alessandra, Adriane e Eliade, e na República Taj Mahal, onde eu me sentia em casa bem antes de me tornar moradora, fui tão bem recebida por todas e pude conviver, mesmo que por pouco tempo, com Felícia, Regiane, Fernanda e Karine.

Na gestão *Nossa Balbúrdia é a Luta*, do CASS Igor Mendes, onde conheci e vivi de fato o movimento estudantil, especialmente com os sobreviventes Mariana Santos, Erika, Guilherme, Vitória Nogueira, Vitória Latorre, Glayce, Duda, Mateus e Thiago.

Pessoas que encontrei e vou guardar com carinho: Dâmares, Kaique, José Victor, Urbano Neto, Caio, Marília, Amanda Cardoso e Nico.

Professoras e professores que marcaram minha trajetória no curso, Verônica, Rodrigo, Jussara, Sheila, Roberto, Rafaela, Ricardo, Paula, Claudio, Raquel, Juliana, Adriana, Carina, Kesia, Gustavo e Vanderlei.

Minha orientadora, Kathiuça, pela confiança, apoio, respeito, carinho e paciência, pois sei que não foi fácil lidar com minha teimosia e intensidade, por falar o que eu precisava ouvir e sempre me incentivar a voar.

Nadia Bambirra, Carla Ferreira e Claudia Wasserman, que me acolheram de forma tão gentil e contribuíram muito com meu compromisso em conhecer e apresentar Vânia.

E, finalmente, agradeço a Vânia Bambirra, a mulher que, de referência para esse trabalho, se tornou referência para a vida!

“... a gente num enterra, a gente planta, a gente num ganha, a gente vence, a gente num curte, a gente ama, a gente num quer, a gente tem que, a gente merece, a gente banca [...] a gente é o que a gente tem que ser, a gente é respeito, eles têm medo, a gente é saber chegar e sair desde cedo, eles são vacilação e nós disciplina [...] tão acostumado a ganhar sempre, pra gente nada é fácil nunca, a gente num ganha a gente vence, a gente é comunidade junta, a gente é mutirão em dias ruins), bailão em dias bons, a gente é trabalho e faculdade [...] a gente é justiça, eles polícia, Marielle vive, eles milícia [...] ladrão foi Colombo, é tudo nosso, a gente merece a gente banca, nós pega a visão eles propaganda, se quem te alimenta te controla, ninguém quer esmola a gente planta...” (Don L)

E eu não sou uma mulher?¹

Aquele homem lá diz que as mulheres precisam de ajuda para entrar em carruagens e atravessar valas, e sempre ter os melhores lugares não importa onde. Nunca ninguém me ajudou a entrar em carruagens ou a passar pelas poças, nem nunca me deram o melhor lugar. E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem o meu braço! Eu arei a terra, plantei e juntei toda a colheita nos celeiros; não havia homem páreo para mim! E eu não sou uma mulher? Eu trabalhava e comia tanto quanto qualquer homem – quando tinha o que comer -, e ainda aguentava o chicote! E eu não sou uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria delas sendo vendida como escrava, e quando gritei a minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E eu não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como é mesmo que eles chamam isso? [“Intelecto”, alguém sopra] Isso, querido. O que isso tem a ver com os direitos da mulher ou com os direitos dos negros? Se meu corpo está pela metade e o seu cheio, não seria vil da sua parte me deixar sem a minha metade?

Daí aquele homenzinho de preto ali [diz se referindo ao juiz], ele diz que as mulheres não podem ter os mesmo direitos que os homens – “porque Cristo não era mulher!”. De onde veio o teu Cristo? De onde veio o teu Cristo? De Deus e de uma mulher! O homem não tem nada a ver com Ele.

Se a primeira mulher que Deus fez teve força suficiente para virar o mundo de ponta-cabeça sozinha, essas mulheres juntas têm que conseguir pôr o mundo no lugar, na posição certa, de cabeça erguida de novo! E agora que elas estão pedindo pra deixar que façam isso, é melhor que os homens as deixem fazer.

Agradecida por me ouvirem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.

¹ Discurso de Sojourner Truth, em 1851, durante uma convenção de mulheres em Ohio. “[...] ela foi a única capaz de responder com agressividade aos argumentos, baseados na supremacia masculina, dos ruidosos agitadores. [...] O líder dos provocadores afirmou que era ridículo que as mulheres desejassem votar, já que não podiam sequer pular uma poça ou embarcar em uma carruagem sem a ajuda de um homem. [...] Quando essa mulher negra se levantou para falar, sua resposta aos defensores da supremacia masculina também trazia uma profunda lição para as mulheres brancas. Ao repetir sua pergunta, “Não sou eu uma mulher?”, nada menos do que quatro vezes, ela expunha o viés de classe e o racismo do novo movimento de mulheres. Nem todas as mulheres eram brancas ou desfrutavam do conforto material da classe média e da burguesia. Sojourner Truth era negra – uma ex-escrava –, mas não era menos mulher do que qualquer uma de suas irmãs brancas na convenção. O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher” (DAVIS, 2016, p. 72 e 74).

RESUMO

O presente estudo, que se trata do Trabalho de Conclusão do Curso de Serviço Social da UFOP, teve como objetivo geral “compreender como a questão da mulher aparece e é abordada na obra de Vânia Bambirra” - uma das fundadoras da Teoria da Marxista da Dependência (TMD) conhecida e referenciada em vários países e ainda pouco conhecida no Brasil - e como objetivos específicos: aprofundar o conhecimento acerca da vida e obra de Vânia Bambirra; reconhecer os fundamentos da TMD nas formulações de Vânia Bambirra acerca da mulher; refletir sobre o contexto das lutas de classe e o papel protagônico das mulheres na obra de Vânia Bambirra e contribuir com a difusão das ideias e da obra da autora. O método de estudo adotado foi o materialismo histórico dialético, sob a luz da teoria social crítica – do Marxismo, considerando totalidade, contradição e mediação. A metodologia utilizada foi a de abordagem qualitativa, e, para isso, os dados foram obtidos através de pesquisa bibliográfica e documental aliados às técnicas de observação e análise de conteúdo. Para tanto, foram consultados o Memorial Arquivo Vânia Bambirra, que disponibiliza, além do memorial acadêmico da pensadora, escritos de sua juventude, fotos, livros e artigos inéditos no Brasil, e foram transcritos vídeos de intervenções e entrevistas da autora e de pessoas que conviveram com a mesma e às quais ela confiou a tarefa de difundir seu trabalho. Diante disso, foi feito um percurso que se iniciou pelo resgate da conjuntura e motivações da criação da TMD e das contribuições de Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini, co-fundadores desse marco teórico, e da vida e obra da autora em foco, o que culminou na análise dos seus escritos acerca da questão da mulher. Tal movimento foi necessário, visto que ainda há um desconhecimento tanto da TMD quanto da autora no âmbito acadêmico brasileiro, bem como, foi necessário evidenciar o caráter revolucionário da corrente radical da dependência, que ecoou na vida, na obra e nas reflexões da autora sobre a questão da mulher. Nesta análise se buscou, para além de apresentar o pensamento da autora - que vivenciou as opressões e secundarizações que denuncia e combate - dialogar com a mesma, a fim de contribuir para o avanço do pensamento crítico, reivindicando que a discussão e a ação devem considerar e partir da classe e abarcar de forma transversal a questão étnico-racial. A partir desse movimento, concebemos que o pensamento e as reivindicações da autora foram notadamente avançados para a época e continuam um caráter revolucionário e emancipador, assim, fica a tarefa de resgate, incorporação e diálogo com esses escritos para nossas lutas contemporâneas. Por fim, o estudo proporcionou um real e forte embasamento teórico-crítico que subsidia uma atuação profissional crítica e propositiva enquanto assistente social, especialmente junto às mulheres da classe trabalhadora, nosso público majoritário.

Palavras chave: América Latina. capitalismo dependente. mulher. relações de classes. questão étnico-racial. emancipação humana. feminismo.

RESUMEN

El presente estudio es el resultado del trabajo de grado del pregrado de Trabajo Social de la UFOP, tuvo el objetivo general de “comprender cómo aparece el tema de la mujer y cómo se aborda en el trabajo de Vânia Bambirra”, una de las fundadoras de la Teoría Marxista de Dependencia (TMD) conocida y referenciada en varios países, pero poco conocida en Brasil. Como objetivos específicos se tuvo como: profundizar el conocimiento sobre la vida y obra de Vânia Bambirra; reconocer los fundamentos de TMD en las formulaciones del autor sobre las mujeres; reflexionar sobre el contexto de las luchas de clases y el papel protagónico de la mujer en sus escritos y contribuir a la difusión de las ideas y la obra de la autora. El método de estudio adoptado fue el materialismo histórico dialéctico, a la luz de la teoría social crítica: el marxismo, considerando la totalidad, la contradicción y la mediación. La metodología utilizada fue el enfoque cualitativo, para lo cual los datos se obtuvieron a través de la investigación bibliográfica y documental combinada con técnicas de observación y análisis de contenido. Para ello se consultó el Archivo Memorial Vânia Bambirra, que aporta, además del memorial académico de la pensadora, escritos de su juventud, fotografías, libros y artículos inéditos en Brasil, y videos fueron transcritos de intervenciones y entrevistas de la autora y personas que convivían con ella, las mismas a quienes les encomendó la tarea de difundir su obra. Ante esto, se siguió un recorrido que comenzó por rescatar la situación y motivaciones para la creación de TMD y los aportes de Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini, co-fundadores de este marco teórico, y la vida y obra de la autora en mención, quien culminó el análisis de sus escritos alrededor del papel de la mujer. Tal investigación era necesaria, ya que aún existe un desconocimiento tanto de TMD como de la autora en el ámbito académico brasileño, así como, era necesario resaltar el carácter revolucionario de la corriente radical de dependencia, que se hizo eco en la teoría. vida, trabajo y reflexiones sobre la cuestión de la mujer de la autora. En este análisis se buscó además presentar el pensamiento de la autora - quien vivió las opresiones y temas secundarios de denuncia y lucha, con el fin de contribuir al avance del pensamiento crítico, considerando que la reivindicando de la discusión y la acción deben considerar la lucha de clases y abarcar de manera transversal el enfoque étnico-racial. A partir de este movimiento, concebimos que el pensamiento y las pretensiones de la autor fueron notablemente avanzados para la época y contenían un carácter revolucionario y emancipador, por lo que queda la tarea de rescatar, incorporar y dialogar con estos escritos para nuestras luchas contemporáneas. Finalmente, el estudio brindó un fundamento teórico-crítico sólido que sustenta un desempeño profesional crítico y proposicional como trabajadora social, especialmente con las mujeres de la clase trabajadora, nuestro público mayoritario.

Palabras llave: América Latina. capitalismo dependiente. mujer. relaciones de clase. cuestión étnico-racial. emancipación humana. feminismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - AMÉRICA LATINA E CAPITALISMO DEPENDENTE: UM CAMPO FECUNDO PARA A DISCUSSÃO CRÍTICA	22
1.1 Conjuntura política e intelectual do Brasil dos anos 1950 e 1960: ascensão e declínio do desenvolvimentismo	26
1.2 O pensamento reformista do PCB e revolucionário da POLOP	34
1.3 A UnB, a influência de Gunder Frank e as leituras de O Capital	40
1.4 A discussão acerca da fundação da Teoria da Dependência, as diferentes correntes teóricas e o pensamento da TMD	46
1.5 As contribuições de Ruy Mauro Marini para a TMD e para o pensamento crítico da atualidade	52
1.6 As contribuições de Theotônio dos Santos para a TMD e para o pensamento crítico da atualidade	60
CAPÍTULO 2 - VÂNIA BAMBIRRA: A CENTELHA DA TMD - A MULHER REVOLUCIONÁRIA NA ACADEMIA, NA POLÍTICA E NA MILITÂNCIA	68
2.1 A influência familiar na escolha profissional e o início da caminhada acadêmica e política	68
2.2 Primeiro exílio: o Chile e as portas abertas para o estudo da dependência	80
2.3 Segundo exílio: o México, a UNAM e a miscelânea das cores	92
2.3.1 O nascimento do PDT: por um socialismo trabalhista	97
2.4 Terceiro exílio: a volta ao Brasil e o desamor da pátria amada	99
CAPÍTULO 3 - UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO DE VÂNIA BAMBIRRA ACERCA DA MULHER LATINO-AMERICANA	117
3.1 O livro A Emancipação da mulher: luta de ontem, hoje e amanhã	117
3.1.1 A mulher chilena na transição ao socialismo (La mujer chilena en la transición al socialismo) - 1971	119
3.1.2 Libertação da mulher e luta de classes (Liberación de la mujer y lucha de clases) – 1972	125
3.1.3 A propósito do “Ano Internacional da Mulher” (A propósito del “Año Internacional de la mujer”) - 1975	132

3.1.4 A situação das mulheres latino-americanas (The Situation of Latin American Women) – 1978	137
3.1.5 Propostas de luta para a mulher brasileira – 1982	143
3.2 A politização da mulher: uma batalha que está para se dar (La politización de la mujer: una batalla que está por darse) - 1972	149
3.3 Comentário a “Se me deixam falar” (“Si me permiten hablar...”), de Domitila de Chungara (sem data)	153
3.4 Comentário a Margaret Benston [esboço]	156
3.5 Sobre a problemática da mulher mexicana (Sobre la problemática de la mujer mexicana) (Guión Revisado) [projeto de livro]	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	168
ANEXOS	186
ANEXO A - entrevista ao jornal Binômio - 1962	186
ANEXO B - assinaturas dos participantes do Encontro de Lisboa de 1979.....	187
ANEXO C - Cartaz de candidatura a Deputada Federal - 1982	188
ANEXO D - Página da Revista Two Thirds - outubro de 1978	189

INTRODUÇÃO

Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina.

Paulo Freire

O presente estudo é a materialização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), um estudo teórico e científico que também traz muito significado pessoal e sentimental, começando pela Teoria Marxista da Dependência (TMD), com a qual tive o primeiro contato no segundo período do curso e me identifiquei de imediato, na disciplina eletiva *Exclusão Social na América Latina*, onde também pude conhecer e me apaixonar por Galeano e por Mariátegui. Tal interesse foi alimentado durante a disciplina *Classes e Movimentos Sociais*, no terceiro período, onde o contato com a TMD foi aprofundado e eu, como filha da classe trabalhadora, pude me entender a partir dos imprescindíveis conceitos de luta de classes e movimentos sociais. Eu não sabia na época o que iria estudar no TCC, tendo em vista tantos assuntos que me interessavam - Sistema Único de Saúde (SUS), feminismo, idosos, orçamento público, políticas públicas, entre outros -, mas era certo que seria a partir da TMD.

A construção do caminho a se percorrer no estudo se deu através de várias conversas com a orientadora, antes mesmo de assumirmos a orientação formal: meu desejo de realizar um estudo a partir da TMD e de um dos meus temas de interesse, a questão da mulher (que veio, além de outras questões, de questionamentos feitos desde a infância e adolescência e aprofundados na graduação sobre meu lugar e papel enquanto mulher), se aliaram à trajetória de uma docente e estudiosa que já conhecia Vânia e constrói um caminho de pesquisa em seus trabalhos escritos, projetos de extensão e orientações de TCC's já realizadas onde esse marco teórico é referenciado e utilizado. Assim, chegamos e assumimos juntas a missão, já pensada pela mesma, de estudar essa lutadora social, enfatizando o fato de ser uma mulher que transitou em espaços ocupados, sobretudo, por homens.

O trabalho também levanta um ponto crucial no que se refere ao processo de formação acumulado até aqui: houve uma discussão valiosa e rigorosa sobre classes, luta de classes, movimentos sociais, projetos societários², revolução, mas a questão da mulher e do seu lugar

² Há que se lembrar de um projeto societário que materializou o que nossa profissão defende, mas que é ignorado: “Também não é ressaltado pela história oficial o fato de que o primeiro Estado livre de todo o continente americano existiu no Brasil colonial, como denúncia viva do sistema implantado pelos europeus no continente. [...] O que ela não enfatiza é que Palmares foi a primeira tentativa brasileira no sentido da criação de uma sociedade democrática e igualitária que, em termos políticos e socioeconômicos, realizou um grande avanço. Sob a liderança da figura genial de Zumbi, ali existiu uma *efetiva* harmonia racial, já que sua população,

e papel tanto na constituição das classes sociais, quanto na luta pela emancipação da classe trabalhadora é uma temática que, nesta sociabilidade, ainda carece de maior destaque³, assim como a questão étnico-racial.

Importa ressaltar que os professores pautavam tais questões em aulas e que não é uma questão individual, mas estrutural, pois são temáticas transversais à *questão social* e ao que o Serviço Social assume e cada vez mais isso é demarcado no currículo⁴. É necessário, também, reconhecer trabalhos que acontecem há anos nas comunidades e bairros dito periféricos de Mariana, a exemplo do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Mineração do Outro, que através de seus projetos pauta questões tais como: a arte e estética através do cinema e da poesia, étnico-racial, violência, mineração, vida cotidiana, das opressões contra as mulheres, dentre outras. O projeto Flor de Anahí - Mulheres lutadoras sociais, estuda e reconhece mulheres que resistiram e resistem às opressões da sociedade capitalista. Sendo assim, é um desafio e tarefa coletiva para os docentes, além da incorporação em aulas, o desenvolvimento de ações e projetos extensionistas e de pesquisa que se aprofundem em tais debates, e aos discentes o desafio é a participação efetiva nesses espaços.

Tais lacunas precisam ser supridas visto que vivemos em um país estruturalmente racista⁵ e patriarcal e precisamos conhecer nossa realidade, as pessoas que conformam a classe trabalhadora latino-americana, especialmente em termos de Brasil, “[...] com uma população afrodescendente estimada em 105 milhões de pessoas em 2015, tem não apenas a

constituída por negros, índios, brancos e mestiços, vivia do trabalho livre cujos benefícios revertiam para *todos*, sem exceção” (GONZALEZ, 2020, p. 51). Isso não nos remete aos escritos de Marx e à revolução socialista?

³ O curso de Serviço Social da UFOP possui um projeto pedagógico alinhado às diretrizes curriculares da ABEPSS. A disciplina *História do Brasil IV*, no primeiro período, proporcionou contato com autores como Gilberto Freyre e Caio Prado Jr., elementos importantes para pensarmos nossa história, mas era um momento inicial do curso, e se fazia necessário o contraponto de pensadores como Clóvis Moura, por exemplo. Importa ressaltar que, desde 2020, se iniciou a revisão deste projeto pedagógico do curso, à qual pude participar enquanto membro da diretoria do Centro Acadêmico do Serviço Social (CASS) Igor Mendes. Além disso, houve o valioso contato com Sueli Carneiro, Angela Davis e Heleieth Saffioti, no terceiro período, quando cursei a disciplina eletiva *Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade*. Também se destaca o curso de extensão "Formação social brasileira e lutas sociais: introdução aos estudos feministas e antirracistas", ofertado em 2020, ao qual pude participar e que foi extremamente enriquecedor, porém com vagas limitadas. Vale ressaltar que essas atividades se deram fora da “sala de aula”, excluindo os estudantes trabalhadores, que são um grande número, e que devem acessar esse tipo de debate. Também fora das disciplinas se deu a aproximação com autores como Clóvis Moura, Silvio Almeida e a mineira Lélia Gonzalez, cujo texto [Racismo e sexismo na cultura brasileira](#) é basilar para entendermos o Brasil. Em aula, os [“Subsídios para o debate étnico-racial na formação profissional”](#) foram trabalhados em uma disciplina, o que, ainda que importante, é pouco, visto que deve ser um debate transversal. Porém, reconhecemos que mudanças e avanços estão sendo feitos.

⁴ Mariana Monteiro, em sua monografia intitulada *“Minha voz, uso pra dizer o que se cala”?* *Formação profissional em Serviço Social na UFOP e a questão étnico-racial*, faz um importante e necessário debate acerca da incorporação da questão étnico-racial no nosso curso.

⁵ Indicamos a leitura de *Racismo Estrutural*, de Silvio Almeida.

maior população afrodescendente na região⁶, mas também a segunda maior em qualquer país do mundo (depois da Nigéria)” (BANCO MUNDIAL, 2018, p. 54). Destacamos que o debate proposto se refere a toda pessoa que é não-branca - negros (pretos e pardos), indígenas, amarelos - e ao branco, que também é um grupo racial, mesmo que não se reconheça como tal. Deve-se pensar no lugar que cada um ocupa na classe a que pertence, e que a classe trabalhadora tida como universal porta questões particulares. A exemplo disso, podemos citar que muitos latino-americanos, aqui lidos como brancos, são racializados⁷ quando vão para países europeus ou aos Estados Unidos.

Se propor a levantar um debate acerca da mulher, incorporando a questão étnico-racial é coerente, inclusive, com a nossa própria profissão, sob a luz do nosso Código de Ética, do Projeto Ético-Político e da nossa conhecida premissa de *conhecer para transformar*. É fato que precisamos conhecer nossos usuários para ter uma atuação efetiva, visto que são as “mulheres pobres e negras, público usuário majoritário do Serviço Social nos diversos espaços em que está inserido” (CFESS, 2020). Um dado importante é que “[...] em 2006, 70% dos domicílios que recebiam Bolsa Família eram chefiados por negros/as” (IPEA, 2011).

Diante do exposto e de tantas questões mais, é de uma enorme responsabilidade estudar e apresentar uma autora como Vânia Bambirra, especialmente desconhecida no meio acadêmico que ainda não se apropriou fortemente de suas formulações, tendo em vista e assumindo o que escreve Prado (2011, p. 153),

⁶ “Ao Brasil seguem-se a Venezuela (17 milhões), a Colômbia (5 milhões), o México (1,5 milhão), o Equador (1,2 milhão) e Cuba (1,2 milhão)” (BANCO MUNDIAL, 2018 p. 54).

⁷ “Sei que no Brasil eu sou considerada “branca”, mas na Europa eu sou “latina” e “latina” não é branca. [...] Uma pessoa racializada é “uma pessoa que pertence, de uma maneira real ou suposta, a um dos grupos que passou por um processo de racialização. [...] um processo político, social e mental de alteridade. Observe que ‘raças’ e o que chamamos de grupos ‘raciais’ ou ‘étnicos’ costumam ser uma mistura de gêneros, como por exemplo muçulmanos ou judeus (religião), negros (cor da pele), árabe (idioma) ou asiático (continente). [...] Ou seja, é o processo de construir um “outro” que é diferente (de diversas formas) do “padrão” do grupo dominante. [...] não estou dizendo que na França eu, como “latina”, sofro o mesmo tipo de discriminação e opressão que pessoas negras ou árabes sofrem. [...] uma pessoa nascida no Brasil, mas loura ou ruiva e de olhos claros, será lida como branca aqui na França. A ascendência europeia dela é imediatamente identificada, o que faz com que ela não seja racializada. Ela não é o ‘outro’, é parte do universal (o europeu). [...] E teve todas as vezes que me falaram “Ah, mas você é branca demais pra ser brasileira”, como se fosse elogio ser branca e algo ruim ser brasileira. Ou quando me olham desconfiados (geralmente homens) e dizem: “Você não tem o tipo da brasileira.” Não vou nem explicar o que isso significa porque todo mundo entendeu, né? [...] Ter descoberto que sou uma pessoa racializada no contexto francês abriu uma janela de reflexão dentro de mim que nunca mais se fechou. Precisei entender o processo político, social e mental de racialização, a construção do ‘outro’, pra começar a desconstruir o racismo dentro de mim. Pra entender que aceitar que certos grupos sejam o meu “outro” significa ser cúmplice da dominação e violência exercidas contra ele. E também que nunca estarei a salvo de receber uma dose desse mesmo veneno: eu também sou o “outro” de certos grupos dominantes” (GUIMARÃES, 2020, s.p.). Ver em: [Sobre racialização e as armadilhas coloniais](#).

“A. G. Frank deixou a Inglaterra devido ao racismo sofrido pela sua mulher chilena, Marta Fuentes, e seus filhos: “We left England in 1983, because Marta was unable any longer to abide its racism - and my sons only later told me that they too were similarly discriminated against” (Autobiographical Essays, 1995). (GUNDER FRANK, 1995 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 124).

No Brasil, quem procura falar sobre pensamento crítico deve atuar como uma espécie de escritor, ou seja, tem que dar uma de detetive, vasculhar bibliotecas, buscar e ler nomes pouco pronunciados pelos professores, ir além até mesmo daqueles personagens vistos como parte da contracorrente, enfim, não pode se contentar com a verdade aparentemente consensual. Isso é ainda mais necessário quando o tema é o marxismo crítico latino-americano e, neste caso, quando a autora a ser resgatada é Vânia Bambirra.

Para minimamente dar conta desta empreitada teórica, o estudo se estruturou da seguinte forma: delimitou-se como **tema** “A questão da mulher na obra de Vânia Bambirra” e como **problema** “como a questão da mulher aparece e é abordada na obra de Vânia Bambirra?”. Levantamos a **hipótese** de que “a autora aborda a questão da mulher a partir da teoria social crítica e, portanto, compreende que é pressuposto para a emancipação da mulher a transformação societária, ou seja, a superação do capitalismo e, no contexto da luta de classes, a mulher assume um lugar de protagonismo”.

O **objetivo geral** foi “compreender como a questão da mulher aparece e é abordada na obra de Vânia Bambirra” e os **objetivos específicos** foram “aprofundar o conhecimento acerca da vida e obra de Vânia Bambirra”, “reconhecer os fundamentos da Teoria Marxista da Dependência nas formulações de Vânia Bambirra acerca da mulher”, “refletir sobre o contexto das lutas de classe e o papel protagônico das mulheres na obra de Vânia Bambirra” e “contribuir com a difusão das ideias e da obra da autora”.

A **justificativa** se dá pela “identificação teórico-política desde o início do curso com a TMD e pela necessidade de aprofundar os estudos sobre”, o “interesse em conhecer Vânia Bambirra, sua trajetória, suas obras e sua luta”, a “necessidade de estudar mulheres que abordem a temática”, “*conhecer* as particularidades da América Latina para *transformar*” e os “questionamentos acumulados na vida e aprofundados na graduação, nos grupos de estudo e no estágio”, a necessidade de “fazer um resgate de uma autora importante e ainda pouco conhecida (no Brasil, pois em vários outros países da América Latina ela é celebrada), contribuindo com a preservação e difusão de sua memória” e a “necessidade de estudar acerca da questão étnico-racial”.

O **método** de estudo adotado para que se cumpram os objetivos foi o *materialismo histórico dialético*, sob a luz da teoria social crítica – do marxismo, considerando totalidade, contradição e mediação, como explica Netto (2009, p. 7 e 8):

A teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito

for ao objeto. [...] a teoria é o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – é *o real reproduzido e interpretado no plano ideal* (do pensamento). [...] o objeto da pesquisa [...] tem existência objetiva; não depende do sujeito, do pesquisador, para existir. O objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da realidade e, portanto, algo importante e não descartável –, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto. Numa palavra: *o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto.*

A **metodologia** empregada foi a de *abordagem qualitativa*, “um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade” a fim de “se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa”, sendo necessário “conhecer o contexto histórico através da análise de documentos, seguindo-se de observações sistemáticas” (OLIVEIRA, 2016, p. 38 e 60) e, para isso, os dados foram obtidos através de pesquisa bibliográfica e documental. As técnicas utilizadas foram as de observação e análise de conteúdo. As **categorias** firmadas para serem estudadas foram *América Latina, capitalismo dependente, mulher, relações de classe, raça e gênero, luta de classes, emancipação humana e feminismo.*

Ousamos dizer, também, que a pesquisa foi biográfica, visto que buscamos trazer detalhes da vida e obra de Vânia que não são encontrados em seu memorial, e, nesse sentido, foi realizada a transcrição - redigida em itálico e presente em todo o estudo - de todos os vídeos encontrados com depoimentos e intervenções da autora⁸ no *YouTube*, de algumas falas de pessoas/intelectuais que conviveram, estudam e reivindicam Vânia: Carla Ferreira, Fernando Correa Prado e Claudia Wasserman, e de sua filha, Nadia.

Dito isso, nosso estudo está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, “América Latina e capitalismo dependente: um campo fecundo para a discussão crítica”, me dedico a fazer um mergulho na história e particularidades da Teoria Marxista da Dependência (TMD) a fim de localizar e compreender esse marco teórico ao qual Bambirra teve um papel central na construção, além de ser um resgate de uma teoria desconhecida⁹, inclusive, por

⁸ Mais uma vez evidenciando o tom pessoal presente no trabalho, diante das intervenções de Bambirra me emocionei ao perceber tamanha semelhança com minha avó materna, Jandira: a braveza, a paixão e a emoção presentes nas falas de ambas. Mulheres pequenas, de aparência frágil, mas que, ao abrirem a boca, soavam como um trovão. Coincidentemente, nasceram no mesmo dia, 13 de julho, separadas por 5 anos (Jandira em 1935 e Vânia em 1940) e partiram, também, com uma diferença de 5 anos (Jandira em 2010 e Vânia em 2015). Jandira não pôde estudar e desenvolver seu lado intelectual, mas seus ensinamentos sobre ser mulher, não se calar e ser firme estão vivos em mim.

⁹ “É normal que o marxismo crítico latino-americano não seja lugar-comum nas bem-portadas academias brasileiras. “Marxismo”, “crítico”, “latino-americano”: de fato, é uma tríade pouco agradável à nossa conservadora intelectualidade. Afinal, vinte anos de ditadura e censura – unidos ao histórico eurocentrismo que achaca nosso pensamento – deixaram profundas cicatrizes no campo ideológico, marcas difíceis de borrar, mas que apagam do conhecimento geral alguns nomes incômodos” (PRADO, 2011, p. 153).

muitos dos professores do curso. Afinal, como falar de Vânia Bambirra sem falar da TMD? E como falar em TMD sem falar de Vânia Bambirra? Para a realização deste estudo, nos apoiamos especialmente, mas também a partir de outras referências, no livro¹⁰ de Claudia Wasserman (2017), *A Teoria da Dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo*¹¹, no qual a historiadora traz a trajetória - cujo início da investigação data de 2010 - de Vânia Bambirra, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e André Gunder Frank, por ela chamados de “Grupo de Brasília”. Também foram utilizados os memoriais acadêmicos de Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini, os companheiros de Bambirra enquanto componentes da referida corrente.

O segundo capítulo, “Vânia Bambirra: a centelha da TMD - a mulher revolucionária na academia, na política e na militância”, expressa a intenção de fazer com que o leitor conheça a autora por ela mesma e, nesse sentido, foi basilar a utilização de seu memorial acadêmico¹² escrito em 1991 e dos textos disponibilizados no Memorial Arquivo. Ao se realizar a leitura do que a intelectual escreveu sobre sua vida acadêmica, totalmente atrelada à atuação política, - “é impossível desvincular a minha vida acadêmica das circunstâncias políticas que a marcaram” (BAMBIRRA, 1991, p. 94) -, podemos entender suas motivações para abordar cada tema que a interessou e visualizar as situações vivenciadas por ela enquanto mulher. Nas palavras em carta de sua filha Nadia¹³, uma “*mulher forte, valente, canceriana, emotiva, mãe, guerreira, um exemplo. De uma inteligência singular, devorava livros. Leu duas vezes O Capital completo e era uma enciclopédia viva*”. Fica à mostra, também, que foi uma militante, docente e intelectual que teve projetos de políticas sociais (embasadas em estudos rigorosos) e textos tolhidos, sofreu sucessivos boicotes de teor machista e anti-marxista, e respondeu combativa e firmemente a todos, e no memorial¹⁴ faz questão de

¹⁰ Ver a exposição da autora em: [Claudia Wasserman - A corrente radical da Teoria da Dependência](#).

¹¹ A versão aqui utilizada, em formato digital, foi solícita e gentilmente concedida pela autora, a quem muito agradecemos.

¹² Ver em: [Memorial](#).

¹³ Ver em: [Homenagem a Vania Bambirra](#).

¹⁴ Destaco que, ao ler seu memorial, pude perceber e sentir semelhanças e aproximações com a autora, como o interesse em estudar piano, notas ótimas em ciências humanas e geografia e péssimas em matemática, o amor pela literatura, a nostalgia sentida em relação ao mar e a valorização e reconhecimento que a mesma demonstra por ter sido bolsista na graduação, a possibilitando ocupar espaços importantes que, se outro modo, não faria, pois precisaria procurar algum emprego para se sustentar enquanto estudava. Me reconheço nesse sentido, pois, atuando enquanto bolsista no Núcleo de Assuntos Comunitários e Estudantis (NACE), além de ter contato com o processo de assistência estudantil, pude me dedicar a atividades que contribuíram ricamente para minha formação, como atuar na diretoria do CASS, integrar núcleos de pesquisa e estudo, como o Livre Hermana - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação Social Latino-Americana e Brasileira, onde, por reivindicação de Kathiúça, estudamos o livro *O capitalismo dependente latino-americano*, de Vânia e o Grupo de Estudo e Pesquisa em Trabalho, Saúde e Serviço Social (GEPTSSS), onde fiz questão de trazer a autora (que era, para praticamente todos desconhecida) aos debates.

responsabilizar e apontar tanto quem contribuiu para seus avanços e conquistas quanto quem a prejudicou e atacou.

No terceiro capítulo, que traz a essência da pesquisa, me propus a realizar um estudo de todos os escritos da autora acerca da mulher¹⁵ disponibilizados no Memorial Arquivo até então - que foram 10, sendo 6 em espanhol e 1 em inglês, o que foi um desafio, considerando que não tive acesso a cursos de idiomas, sendo assim, realizei uma tradução, viabilizada pelo *Google Tradutor*, de cada um dos textos. Assumi, desde o início, o compromisso de não criar expectativas e não realizar apenas uma apresentação/reprodução do que a autora escreveu, dizendo “amém” a todas as suas palavras, o que, inclusive, não seria justo com uma pensadora que sempre buscou contribuir criticamente com os textos de autores por ela trabalhados. Trata-se, assim, de um resgate e uma análise crítica¹⁶ da questão da mulher em seus escritos - entendendo o tempo no qual escreveu (os que estão datados são dos anos 1970 e 1980) e as limitações a ela impostas - e de um diálogo com os mesmos, buscando contribuir com o debate, especialmente no que tange à questão étnico-racial¹⁷, a partir, principalmente, dos livros *Mulheres, raça e classe*, *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade* (SAFFIOTI, 1976), *Por um feminismo afro-latino-americano* (GONZALEZ, 2020) e *Feminismo para os 99%: um manifesto* (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019).

O processo da pesquisa em si dos capítulos 2 e 3 foi viabilizado pela existência do Memorial Arquivo Vânia Bambirra, onde estão disponíveis os livros da autora, o memorial, escritos inéditos e valiosos. O Memorial, que deu os primeiros passos em 2013¹⁸, é construído com o esforço pessoal dos filhos de Vânia, Nadia Bambirra dos Santos e Ivan Bambirra dos

¹⁵ Sandra Maria Marinho Siqueira desenvolveu importantes trabalhos sobre a questão da mulher, destacamos o livro *O marxismo e o combate à opressão contra as mulheres* e o artigo *A análise de Vânia Bambirra acerca da opressão das mulheres latino-americanas*, que em muito dialoga com o presente trabalho.

¹⁶ Netto (2009, p. 6) traduz o que queremos dizer: “Não se trata, como pode parecer a uma visão vulgar de “crítica”, de se posicionar frente ao conhecimento existente para recusá-lo ou, na melhor das hipóteses, distinguir nele o “bom” do “mau”. Em Marx, a crítica do conhecimento acumulado consiste em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus *fundamentos*, os seus *condicionamentos* e os seus *limites* – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais”.

¹⁷ Vale a leitura, para reflexão, das palavras de Gonzalez (2020, p. 141): “Vamos dar um exemplo da definição de feminismo: ela se baseia na ‘resistência das mulheres em aceitar papéis, situações sociais, econômicas, políticas, ideológicas e características psicológicas baseadas na existência de uma hierarquia entre homens e mulheres, a partir da qual a mulher é discriminada’. Seria suficiente substituir os termos ‘homens e mulheres’ por ‘brancos e negros’ (ou indígenas), respectivamente, para se ter uma excelente definição de racismo. Exatamente porque tanto o sexismo como o racismo partem de *diferenças biológicas* para se estabelecerem como ideologias de dominação”.

¹⁸ “O projeto do Memorial-Arquivo Vania Bambirra teve início em 2013, ainda sem esse nome, quando a autora incumbiu os historiadores Dra. Carla Cecília Ferreira e Dr. Mathias Seibel Luce da tarefa de organizar seu acervo e criar um portal para a publicação eletrônica de seus escritos, excetuando os títulos que seguem com edições em publicação por editoras comerciais.[...] Os escritos inéditos digitalizados estão sendo progressivamente disponibilizados no portal para ampla pesquisa pública, conforme vontade da autora. O Memorial-Arquivo Vania Bambirra é uma parceria acadêmica entre o Lemarx-TMD/ESS-UFRJ e o NPH-UFRGS”. Ver em: [sobre o memorial arquivo](#).

Santos, pelos docentes Carla Cecilia Campos Ferreira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mathias Seibel Luce, da UFRJ, Cláudia Wasserman, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Carlos Eduardo Martins, da UFRJ, Fernando Corrêa Prado, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Marcelo Dias Carcanholo, da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de bolsistas voluntários e historiadores pesquisadores.

Por fim, devemos considerar as condições em que esse trabalho foi realizado: em meio à pandemia de Covid-19, declarada pela Organização das Nações Unidas (ONU) no dia 11 de março de 2020, que já ceifou, apenas no Brasil, mais de 600 mil vidas, com a adoção do ensino remoto após quase um ano¹⁹ de suspensão das atividades presenciais na Universidade, “semestres” de 4 meses, um desgoverno negacionista, amador e genocida, milhões de brasileiros encurralados por uma realidade de fome, desemprego, insegurança alimentar, e o medo constante de perder familiares e amigos, além da agonia frente à recusa em comprar vacinas, em outras palavras, uma sensação de queda livre.

Dito isso, a concretização deste estudo, que foi uma experiência singular, é, também, um ato político²⁰ e de resistência.

¹⁹ No ano de 2020 pude participar de dois grupos de leitura ofertados pela Escola de Formação Política da Classe Trabalhadora - Vânia Bambirra, outra importante fonte de reivindicação da autora e de educação popular.

²⁰ Nas palavras de Vânia, em 2012, “[...] não existe nada no mundo, [...] não existe nada que seja apolítico. Quando uma pessoa se diz apolítica, ela tá mentindo, ela simplesmente é a favor de deixar tudo como está. Quer dizer, ela querendo ou não, [...] é a favor do status quo. Ela é uma reacionária sem saber. Não existe uma atitude apolítica. Isso é o ABC da Sociologia, né?”. Ver em: [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

CAPÍTULO 1 - AMÉRICA LATINA E CAPITALISMO DEPENDENTE: UM CAMPO FECUNDO PARA A DISCUSSÃO CRÍTICA

A disposição para a militância, a convicção da teoria e a aversão aos padrões intelectuais dominantes foram fatores definidores de uma união que durou uma vida inteira, sendo esta aliança reconhecida por eles próprios e pelos seus oponentes. Por suas características como grupo, foram hostilizados profissionalmente, sofreram uma espécie de ostracismo intelectual e tiveram o brilho de sua contribuição ofuscado. Mesmo assim, mantiveram-se atuantes e dispostos a dizer não quando quase todos diziam sim (WASSERMAN, 2017, p. 149).

Teoria Marxista da Dependência²¹. Corrente Radical da Teoria da Dependência²². Vertente de esquerda da Teoria da Dependência²³. Essas são algumas das variadas intitulações que o grupo de Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini recebeu tanto dos estudiosos que se debruçaram e se debruçam sobre sua vida e obra quanto de seus oponentes intelectuais e políticos ao longo das décadas. Concordamos com Wasserman (2017, p. 04), que alega que os autores deveriam ser reconhecidos como "intérpretes do Brasil"²⁴, tendo em vista a extensão e qualidade do acúmulo e socialização de conhecimentos protagonizados pelos mesmos.

Ao se falar em um tipo de corrente ou de teoria, presume-se que há uma diferenciação, e é nesse sentido que iniciamos esse capítulo: buscando apresentar, desvelar e enfrentar algumas questões pertinentes à discussão e publicações da TMD, partindo do pressuposto de que esta é uma, dentre outras, importante referência e caminho para a análise e superação do capitalismo dependente na América Latina, assumindo o que afirma Carla Ferreira (2020)²⁵,

[...] a Teoria Marxista da Dependência, [...] não é um partido, ela não é uma corrente política, ela é um esforço teórico e político em um campo plural, nascido no seio do marxismo latinoamericano, cuja principal tarefa histórica ainda não se cumpriu. E é uma tarefa histórica para a qual Vânia, Theotônio e Ruy Mauro

²¹ Título reconhecido pelos autores e por nós assumido neste trabalho.

²² Supra.

²³ “A alcunha ‘vertente de esquerda da teoria da dependência’ foi mencionada em primeira mão por Agustín Cueva (1979:15-39), no ensaio ‘Problemas y perspectivas de la teoría de la dependencia’. O artigo deu origem à polêmica entre o grupo e o autor. O ensaio anuncia desde o início a intenção de analisar a ‘vertente de esquerda da teoria da dependência’ para ‘compreender seus principais supostos e seu desenvolvimento tortuoso’, e termina concluindo que a teoria da dependência desencadeou a abertura de uma ‘caixa de Pandora’. [...] Também denomina essa ‘corrente de esquerda da teoria da dependência’ de ‘neomarxistas’, que acabaria afastando-se do marxismo clássico” (WASSERMAN, 2017, p. 68-69).

²⁴ Para Wasserman (2017, p. 4 e 146), “[...] o ‘intérprete do Brasil’ pode ser definido como um intelectual envolvido politicamente, que tinha o objetivo de diagnosticar a situação do país, por meio da interpretação da sua história e de seu povo, propondo soluções para os problemas detectados e atuando ativamente para a execução de suas propostas”. Além disso, “[...] as crises, rupturas, mudanças bruscas fazem com que as interpretações conhecidas envelheçam, sendo então substituídas por outras, ou recriadas. Porém, isso não parece ter acontecido com nossos autores. Suas ideias não envelheceram ou foram substituídas e recriadas; elas jamais foram sequer consideradas como interpretações válidas para a realidade brasileira”.

²⁵ Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambirra](#).

dedicaram as suas vidas. Que tarefa é esta? Contribuir na constituição das bases teóricas e políticas para o surgimento de uma síntese política e organizativa marcada pelo pluralismo socialista que apresente um projeto para o Brasil e para a América Latina que tenha a capacidade de dar curso à luta histórica por nossa emancipação social como parte da emancipação humana. A grande questão que organizou a vida desses intelectuais foi o problema da revolução socialista.

Antes de adentrarmos na Teoria **Marxista** da Dependência, é primordial trazeremos, mesmo que brevemente, uma reflexão acerca da inegável contribuição de Karl Marx²⁶, e aqui recorreremos à sua principal e mais conhecida - ao passo que temida - obra, *O Capital - Crítica da Economia Política*²⁷, finalizada em 1866 e publicada pela primeira vez em 1867, que continua sendo uma ferramenta para se entender a realidade e propor formas de transformá-la. Categorias como valor de uso e valor de troca²⁸, compra e venda da força de trabalho²⁹, mercadoria, mais valor, entre outras, são basilares para entendermos as relações de produção e reprodução social, sem mencionar a exploração, que estruturam a nossa sociedade.

É corriqueiro, presentemente, particularmente na *internet*, o uso vulgar de termos como “marxista” e “comunista” para caracterizar pessoas que se preocupam minimamente com questões como: fome, desemprego, preconceito, intolerância, machismo e racismo. Porém, o que temos como predominante e determinante no cotidiano e existência societária em pleno século XXI é o enraizamento do modo de produção capitalista e o acirramento de seus antagonismos de classe, em que as ideias dominantes são correspondentes às da classe dominante, ou seja, o que prepondera e domina o contexto material e subjetivo da existência humana é a perspectiva da burguesia, a perspectiva liberal, a manutenção do *status quo*, e não as ideias revolucionárias advindas da crítica da economia política de Marx e outros autores que são os formuladores clássicos. Queremos dizer que o processo de tomada de consciência

²⁶ Ver biografia escrita por José Paulo Netto em: [Karl Marx: uma biografia - Boitempo Editorial](#)

²⁷ Ver em: [O capital: crítica da economia política - Livro I: o processo de produção do capital.](#)

²⁸ “Toda coisa útil, como ferro, papel etc., deve ser considerada sob um duplo ponto de vista: o da qualidade e o da quantidade. Cada uma dessas coisas é um conjunto de muitas propriedades e pode, por isso, ser útil sob diversos aspectos. [...] A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Mas essa utilidade não flutua no ar. Condição pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem esse corpo. Por isso, o próprio corpo da mercadoria, como ferro, trigo, diamante etc., é um valor de uso ou um bem. [...] O valor de uso se efetiva apenas no uso ou no consumo. Os valores de uso formam o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. [...] eles constituem, ao mesmo tempo, os suportes materiais do valor de troca. O valor de troca aparece inicialmente como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo, uma relação que se altera constantemente no tempo e no espaço. Por isso, o valor de troca parece algo acidental e puramente relativo, um valor de troca intrínseco, imanente à mercadoria (MARX, 2013, p. 97).

²⁹ relação de venda estabelecida entre o possuidor de dinheiro e o supostamente livre possuidor da mercadoria força de trabalho, “o complexo das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo” onde “se encontram no mercado e estabelecem uma relação mútua como iguais possuidores de mercadorias, com a única diferença de que um é comprador e o outro, vendedor, sendo ambos, portanto, pessoas juridicamente iguais” (MARX, 2013, p. 180).

por parte da classe trabalhadora, enquanto classe que produz a riqueza material, não é tarefa fácil nesse contexto de alienação e deturpação da perspectiva revolucionária, mas permanece como tarefa urgente ao gênero humano. É isso que as formulações clássicas do marxismo (e a TMD) apontam.

Nesse sentido, podemos mencionar que outra indispensável contribuição teórico-política de Marx juntamente com Friedrich Engels, é o *Manifesto do Partido Comunista*³⁰, que, além de evidenciar o processo de constituição das classes sociais no capitalismo, dá ênfase ao contexto da luta de classes³¹, isto é, evidencia o antagonismo fundamental, no capitalismo, entre a burguesia e o proletariado, a partir da propriedade privada dos meios de produção e da venda da força de trabalho, sob os marcos do assalariamento. A obra, cuja grande questão é o antagonismo entre as classes fundamentais, burguesia versus proletariado, também explicita acerca das frações de classe e nesse sentido, o caráter ora conservador ora reacionário das classes médias³², assim como a supressão da propriedade privada³³, do trabalho assalariado, que também é elemento a ser considerado no bojo da luta de classes, na pauta revolucionária a ser assumida pelo proletariado, classe/sujeito revolucionário.

Esta obra clássica, por vezes taxada como panfletária, ainda fornece elementos importantes para o debate acerca da América Latina e das correntes teórico-políticas que se debruçaram a entender a realidade do continente. Ao abordar a invasão e saqueio da América, África, Índia e China, já demarca elementos centrais posteriormente assumidos pela TMD a partir das formulações cunhadas para explicar e compreender as relações capitalistas que aqui se puseram, especialmente quando expõe que foi às custas do sangue dos povos originários e escravizados e das riquezas e dos bens naturais comuns daqui roubados que o capitalismo se consolidou no globo como um todo:

³⁰ Ver em: [O Manifesto do Partido Comunista](#).

³¹ A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito. [...] Toda a sociedade se divide, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas: a burguesia e o proletariado (ENGELS; MARX, 2008, p. 10-11).

³² Na perspectiva de Bambirra (2012) “A classe média é o próprio muro, entende? Ela vai, ou pro lado da burguesia, quando a burguesia oferece uma perspectiva de desenvolvimento, ou vai pro lado da classe operária quando a classe operária tá a fim de tomar o poder, tem consciência de classe, e toda essa coisa”. Ver em: [Vânia Bambirra: intelectual e militante](#).

³³ “[...] os comunistas podem resumir sua teoria em uma única expressão: supressão da propriedade privada. Nos acusam, aos comunistas, de suprimir o que foi adquirido pessoalmente, a propriedade conquistada por meio do próprio trabalho; a propriedade que se declara ser o fundamento de toda liberdade, de toda atividade e de toda autonomia individuais. Propriedade adquirida a partir do próprio trabalho! Vocês se referem à propriedade pequeno-burguesa ou do pequeno camponês, que antecedeu à propriedade burguesa? Essa não precisamos abolir; o desenvolvimento da indústria já a aboliu e continua abolindo diariamente” (ENGELS; MARX, 2008, p. 33-34).

A descoberta da América e a circunavegação da África abriram um novo campo de ação para a burguesia nascente. Os mercados da Índia e da China, a colonização da América, o comércio com as colônias, o aumento dos meios de troca e do volume das mercadorias em geral trouxeram uma prosperidade até então desconhecida para o comércio, a navegação e a indústria e, com isso, desenvolveram o elemento revolucionário dentro da sociedade feudal em desintegração. [...] A grande indústria criou o mercado mundial, preparado pela descoberta da América. O mercado mundial promoveu um desenvolvimento incomensurável do comércio, da navegação e das comunicações. Esse desenvolvimento, por sua vez, voltou a impulsionar a expansão da indústria. E na mesma medida em que indústria, comércio, navegação e estradas de ferro se expandiam, desenvolvia-se a burguesia, os capitais se multiplicavam e, com isso, todas as classes oriundas da Idade Média passavam a um segundo plano (ENGELS; MARX, 2008, p. 11-13).

A colonização³⁴, além de todos os aspectos tocados e não tocados aqui, nos remete à história de Minas Gerais - terra em que se localiza a Universidade que desenvolvo meu percurso formativo, terra de Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini - naturalmente rica em ouro e profunda e violentamente marcada pelo genocídio dos povos originários, pelo escravismo do povo africano, pela exploração mineral³⁵ e intensa degradação do meio ambiente, o que nos chama atenção para a forma pela qual os colonizadores lidavam com a natureza e, como os povos originários se viam pertencentes e não donos da terra, o que faz com que ainda hoje sejam exterminados em nome do agronegócio e garimpo e da ganância das burguesias agrárias especialmente, no caso do território denominado Quadrilátero Ferrífero, região de MG em que vivemos e estudamos, é o poderio das mineradoras que avança sobre o solo e sobre as gentes.

³⁴ Ressaltamos a necessidade de entendermos a colonização como um ponto crucial da dependência. Clóvis Moura (2020, p. 22 e 24), no artigo de 1994 *O Racismo como arma ideológica de dominação*, traz uma contribuição para pensarmos acerca do colonialismo: “[...] o racismo pode ser considerado — da forma como o entendemos atualmente — um dos galhos ideológicos do capitalismo. Não foi por acaso que ele nasceu na Inglaterra e na França e depois desenvolveu-se tão dinamicamente na Alemanha. [...] é atualmente uma ideologia de dominação do imperialismo em escala planetária e de dominação de classes em cada país particular. Desta forma explica-se o sistema colonial e o pilar de seu êxito: de um lado exterminar as populações autóctones das áreas ocupadas e, de outro, justificar o tráfico negreiro com a África, um dos fatores mais importantes da acumulação capitalista nos países europeus. [...] Com a instalação e o dinamismo do sistema colonial e seu desdobramento imperialista, ela se estende ao resto do mundo e aí procura ter uma visão mais abrangente e sistemática, unindo todas as diferenças étnicas europeias em um bloco compacto — o *branco* que passa a se contrapor ao restante das populações não-civilizadas, dependentes e racialmente diversas das matrizes daquele continente. Não se cogita mais nas diferenças entre o *nórdico*, o *alpino*, o *mediterrâneo*, que passam a ser, de modo genérico, componentes da *raça branca*. E esta raça tinha por questões de superioridade biológica o direito de tutelar os demais povos. [...] Ordenado o colonialismo, através do racismo, as nações dominantes sentiram-se à vontade para o saque às colônias e para as razias mais odiosas nas reuniões da Ásia, América Latina, África e Oceania e para agir contra todos os que compunham a multidão de desamparados e anônimos da história. Não só roubaram-lhes as riquezas, mas suas culturas, crenças, costumes, língua, religião, sistemas de parentesco e tudo o que durante milênios esses povos construíram, estruturaram e dinamizaram”.

³⁵ Indicamos, para reflexão sobre a mineração, a leitura da monografia [Mineração e questão ambiental sob a perspectiva do Jornal A Sirene](#), de André Borges Procópio, em especial o item 1.2 do capítulo 1, a tese de doutorado *Mineração e superexploração da força de trabalho: análise a partir da realidade de Mariana-MG* e o artigo [A mineração extrativista em Minas Gerais: “Ai, antes fosse mais leve a carga”](#) de Kathiúça Bertollo. Ambos os trabalhos também discutem o rompimento de barragens e seus impactos terríveis na vida dos atingidos e no meio ambiente.

Diante disso, ressaltamos a importância da presente investigação, a partir do levantamento, estudo e elevação de contribuições essenciais para entendermos nossa realidade e o tema em estudo. Este capítulo busca demonstrar os movimentos e processos conjunturais em meados do século passado, mais precisamente em relação à hegemonia da ideologia do desenvolvimento³⁶ no pensamento econômico, intelectual e político brasileiro, o que tem ligação com parte das formulações da TMD, e apresentar brevemente os companheiros de Vânia para, então, nos aprofundarmos na vida e obra da autora.

1.1 Conjuntura política e intelectual do Brasil dos anos 1950 e 1960: ascensão e declínio do desenvolvimentismo

Cresço para fora, para dentro me esqueço. [...] O desenvolvimento é um banquete de escassos convidados, embora seus resplendores enganem, e os pratos principais estão reservados às mandíbulas estrangeiras (GALEANO, 2019, p. 6 e 347).

Como consequência da hegemonia dos Estados Unidos enquanto modelo global de país desenvolvido, o horizonte almejado era o desenvolvimento nacional, ou seja, o nacionalismo tomava centralidade. Sendo assim, havia um terreno sobre o qual, a partir de uma ideia de modernização, o desenvolvimentismo poderia se infiltrar e ocupar instituições, programas políticos e a academia. A partir dos anos 1950, uma época em que “o país estava irreconhecivelmente inteligente”, conforme Holanda (1982, p. 8 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 9), e em associação com o desenvolvimento econômico que o país atravessava, as atividades culturais e intelectuais foram fortemente fomentadas. Ademais,

[...] o processo de industrialização ganhou impulso, concorrendo para uma urbanização acelerada, o aumento do êxodo rural, acompanhado do crescimento do proletariado e da necessidade de explicar essas transformações. O alvo econômico do governo Vargas (1951-1954) era a remoção dos obstáculos ao crescimento. Almejava investir em energia elétrica, transportes, comunicações e petróleo. O início da produção de aço pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) abriu perspectivas para o desenvolvimento industrial do país, já que o aço constitui a matriz para vários ramos ou tipos de indústria. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), criado em 1952, impulsionou grandes empreendimentos industriais e obras de infraestrutura. A suposição de que o país poderia superar a condição de periferia foi acompanhada de perspectivas intelectuais otimistas. Essas previsões de progresso eram comuns em vários países latinoamericanos, entre os quais Brasil, Chile, Argentina e México (WASSERMAN, 2017, p. 09).

Em decorrência dessa aspiração ao crescimento econômico do Brasil, foram instituídos, tendo como horizonte o desenvolvimento nacional e para pensar as orientações

³⁶ Fernando Correa Prado traz uma importante contribuição acerca do desenvolvimento, disponível em: [Seminários de EPM - A ideologia do desenvolvimento e a controvérsia da dependência | Fernando Prado.](#)

desse processo, o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) em 1952 e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) em 1955, que o substituiu³⁷. Numa outra perspectiva, a Liga de Emancipação Nacional foi formada em 1954 pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), que também estava presente nas discussões sobre o desenvolvimento, buscando unificar as frentes de defesa da soberania nacional e da luta anti-imperialista no país (WASSERMAN, 2017).

Foram criadas outras instituições canalizadas para o tema do desenvolvimento na época: a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL)³⁸ em 1949, sediada no Chile e que, assim como o ISEB, era frequentada por estimados intelectuais brasileiros e foi fundada “[...] vinculada à ideia de que o país podia atingir um patamar de expansão capitalista semelhante ao dos países hegemônicos” (WASSERMAN, 2017, p. 20). O alicerce teórico assumido era o dualismo estrutural³⁹ e, como veremos mais adiante, a instituição foi reduto de produções e pensamentos com os quais a TMD travou intensas disputas⁴⁰.

³⁷ “O Iseb foi fruto de uma época de criação de espaços para estudar e interpretar o Brasil. Primeiramente surgiu o [...] Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (Ibesp) que teve existência precária. Em 1955, foi substituído pela criação, por decreto presidencial, de uma “instituição de projeção nacional e juridicamente melhor definida”, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). [...] O Iseb reunia intelectuais com perspectivas políticas e ideológicas diferentes, mas que convergiam na necessidade de formular um projeto para o futuro da sociedade brasileira. O nacional-desenvolvimentismo foi concebido como prática capaz de levar o Brasil a superar o atraso e a dependência. [...] “No Iseb, os principais debates giravam também em torno da autonomia e do nacionalismo, mas o instituto abrigava intelectuais de várias posições políticas ou teóricas, e mesmo o nacionalismo econômico não era consenso. Por trás de formulações teóricas, como ideologia global/ideologia parcial, nacionalismo de fins/nacionalismo de meios, entre outras, se ocultava uma polêmica em torno da capacidade do populismo de responder ao anseio desenvolvimentista e travava-se, ao mesmo tempo, uma disputa acerca da caracterização do conceito” (WASSERMAN, 2017, p. 20 e 23).

³⁸ Ver em: [Sobre a CEPAL | Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe](#).

De acordo com Wasserman (2017, p. 20, 22-23 e 39), “[...] uma das premissas da Cepal era a ideia de que a industrialização era o único caminho contra a miséria e a dependência em relação aos centros mundiais do capitalismo. [...] o subdesenvolvimento era uma forma de organização dentro do sistema capitalista, não podendo ser considerado uma etapa para o desenvolvimento. [...] Além disso, “segundo os cepalinos, o sistema internacional era organizado a partir das relações desiguais entre centro e periferia, e a deterioração dos termos de intercâmbio provocava a dependência externa”.

³⁹ “A tese do dualismo estrutural [...] é definida como a coexistência de setores pré-capitalistas e capitalistas que se dedicam a linhas de produção semelhantes. Refere-se a ‘sociedades constituídas por dois ‘conjuntos’ opostos, fortemente diferenciados e em grande medida incompatíveis e incomunicáveis: um arcaico e outro moderno’. [...] ‘os porta-vozes do pensamento liberal criaram uma mitologia segundo a qual tudo o que fosse colonial identificava-se com a estagnação, e tudo o que provinha da Europa, como o progresso: nesta imagem maniqueísta de dialética histórica, a coexistência entre os dois segmentos da sociedade tornava-se impossível” (LACLAU, 1978, p. 25; MEDEIROS, 1994, p. 82 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 22).

⁴⁰ Bambirra, em conferência em 2012, declara: “*As críticas à CEPAL eram críticas óbvias, né? A CEPAL achava que existia um modelo de desenvolvimento que eram os países capitalistas desenvolvidos e que o objetivo era chegar a ser, que os países dependentes deveriam chegar a ser países capitalistas desenvolvidos. Ali tinham as etapas que tinham que ser cumpridas para se transformar numa grande potência capitalista, o que era também uma falácia, não é certo? Porque países desenvolvidos e países dependentes compõem uma mesma unidade histórica. Pra existir capitalismo desenvolvido sempre foi preciso existir o capitalismo dependente. Pra existir capitalismo dependente supõe que tem lá um país capitalista desenvolvido explorando, subsidiando o capitalismo dependente. Então há uma unidade histórica muito bem conformada em que se todos os países deixarem de ser dependentes, subdesenvolvidos e se transformarem em capitalistas independentes, isso aí não*

Um intelectual referência da instituição é Celso Furtado, que, para Wasserman (2017, p. 90), foi, “[...] provavelmente, o primeiro intelectual brasileiro com preocupação latino-americana⁴¹, haja vista que a publicação de seus três livros na década de 1960 tinham como foco não apenas a economia brasileira, mas toda a América Latina”.

Em 1962, vinculado à CEPAL e mais orientado para tratar da gestão pública, nasce o Instituto Latino-americano e do Caribe de Planificação Econômica e Social (ILPES)⁴², “[...] onde predominavam sociólogos e cientistas políticos que pretendiam apoiar os governos e elaborar estratégias destinadas a alcançar o desenvolvimento” (WASSERMAN, 2017, p. 21). O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)⁴³ ergue-se em 1969, fruto da união de professores universitários paulistas de diferentes áreas do conhecimento, “[...] oriundos principalmente da USP, alguns remanescentes do grupo de leituras de *O Capital*” (WASSERMAN, 2017, p. 21) que, em sua maioria, foram afastados pela ditadura militar. Em meio aos esforços de se pensar no crescimento econômico do Brasil, o cenário intelectual era de “debate entre nacionalistas, de um lado, entreguistas, de outro, e a prédica nacionalista” (WASSERMAN, 2017, p. 10). Um ponto a se destacar, o qual mantemos concordância com a referida autora, é que “[...] não eram as universidades os lugares que preferencialmente abrigavam os intérpretes do Brasil. Os antecedentes diretos das interpretações do capitalismo brasileiro haviam sido fornecidos por intelectuais não necessariamente acadêmicos” (WASSERMAN, 2017, p. 10), estes vinculados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), do qual trataremos mais adiante.

Havia, no cenário do pensamento econômico brasileiro, a disputa entre o neoliberalismo, influenciado essencialmente pelo pensamento de Milton Friedman - para quem, em linhas bastante gerais, quanto menos intervenção do Estado nas relações econômicas, melhor, sendo a palavra-chave: livre concorrência -, e o desenvolvimentismo, inspirado na teoria do desenvolvimento de Whitman Rostow⁴⁴, que, também em linhas gerais,

tem nenhuma possibilidade de sobrevivência”. Ver em: [Vânia Bambilra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

⁴¹ “O latino-americanismo, ao buscar a superação da subordinação internacional de nossa região, representa a fonte de maior potencialidade e fecundidade de nosso pensamento. A afirmação de nossa subjetividade e a redefinição de nossas condições objetivas de existência mundial estão profundamente ligadas. Ele desvela os paradoxos de nossa inserção mundial e lança novas luzes sobre as contradições do próprio sistema mundial capitalista que se quer superar. Parte das lutas pela independência para desenvolver-se, na década de 1920, nas obras de autores como José Carlos Mariátegui ou Ramiro Guerra e encontrar sua forma mais avançada na teoria da dependência, dos anos 1960-70, e em seu desdobramento, posterior, para o enfoque do sistema-mundo” (MARTINS, 2012, p. 2-3).

⁴² Ver em: [Acerca del ILPES | Comissão Econômica para a América Latina eo Caribe](#).

⁴³ Ver em: [Institucional – CEBRAP](#).

⁴⁴ “Rostow sugeria que todos os países passariam por cinco etapas de desenvolvimento econômico, sendo a primeira etapa descrita como a de uma sociedade pré-moderna ou tradicional; a segunda, aquela em que se

apostava na industrialização como fórmula para o desenvolvimento⁴⁵ e defendia que os países teriam condições de entrar na corrida para alcançá-lo, sem considerar que em vários deles o que existia era um histórico de expropriação. Prado (2012, s.p.)⁴⁶ traduz:

O desenvolvimentismo se expressa de diversas formas, seja um dualismo atrasado, moderno, países em desenvolvimento contra países desenvolvidos, ou seja, que não tem uma ideia de linearidade entre os países, e não de totalidade, isso é uma característica. A outra é não captar, por exemplo, as contradições fundamentais da sociedade, sim tratar os chamados “agentes econômicos”, né, individualizando cada agente econômico sem tratar de classes sociais, por exemplo, sem fazer uma reflexão profunda sobre o Estado[...].

Dessa forma, é importante reiterarmos que, enquanto o neoliberalismo habitava, pelo menos até 1964, o campo teórico⁴⁷, as ideias desenvolvimentistas adentraram fortemente nas políticas públicas, visto que os intelectuais, deslumbrados com a ideia de alcançar um crescimento econômico a nível dos países que detinham mais riqueza, se empenharam a construir estratégias para dar “a arrancada” para, enfim, chegar ao tão sonhado desenvolvimento (WASSERMAN, 2017). Pois bem, a nível mundial, essa disputa foi nutrida pelos acontecimentos do pós II Guerra, que desencadeou uma nova expansão capitalista. Nas palavras de Bambilra (2013, p. 55),

A partir do pós-guerra, na América Latina a situação condicionante é o processo de integração do capitalismo periférico ao capitalismo hegemônico - especialmente aos Estados Unidos -, através do novo caráter que as relações econômicas internacionais assumem em função das mudanças substanciais no funcionamento do sistema capitalista mundial [...]. Este novo caráter se deve à expansão dos consórcios monopolistas multinacionais, como resultado de todo um complexo processo de concentração, monopolização e centralização ocorrido na indústria dos Estados Unidos.

criariam as condições para uma arrancada rumo ao desenvolvimento; a terceira, a da arrancada (*take off*) para o desenvolvimento; a quarta, a fase da maturidade; e, finalmente, a quinta, quando ocorreria a constituição de uma sociedade de consumo de massa” (RIBEIRO, 2008, p. 260-264 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 17-18).

⁴⁵ Trazemos uma reflexão de Bambilra acerca do desenvolvimento, onde ela o relaciona com a integração, numa perspectiva bem diferente do desenvolvimentismo: “*Vamos, agora, ao cerne da questão, rapidamente. A integração latinoamericana pode ser uma saída ao subdesenvolvimento? Qual é o papel do Brasil? Eu acho que a integração latinoamericana pode ser muito mais do que isso. [...] deve ser um processo não só econômico, social, político, cultural e científico, mas um intercâmbio de experiências. Uma troca enriquecedora no plano da complementaridade, da cooperação e da solidariedade. Um pacto de iguais, com desenvolvimentos desiguais. Para ser o fator efetivo de desenvolvimento, não pode ter interferências imperialistas. Não pode ter como objetivo principal o do lucro e o da exploração. Não pode permitir, portanto, nenhuma ingerência dos Estados Unidos ou de qualquer outra nação não latinoamericana. Deve ser um pacto pela paz e pelo progresso*”. Ver em [Vânia Bambilra - O papel do Brasil na integração latino-americana](#).

⁴⁶ Ver em: [Fernando Correa Prado - A contribuição de Vânia Bambilra ao pensamento crítico latino-americano](#).

⁴⁷ “As ideias liberais de Friedman tiveram aplicação prática apenas a partir de 1970 no Chile”, que foi seu “laboratório” durante o governo ditatorial de Pinochet, “de modo mais contundente nos anos 1980 na Inglaterra” por Margaret Thatcher, e nos Estados Unidos por Ronald Reagan, “[...] e depois já no final dos anos 1980 e início dos 1990, nos países latino-americanos recém-saídos de ditaduras. [...] O fundamentalismo do livre mercado serviu também como receita para países em dificuldades econômicas” (WASSERMAN, 2017, p. 15-16).

Nesse sentido, segundo Wasserman (2017, p. 17),

[...] em Chicago, os economistas liderados por Friedman defendiam o liberalismo, considerando-o como um passo adiante da nova expansão capitalista e fundamental para quando o fluxo de capitais começasse a encontrar barreiras nacionais para sua ampliação. Enquanto isso, nos países latino-americanos, africanos e asiáticos, para o mundo periférico em geral, era atraente se apropriar das teses de Rostow acerca do desenvolvimento.

O cerco neoliberal era fomentado, além de outros agentes⁴⁸, pelas Conferências de Bretton Woods⁴⁹, que tinham como objetivo reconstruir a economia mundial pós-guerra e que deram origem ao Banco Mundial (BM)⁵⁰ que realizava empréstimos para diversos projetos em “países em desenvolvimento”. Recorrendo no tempo presente ao *site*⁵¹ da referida instituição, nos deparamos com a ideia de que ajudam “os países a compartilhar e aplicar conhecimentos e soluções inovadores para os desafios que enfrentam”. Isso é envolto de atuais estratégias que trazem e se utilizam de palavras bonitas e ideias que no fundo somente reafirmam a manutenção da ordem capitalista, tais como: “erradicar a pobreza extrema e promover a prosperidade compartilhada de maneira sustentável”. Afirmações como esta logo mostram seu real sentido: o fortalecimento das parcerias no setor privado para assim “ajudar a superar os maiores desafios de desenvolvimento enfrentados por seus países clientes”⁵².

As conferências deram origem, também, ao Fundo Monetário Internacional (FMI)⁵³, que renunciava garantir a estabilidade econômica mundial e, com a artimanha dos empréstimos para países em crise, garantir seu controle sobre os mesmos, por meio de monitoramento da sua situação política e econômica e consequente “ajuste” que deve ser realizado como garantia da manutenção desse “apoio”⁵⁴. Percebe-se, portanto, a nada subliminar mensagem deixada por essas organizações aos países que a elas recorrem:

⁴⁸ “A ofensiva neoliberal também se beneficiou dos investimentos de fundações norte-americanas, principalmente a Ford, na reformulação da comunidade científica da região. A América Latina tornou-se a principal receptora de seus recursos nos anos 70, destacando-se o Brasil, seguido à distância por Chile e México. Tratava-se de criar uma intelectualidade que fosse uma força de contenção da ameaça socialista representada pela revolução cubana, mas que não estivesse comprometida com o autoritarismo, sendo capaz de dirigir a expansão do capitalismo mediante a organização de um consenso em seu favor. [...] O conceito de dependência negociada, de Fernando Henrique Cardoso, mostrou-se central para o desenvolvimento dessa perspectiva. O CEBRAP, instituição organizada por sua liderança, foi o mais importante captador de recursos da Fundação Ford no Brasil” (MARTINS, 2012, p. 32).

⁴⁹ “As conferências de Bretton Woods, realizadas em 1944, definiram o sistema de gerenciamento econômico internacional, estabelecendo regras para as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo. O sistema Bretton Woods pretendia definir uma ordem monetária totalmente negociada, com o objetivo de governar as relações monetárias entre Nações-Estado independentes” (WASSERMAN, 2017, p. 16).

⁵⁰ Ver as ações no Brasil em: [Brasil : Notícias, desenvolvimento, pesquisa e dados | Banco Mundial](#).

⁵¹ Ver em: [What We do](#).

⁵² Ver em: [A Stronger, Connected, Solutions World Bank Group : An Overview of the World Bank Group Strategy](#).

⁵³ Ver em: [International Monetary Fund - Homepage](#).

⁵⁴ Ver em: [The IMF at a Glance](#).

“patrocinaremos” seu crescimento, desde que seja aos nossos moldes e até quando nos for conveniente. Em termos de América Latina⁵⁵, isso representa um mergulho mais fundo e a própria manutenção da sua situação de dependência, visto que significa a subordinação da própria realidade a interesses ditos universais, mas que são notoriamente facciosos e de interesse do imperialismo e dos países dominantes no capitalismo já instaurado e enraizado no globo. Bamberger, em intervenção em 1993⁵⁶, traduz:

No Brasil, companheiros, [...] travamos uma luta implacável contra o modelo imposto pelo império, o modelo do FMI, que hoje passou a intitular-se neoliberalismo, que pretende a desregulamentação da economia, a diminuição das funções do Estado, a abertura a mais da economia ao capital estrangeiro e ao sistema financeiro internacional, às multinacionais, etc, todos nós sabemos disso. Em suma, o domínio absoluto, sem trave nenhuma, do imperialismo.

O pós-guerra, além de outros acontecimentos históricos, também influenciou as produções teóricas de autores latino-americanos⁵⁷, que, antes, se limitavam às fronteiras nacionais, estudando os países em separado e sem interações entre as partes. Segundo Wasserman (2017), eram poucos os autores que figuravam no rol de estudiosos do subcontinente como um todo.

As ideias e práticas desenvolvimentistas, fortemente presentes e orientadoras da atuação do Estado, passaram, a partir dos anos 1960, a ser encurraladas pelos episódios que foram se sucedendo: a conjuntura financeira internacional e os países mais ricos da América Latina se viram impedidos de atravessar suas barreiras da condição periférica, de acumular e de consumir sua produção industrial, o que estava ligado ao fato de que a maioria da população não possuía condições de consumir⁵⁸ os produtos/mercadorias produzidas no próprio território. Seu crescimento dependia, então, dos resultados do setor primário exportador e do capital internacional, o que revelava uma realidade bem distante do esperado por todos aqueles que apostaram no desenvolvimentismo como alternativa e solução da condição de “atraso” do país, do subcontinente (WASSERMAN, 2017). Consequentemente,

⁵⁵ “A hegemonia do neoliberalismo conduziu a uma profunda crise das sociedades latino-americanas que, ao final da década de 1990, viram-se ameaçadas pela expansão do endividamento externo e interno, da desnacionalização, do desemprego e da pobreza”. (MARTINS, 2012, p. 34). O Brasil acima de todos de Bolsonaro de 2021 que o diga.

⁵⁶ Ver em: [Memorial-Arquivo Vânia Bamberger - intervenção pessoal \(ponencia\) no Foro de São Paulo, Havana 1993](#).

⁵⁷ Ver em: Wasserman, 2017, p. 89.

⁵⁸ Ao se pensar no não consumo, refletimos sobre o motivo desses povos não acessarem o básico, o que nos faz pensar no ontem para tentar entender o hoje: a relação, colonialismo, escravismo, genocídio e superexploração, que culminou na condição do povo latino-americano. Nesse sentido, indicamos a leitura de *Racismo e luta de classes na América Latina*, de Cristiane Luiza Sabino de Souza, que também assume a TMD.

[...] a fórmula cepalina, segundo a qual a constituição de um projeto de desenvolvimento autônomo seria a solução para a dependência externa [...] começou a ser questionada e substituída pela noção de que o sistema era interdependente, não admitindo a sonhada autonomia (WASSERMAN, 2017, p. 39).

As posições oficiais nacionalista e desenvolvimentista já não eram mais asseguradas pelo populismo, que perdia forças diante da crescente força popular e de esquerda. Também, a incapacidade da incipiente indústria brasileira de absorver a grande massa de trabalhadores disponíveis, os quais viviam em situações miseráveis, foi um elemento determinante de tal contexto. O desenvolvimentismo, marcadamente intencionado a, segundo Wasserman (2017, p. 40), “[...] ser um modelo destinado a diminuir as desigualdades e impedir essas mobilizações” e ter sua industrialização propiciada pelo Estado, começava a cair por terra e, numa reviravolta, uma gama de grupos intelectuais se empenhou em superar esse projeto otimista e ilusório de um capitalismo autônomo, inclusive alguns da própria CEPAL, entidade forte que articulava vários desses pensadores que agora foram colocados frente a frente com a necessidade da autocrítica.

Para além de rever o desacertado desenvolvimentismo, o propósito era de explicar toda a crise atravessada, e a própria condição periférica/dependente do subcontinente, que impediu a tão fantasiada autonomia. Os cepalinos se apoiaram nas reformas de base e na distribuição de renda como fatores indispensáveis e condições para a superação das dificuldades concernentes ao desenvolvimento, análises que foram duramente combatidas pelos golpes militares que, não surpreendentemente, se opuseram a pensar por esse lado: Furtado, por exemplo, estava elencado na primeira lista de cassados pela ditadura de 1964 (WASSERMAN, 2017).

Outra iniciativa nesse sentido foi a obra *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*⁵⁹, escrita no ILPES por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, de inspiração weberiana, que se dedicaram a explicar o atraso e as particularidades do capitalismo da América Latina, e que afirmaram a possibilidade de haver desenvolvimento em países dependentes. Essa obra, que inclusive, “[...] foi concebida como documento de discussão interna no ILPES” (SEABRA, 2019, p. 274), ainda que mantenha a famigerada finalidade de

⁵⁹ Cardoso, no ensaio *Xadrez internacional & socialdemocracia*, em homenagem aos 40 anos do *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, reforça seus apontamentos dos anos 1970 e 1980. “Ele defende para a América Latina uma nova socialdemocracia de mercado que aceite as políticas impulsionadas pelas grandes potências ocidentais, consideradas a referência central de oportunidade para o desenvolvimento. Esta socialdemocracia deve afastar o risco do que chama de populismo regressivo [...] e se sustentar não mais em sindicatos ou lideranças trabalhistas, mas nas classes médias e em uma opinião pública difusa – expressa na mídia e nos meios eletrônicos de comunicação – que pressione o governo a cumprir certos consensos estabelecidos pela globalização” (MARTINS, 2013, p. 28).

alcançar o patamar dos países centrais, foi importante no sentido de deslocar o cerne da questão do desenvolvimento para a dependência (WASSERMAN, 2017).

Bambirra, no início de seu livro *Capitalismo dependente latino-americano*⁶⁰, que iremos abordar mais adiante, se dedica a uma análise crítica acerca da referida obra de Cardoso e Falleto. A autora apresenta os principais pontos tocados pelos dois autores, reconhecendo que o trabalho representa um ponto de partida para uma reinterpretação do estudo do território e, em seguida, tece seus comentários, apresentando “seus pontos fracos” e apontando, dentre outros detalhes, que, enquanto a análise sociológica teve protagonismo, a análise econômica deixou de ser empregada de forma eficiente, o que limitou a própria análise no geral (BAMBIRRA, 2013).

Concebemos, diante disso, e não somente nessa obra de Vânia, uma característica da autora que deve ser reconhecida: o rigor teórico, respeito e sensibilidade que a mesma dispensa em relação às obras e autores por ela criticados. Ela estuda, adentra e apresenta as concepções de outros para, então, desenvolver suas reflexões e apontar outras formas de análise que julga mais adequadas, sempre em busca de contribuir com a construção coletiva de conhecimento. Em concordância com Prado⁶¹ (2012, s.p.), uma “*crítica direta, horizontal, profunda, que é preciso voltar a ter, [...] é a partir das críticas, [...] das faíscas que surgem no debate que a gente pode dar um salto qualitativo no nosso pensamento*”.

Percebe-se, então, diante do que foi apresentado ainda que brevemente, que ali, dentre as interpretações desenvolvidas para superar o desenvolvimentismo, se gestaram os caminhos para a constituição da Teoria da Dependência e, conseqüentemente, da TMD, que é, entre outras formas, lida por muitos como um desdobramento crítico do desenvolvimentismo, principalmente o da CEPAL⁶².

⁶⁰ Disponível em: <https://www.efopvaniabambirra.com.br/biblioteca2>.

⁶¹ Ver em: [Fernando Correa Prado - A contribuição de Vânia Bambirra ao pensamento crítico latino-americano](#).

⁶² Segundo Marini (1990, p. 6), “[...]na realidade, e contrariando interpretações correntes, que a vêem como subproduto e alternativa acadêmica à teoria desenvolvimentista da CEPAL, a teoria da dependência tem suas raízes nas concepções que a nova esquerda - particularmente no Brasil, embora seu desenvolvimento político fosse maior em Cuba, na Venezuela e no Peru - elaborou, para fazer frente à ideologia dos partidos comunistas. A CEPAL só se converteu também em alvo na medida em que os comunistas, que se haviam dedicado mais à história que à economia e à sociologia, se apoiaram nas teses cepalinas da deterioração das relações de troca, do dualismo estrutural e da viabilidade do desenvolvimento capitalista autônomo, para sustentar o princípio da revolução democrático-burguesa, anti-imperialista e antifeudal, que eles haviam herdado da Terceira Internacional”. Bambirra, em 2012, reforça: “*a teoria da dependência surge fazendo crítica aos programas do PC, crítica à CEPAL, e também alguns, como eu, que se dedicam a fazer críticas também aos erros da esquerda revolucionária*”. Ver em: [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

1.2 O pensamento reformista do PCB e revolucionário da POLOP

Estamos sonhando? Sim, somos sonhadores. Sonhamos com um mundo melhor, confiamos no homem e na mulher, no seu imenso potencial criador. Sabemos que só a ignorância e o atraso os mantêm subjugados a essa sujeição que provém do domínio que uns poucos exercem sobre a imensa maioria. Por isso, o nosso sonho só pode ser realizado através da luta. É necessário, pois, sonhar e lutar ao mesmo tempo. O sonho sem a luta só conduz à utopia (BAMBIRRA, s.d., s.p.)⁶³.

Consideramos relevante apresentar rapidamente alguns pontos relativos ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922, uma vez que também estive, à sua maneira e dentro dos limites – próprios de seu tempo, envolvido nas discussões acerca do desenvolvimento. Bambirra (2013, p. 87 e 88), traz alguns pontos para pensarmos a importância, o papel e os equívocos dos primeiros partidos comunistas latino-americanos que surgiram no início da década de 1920, inspirados na III Internacional, desafiados a

[...] preencher toda uma série de lacunas, entre elas desenvolver um pensamento marxista na América Latina capaz de analisar e compreender o processo de desenvolvimento capitalista no continente, organizar a classe para levar adiante a luta econômica e política, e tirá-la do impasse em que se encontrava. Devido à sua imaturidade teórica e política - derivada, por sua vez, do precário desenvolvimento da teoria revolucionária no continente, cuja experiência acumulada até então na condução prática das lutas proletárias era a anarquista -, [...] o resultado muitas vezes foi uma política dogmática e sectária. [...] os partidos comunistas dessa época (que se estende até meados dos anos 1930) em geral não participaram dos movimentos democráticos burgueses dos anos 1930, abdicando assim de intervir nos mesmos e de fazer cumprir o papel de orientador e condutor de tais movimentos. A orientação do PC brasileiro frente à Revolução de 1930 - da qual não participou - ilustra muito bem essa posição.

Ainda antes da fundação do partido no Brasil havia um esforço dos comunistas no sentido de produzir “[...] diagnósticos sobre os problemas nacionais e na formulação de projetos para a resolução dessas dificuldades” (WASSERMAN, 2017, p. 25) que eram impressos em jornais e revistas, um exemplo foi a revista mensal *Movimento Comunista*, que teve papel importante na construção do PCB (ROIO, 2003, p. 89 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 25). Todavia, a busca por seu lugar na construção das interpretações em voga se deu no pós II Guerra Mundial:

A partir dos anos 1950, a “hegemonia cultural da esquerda” esteve vinculada diretamente à ação do PCB (Moraes, 1995:74). Ao procurar fundamentar a ação política na elaboração teórica racional, os comunistas passaram a disputar um lugar na plêiade de intérpretes que elaboravam as explicações acerca do Brasil” (WASSERMAN, 2017, p. 25).

⁶³ Ver em: [Nota prévia](#)

A referida historiadora, amparada nas formulações de Roio, aponta que, nesse cenário de amadurecimento da “cultura política “da esquerda brasileira, permeada pelas declarações do relatório Khrushchov⁶⁴, houve uma “renovação criativa que teve como resultado uma inserção muito maior, não só do PCB, na luta política em curso, como também a difusão do marxismo e uma melhor compreensão da realidade do país” (ROIO, 2000, p. 85 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 26). Os intelectuais que compunham o partido - vale destacar que muitos participavam sincronicamente da CEPAL e do ISEB -, envolvidos nas discussões acerca dos problemas no país, produziam materiais⁶⁵ como relatórios, teses, artigos para fomentar esses debates.

[...] embora também disputassem a concepção do desenvolvimento brasileiro com as demais correntes de pensamento da época, se diferenciavam no tocante às “finalidades” de seus diagnósticos e propostas. Segundo Bielschowsky (2000:34), “os socialistas também eram, em certo sentido, desenvolvimentistas, porque defendiam a industrialização e a intervenção estatal. Eram também os mais radicais dentre os nacionalistas. Seu projeto básico não era, contudo, pura e simplesmente a industrialização, mas a transição para o socialismo” (WASSERMAN, 2017, p. 21).

Tendo em vista que “[...] o principal debate do PCB girou em torno dos afamados ‘restos feudais’” (WASSERMAN, 2017, p. 26), a tese defendida pelo partido era de que à burguesia brasileira caberia liderar uma aliança revolucionária anti-imperialista. Nelson Werneck Sodré, um dos principais pensadores pecebistas, “[...] defendia a coexistência do escravismo e do feudalismo no Brasil, onde o primeiro representava o sistema mais avançado e o segundo, a regressão”, como reitera Wasserman (2017, p. 26). Assim, reconhecendo a

⁶⁴ “Ao final do XX Congresso do Partido Comunista da URSS (PCUS), em 25 de fevereiro de 1956, Nikita Krushev, [...] aproveitou o encontro para apresentar [...] um extenso relatório sobre a Era Stalin – referência ao período de poder do líder soviético Josef Stalin, falecido havia menos de quatro anos”. “Com o título oficial ‘Sobre o culto à personalidade e as consequências’, o ‘Relatório Khrushchov’, também conhecido como ‘Relatório Secreto’ foi, sem dúvida, uma das mais ousadas intervenções de Nikita Krushev. [...] Sua fala reitera os ideais comunistas, enaltecendo Lenin, ao mesmo tempo que expõe crimes e graves críticas ao regime stalinista, evidenciando sua faceta totalitária”[...] “O abalo ao comunismo não se limitou à URSS e seus vizinhos. No ápice da Guerra Fria, a onda de choque surgida a partir das denúncias contra a Era Stálin atingiu o Movimento Comunista Internacional. Aos poucos, foram surgindo fissuras nas bases dos partidos comunistas em todos os países, resultado de posicionamentos divididos entre partidários de Stálin e os que seguiam Krushev”. [...] “Com efeitos mundiais gigantescos, e em um cenário mundial de bipolaridade, o discurso de Krushev resultou em lenha para a fogueira da Guerra Fria, marcando uma virada de imagem, tanto soviética como do próprio socialismo. Houve a criação de Partidos Comunistas de orientação maoísta, como o PCDoB, no Brasil, fundado em 1962, por dissidentes internos. A exemplo do ocorrido nos demais países, as denúncias de Krushev desencadearam, para o PCB, a discussão em torno de vários problemas cristalizados no pensamento comunista, tais como os caminhos para a revolução, a estagnação do Movimento Comunista Internacional e o papel do partido” (GRAZZIOTIN, 2021, s.p.). Ver em: [O Relatório Secreto de Nikita Krushev](#).

⁶⁵ “Entre os veículos que divulgavam ideias e debates do PCB na época estavam a Revista Brasiliense [...]. A revista Estudos Sociais foi criada pela direção nacional do PCB em maio-junho de 1958 e tinha como objetivo estimular o debate teórico sobre os problemas brasileiros. Um ano depois, surgiu a revista Novos Rumos, semanário igualmente responsável por difundir as ideias comunistas. Todas as revistas mencionadas foram fechadas em 1964 pelos militares golpistas” (WASSERMAN, 2017, p. 20).

contradição entre o imperialismo e a burguesia, em sua concepção, havia a possibilidade de que

[...] uma parte da burguesia brasileira, apoiada no interesse nacional, estivesse disposta a comandar o processo revolucionário anti-imperialista e antifeudal, conquanto, para ele, as forças que obstaculizavam o desenvolvimento eram o latifúndio e sua articulação com o imperialismo⁶⁶ (WASSERMAN, 2017, p. 26)

Diante disso, salientamos que há aqui a hipótese de que tal processo se configuraria na chamada *Revolução Brasileira*, que se daria por meio de

[...] transformações sociais, econômicas e políticas pelos quais o país deveria passar para atingir o desenvolvimento pleno do capitalismo e a consolidação da burguesia como classe dominante, com a eliminação dos resquícios feudais para aqueles que preconizavam a existência de “restos feudais”. O termo também era usado para designar transformações que levassem ao socialismo para aqueles que entendiam o Brasil como sociedade plenamente integrada no modo de produção capitalista (WASSERMAN, 2017, p. 26).

Importa evidenciar que, nesse bojo teórico-interpretativo, Caio Prado Jr. rechaçava as ideias da existência do feudalismo e, portanto, da necessidade da eliminação de seus supostos restos, e de uma revolução burguesa ou uma burguesia nacional que fosse anti-imperialista, uma vez que esta classe teria enriquecido e progredido justamente graças ao impulso econômico proporcionado pelo imperialismo (WASSERMAN, 2017). Sua obra “[...] defendia uma essência mercantil capitalista como característica básica de nossa formação econômico-social, presente desde o início da colonização” (WASSERMAN, 2017, p. 26). Caio Prado via com “bons olhos” os benefícios do imperialismo em *A revolução brasileira*⁶⁷, de 1966, mas, no texto *História e desenvolvimento*, de 1989, modifica sua interpretação/compreensão e afirma que: “a participação do capitalismo internacional na economia brasileira constitui assim um embaraço crescente à transformação da mesma economia e à sua libertação do seu passado colonial” (PRADO JR., 1999, p. 128 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 30).

No que tange à tese do feudalismo, trazemos como contraponto o pensamento de Clóvis Moura - que, inclusive, militou pelo PCB até 1962, quando se filiou ao PCdoB. Para

⁶⁶ Sobre o imperialismo, recomendamos a leitura do Livro de Lenin, *Imperialismo: Fase superior do Capitalismo* e das páginas 298-303 do livro [Dicionário do pensamento Marxista](#) - que, por sinal, não faz nenhuma menção a Vânia, mas referencia Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini, Gunder Frank e FHC.

⁶⁷ Importante destacar que, na obra, ele “já punha ênfase no aspecto dependente de nossa economia, atuando como ‘parte dependente e subordinada’ do sistema internacional capitalista. Mas o objetivo político do estudo impediu que ele aprofundasse o tema da dependência ou da caracterização do capitalismo no Brasil, ressaltando apenas que ‘a revolução brasileira, no conjunto de seus aspectos, significa a desconexão daquele sistema[...]. O rompimento dele em sua periferia”. Mesmo assim, apostava na ‘luta por um amplo conjunto de reformas’ e na ‘intervenção decisiva do Estado nas atividades econômicas” (PRADO JR, 1966, p. 311 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 43).

Moura, a formação brasileira adveio do escravismo⁶⁸ colonial, logo, o modo de produção e organização do país era o escravista⁶⁹ e, em suas considerações presentes em *Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo*⁷⁰, de 1983 (p. 132, 134 e 135),

[...] o escravismo atuou como elemento de entrave no desenvolvimento interno do Brasil, foi a instituição que permitiu que a economia de tipo colonial pudesse chegar aos níveis de exploração a que chegou, descapitalizando permanentemente aqueles setores que poderiam compor uma economia de consumo interno, em favor de uma economia de exportação. [...] as sociedades como a brasileira tiveram a sua trajetória histórica assinalada pela formação de dois modelos básicos que se sucederam diacronicamente: o escravista, dominado pelo sistema colonialista e o capitalismo dependente, dominado pelo sistema imperialista. [...] Entre o colonialismo e o imperialismo desenvolveu-se o processo de subordinação estrutural dos dois modelos que foram criados. Por tudo isto, podemos concluir que o modo de produção escravista entrou em decomposição, mas deixou fundos vestígios nas relações de produção da sociedade brasileira. Tais vestígios, tais traços não são porém elementos mortos. O modelo de capitalismo dependente que substituiu o modo de produção escravista deles se aproveitou e faz deles uma parte dos seus mecanismos reguladores da economia subdesenvolvida. Desta forma, os vestígios escravistas são remanejados e dinamizados na sociedade de capitalismo dependente em função do imperialismo dominante.

Ademais, Moura critica, com razão, o não interesse intelectual e político na discussão do escravismo e suas consequências - o que vivenciamos ainda hoje, inclusive no processo de formação - e tampouco o reconhecimento da força e importância dos movimentos revolucionários protagonizados por lideranças negras e afirma que

[...] parece [...] que não sensibiliza ou estimula os nossos cientistas sociais, [...] fugindo, assim, de analisar mais profundamente o modo de produção escravista, como ele se manifestou no Brasil e as muitas (e profundas) aderências sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que deixou na nossa sociedade atual [...] os quatrocentos anos de escravismo foram definitivos na plasmação do *ethos* do nosso país. Penetrando em todas as partes da sociedade, injetando em todos os seus níveis os seus valores e contra-valores, o escravismo ainda hoje é um período de nossa história social mais importante e dramaticamente necessário de se conhecer para o estabelecimento de uma práxis social coerente. [...] Estratificada a sociedade escravista brasileira, todos os movimentos de mudança social tinham de partir da análise do conteúdo das relações entre escravos e senhores e da possibilidade e/ou necessidade da sua substituição por outro regime de trabalho. [...] A sociedade de modelo de capitalismo dependente que substituiu a de escravismo colonial, consegue apresentar o problema do Negro no Brasil sem ligá-lo, ou ligá-lo insuficientemente,

⁶⁸ Indicamos a leitura da monografia [A condição histórica e as formas de organização do negro no Brasil: os desafios impostos pelo racismo, do escravismo colonial ao capitalismo dependente](#), de Vitória Latorre, para uma reflexão acerca da questão étnico-racial na América Latina.

⁶⁹ “Apoiando-se na teoria de Marx, analisou a luta de classes no sistema escravista. Para Clóvis Moura, a sociedade escravista brasileira era subdividida em duas classes antagônicas: os senhores de escravos (classe dominante) e os escravos (classe dominada). Os escravos produziam os bens materiais e as riquezas enquanto os senhores de escravos detinham a propriedade e os meios de produção. Após a abolição, os escravos, apesar de terem produzido as riquezas que alicerçaram a economia brasileira, não tiveram direito à propriedade” (MOURA, 2020, p. 48). Ver *Sobre o Autor*, em [Racismo e luta de classes no Brasil - textos escolhidos de Clóvis Moura](#).

⁷⁰ Ver em: [Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo](#).

às suas raízes históricas, pois tal ligação diacrônica remeteria o estudioso ou interessado ao nosso passado escravista. O sistema competitivo inerente ao modelo de capitalismo dependente, ao tempo em que remanipula os símbolos escravistas contra o negro procura apagar a sua memória histórica e étnica, a fim de que ele fique como homem flutuante, ahistórico. Porque situá-lo historicamente é vê-lo como agente coletivo dinâmico radical desde a origem da escravidão no Brasil. E, por outro lado, revalorizar a República de Palmares, único acontecimento político que conseguiu por um tempo a economia e a estrutura militar colonial; é valorizar convenientemente as lideranças negras de movimentos como as revoltas baianas de 1807 a 1844. E destacar como personagens históricos os nomes de Pacífico Licutã, Elesbão Dandarã, Luís Sanin, Luisa Main e muitos outros. É estudá-lo no âmbito da revolta dos Alfaiates de 1798, na Bahia. É finalmente, mostrar o lado dinâmico da escravidão no Brasil, ou seja, o chamado lado negativo: as insurreições, os quilombos e demais movimentos dinâmico/radicais havidos durante aquele período (MOURA, 1983, p. 124-125).

Por sua vez, Bambilra demonstra em vários momentos suas discordâncias em relação ao pensamento dos pecebistas, e, em conferência em 2012⁷¹, atesta:

[...] a crítica aos PC's tratava de demonstrar que os PC's eram [...] reformistas, eles não queriam revolução, eles queriam reforma. Eles diziam que não havia condições pra um processo revolucionário na América Latina. Então, o que eles propunham? Eles propunham uma aliança com a burguesia nacional, nacionalista e democrática, no seio da qual a classe operária iria buscar a sua hegemonia no processo de uma luta antioligárquica, antiimperialista, e antifeudal. Bom, como vemos na posição dos PC's, [...] eram baseados em falácias, em erros históricos, grosseiros. Em primeiro lugar, falar em luta anti oligárquica é uma bobagem, porque a oligarquia já havia, como eu trato de demonstrar no meu livro, na América Latina toda a burguesia industrial, ela surge associada à oligarquia. São duas classes simbióticas, uma surge de dentro da outra. Então, na realidade, a burguesia industrial nunca era uma inimiga da oligarquia rural, ou da oligarquia exportadora, enfim, ou da oligarquia comercial. Em segundo lugar, se dizer, se falar de luta anti feudal também é um absurdo porque na América Latina nunca existiu feudalismo. E, em terceiro lugar, anti imperialismo, anti imperialismo na América Latina, teria que ser uma luta contra o capitalismo, porque as nossas burguesias já estavam integradas ao imperialismo na condição de sócias menores, né?.

Para além das questões e disputas internas no partido, grupos discordantes se formavam e buscavam a renovação da esquerda para construção de alternativas e, “[...] desde 1959, circulava a revista *Movimento Socialista*, editada por Eric Sachs⁷², que procurava articular os grupos críticos ao PCB” (WASSERMAN, 2017, p. 32). No campo da esquerda da época - agitado após a renúncia de Jânio Quadros em 1961 - havia uma hegemonia⁷³ do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e do PCB, que “[...] foi sendo questionada por

⁷¹ Ver em: [Vânia Bambilra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

⁷² “Eric Sachs era um judeu austríaco, que estivera próximo de Augusto Thalheimer, dirigente antistalinista do Partido Comunista Alemão, e do revolucionário russo Nicolai Bukharin, condenado à morte em 1937 por Stálin. Emigrou para o Brasil com a mãe, em 1939, para fugir do nazismo.[...] seus textos foram lidos avidamente pelos militantes de esquerda no país e, durante pelo menos 25 anos, sustentaram uma das mais originais correntes da esquerda brasileira, a Polop” (WASSERMAN, 2017, p. 32)

⁷³ “Essa hegemonia poderia ser constatada pelo encabeçamento de Luiz Carlos Prestes e João Goulart na lista dos cassados pelo primeiro ato da ditadura, representantes, respectivamente, do PCB e do PTB” (idem).

organizações mais à esquerda e que acusavam os dois partidos de posições ‘reformistas e conciliadoras’” (REIS, 2007, p. 57 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 32).

Foi nesse cenário que nasceu em 1961, como resultado de organizações dissidentes⁷⁴, a Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (POLOP), “[...] o primeiro agrupamento a organizar-se como opção partidária ao PCB” (MIRANDA; TIBÚRCIO, 1999, p. 509 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 31) e representante da esquerda revolucionária. Vânia, Theotônio e Marini participaram da fundação da organização, que, apesar de ter como principal alvo os operários, pois defendia “[...] a independência da classe trabalhadora diante dos partidos burgueses (PTB) ou daquele que propusesse aliança com a burguesia (PCB)” e “[...] propugnava a necessidade de aliança entre os trabalhadores rurais e urbanos em um partido autônomo e com quadros próprios”, obteve maior alcance nos ambientes universitários, “[...] círculos intelectuais e as organizações e partidos de esquerda do que as classes populares ou mesmo os operários” (REIS, 2007, p. 58 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 33).

Os documentos da organização, segundo Wasserman (2017, p. 37) “[...] descartavam a existência de restos feudais [...] e insistiam na radicalização popular que, segundo sua ótica, era obstaculizada pela adesão das esquerdas ao populismo”, forneciam algumas ideias que seriam trabalhadas pela TMD futuramente⁷⁵ e instauraram, conforme escrevem Dal Rosso e Seabra (2016, p. 1032-1033),

[...] um novo marco de interpretação do desenvolvimento capitalista brasileiro: a identificação do caráter capitalista da sociedade brasileira, e que nesse sentido a revolução brasileira não demandaria a “realização” e a “superação” de etapas históricas de transição, senão que caminharía diretamente ao socialismo; a defesa consistente de que não haveria possibilidade da reprodução de experiências estrangeiras para a superação do subdesenvolvimento brasileiro, seja a reprodução do capitalismo central, sejam as experiências socialistas; através do uso original do marxismo como meio de aprofundar a conceituação e compreensão da dinâmica histórica do capitalismo brasileiro, assim, a organização desenvolve uma análise dialética entre a vinculação subordinada brasileira ao mercado mundial e aos interesses dos países imperialistas (Mattos, 2007; Polop, 2009; Leal, 2014).

Entre 1961 e 1964, a Polop, caracterizada por ter uma crítica intelectual ácida - característica marcante também em Vânia - organizou três congressos, que traçaram o

⁷⁴ “[...] dos trabalhistas, dissidentes da Mocidade Trabalhista, de Minas Gerais, onde militavam Theotônio e Ruy Mauro; da Liga Socialista, agrupamento paulista que reivindicava o pensamento de Rosa de Luxemburgo; dos dissidentes do PCB do Rio de Janeiro; e dos militantes da Juventude Socialista, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), também do Rio” (WASSERMAN, 2017, p. 32).

⁷⁵ Nas palavras de Vânia para Sadi Dal Rosso, durante as leituras de *O Capital* na UnB, “a ideia da teoria da dependência não tinha desabrochado. Claro que nas teses da Polop já havia, já se percebia, já estava anotado que as burguesias nacionais eram vinculadas ao imperialismo, a ideia da classe dominante dominada, que a gente vai desenvolver depois no Chile” (BAMBIRRA, 2013, p. 32 *apud* DAL ROSSO; SEABRA, 2016, p. 1039).

Programa socialista para o Brasil, que mostrava o socialismo como necessidade factível e imediata, que destoava muito da revolução em duas etapas defendida pelo PCB. Para Theotônio dos Santos (1994, p. 15) a essência da crítica da organização “[...] ao movimento de esquerda da época se concentrava em sua incompreensão do caráter capitalista da economia brasileira, ainda que dependente”.

Trouxemos, para além da intenção de contextualização, esses embates teóricos internos do PCB - que, apesar de seus equívocos, foi, a seu modo, precursor e abriu caminhos para a esquerda, por considerarmos importante a reflexão da importância de se conhecer a construção do pensamento crítico, e mais, de se salientar que Caio Prado avançou em relação ao pensamento hegemônico do partido, bem como o fez a Polop, entre outros inúmeros exemplos, ou seja, o confronto de ideias, para além da negação, passa também pela incorporação, debate franco e para possibilitar avanços teórico-político-organizativos. Importa ressaltar que, posteriormente nos anos de 1980 e 1990, o PCB realiza uma autocrítica e reconhece os limites e equívocos da interpretação de país assumida na época. Atualmente, quadros relevantes da TMD no país são militantes do PCB e compõem seus coletivos.

1.3 A Universidade de Brasília, a influência de Gunder Frank e as leituras de O Capital

Os jovens estudantes e professores da UnB militantes da Polop, leitores de O Capital, influenciados por Marx, Lenin e Rosa de Luxemburgo, aspiravam estudar a teoria revolucionária para aplicação prática na empreitada de organizar a classe operária. Eles acreditavam, como Lenin, que o trabalho teórico era uma forma de luta, tão importante quanto as lutas econômica e política. O que eles pensavam e propunham no campo político estratégico refletia os estudos teóricos que desenvolviam nos cursos de ciências humanas da universidade. (WASSERMAN, 2017, p. 33)

Julgamos interessante, nesse momento, trazer um panorama da Universidade de Brasília (UnB), por onde Vânia passou em dois momentos distintos de sua trajetória enquanto docente e que, naquele tempo, foi um marco para a esquerda revolucionária⁷⁶. Inaugurada no dia 21 de abril de 1962, a UnB se propunha a “reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país”⁷⁷ e, uma

⁷⁶ Para Marini (1990, p. 7), “[...] seria um erro pensar que ela ficou restrita à universidade: a nova esquerda vinculou-se ao sindicalismo militar então ascendente, principalmente ao movimento dos sargentos, e ao próprio movimento operário que se constituía na capital, a ponto de, no I Congresso Sindical de Brasília, em 1963, estar em condições de bater chapa com o PCB, perdendo por escassa margem”.

⁷⁷ Ver em: [Universidade de Brasília - História](#).

das materializações dessa meta foi a “inovação ao abrigar intelectuais de esquerda, politicamente atuantes⁷⁸” (WASSERMAN, 2017, p. 10).

A Universidade também se destaca por ser pioneira, dentre as instituições federais de Ensino Superior, a criar o sistema de cotas⁷⁹ (SANTOS, 2001). As bases da instituição vieram de seu primeiro reitor, o antropólogo Darcy Ribeiro, e os prédios que abrigariam memoráveis acontecimentos foram projetados pelo brilhante arquiteto comunista Oscar Niemeyer. Lugar marcante do início da carreira docente de Vânia, a Universidade foi concebida pelo seu fundador e idealizador, o educador Anísio Teixeira, que planejou o modelo pedagógico fora dos moldes tradicionais: era sustentada pelo conceito de autonomia e, no lugar das cátedras⁸⁰ e faculdades, era organizada em departamentos e institutos.

Cabe agora trazeremos brevemente a participação e o legado de André Gunder Frank⁸¹, o quarto integrante do “Grupo de Brasília” estudado por Wasserman (2017), tanto no início da formação dos jovens intelectuais Vânia - apesar da atmosfera tortuosa da relação entre ambos⁸², Theotônio e Ruy Mauro quanto na construção da Teoria da Dependência. Segundo Seabra (2019, p. 273), sua influência se deu, entre outras questões, pelo contato com

⁷⁸ Wasserman, em 2012, declara: “Então, quando iniciou a trajetória desse grupo, mais ou menos na década de 60 na recém fundada Universidade de Brasília, [...] prevalecia a figura do intelectual engajado, que buscava uma ligação com o povo, sentia-se dilacerado pelas contradições da sociedade capitalista, era indignado com a desigualdade social e com o subdesenvolvimento e estava, sobretudo, disposto a utilizar sua caneta como arma de transformação política”. Ver em: [Claudia Wasserman - A corrente radical da Teoria da Dependência](#).

⁷⁹ Indicamos, para reflexões acerca do ensino superior brasileiro, a leitura do capítulo 1 da dissertação de mestrado de Adilson Pereira dos Santos, intitulada [Políticas de ação afirmativa, novo ingrediente na luta pela democratização do ensino superior: a experiência da Universidade Federal de Ouro Preto](#) e dos itens 1.2.1, do capítulo 1 e 2.1 do capítulo 2 da monografia de Lucas Aredes Alves, [Determinações históricas e socioculturais da universidade e da extensão universitária brasileira e problemas contemporâneos](#).

⁸⁰ “Os princípios do regime de cátedra-propriedade possuem influências centenárias, como a da Universidade de Coimbra. A universidade latino-americana se desenvolveu influenciada pelo sistema europeu e, sobretudo, ibérico. O antigo catedrático configurava-se como proprietário absoluto que conservava sob sua tutela um domínio do saber, como um senhor feudal. As cátedras eram ocupadas por docentes de modo permanente. Eles decidiam a respeito dos professores assistentes e alguns tinham uma relação de senhores feudais com as áreas de conhecimento que ocupavam” (WASSERMAN, 2017, p. 10).

⁸¹ “Frank nasceu em Berlim, em 1929, mas deixou o país aos quatro anos, com o pai, que fugia do nazismo. Aos 11 anos, fixou residência nos Estados Unidos e cursou economia em uma escola da Pensilvânia. O doutorado em economia foi realizado em Chicago, onde, apesar de ser ótimo aluno, foi convidado a se retirar por incompatibilidade com as teses do grupo hegemônico da Escola, liderado por Milton Friedman. [...] Gunder Frank concluiu o doutorado em 1957 em Chicago e, três anos mais tarde, visitou Cuba, Gana e Guiné. Em Cuba, conheceu o regime de Fidel Castro, que recém iniciava sua luta contra o imperialismo, e nos dois países africanos entrou em contato com o processo de descolonização, que resultou na independência de Gana, em 1957, e da Guiné, em 1958” (WASSERMAN, 2017, p. 09 e 19).

⁸² Havia razões teóricas para esse conflito: “Enquanto em várias de suas obras Frank deixa a entender que o salto de qualidade entre a condição colonial para a dependência é quase insignificante, para Bambirra este salto de qualidade se deve não apenas à mudança na condição da formalidade da independência, mas também à própria dinâmica do desenvolvimento capitalista mundial, da passagem da predominância do capital mercantil para o industrial, tornando mais complexa a integração das novas nações dependentes à divisão internacional do trabalho”. Vânia, em entrevista a Sadi dal Rosso em outubro de 2013, entrega: “[André Gunder Frank] era norte-americano e conservador... Depois desta questão de dizer que no Brasil tinha latifúndio, a gente sempre caiu em cima dele... Eu tinha brigas homéricas com o Frank. Eu pessoalmente não gostava dele, tinha um certo asco com o Gunder Frank” (BAMBIRRA, 2013, p. 37-38 *apud* DAL ROSSO; SEABRA, 2016, p. 1040).

integrantes da revista marxista *Monthly Review* e pelo seminário que ministrou sobre “[...] o pensamento estrutural-funcionalista na sociologia, antropologia e economia norte-americana”, que acumulou durante sua formação na Escola de Chicago⁸³, que ele, Gunder Frank, delinea (1965, p. 7 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 15) como “[...] da mais reacionária da burguesia dos Estados Unidos”.

A partir de tal definição de Frank é impossível não nos remeter ao tempo presente de nosso país, que tem como ministro da economia Paulo Guedes, um dos *Chicago Boys*⁸⁴ e suas declarações⁸⁵ de aversão à ideia do acesso a direitos como o acesso ao ensino superior para o “filho do porteiro” e do lazer da “empregada doméstica indo pra Disneylândia”, de classificar servidores públicos como parasitas, dentre outras falas intragáveis, o que nos lembra da máxima *é do inferno dos pobres que é feito o paraíso dos ricos*. A mão invisível do mercado e a falta de fiscalização nos paraísos fiscais foram verdadeiras aliadas e viabilizaram o aumento da riqueza do referido Ministro da Economia⁸⁶.

Em 1962, Gunder Frank foi convidado a compor o quadro docente da UnB por Darcy Ribeiro, que “[...] almejava aumentar [...] a densidade de docentes qualificados com título de doutorado” (WASSERMAN, 2017, p. 13) como professor de antropologia, e chegou ao país num momento em que as ideias desenvolvimentistas estavam entranhadas nos ambientes acadêmicos e intelectuais e que o neoliberalismo também se colocava enquanto projeto. Sua formação teve uma orientação keynesiana na Pensilvânia e em Chicago, neoliberal - que

⁸³ “O termo Escola de Chicago foi concebido na década de 1950 para se referir a um grupo de professores que lecionava no departamento de economia e que defendia o liberalismo e as teses monetaristas. Eram críticos do keynesianismo e da intervenção do Estado na economia. Para um dos seus mais destacados representantes, Milton Friedman, a crise de 1929 havia sido provocada pelo excesso de interferência estatal na economia e não pela sua escassez. Além de Friedman, outros renomados economistas em Chicago, como George Stigler e Friedrich Hayek, defendiam a economia de mercado e a livre iniciativa” (WASSERMAN, 2017, p. 15).

⁸⁴ “A Universidade Católica do Chile, para combater o predomínio do nacional-desenvolvimentismo, firmou, em 1956, um convênio acadêmico com a Universidade de Chicago. A partir do acordo, foi criado na Universidade Católica do Chile o Centro de Investigaciones Económicas (CIE), resultado de uma missão de célebres economistas de Chicago, defensores implacáveis do livre mercado. Foi estabelecido um programa de bolsas de estudo para estudantes chilenos nos Estados Unidos, que, segundo o site da própria Universidade, alcançaram “notoriedade como acadêmicos, consultores internacionais, funcionários públicos e executivos de importantes empresas. Desse intercâmbio nasceram os Chicago Boys” (WASSERMAN, 2012, p. 87).

Orlando Caputo (2020) revela: Nos anos 1955, os Estados Unidos começaram a pensar que “*havia que se instalar no Chile um centro de investigação dos Estados Unidos e da CIA para estudar a economia chilena porque tinha que chegar [...] onde estava, ademais, a CEPAL e havia que atacar o leão em sua própria caverna e, portanto, de um lado estava a Teoria da Dependência e do outro lado estavam os Chicago Boys, que se organizaram a partir de 55, 60, inclusive durante o governo de Allende prepararam o livro fundamental que permitiu depois os militares o adotarem e o aplicarem digamos com a força brutal que faziam*”.

⁸⁵ Ler em: [As declarações infelizes de Paulo Guedes](#). Acesso em: 18 set. 2021.

⁸⁶ Victor Camejo traz, de forma acessível, uma explanação do paraíso de Paulo Guedes no vídeo disponível em: [JORNAL DE CASA #71 - O PARAÍSO DO PAULO GUEDES](#).

renunciou⁸⁷, da mesma forma que “[...] todo pensamento desenvolvimentista de origem norte-americana. Rejeitou os cânones econômicos a favor da fórmula ‘equidade antes da eficiência’, enfatizando os fatores sociais e políticos” (GILLS, 2005 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 19).

Por conseguinte, segundo Wasserman (2017, p. 44), foi o primeiro autor⁸⁸ a dar “ênfase no subdesenvolvimento latino-americano como parte integrante do mesmo processo que produziu o desenvolvimento nos países centrais do capitalismo”, no livro de 1965 *Capitalismo y subdesarrollo en América Latina (Capitalismo e subdesenvolvimento na América Latina)*, que compreendia ensaios escritos em 1964. É essencial, além de enfatizar que o estudioso era socialista mas não era marxista, abordar essa questão na contextualização da construção da TMD, pois, conforme Wasserman (2017, p. 72-73 e 44-45)

O livro [...] inaugurou as interpretações dependentistas sobre o capitalismo latino-americano. Gunder Frank resgata a noção de totalidade ao definir o subdesenvolvimento, ou o desenvolvimento do capitalismo na periferia, como parte do mesmo sistema e da mesma “etapa” de expansão e desenvolvimento do modo de produção capitalista como um todo. Do ponto de vista político, essa tese servia aos propósitos daqueles que defendiam estar a revolução socialista na ordem do dia na América Latina, contrariando a ideia dos defensores da necessidade de uma revolução democrático-burguesa com antecedência aos anseios socialistas. [...] A partir de Gunder Frank e dos estudos subsequentes que versavam sobre subdesenvolvimento, dependência, relações centro-periferia etc., começou-se a discutir o conteúdo específico da dependência e, sobretudo, teorias próprias para interpretação da realidade periférica e qual a metodologia mais adequada a ser aplicada às análises sobre a região latino-americana.

Na primeira edição do livro - que recebeu críticas⁸⁹ que devem ser consideradas -, no prefácio, o autor discorre sobre a predita polêmica⁹⁰ dos supostos restos feudais no nosso país:

⁸⁷ Vale a leitura desses trechos que Wasserman (2017, p. 47 e 48) traz de uma carta escrita pelo próprio em julho de 1964 para amigos e ex colegas: “‘Eu, então, me demiti da Michigan State University porque senti que [...] metrópole, e, pelo menos toda a sua cúpula, nunca vai produzir ideologia, ciência social ou políticas de ajuda ao mundo subdesenvolvido para este se desenvolver. No futuro, assim como no passado, esses auxílios metropolitanos só puderam ajudar o mundo subdesenvolvido a se tornar ainda mais subdesenvolvido. Eu não posso, em sã consciência, associar-me a esse empreendimento no futuro, como fiz em algum momento no passado. Devo, ao contrário, fazer, ainda que uma pequena parte, para conter a importação da ciência e dos preconceitos políticos metropolitanos. Posso contribuir, por outro lado, para o desenvolvimento político e científico, necessários à libertação. Isto pode envolver, é claro, lutar mais do que com a caneta como uma arma”.

⁸⁸ Destacamos que, nos textos da Revista da POLOP, de 1961 e 1962, já havia menção ao subdesenvolvimento. Ver em: [Revista Política Operária n.4 1962](#).

⁸⁹ Suas teses “ficaram conhecidas como ‘pancapitalistas’, por caracterizar o conjunto da história latino-americana desde o século XVI como capitalista e, dessa forma, empobrecer e simplificar a caracterização do passado colonial. Foi acusado de prestar atenção apenas ao aspecto da circulação de mercadorias, que de fato parecia englobar simultaneamente os países desenvolvidos e os coloniais no mesmo sistema, sem atentar para os aspectos da produção e, sobretudo, para as relações sociais de produção em cada formação econômico-social” (WASSERMAN, 2017, p. 72-73). Marini “aponta o que considera a debilidade de Frank no que se refere ao estudo do capitalismo na América Latina: não discernir entre a situação colonial e a situação de dependência” (MARINI, 1973, p. 112 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 74).

⁹⁰ “Inclusive, para comprovar a inexistência de feudalismo ou de traços feudais no Brasil, Gunder Frank se apoia em dois títulos de Caio Prado Jr., a saber, um artigo da Revista Brasiliense, intitulado “Contribuição para a análise da questão agrária no Brasil”, de 1960, e no livro História econômica do Brasil, de 1962, entre outros

“[...] afirmava que nenhuma parte da economia brasileira é feudal. [...] Para ele, mesmo a aceitação parcial ou a ideia da existência de meros resquícios feudais ‘contamina a percepção da realidade’” (WASSERMAN, 2017, p. 65-66).

Após essa breve contextualização sobre Gunder Frank e seu pensamento, voltamos à UnB. Ao assumir a docência na Universidade, passou a ministrar aulas no curso de mestrado em ciência política, que tinha como alunos Bambirra, dos Santos e Marini, que também eram instrutores da Universidade - Vânia era professora da chilena Marta Fuentes, companheira de Gunder Frank. Era um ambiente especialmente propício para dar asas às mentes desses estudiosos e, para Dal Rosso e Seabra (2016, p. 1036),

[...] a mescla entre a análise empírica e teórica dos jovens instrutores provenientes da Polop, com o ambiente pedagógica e intelectualmente instigante da nova universidade, a preocupação vigente entre professores e instrutores pelos temas do imperialismo, do desenvolvimento e subdesenvolvimento e da dependência, comprovam que, naqueles breves anos, a UnB seguiu sua vocação mais ampla como universidade ao submeter todas as verdades à crítica impiedosa e criadora

À época, se iniciou na instituição, por parte dos pós-graduandos e professores, um seminário permanente para leitura de *O Capital*, no qual os integrantes “[...] procuravam aplicar as análises de Karl Marx à interpretação do desenvolvimento histórico latino-americano” (WASSERMAN, 2017, p. 11). Surgiram grupos de leitura da obra em outras universidades do país e pelo mundo todo e,

[...] um dos grupos mais referidos no Brasil foi organizado pelo filósofo José Arthur Giannotti na Universidade de São Paulo (USP), a partir de 1958, e reuniu, em uma primeira edição, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Francisco Weffort e outras importantes figuras da escola sociológica paulista. [...] O grupo brasiliense permaneceu na sombra, assim como outros círculos de leitura em vários estados periféricos do país, enquanto o grupo “uspiano” se sobressaiu e tem, até hoje, bastante visibilidade, ainda que a maior parte dos “paulistas” tenha feito, segundo um editorial não assinado da revista *Marxismo e História*, “um pouco mais do que estudar o livro, passando posteriormente ao papel de intelectuais orgânicos do capital” (GETTHI-MARX, 2007, p. 02 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 11-12).

Os estudos do *Capital* na UnB foram interrompidos pelo golpe burguês-militar⁹¹ de 1964⁹², um acontecimento que constantemente - e não por acaso - é encadeado à trajetória dos

autores” (WASSERMAN, 2017, p. 66). Isso reforça nossa reflexão sobre a importância da incorporação de ideias anteriores/antagônicas para que se tenha o avanço, o que vai muito além da crítica pela crítica, é a pura construção coletiva de conhecimento.

⁹¹ Termo utilizado por Bambirra em alguns escritos, assim como “militar-burguês”.

⁹² Destacamos a leitura de Marini (1990, p. 8) do golpe: “As interpretações correntes sobre o golpe de 1964, além de considerá-lo mais uma simples quartelada, apresentavam-no essencialmente como resultado da intervenção norte-americana, um corpo estranho, de certo modo - ou, como dissera Leonel Brizola, um raio no céu azul- à lógica interna da vida brasileira. Meu ponto de vista era radicalmente oposto: a ação dos Estados Unidos no Brasil não se podia entender como alheia à realidade nacional, mas como elemento constitutivo dela e

intelectuais da TMD, pois foi na época em que se dedicavam à continuação de sua formação acadêmica e à carreira docente e os impactou drasticamente tanto na vida pessoal quanto acadêmica e política. A universidade, por portar “[...] um projeto aberto para a discussão dos problemas nacionais e internacionais, com liberdade de ensino, pesquisa e iniciativas acadêmicas” (DAL ROSSO; SEABRA, 2016, p. 1035), atraiu e abrigou importantes pensadores e, pelo mesmo motivo, foi uma das instituições mais atacadas pelos militares, que perseguiram estudantes e professores, por eles considerados subversivos e que tinham como uma das prioridades “[...] o total desmantelamento da Universidade de Brasília e sua reformulação” (ALVES, 1984, p. 67 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 34).

A UnB era tão ameaçadora aos olhos dos militares que, na lista que suspendia os direitos políticos por 10 anos, denominada Ato do Comando Supremo da Revolução 1⁹³, Darcy Ribeiro estava elencado entre outras 99 pessoas, como outros nomes que aparecem no decorrer do nosso trabalho, como Leonel Brizola, Jânio Quadros, Celso Furtado, Francisco Julião (WASSERMAN, 2017). Foram sucessivas invasões à Universidade⁹⁴, e a mais violenta delas ocorreu em 1968: 500 pessoas foram detidas na quadra de basquete da Universidade e o estudante Waldemar Alves foi baleado na cabeça, isso na ocasião de um protesto estudantil contra o assassinato, no Rio de Janeiro, do estudante secundarista Edson Luis (UnB, *online*).

Esses são alguns exemplos da perversidade dos golpistas que se diziam revolucionários, que apenas demonstravam sua covardia e procuravam na Universidade

só pudera se tornar efetiva (e, portanto, só se explicava) à luz da luta de classes no país, que fincava suas raízes na economia e determinava o jogo político - e da qual as Forças Armadas eram parte plena”.

Theotônio dos Santos (1994, p. 16) lê o golpe como “a alternativa política [...] fundada sobretudo na hegemonia do grande capital internacional sobre a economia brasileira e que [...] assumia a forma da repressão, do terror, da eliminação física, moral e psíquica do adversário dentro de um contexto similar ao que conduziu a Alemanha, por exemplo, ao nazismo e a Itália ao fascismo. De tal forma que assumia uma perspectiva contrária àquelas dominantes naquele momento. De um lado, os golpistas adotavam uma perspectiva liberal e apresentavam o golpe de Estado como uma retomada do liberalismo econômico e político. Eles acusavam o governo Goulart de tendências ditatoriais, alegando que tentava implantar uma ‘república sindicalista’ no país”.

Nas palavras de Bamberger: “o golpe militar era pra acabar com tudo isso. Exilou, matou, prendeu, enfim, e ao mesmo tempo a necessidade de gerar um novo ciclo de acumulação do capital que atraísse o capital estrangeiro sem temores à subversão [...] O capitalismo, o capital estrangeiro pudesse dominar com tudo. [...] Dominar o quintal aqui tranquilamente, porque o quintal era dele mesmo, e isso se fez através da imposição da política do FMI, que estava baseada no tripé arrocho salarial, arrocho do gasto fiscal e arrocho do crédito da pequena e média burguesia. Então, você não tem aumentos do salário dos trabalhadores, você não tem gasto fiscal com investimento estatal nenhum, você não tem, não dá crédito nenhum à pequena burguesia. A pequena burguesia que se dane, o negócio é gerar mais monopolização, concentração e centralização do capital. Tudo isso, esse tipo de política, naturalmente, é incompatível com um governo democrático, certo? Então, vem os golpes militares. O Brasil foi o exemplo seguido pelo... em todos os sentidos, exemplo político, exemplo militar, inclusive escola de tortura, porque os torturadores brasileiros foram lá pro Chile dar aula de como se torturava, e colocaram cobaia viva chilena lá, pendurada no pau de arara, pra ensinar os chilenos como é que se torturava. Bom, todo mundo sabe disso”. Ver em: [Vânia Bamberger - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

⁹³ Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados](#).

⁹⁴ Ver em [Universidade de Brasília - Invasões históricas](#).

peessoas armadas, mas o único perigo que ofereciam era sua sede e empenho pela obtenção e produção de conhecimento. Em decorrência do golpe, Bambilra, dos Santos e Marini foram demitidos e adicionados à lista de subversivos, e, então, após passarem um difícil período de clandestinidade e instabilidade, partiram em exílio - o casal no Chile e Marini no México - onde encontraram condições para que pudessem amadurecer suas reflexões, se unir em prol do estudo da dependência pelo viés do marxismo e produzir seus mais significativos escritos em forma de livros, ensaios e artigos, além de continuarem politicamente ativos no campo da esquerda latino-americana.

1.4 A discussão acerca da fundação da Teoria da Dependência, as diferentes correntes teóricas e o pensamento da TMD

[...] por ser a “teoria da dependência” produto de várias correntes teóricas, definir as diferenças entre abordagens permite compreender quais foram os elementos que contribuíram para a conformação do grupo de intelectuais que começou a trajetória em Brasília e distinguiu-se das demais interpretações a respeito da “noção de dependência” (WASSERMAN, 2017, p. 62).

Antes de tratarmos especificamente das reflexões dos autores da TMD, consideramos pertinente tocar num tópico um tanto quanto sensível, mas que tem a nos contribuir: a gênese da Teoria⁹⁵ da Dependência - não por questões de mérito e nem de inculcar a responsabilidade à corrente marxista, mas a título de contribuição para a reflexão como um todo, inclusive no que tange ao não reconhecimento dos autores que assumimos enquanto referência e no entendimento das próprias disputas ali presentes.

Segundo Seabra (2019, p. 271 e 274) a Teoria da Dependência⁹⁶ “[...] começa a se configurar como corrente entre 1963 e 1967” e tem como primeiro berço o Brasil, tendo em vista que “[...] foi o primeiro país cuja crise do desenvolvimentismo se apresentou com maior profundidade, levando à ruptura do regime democrático e à instauração da ditadura militar como novo modelo de dominação burguesa”. Nos apontamentos de Theotônio dos Santos (1994, p. 20),

⁹⁵ “[...] é perceptível nos esquemas de classificação das contribuições sobre a dependência, mesmo quando captam o processo de formação e as peculiaridades dos vários autores, a dificuldade em situá-la como teoria, como sistema explicativo complexo mediado por conceitos e categorias. Assim, é muito comum encontramos referências à dependência como *noção, enfoque, paradigma, escola, perspectiva, situação* e *não como teoria*” (SEABRA, 2019, p. 276).

⁹⁶ Nas palavras de Marini (1990, p. 42), “[...] traço peculiar da teoria da dependência, qualquer que seja o juízo que dela se faça: sua contribuição decisiva para alentar o estudo da América Latina pelos próprios latino-americanos e sua capacidade para, invertendo por primeira vez o sentido das relações entre a região e os grandes centros capitalistas, fazer com que, ao invés de receptor, o pensamento latino-americano passasse a influir sobre as correntes progressistas da Europa e dos Estados Unidos”.

Fernando Henrique Cardoso e André Gunder Frank reivindicam muito sua autoria. Eu sou apontado por vários autores como seu fundador. Na verdade, como todo movimento de ideias, a ‘teoria da dependência’ foi um produto coletivo, resultado da crise do modelo de substituição de exportações e do movimento populista na América Latina. No interior do movimento, formaram-se várias correntes e orientações diferenciadas que vão se separar com o correr do tempo.

Wasserman (2017, p. 72), a partir das palavras de Marini (1973, p. 194): “É avançando nesta direção que aceleraremos o parto da teoria marxista da dependência, libertando-a das características funcional-desenvolvimentistas que lhe aderiram em sua gestação”, compreende “que a Teoria da Dependência nasceu ‘marxista’ e foi ‘impregnada’ de pensamento funcional-desenvolvimentista no início do seu percurso”. Destarte, segundo a autora, houve uma espécie de desvio pela parte das demais correntes do sentido original do que viria ser a Teoria da Dependência, o que explica a notável incompatibilidade com a TMD.

Em relação às correntes de pensamento que conformam a Teoria da Dependência, é necessário, mesmo que brevemente, trazer um pouco dessa diferenciação⁹⁷, até para se visualizar alguns dos motivos pelos quais a TMD foi tão isolada e desconsiderada. Assim, recorreremos ao artigo *Do dependentismo à teoria marxista da dependência: uma síntese crítica desta transição*, escrito por Raphael Seabra (2019), que discorre acerca da atribuição da “paternidade” da Teoria da Dependência a determinadas figuras, o que demonstra como Vânia realmente foi uma exceção nesse espaço dominado por homens. O autor, tratando da heterogeneidade de perspectivas no estudo da temática Dependência, traz o ensaio de Gabriel Palma (1987), chileno presente nas tentativas iniciais de categorizar os autores da “*Escola da Dependência* surgida no início de 1960”, que define três linhas analíticas.

i. O primeiro enfoque, *a teoria da dependência como teoria do subdesenvolvimento*, iniciada por Frank e continuada na Escola do Centro de Estudos Socioeconômicos da Faculdade de Economia da Universidade do Chile (Ceso) por Dos Santos, Marini, Caputo e Pizarro, com contribuições de cientistas sociais do Centro de Estudos da

⁹⁷ “O debate entre os diversos enfoques da teoria da dependência mobilizou três aspectos que foram centrais na definição de quem era quem no ambiente intelectual da época: o conteúdo empírico da dependência, o aspecto metodológico e a questão teórica. Predominou, primeiramente, uma inquietação muito forte com a questão empírica. Essa preocupação levou os autores a buscar o conteúdo concreto da dependência, permitindo a investigação dos aspectos socioeconômicos concretos da realidade latino-americana. Outra questão estava relacionada à metodologia, debate relativo à investigação da existência de leis próprias do capitalismo em regiões dependentes. Tratava-se de distinguir entre os autores que defendiam a existência de leis específicas do desenvolvimento dependente e aqueles que consideravam a existência de leis gerais do modo de produção capitalista que, segundo sua ótica, poderiam ser pensadas para explicar igualmente os países hegemônicos e as regiões dependentes do planeta. Finalmente, destacava-se o aspecto teórico do debate relacionado com a caracterização da dependência enquanto conceito. Tratava-se de erigir o termo dependência à categoria de conceito, permitindo que a simples enunciação da palavra fosse suficiente para explicar situações concretas e a compreensão das características comuns a essas regiões” (WASSERMAN, 2017, p 46).

Realidade Nacional (Ceren) da Universidade Católica como Hinkelammert. A grande característica desse enfoque é a defesa da existência de uma teoria geral da dependência e que o desenvolvimento da periferia dentro do capitalismo é impossível, restando apenas a ruptura com o sistema capitalista como meio de desenvolvimento dos países dependentes.

ii. O segundo enfoque, a “dependência” como nova formulação da análise da Cepal sobre o desenvolvimento da América Latina, como a própria definição já indica, é parte do esforço de autores associados à instituição para a reformulação das análises do desenvolvimento latino-americano desde uma perspectiva crítica dos obstáculos ao desenvolvimento nacional. São representativos desse esforço os trabalhos de Celso Furtado, Aníbal Pinto, Osvaldo Sunkel, Maria Conceição Tavares. [...].

iii. O último enfoque – *metodologia para a análise de situações concretas de dependência* – é obviamente dedicado ao conjunto da obra de Fernando Henrique Cardoso. Ainda que compartilhe a noção de integração da periferia ao sistema mundial e as relações entre o interno e o externo, esse enfoque apresentaria superioridade frente aos demais por não desenvolver uma teoria mecânica-formal da dependência, posto que avalia concretamente os elementos internos que viabilizam a forma de integração e de desenvolvimento nos marcos da dependência (PALMA, 1987: 71-72).

O primeiro detalhe por nós notado foi a não menção ao nome de Bambirra, o que também ocorreu em outros dois exemplos citados por Seabra: Jorge Larrain (1998) e Magnus Blomström e Bjorn Hettne (1984). É apresentada uma última tentativa de classificação, elaborada pelo também chileno Cristóbal Kay (1989), que, diferentemente de todos os outros, mencionou Vânia como participante da “Escola Latino-Americana”, cujos objetivos eram “[...] descobrir e iluminar peculiaridades e distinções econômicas, sociais e políticas da América Latina em comparação com aqueles países capitalistas desenvolvidos”, bem como “[...] descobrir os mecanismos externos e internos de exploração e dominação com o objetivo de elaborar um padrão de desenvolvimento livre da exploração e opressão” (KAY, 1989, p. 18 *apud* SEABRA, 2019, p. 269).

Kay diferencia os autores da dependência entre marxistas e reformistas, com base em três aspectos: o embasamento teórico, o posicionamento em relação ao desenvolvimentismo e as concepções políticas. Os marxistas, “Ruy Mauro Marini, Theotônio Dos Santos, André Gunder Frank, Oscar Braun, Vania Bambirra, Aníbal Quijano, Edelberto Torres-Rivas, Tomás Amadeo Vasconi, Alonso Aguilar e Antonio García”, são radicalmente críticos às posições desenvolvimentistas e, reconhecendo o conservadorismo das burguesias locais, negam alianças de caráter populista, reivindicam a revolução socialista como único caminho para a superação da dependência e do subdesenvolvimento (KAY, 1989 *apud* SEABRA, 2019). Já os reformistas, “Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, Osvaldo Sunkel, Celso Furtado, Helio Jaguaribe, Aldo Ferrer e Aníbal Pinto”, assumem “uma versão modificada da teoria da modernização-desenvolvimentista” recebem a crítica dos marxistas por sobrevalorizar a

“dependência externa” e, por sua vez, consideram a concepção dos seus opostos - socialismo como saída - uma utopia (KAY, 1989 *apud* SEABRA, 2019, p. 270).

Recorremos a essas classificações - que não são as únicas⁹⁸ - para demonstrarmos, além do não lugar de Bambilra em grande parte das considerações acerca das correntes da Teoria da Dependência, que, em concordância com Seabra (2019, p. 262) se coloca em evidência uma “[...] tendência à polarização entre reforma e revolução, entre situação e teoria da dependência”.

Cabe-nos agora trazer alguns pontos chave a título de identificação, apreensão e reflexão do pensamento da TMD, pois, rotulados como um grupo polêmico e, “[...] apoiados na ideia de combater o eurocentrismo dominante nas interpretações acerca da realidade da América Latina” (WASSERMAN, 2017, p. 93), compartilharam, além de vivências, produções intelectuais e atuação política que os diferem - em muito - de outros grupos que se dedicaram a entender e contribuir com a superação da dependência da América Latina, analisando as conjunturas e compreendendo o território como um todo⁹⁹ que, apesar das factuais particularidades de cada país relativas à sua formação, território, processos políticos, entre outros, é sufocado pelas garras imperialistas. Para Bambilra (1985 *apud* SEABRA, 2019, p. 265),

O debate na vertente marxista da dependência respondia diretamente a duas questões elementares: de um lado, a compreensão do caráter e das contradições do capitalismo dependente no pós-guerra; de outro, fornecer as bases para a orientação tático-estratégica para os movimentos revolucionários da região frente aos duros reveses sofridos pelos erros programáticos anteriores da esquerda.

Esses erros aos quais a autora se refere têm ligação com “[...] o aprofundamento das críticas provenientes de círculos intelectuais radicais aos partidos que até então polarizaram as esquerdas no país” (DAL ROSSO; SEABRA, 2016, p. 1031) que eram o PCB e o PTB e

⁹⁸ Outra interessante reflexão vem de Carlos Eduardo Martins (2012, p. 15-16), que trata das Teorias da Dependência: “As teorias da dependência abandonaram a tese de um modelo nacional de capitalismo a ser internalizado e buscaram nossa originalidade numa forma específica de inserção na mundialidade que constitui e é constituída pelo capitalismo. Mas essa convergência inicial deu lugar a importantes divergências em seu âmbito, referentes a como se posicionar politicamente diante do capitalismo dependente. Duas grandes visões se estabeleceram: a weberiana, por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, e a marxista, principalmente por Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini, Vânia Bambilra e Orlando Caputo. A primeira teorizou a dependência para aceitá-la como o padrão de desenvolvimento e dominação das sociedades latino-americanas e a segunda, latinoamericanista, para buscar sua superação”.

⁹⁹ Wasserman (2017, p. 14-15) traz a hipótese de que “[...] as definições atribuídas ou auto-atribuídas ao grupo obscureceram principalmente a profundidade do latino-americanismo desses autores, que foram mais capazes do que outros intelectuais da mesma época, de pensar além do âmbito do estado nacional, ao passo que seus oponentes quiseram reafirmar a ideia de um Brasil diferente dos vizinhos, mais potente e com maior capacidade de superar a dependência que os demais e, sobretudo, sem eles. O que os tornou latino-americanistas não foi apenas o périplo latino-americano (isso, muitos outros fizeram também), mas as influências teóricas e as posições políticas, entre outros fatores”.

surge, então, a esquerda revolucionária¹⁰⁰, ou nova esquerda, que abriga, entre outros, Vânia e seus pares.

Os escritos da TMD abarcam uma variedade de temáticas como formação sócio-histórica, economia, partidos e programas políticos, táticas de superação do capitalismo, anti-imperialismo, integração entre os países do subcontinente, buscando usar “[...] sua capacidade de diagnosticar a realidade social para interferir nas estratégias destinadas à transformação da sociedade brasileira e latino-americana” (WASSERMAN, 2017, p. 80). Essa transformação, deve-se ter sempre em mente, se dá pela via socialista e de caráter anti-imperialista, o que, além de evidenciar o caráter militante¹⁰¹ da corrente, é um ponto chave para refletirmos acerca das polêmicas e dos choques¹⁰² com outras correntes, que se empenharam em torná-los ignorados e menosprezados ao longo da história.

A afinidade política e teórica afirmada pelos próprios autores traz uma ideia de que, no interior da TMD, não há divergências ou críticas, o que não corresponde à realidade, e trazemos uma das questões apresentadas por Wasserman (2017, p. 83-86): a abordagem da transição ao socialismo. Há uma “[...] coincidência do pensamento de Theotônio e Bamberra no que se refere a uma ‘etapa’ pequeno-burguesa e democrática da transição” expressa no livro de Vânia *A Revolução Cubana: uma reinterpretação*¹⁰³, de 1973, onde a autora faz sua análise do papel da pequena-burguesia e da “etapa democrática” no processo revolucionário e coloca que é “[...] já é tempo de superar tais auto preconceitos” e Marini, no prefácio deste livro, alerta a autora, apontando uma imprecisão terminológica, com o perigo de induzir à confusão quem lê tais considerações e argumenta que essa “etapa democrática” da transição configura “[...] um período de intensa luta de classes e de disputa palmo a palmo pelo poder

¹⁰⁰ A Revolução Cubana é por muitos entendida como a propulsora da esquerda revolucionária. Nas palavras de Marini (1990, p. 5), “[...] a gestação da esquerda revolucionária brasileira e latino-americana -particularmente na Argentina, no Peru, na Venezuela e na Nicarágua - não é, como se pretende, efeito da Revolução cubana, mas parte do mesmo processo que deu origem a ela - independentemente de que passe a sofrer forte influência sua, nos anos 60”.

¹⁰¹ Conforme afirma Bamberra em 2012: “a teoria da dependência é assumidamente uma teoria militante, [...] desde que a gente iniciou os nossos estudos, a gente foi percebendo que o capitalismo dependente tinha um processo diferente do centro hegemônico e dos países capitalistas desenvolvidos [...] que era impossível [...] pensar como a CEPAL, que os países capitalistas dependentes tinham como a meta ser algum dia países capitalistas desenvolvidos. Isso é uma... realmente uma utopia”. Ver em: [Vânia Bamberra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

¹⁰²[...] Wasserman (2017, p. 33-34) elenca algumas dessas divergências, visto que os intelectuais da TMD “direcionaram seus estudos teóricos para o exame das atividades econômicas, com o intuito de provar o pleno estabelecimento das relações capitalistas de produção no Brasil (crítica identificação dos traços feudais), a interdependência entre os setores ‘modernos’ e ‘arcaicos’ (crítica ao dualismo estrutural) e a inexistência de uma fase de subdesenvolvimento na trajetória do modo de produção capitalista (crítica ao estagnacionismo). Os alvos da crítica desses intelectuais foram as teorias da modernização de Rostow, o pensamento nacional-desenvolvimentista da Cepal e o nacionalismo do Iseb, o reformismo comunista do PCB e o estagnacionismo, bem como as teses funcionalistas do pensamento da sociologia da USP”.

¹⁰³ Disponível em espanhol em: [La Revolución Cubana: una reinterpretación](#) .

do Estado” e não de cunho pequeno-burguês. Vale ressaltar que, ao longo do texto, Vânia elucida essa imprecisão e demarca que a pequena burguesia é incapaz de construir um projeto próprio e que se prende a um dos projetos, cumprindo um papel importante no projeto proletário.

Já Theotônio dos Santos, em *Bendita crise! Socialismo e Democracia no Chile de Allende*¹⁰⁴, de 1972, faz uma análise sobre a conjuntura do país e a armadilha do dispositivo “reforma constitucional” que prendia o governo popular a amarras legais e, para escapar, “[...] só é possível se a lei atual é usada como um instrumento para sua própria destruição e para a criação de uma nova legalidade socialista”, ou seja, valer-se de “[...] todos os aspectos positivos da legalidade atual, criando assim as bases do novo Estado”. Essas palavras nos remetem à máxima do ‘Estado como comitê executivo da burguesia’ (ENGELS; MARX, 2008), constantemente mencionada durante nossa formação em Serviço Social na UFOP, o que não devemos perder de vista, inscrevendo tal máxima, obviamente, no contexto da luta de classes.

Marini (1974, p. 77-91 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 86) não contrapôs diretamente Theotônio, mas, em *Reforma e Revolução: Uma crítica a Lelio Basso*, de 1974, expõe seu posicionamento em oposição à ideia de que “[...] no interior do sistema capitalista, se originasse uma ‘lógica socializante’, caracterizada por um processo de reformas” e atesta que reformar uma velha sociedade não resultará em uma nova. Compreende, então, que “[...] modificações introduzidas no ordenamento jurídico capitalista, mediante a pressão das massas’ não fazem mais do que ‘desenvolver o sistema capitalista mesmo”, ainda que sejam em certa medida favoráveis aos trabalhadores”.

Estamos de acordo com Wasserman quando afirma que, mesmo que a investigação seja sobre o grupo, marcado especialmente pela sua oposição ao pensamento hegemônico, “[...] a análise de cada indivíduo poderá revelar especificidades intelectuais que somente podem ser identificadas pela interpretação de seus textos e a partir de seus debates internos” (WASSERMAN, 2017, p. 06). Coadunando com o fato de que Vânia reivindica Ruy Mauro e Theotônio como seus parceiros e integrantes da TMD, trataremos um pouco das

¹⁰⁴ O artigo foi um dos mais criticados e gerou muitas intrigas e difamação. O autor explica (1994, p. 66-67): “Neste artigo eu mostrava que a crise econômica era fruto da redistribuição da renda a favor dos trabalhadores. Eu afirmava: ‘O aumento de consumo das massas cria uma pressão pela solução positiva da crise, aumenta a capacidade de mobilização, cria uma consciência aguda das debilidades do sistema produtivo atual e dos obstáculos que representa a propriedade privada dos meios de produção. Abre-se assim uma situação favorável a uma ampla mobilização de massas em torno de questões concretas de caráter nitidamente socialista. Em resumo: põem-se em tensão todas as forças produtivas do país e o capitalismo dependente salta em pedaços sob a pressão econômica e política das massas. Bendita crise!’ A prova de que estava correto é que a U.P. avançou enormemente neste período”.

particularidades deles antes de nos dedicarmos à vida e obra de Vânia enquanto mulher e lutadora social, e acerca de como a ‘questão da mulher’ aparece em sua obra.

1.5 As contribuições de Ruy Mauro Marini para a TMD e para o pensamento crítico na atualidade

Ruy, em sua simplicidade, era, ao mesmo tempo, sofisticado, no melhor sentido da expressão. Apesar disso, quanto mais desenvolvia o seu raciocínio brilhante e dialético, mais me foi envolvendo e conquistando e, quando os debates se desdobraram, eu já tinha a certeza de que aquele era um companheiro definitivo, confiável (BAMBIRRA, 2005, s.p.).

Nascido em 1932 na cidade mineira de Barbacena, Ruy Mauro de Araujo Marini¹⁰⁵, após se formar em um colégio público da cidade, se dedicou a aprender espanhol, inglês, francês e latim e partiu para o Rio de Janeiro em 1950 com o propósito de estudar Medicina, o que não durou muito, pois deixou o cursinho preparatório e, em 1953, buscando uma formação humanística, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Não satisfeito, partiu para a Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), da Fundação Getúlio Vargas, onde recebeu bolsa para estudar em tempo integral. Seguiu para a França¹⁰⁶ em 1958 “[...] a fim de cursar o Instituto de Estudos Políticos da Universidade de Paris, o badalado SciencesPo” (MARINI, 1990, p. 4), onde leu, pela primeira vez, Hegel e Marx. Voltou ao Brasil em 1960, atuou como jornalista e, a partir de 1962, deu continuidade à formação acadêmica na UnB, que foi interrompida pelo golpe.

Em relação à Vânia Bambirra, Ruy Mauro Marini foi uma pessoa importante em vários aspectos, pois, como veremos adiante, foi alguém que a autora confiava e nomeava como seu melhor amigo e companheiro definitivo¹⁰⁷. Compartilharam o início e grande parte

¹⁰⁵ Para informações sobre a trajetória, carreira e obra de Marini, indicamos [Documentário: Ruy Mauro Marini e a dialética da dependência](#), o Memorial escrito por Marini em 1990, disponível em [MEMORIA Ruy Mauro Marini](#), o acervo [Ruy Mauro Marini Escritos](#) e o livro *Ruy Mauro Marini: Vida e Obra*, organizado por Roberta Traspadini e João Pedro Stedile e publicado em 2005 pela Editora Expressão Popular.

¹⁰⁶ Esse momento foi importante para o pensamento crítico do jovem Marini: “O período que ali passei coincidiu com o auge da teoria desenvolvimentista na América Latina e no Brasil. [...] Ao mesmo tempo, esse era o momento em que a descolonização era vivida dramaticamente pela França, mediante a derrota na Indochina e a radicalização da guerra da Argélia, provocando rupturas ao interior dos grupos políticos e intelectuais -fenômeno que acompanhei com vivo interesse, tanto mais que, em meu meio, eu convivia com jovens militantes argelinos, cambojanos e vietnamitas, além dos que provinham das colônias da África negra. As teorias do desenvolvimento, em voga nos Estados Unidos e nos centros europeus, se me revelaram, então, como o que realmente eram: instrumento de mistificação e domesticação dos povos oprimidos do Terceiro Mundo e arma com a qual o imperialismo buscava fazer frente aos problemas criados no pós-guerra pela descolonização. Começa, então, o meu afastamento em relação à CEPAL, fortemente influenciado, ademais, pela minha crescente adscrição ao marxismo” (MARINI, 1990, p. 4-5).

¹⁰⁷ Bambirra (2005, s.p.) relata que se conheceram numa reunião da Polop, no início dos anos 60. Ver em: [Ruy Mauro Marini: meu melhor amigo!](#).

da carreira docente, militância política, vivências pessoais, exílios e a resistência ao bloqueio empenhado pelos seus concorrentes teóricos, e a amizade entre os dois durou a vida inteira¹⁰⁸.

No que tange à TMD, Marini é, por muitos, considerado seu principal representante, bem como é correntemente o primeiro autor a ser incorporado, especialmente pelo ensaio *Dialética da Dependência*¹⁰⁹ - podemos afirmar pessoalmente com base nas experiências até aqui acumuladas em disciplinas e nos TCC's que tocam na questão do caráter dependente¹¹⁰ do capitalismo latino-americano aos quais tivemos acesso. Compreendemos tamanho prestígio - ao passo que reivindicamos a presença da vasta obra de Vânia -, pois o *Dialética*, publicado pela primeira vez em 1972, ainda oferece caminhos fundamentais¹¹¹ para a compreensão da nossa realidade enquanto subcontinente e é o alvo de uma das mais destacadas polêmicas entre Marini - e, conseqüentemente, a TMD - e Fernando Henrique Cardoso e José Serra¹¹². Nas palavras de Marini (1990, p. 20 e 34):

¹⁰⁸ Marini faleceu em 1997, e Vânia compartilha seu sentimento em: “Reencontramo-nos então, na UnB, no Departamento de Ciências Políticas e Relações Internacionais. Ruy, logo que completou o prazo legal para se aposentar, retornou ao Rio de Janeiro. Não gostava de Brasília, da sua secura, e costumava dizer: ‘é a única cidade onde a gente torce para chover’. [...] Ruy ficou doente. Continuamos a nos falar muito por telefone (eu sentia quando ele estava mal por sua voz) e pessoalmente quando eu vinha ao Rio. Um dia recebi a notícia de que ele estava hospitalizado. Tomei um avião e vim, junto com meu filho, para vê-lo, por uns breves minutos, em uma UTI. Logo depois, Ruy morreu. Não tive coragem de vir ao seu enterro. Chorei sozinha em Brasília. Preferi guardar sua recordação bem viva, irônica, brilhante. Sinceramente? Foi o maior amigo que tive (2005, s.p.).

¹⁰⁹ Ver em: [Vista do Dialética da Dependência](#).

¹¹⁰ Destacamos o trecho provavelmente mais conhecido do ensaio e presente em variadas produções, onde Marini corporifica a dependência “[...] as relações da América Latina com os centros capitalistas europeus se inserem em uma estrutura definida: a divisão internacional do trabalho, que determinará o sentido do desenvolvimento posterior da região. Em outros termos, é a partir de então que se configura a dependência, entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. A consequência da dependência não pode ser, portanto, nada mais do que maior dependência, e sua superação supõe necessariamente a supressão das relações de produção nela envolvida” (MARINI, 2017, p. 327).

¹¹¹ Nas palavras de Marini (1990, p. 19): “[...] o que eu procurava era o estabelecimento de uma teoria intermédia, que, informada pela construção teórica de Marx, conduzisse à compreensão do caráter subdesenvolvido e dependente da economia latinoamericana e sua legalidade específica. [...] era um texto inegavelmente original, tendo contribuído para abrir novo caminho aos estudos marxistas na região e colocar sobre outras bases o estudo da realidade latino-americana”.

¹¹² “No artigo ‘As desventuras da dialética da dependência’, de Fernando Henrique e José Serra (1978:4), os autores criticam as teses de Ruy Mauro Marini.[...] Encontrei na p. 3 a seguinte afirmação: ‘Oxalá possamos, nesse artigo, senão propor alternativas (que seria pedir muito), pelo menos colocar trancas que fechem falsas saídas’ A ‘falsa saída’ a que os autores se referem é certamente o socialismo” (WASSERMAN, 2017, p. 113). Sobre a polêmica, Bambirra (s.d., s.p.) declara em entrevista: “Quando nós chegamos no Brasil nós descobrimos que a Teoria da Dependência tinha se espalhado pelo mundo, mas que tinha sido bloqueada no Brasil. Um dos responsáveis por isso sem nenhuma dúvida foi o Fernando Henrique Cardoso, porque ele fez uma crítica absolutamente injusta de quem parece que leu *O Capital* mas não entendeu bem, fez uma crítica horrorosa junto com o Serra a Ruy Mauro Marini, e escreve nessa crítica que o objetivo é trancar com cadeias bem fortes a penetração da influência desse pensamento na juventude e na Universidade brasileira. E ele conseguiu, porque só agora, 40 anos depois, a Teoria da Dependência começa a despertar interesse no Brasil, quando há 40 anos atrás ela despertou no mundo inteiro”. Ver em: [Homenagem a Vania Bambirra](#).

Lançado à circulação, meu ensaio provocou reações imediatas. A primeira crítica veio de Fernando Henrique Cardoso [...]. Defendendo com zelo a posição que conquistara nas ciências sociais latino-americanas, e que ele acreditava, ao parecer, ameaçada pela divulgação do meu texto [...] a crítica de Cardoso inaugurou a série de deturpações e mal-entendidos que se desenvolveu em torno ao meu ensaio [...]. Mas se as reações adversas ao meu ensaio não se fizeram esperar, o interesse e o aplauso tampouco. [...] É, sem dúvida, a coisa mais grosseira que já se escreveu contra mim, o que me forçou -deixando de lado certa indiferença que sempre senti pela sorte dos meus escritos- a fazer uma réplica em forma.[...] A polêmica teve grande difusão no exterior, não parecendo ter sido ali alcançada a desqualificação visada pelos autores do ataque, à diferença do Brasil, onde minha resposta sequer foi publicada.

As respostas de Marini vieram sob o título *As razões do neodesenvolvimentismo* (tradução nossa), mas o autor pensou em intitular *Por que eu me gabo da minha burguesia* (tradução nossa), “[...] ironia que Cardoso e Serra faziam por merecer” (MARINI, 1990, p. 34).

Para Osório (2004, p. 138 *apud* SEABRA, 2019, p. 279) foi no referido ensaio “[...] quando mais se avançou na formulação de uma teoria marxista da dependência”. Não nos aprofundaremos na exposição do ensaio, porém, destacamos alguns apontamentos nele presentes, como a integração ao mercado mundial, troca desigual, superexploração da força de trabalho¹¹³, que conferem uma significativa contribuição no sentido de autoconhecimento e autorreflexão dos latino-americanos, o que reflete no próprio enfrentamento de tais condições.

A obra de Marini é tanto original quanto densa, e, para refletirmos acerca de suas particularidades, recorreremos ao artigo *O pensamento de Ruy Mauro Marini e sua atualidade para as Ciências Sociais*¹¹⁴, de Carlos Eduardo Martins (2013) onde o autor apresenta, num primeiro momento, além da enumeração das razões pelas quais Marini é - mesmo sendo o mais conhecido entre os três - pouco discutido no Brasil e suas quatro temáticas de maior importância: economia política da dependência, análise do modelo político latino-americano,

¹¹³ “[...] o problema colocado pela troca desigual para a América Latina não é precisamente o de se contrapor à transferência de valor que implica, mas compensar a perda de mais-valia, e que, incapaz de impedi-la no nível das relações de mercado, a reação da economia dependente é compensá-la no plano da produção interna. O aumento da intensidade do trabalho aparece, nessa perspectiva, como um aumento da mais-valia, obtido através de uma maior exploração do trabalhador e não do incremento de sua capacidade produtiva. O mesmo se poderia dizer da prolongação da jornada de trabalho, isto é, do aumento da mais-valia absoluta na sua forma clássica; diferentemente do primeiro, trata-se aqui de aumentar simplesmente o tempo de trabalho excedente, que é aquele em que o operário continua produzindo depois de criar um valor equivalente ao dos meios de subsistência para seu próprio consumo. Deve-se assinalar, finalmente, um terceiro procedimento, que consiste em reduzir o consumo do operário mais além do seu limite normal, pelo qual "o fundo necessário de consumo do operário se converte de fato, dentro de certos limites, em um fundo de acumulação de capital", implicando assim em um modo específico de aumentar o tempo de trabalho excedente” (MARINI, 2017, p. 333).

Indicamos a leitura da monografia [Capitalismo dependente: considerações acerca da categoria superexploração da força de trabalho](#), de Igor Ferreira, que assumiu fortemente a TMD e debateu suas categorias e polêmicas atuais e, para fins de reflexão sobre o sofrimento causado pela superexploração, e a leitura da monografia [Exploração como padrão de adoecimento: os novos processos de trabalho e o sofrimento da trabalhadora e do trabalhador no Brasil](#), de Alice Maria Gomes Santos.

¹¹⁴ Ver em: [Desenvolvimento e Dependência: cátedra Ruy Mauro Marini](#).

o socialismo enquanto movimento político e o pensamento latino-americano. Nos ateremos aos dois primeiros.

Para tratar da economia política da dependência, Marini se dedica a algumas teses fundamentais e parte de sua compreensão do sistema capitalista como hierarquizado mundialmente, o que o leva, sob a luz do “[...] método marxista de mover-se do abstrato para o concreto” (MARTINS, 2013, p. 17) à superexploração¹¹⁵ do trabalho, que fundamenta os padrões de acumulação dos países dependentes e é a reação às quedas da taxa de lucro. Aponta o encadeamento da mais-valia extraordinária à inovação tecnológica, concentradas nos bens de consumo suntuário e não nos bens de consumo necessários e os desdobramentos disso, tanto para os países centrais quanto para os dependentes. A globalização capitalista - “[...] movimento em direção à mundialização da lei do valor e ao nivelamento das taxas de lucro que é impulsionado pela apropriação da revolução técnico-científico pelo capital” (MARTINS, 2013, p. 21) - e seus fundamentos passa a ser discutida por Marini nos anos 1990, época em que, para ele, a superexploração, até então presente nos países dependentes, se estende aos países centrais devido ao processo de reorganização da divisão internacional do trabalho advinda das novas formas pelas quais a mais-valia extraordinária passou a ser obtida.

A tese do subimperialismo¹¹⁶, elaborada ainda nos anos 1970, também é central no que tange à economia política em Marini e é caracterizada por Martins (2013, p. 22) “[...] do

¹¹⁵ Destacamos uma fala de Carla Ferreira (2020) para pensarmos a superexploração: “[...] particularmente no Brasil, as relações de superexploração, que são agudizadas no período da ditadura militar, dando origem ao que a economia política burguesa chama de “milagre econômico brasileiro”, que a gente sabe, não foi obtido graças à elevação da produtividade do trabalho assentada sobre inovações tecnológicas que economizem, digamos assim, o desgaste da força de trabalho, mas, ao contrário, com base numa aguda intensificação do trabalho, particularmente nos setores mais dinâmicos da economia [...] por exemplo, da indústria automobilística, que elevou em 40% sua produtividade sem nenhuma inovação tecnológica, só com base na extensão da jornada de trabalho e da intensificação do trabalho, símbolo, aliás, [...] que a liderança do Lula expressa tão bem com aquele acidente de trabalho que lhe falta um dedo, né, essa classe trabalhadora mutilada pela superexploração no período da ditadura é, digamos assim, o que melhor sintetiza o milagre econômico”. Ver em: [Vânia Bambirra e a Teoria Marxista da Dependência, live com Carla Ferreira](#).

¹¹⁶ Bambirra, em uma mesa sobre o papel do Brasil na integração latino-americana[#], faz uma análise sobre o subimperialismo no México. Destacamos alguns trechos: “No Norte, surge o NAFTA. É um acordo de livre comércio dos Estados Unidos, Canadá e México. Que que a gente poderia dizer sobre o NAFTA? Digamos que o NAFTA é concebido como a nova era da dependência, né? A opinião pública tomou conhecimento de 20 páginas, mas na realidade tinham 200 páginas, né? Ele visava o controle total pelo capital, especialmente o norte-americano, secundariamente o canadense, primeiro, da economia mexicana, anexando-a aos Estados Unidos. Eu considero hoje o México anexado aos Estados Unidos. O México assinou o TLC, Tratado de Livre Comércio, pra se transformar em potência hegemônica regional, porém administrada pelos interesses das empresas multinacionais. Claro que os Estados Unidos não queriam só o México. Os Estados Unidos estavam de olho nos dois países mais desenvolvidos na América do Sul, ou seja, Brasil e Argentina, e, de sobra, Uruguai e Paraguai. Foi a época que se falou do acordo 4+1. Mercosul + Estados Unidos. [...] Isso é que o Ruy Mauro Marini, na época, que o NAFTA se deu depois, mas ele já intuía isso na época. Ele conceituou como subimperialismo. O que eu acho que não deu certo, entende? Porque o México não conseguiu seu subimperialismo, ele ficou lá, anexado aos Estados Unidos. Quer dizer, o NAFTA, na realidade, ele não foi um acordo de integração total com a comunidade econômica europeia, não foi. Não tem nada que ver com acordo que busca romper fronteiras, livre circulação de indivíduos, de mão de obra, unificação monetária, unificação

ponto de vista econômico pelo alto dinamismo das exportações de mercadorias – em particular, as manufaturas –, pela exportação de capital e pelo controle regional de matérias-primas e suprimentos energéticos” e seria protagonizado por países - nomeadamente Argentina, México e Brasil - que teriam condições de se tornar subcentros integradores, e, para Marini, o Brasil seria o mais capacitado para tanto. A autonomia e as possibilidades de atuação dos centros subimperialistas seria cerceada - não surpreendentemente - pelo imperialismo, numa relação contraditória de “integração” entre ambos. Nos termos de Marini (1990, p. 33), “[...] ele aponta para um processo de diferenciação e hierarquização da periferia capitalista”, e era confundido com os conceitos de “potência média” e “satélite privilegiado”.

Para analisar o modelo político latino-americano, Marini escreve *El reformismo y la contrarrevolución: estudios sobre el Chile*, de 1976, e se apoia no conceito de Estado de contrainsurgência que consiste, basicamente, em inflamar o movimento de massas a partir do aprofundamento da superexploração e monopolização do capital, que reage e é combatido pela burguesia e as forças militares, que, por sua vez, se valem do investimento estrangeiro, em outras palavras, ditaduras, que implicam, posteriormente, a institucionalização de frágeis “democracias vigiadas e sob controle”, constituindo os Estados de quarto poder¹¹⁷ cujos mecanismos “[...] supõem a passividade das grandes maiorias da população e dão margem a importantes retrocessos em conquistas acumuladas na economia política do trabalho” (MARTINS, 2013, p. 23-24) e, ao mesmo tempo, colidem com a resistência da mobilização popular.

Considerando tais elementos aludimos ao processo de elaboração e aprovação da Constituição Federal de 1988 em nosso país - expressão do caráter classista dominante e vigente, e também, das lutas e posições antiautoritárias e de resistência da classe trabalhadora, dos partidos políticos do campo da esquerda, dos movimentos sociais e estudantis - que nasce marcada - e que vem sendo continuamente deformada no tempo presente cada vez mais- em favor dos interesses neoliberais, como bem aponta Marini em seu texto *A Constituição de 1988*¹¹⁸.

política, unificação militar. Que nada, não tem nada disso. A atual lei de migração norte-americana continua vigente, e os chicanos continuam chicanos. Quer dizer, cucarachas, baratas. [...] Então, o México não virou uma subpotência, não virou um subimperialismo. Esse conceito do Ruy, que era muito criativo, a prática demonstrou que não encontrou lugar, não encontrou espaço na América Latina”. Vídeo disponível em: [Vânia Bambirra - O papel do Brasil na integração latino-americana](#).

Indicamos a tese [A Teoria do Subimperialismo em Ruy Mauro Marini: contradições do capitalismo dependente e a questão do padrão de reprodução do capital. A História de uma categoria](#), de Mathias Seibel Luce.

¹¹⁷ Marini (1990, p. 30) os descreve como “[...] com um poder tutelar, a ser exercido pelas Forças Armadas, superposto aos três poderes da democracia burguesa representativa”.

¹¹⁸ Ver em: [A Constituição de 1988](#).

No segundo momento de sua análise, Martins aponta os impactos da obra de Marini no século XXI, reivindicando sua importância e trazendo elementos contemporâneos para diálogo, como o desenvolvimento da revolução científico-técnica, que conduz “ao desenvolvimento do capitalismo monopolista de Estado, à crescente financeirização do capital”, e a ascensão da China na economia mundial, fundamentada, primeiramente, na revolução socialista, que “[...] amplia o consumo da população chinesa, de renda per capita similar à dos países latino-americanos” e “[...] impacta favoravelmente os preços dos produtos exportados pelas periferias, afetando positivamente a balança comercial latino-americana” (MARTINS, 2013, p. 35).

Para ratificar a atualidade¹¹⁹ da categoria superexploração da força de trabalho na América Latina, Martins (2013, p. 37 a 42) traz indicadores concernentes a índices datados a partir dos anos 1980 referentes a pobreza, qualificação da força de trabalho, salários reais, PIB por hora trabalhada, a distribuição do ingresso domiciliar, produtividade na geração e apropriação de valor, o que demonstra que a superexploração “[...] implica altos níveis de desigualdade de renda e propriedade, além de importante pobreza estrutural, entrando em contradição com a ideologia liberal que promete progresso material e liberdade aos indivíduos” (MARTINS, 2013, p. 23). Faz o mesmo movimento em relação à ampliação da superexploração aos países centrais, cujos indicadores corroboram Marini. Esse movimento é fundamental para o enfrentamento àqueles que tentam, a todo custo, deslegitimar as formulações do autor e colocá-lo como alguém que quis “enfeitar” o marxismo com ideias desnecessárias e ilusórias.

Os apontamentos de Martins (2013) acerca do subimperialismo e do regime político baseados no pensamento de Marini se referem aos anos de governos Lula e Dilma, se utilizando, também, de indicadores dos anos 2004 a 2010. O neoliberalismo estava - e está - dominante, e, “[...] ao reorientar a acumulação para os mercados internacionais, restringiu a

¹¹⁹ “[...] A tendência prevalecente à queda salarial e o aumento da intensidade do trabalho e da qualificação da força de trabalho estabelecem situação de superexploração na região em seu conjunto, desde os anos 1980. A presença da superexploração do trabalho é corroborada ainda pelo alto grau de concentração na distribuição de renda nos países latino-americanos, o que configura estrutura produtiva na qual o dinamismo da produção de bens de consumo suntuários é muito superior ao de bens de consumo necessário. Produzem-se mercadorias, sem gerar o equivalente em mais-valia pela via do progresso tecnológico. Este desequilíbrio traz a necessidade de que a mais-valia seja apropriada, já que é insuficientemente produzida. Tal situação caracteriza o contexto de dinamismo tecnológico inerente à superexploração em que o setor de bens de consumo populares apresenta produtividade e/ou dinamismo inferior à metade daqueles determinados pelas condições médias de produção. [...] as firmas de alta tecnologia possuíam, em média, produtividade na geração/apropriação de valor 4,5 vezes maior que a do setor médio e dezesseis vezes maior que a do setor de baixa tecnologia, configurando-se situação típica em que atua a superexploração” (MARTINS, 2013, p. 40-41).

ascensão do subimperialismo” (p. 41). Bambirra, em 2012, durante sua fala em conferência sobre os desafios para a esquerda na América Latina¹²⁰, reitera:

Em relação ao subimperialismo, quem formulou foi o Ruy Mauro Marini, eu acho que ele não é mais viável. Não é mais viável porque... o Ruy Mauro Marini concebeu, e na época eu inclusive concordava com ele, concebeu a teoria do subimperialismo, na época dos golpes militares na América Latina, em que os milicos criavam Estados fortíssimos, havia o Brasil ame-o ou deixe-o, enfim, não é? Depois, tudo isso passou. Veio o neoliberalismo e o neoliberalismo a tendência qual é? É de reduzir o Estado ao Estado mínimo. Então Estado mínimo e subimperialismo, aí sim que é completamente incompatível, né? Então...

Quanto à política externa adotada pelos governos Lula e Dilma, Martins (2013, p. 42) compreende que

[...] se, do ponto de vista da dinâmica econômica de seu capitalismo, o Brasil apresenta tendências subimperialistas, em sua política externa, sob os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, busca exercer liderança consensual e articular o processo de integração como instrumento de sua projeção mundial. Para isto, aceita até certo ponto as reivindicações anti-imperialistas da região. O faz desde um enfoque de terceira via, que procura posição intermediária entre o neoliberalismo estadunidense e o nacionalismo-popular e revolucionário da região. Esta contradição poderá se aprofundar nos próximos anos.

Estamos de acordo sobre essa posição intermediária e destacamos que a era petista é - agora, muito mais intensamente - rodeada de contradições e deve ser analisada criticamente, especialmente pela esquerda, pois, ainda que inegavelmente tenham sido alcançados muitos avanços em relação ao acesso para classe trabalhadora, à educação superior, à distribuição de renda¹²¹, inclusive em relação a postos de trabalho para a nossa categoria profissional¹²², foi uma política conciliatória e, nas considerações de Bambirra¹²³, ao responder uma pergunta acerca do partido:

Bom, essa afirmação que [...] o PT rompeu com o neoliberalismo e agora é pós keynesiano, eu pergunto: onde? Quando? Não vejo isso. Lemos jornais diferentes, assistimos televisões diferentes, interpretamos fatos de maneira absolutamente diferente, porque eu não vejo o PT romper com o neoliberalismo. O PT sempre foi neoliberal. [...] É...PT rompe com o neoliberalismo... eu acho que ele é, mais do que nunca, neoliberal. Depois que veio Fernando Henrique Cardoso, foi o governo do intelectual, eu me lembro que eu fui assistente dele no Chile. O governo do intelectual que mais privatizou no Brasil, que entregou o país de bandeja pro capital estrangeiro, que fez um governo vergonhoso, certo? Praticamente não

¹²⁰ Vídeo disponível em: [Desafios para a esquerda na América Latina - Novembro de 2012](#).

¹²¹ Isso nos remete ao Programa Bolsa Família, que, ao ser anunciado, incomodou não só a classe média e a direita, mas a pessoas que se diziam “de esquerda” que o consideravam uma mera expressão do assistencialismo e de caráter despolitizante e apassivador, mas que, de fato, mudou a realidade objetiva de milhões de brasileiros, repercutindo na saída do Brasil do mapa da fome, tirando milhões da pobreza extrema e foi considerado um modelo mundial. No dia 29 de outubro de 2021, foi extinto por uma Medida Provisória. Ver em: [Fim do Bolsa Família deixa milhões de beneficiários na incerteza](#).

¹²² São exemplos a criação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e a expansão da Estratégia de Saúde da Família (ESF).

¹²³ Ver em [Vânia Bambirra - O papel do Brasil na integração latino-americana](#).

deixou nada sem privatizar. Então o Lula teve pouco o que privatizar. E aí vem a Dra. Dilma e privatiza... começa a privatizar tudo o que sobrou. Portos, aeroportos, estradas, tudo o que sobrou de que há de relevante, vale uma nota preta, a preço de banana. Olha o que estão fazendo com o pré-sal. O Lula disse, junto com ela, “o pré-sal vai ser pras criancinhas”. Que falta de respeito às criancinhas. Porque, dos 10% que sobra pro governo, porque tudo já foi pra multinacional, e são campos petrolíferos de um valor infinito, que vale 3 trilhões de dólares, [...] do que fica pro governo, que é 10%. Aí vai pras criancinhas. 10% de 10%, né?

O contexto na época, agora falando mais diretamente ao governo Dilma, era de uma “[...] reemergência do nacionalismo radical e popular na região”, que manifestava “[...] as resistências do grande capital e da pequena burguesia a processos políticos que envolvam distribuição de renda e riquezas” (MARTINS, 2013, p. 42), que gerou um grande incômodo à classe média¹²⁴ brasileira ao perceber que os pobres, alvo de sua pontual caridade, passaram a acessar direitos básicos, ingressar no ensino superior e até “melhorar de vida”. Havia, também, uma agitação de movimentos sociais e estudantis, que protagonizaram manifestações gigantescas, mas desorganizadas, o que Bambera considerava um perigo¹²⁵:

Então, é por isso que essas manifestações de junho, os jovens que veem um futuro bonito por diante, certo? Se alguém levantava uma faixa de partido, inclusive se fosse o PSOL, eles punham pra correr. Não quer saber de partido, não quer saber de nada, isso é muito perigoso. Isso é muito perigoso porque pode levar ou ao anarquismo ou ao fascismo. Ser contra partido? Ser contra uma forma de o povo se organizar? Então, a manifestação operária que houve foi uma manifestação bonita, pela primeira vez eu vi os sem terra na rua, também, junto com a classe operária, não foi tão grande quanto a marcha pelo passe livre, que era mil vezes mais coisas do que o passe livre, e nós estamos vivendo uma situação muito perigosa. Vivemos uma situação perigosa, porque o povo não quer o que tá aí, não quer essa indecência que tá aí, essa imoralidade que tá aí, mas não sabe o que quer. Isso pode levar ao fascismo ou ao anarquismo, sim. E [...] isso seria já o fim.

Tais palavras foram ditas por Vânia em agosto de 2013, e a autora já sinalizava a possibilidade¹²⁶ do que veio a acontecer em 2016: o golpe contra a então presidenta e o *impeachment*, que foi, dentre outros determinantes, uma corporificação do patriarcado dadas as inúmeras ofensas de teor machista, e expressão e resultado da “[...] solidariedade dos

¹²⁴ Indicamos a leitura de [Brasil: nova classe média ou novas formas de superexploração da classe trabalhadora?](#), de Mathias Seibel Luce.

¹²⁵ Ver em [Vânia Bambera - O papel do Brasil na integração latino-americana..](#)

¹²⁶ “Que que essa mulher tá fazendo aí? Agora, cuidado, porque também, ela ser tirada de lá por um golpe é um retrocesso. Eu acho que ela não vai ser nem candidata à reeleição. [...] Ela tá desmoralizada o suficiente pra isso. Mas o Fora Dilma é uma palavra de ordem perigosa, que pode levar ou ao anarquismo ou ao fascismo”. Perguntada se seria conveniente para a burguesia manter Dilma no poder, tendo em vista suas características entreguistas e conciliatórias, responde: “Eu acho que ela começa a incomodar a classe dominante brasileira na medida que ela tá provocando essas manifestações gigantescas, porque, no fundo, essas manifestações [...] não são pelo passe livre, não são pelos 20 centavos de diferença, a gente não nasceu ontem, né? Eu, pelo menos, nasci há 73 anos, já vi muita história, muita coisa rolando aí por debaixo da ponte, entende? A classe dominante prefere governos estáveis, entende?”. Vídeo disponível em: [Vânia Bambera: intelectual e militante.](#)

grandes meios de comunicação da região a golpes e processos de desestabilização, demonstram a vigência dos caminhos antidemocráticos e anti-institucionais da reação burguesa” (MARTINS, 2013, p. 42), o que nos remete, em Marini, ao Estado de contrainsurgência. Os grandes meios de comunicação, nomeadamente Rede Globo, Rádio Jovem Pan, influenciaram tanto o golpe em 2016 quanto a eleição em 2018 de Jair Bolsonaro, e não podemos esquecer da “escolha muito difícil” entre um ex militar, que, cultua a ditadura, completamente despreparado, e um ex ministro da Educação - nomeado de esquerdista e aliado a um presidiário - no editorial do Jornal Estadão. Ora, o que esperar de um jornal que apoiou o golpe burguês-militar de 1964?

Diante do exposto e em concordância com Martins (2013, p. 43-44), reafirmamos a relevância e a premência, diante dos desafios atuais, da apropriação das contribuições de Marini, não devendo ser, “[...] como alertava o próprio autor, [...] tomadas dogmáticamente, mas, sim, submetidas ao crivo da revisão radical dos processos históricos, uma vez que é para estes que a teoria se dirige, buscando compreendê-los e transformá-los”, o que fica como tarefa para nós.

1.6 As contribuições de Theotônio dos Santos para a TMD e para o pensamento crítico da atualidade

Não posso dizer que minha vida seja um barco oscilante sobre as ondas da história. Lutei muito para fazê-la, influenciá-la, direcioná-la. Tomei o lado certo na história: o dos trabalhadores, produtores do futuro, como sociedade, economia e cultura. Mas a luta de classes é uma guerra secular com muitas derrotas e poucas vitórias. (DOS SANTOS, 2002, s.p. *apud* BRUCKMANN, 2020, p. 69)¹²⁷.

Para trazermos a trajetória e contribuição de Theotônio dos Santos ao pensamento latino-americano e à TMD, nos apoiaremos no seu Memorial acadêmico¹²⁸, escrito em 1994, e no *Prólogo à antologia de Theotônio dos Santos*¹²⁹, escrito em espanhol por sua então esposa e companheira por quase 20 anos e até seus últimos dias¹³⁰, Mónica Bruckmann, que descreve o pensamento do autor como vasto, criativo e expressão da densidade do pensamento social latino-americano. Na antologia é apresentada uma seleção de textos do autor¹³¹, compreendida

¹²⁷ palavras escritas por Theotônio em seu diário em 2002, aos 65 anos.

¹²⁸ Compartilhado por Carla Ferreira, a quem muito agradecemos pela receptividade e gentileza demonstradas em vários momentos da construção desse trabalho.

¹²⁹ Disponível em: [Prólogo a la antología de Theotônio dos Santos](#).

¹³⁰ Theotônio dos Santos faleceu em fevereiro de 2018. Ver em: [Morre, aos 81 anos, o economista Theotônio dos Santos](#).

¹³¹ Theotônio dos Santos (1994, p. 108-109) elenca seus principais escritos: *O Conceito de Classes Sociais, Forças Produtivas e Relações de Produção, Socialismo o Fascismo: El Dilema Latinoamericano y el Nuevo Carater de la Dependencia, Imperialismo y Dependencia, Revolução Científico-Técnica e Capitalismo*

entre 1962 e 2016, e traz informações acerca de sua história e das várias dimensões de sua obra¹³², em quatro momentos - não em ordem cronológica: a apropriação do marxismo, a dinâmica da dependência, revolução científico-técnica e economia mundial e, por último, sistema mundial e processo civilizatório.

Nascido em 11 de janeiro de 1937, na cidade mineira de Carangola, Theotônio dos Santos Júnior iniciou cedo, aos 12 anos de idade, suas primeiras experiências de leitura, se interessando pelo anarquismo e depois o relacionando com Marx, que tinha críticas ao pensamento “[...] por antecipar uma sociedade pós estatal antes da derrubada do Estado burguês e da construção de um Estado operário. Contudo ele via o anarquismo como um período pós socialista e pós comunista. Poucos marxistas resgatam esta faceta anarquista do marxismo” (DOS SANTOS, 1994, p. 6). Teve contato com pensamento liberal norte-americano em 1952, enquanto estudante secundário em Juiz de Fora, ao passo que lia produções da esquerda, vindas do PCB e alimentava seu interesse pela literatura, pelas artes plásticas, logo também pela Filosofia, Ciências Sociais, Economia, História universal e brasileira.

Entrou para a Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1958, onde conheceu Vânia Bambirra e assumiu “[...] a tarefa de estudar a célebre trilogia Durkheim, Weber e Marx que marcava o debate intelectual nas ciências sociais dos anos 50” (DOS SANTOS, 1994, p. 11). Cursou o mestrado na UnB, onde fez “[...] um curso com a CEPAL (que realizou um acordo com a Universidade de Brasília para oferecer uma visão sintética do curso que realizava em sua sede)” (DOS SANTOS, 1994, p. 14) e estudou as classes sociais no Brasil.

Foi como poeta e ensaísta literário que Theotônio iniciou sua caminhada intelectual (na epígrafe, Mônica apresenta um belo e forte poema escrito por ele em 2002), o que lhe rendeu uma participação intensa no ambiente cultural de Belo Horizonte nos anos 1950 e no movimento cultural de projeção nacional “[...] que propôs uma crítica veemente aos padrões estéticos dominantes e abordou um debate filosófico e ético de uma perspectiva humanista” (BRUCKMAN, 2020, p. 68) e que influenciou também intelectuais de destaque na produção

Contemporâneo, Revolução Científico-Técnica e Acumulação de Capital, Democracia e Socialismo no Capitalismo Dependente, Economia Mundial, Integração Regional e Desenvolvimento Sustentável, e A Evolução Histórica no Brasil da Colônia à Crise da Nova República.

¹³² De acordo com Bruckmann (2020, p. 96-97), são “[...] 34 livros publicados em várias edições traduzido para 18 idiomas e mais de cem artigos científicos e capítulos de livros”. A autora indica, a quem quer se aproximar do pensamento de Theotônio, a leitura de [Obras reunidas de Theotônio Dos Santos](#), publicado pela UNAM em 2015.

cultural brasileira. Já demonstrava suas preocupações sociais e a perspectiva política em sua primeira publicação, o bem aceito poemário *A construção*, de 1957.

Em virtude de ser um estudioso de Guerreiro Ramos desde sua juventude, Theotônio publicou o artigo *Perspectivas da redução sociológica* em 1958, no qual faz uma análise do livro *A redução sociológica*, clássico de Ramos, e o indica como fundamental para o estudo das ciências sociais no Brasil. Bruckman (2020, p. 94) destaca um trecho pertinente que em muito dialoga com a essência da própria TMD:

Para Guerreiro Ramos, a sociedade brasileira condiciona o pensamento brasileiro e esse pensamento só se torna crítico quando assume metodicamente a consciência desta sociedade e de seu processo histórico [...] e é através do processo histórico que podemos perceber que para possuir uma teoria da sociedade brasileira é necessário, ao mesmo tempo, uma teoria do mundo onde esta sociedade está inserida .

Theotônio dos Santos inicia seus estudos marxistas entre 1960 e 1964, a partir de leituras dos principais escritos de Marx e Engels, primeiramente os filosóficos, políticos e depois os econômicos: 3 anos de leitura individual e grupos de estudo se dedicaram exclusivamente ao *Capital*. Seus estudos eram direcionados a um “[...] debate mais amplo do marxismo como corrente histórica, teórica e filosófica [...] incorporando o estudo do movimento dos trabalhadores e das revoluções sociais modernas” (BRUCKMANN, 2020, p. 71).

Os estudos marxistas foram atrelados ao da realidade brasileira, a partir de autores como Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Roberto Simonsen e Nelson Sodré. Tal processo deu origem ao seu primeiro livro *Quem são os inimigos do povo?*, baseado em suas reflexões no mestrado acerca das classes sociais no Brasil, que foi publicado em 1962 e abarca os estudos iniciais de uma linha analítica que se aprofundar  com o amadurecimento da produ o do autor, que, de acordo com Bruckmann (2020, p. 73)   “[...] o imperialismo como fenômeno mundial e o anti imperialismo como resposta política em um espaço de articula o e domina o global”. Em 1973, já diretor do CESO, publica o livro *Conceito de classes sociais*, onde se dedica a reconstruir, apoiado no conceito de luta de classes, os condicionantes da consciência de classe não como uma rea o mecânica, mas como um conflito que   efeito das contradi es do desenvolvimento das forças produtivas e de suas rela es.

Para Bruckmann (2020, p. 75) a primeira passagem de Theotônio pela UnB, juntamente com Vânia e Ruy Mauro, foi, talvez, o momento em que se formou o primeiro núcleo da teoria da dependência, em meio a debates acalorados e intensos entre os então estudantes e o professor Gunder Frank, que, como já mencionado, foram interrompidos pelo

golpe burguês-militar. Foi no Chile que a teoria da dependência teve espaço e os intelectuais do primeiro núcleo tiveram recursos para se articular em torno de sua construção, ao passo que dialogavam intensamente com nomes da intelectualidade da esquerda latino-americana. Numa definição clássica de Theotônio dos Santos (1994, p. 21), a dependência é “[...] uma situação na qual a economia de certos países é condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia à qual está submetida”. A teoria da dependência buscava

[...] mostrar que o caminho do desenvolvimento econômico na Europa, Estados Unidos ou Japão não eram viáveis para as economias latino-americanas, pois o subdesenvolvimento nesses países, bem como nos países pós-coloniais da África e da Ásia, não foi o resultado da preservação de economias pré-capitalistas, mas a forma como essas economias haviam se integrado à economia mundial. (BRUCKMANN, 2020, p. 76).

O autor, no livro *Teoria da dependência: balanço e perspectivas*, traz, levando em conta os economistas suecos Magnus Blomstron e Bjorn Hettne, quatro pontos que resumem as ideias centrais da teoria da dependência:

1. O subdesenvolvimento está intimamente relacionado com a expansão dos países industrializados; 2. Desenvolvimento e subdesenvolvimento são aspectos diferentes do mesmo processo universal; 3. O subdesenvolvimento não pode ser considerado como a primeira condição para um processo evolucionista; 4. A dependência não é apenas um fenômeno externo, mas também se manifesta sob diferentes formas no âmbito interno, social, ideológico e político (BRUCKMANN, 2020, p. 77).

Ao se dedicar aos estudos de democracia e socialismo, Theotônio dos Santos expressa os limites da acumulação no capitalismo dependente, que exigia “[...] uma alta taxa de exploração da força de trabalho, uma forte concentração econômica e altos níveis de centralização de capital” (BRUCKMANN, 2020, p. 78). Assim, era fundamental a presença de um regime político que fosse capaz de reprimir a reação dos setores sociais, e, considerando esse movimento, o autor discute o dilema entre fascismo e socialismo posto nos processos políticos no subcontinente.

O livro *Desenvolvimento e Civilização: Homenagem a Celso Furtado*, resultado de mais de 15 anos de trabalho do intelectual, no qual ele se apoia, principalmente, nos aportes de Fernand Braudel e relaciona a teoria da dependência com a teoria do sistema-mundo¹³³ - o

¹³³ Nas palavras do autor: “[...] descreveria meu percurso intelectual desde que cheguei ao México, no meu segundo exílio, em 1974, como parte do processo de elaboração de uma teoria do sistema mundial que vejo como uma fase superior à teoria da dependência. A dependência aparece como um aspecto específico de um sistema mundial onde, de um lado, estão os países que são o centro e, de outro lado, aqueles que são o objeto da expansão dessa economia mundial e que vão dar origem aos países dependentes e de outro os países que tentam e conseguem, por uma série de razões particulares, sair desta relação direta de dominação, os quais na época

que é um de seus diferenciais - é considerado por Bruckmann (2020) a expressão mais acabada dos seus estudos do desenvolvimento e do processo civilizatório como dimensões articuladoras dos processos históricos em geral. Segundo Bruckmann (2020, p. 85 e 86),

Braudel propõe uma análise histórica em três níveis, o que implica durações diferentes: na superfície, uma história episódica ou dos acontecimentos, que se inscreve em um tempo de curta duração. É o tempo breve que mede a vida dos indivíduos e a vida cotidiana, e pode ser a duração de tempo mais enganosa, ao mostrar processos históricos em sentido contrário às suas tendências mais gerais. Com uma profundidade média, o tempo da conjuntura, que tem um ritmo mais amplo e mais lento. Em um terceiro nível, o tempo da estrutura, que determina séculos inteiros. [...] O tempo da conjuntura surge da história econômica, que exigia uma análise que transcendia a visão da época do evento de pensar a economia como ciclos e inter-ciclos de durações diferentes, entre 50 e 70 anos. [...] A terceira dimensão temporal que Braudel propõe, o tempo da estrutura, com uma duração mais longa, secular, permitirá compreender os processos aparentemente invisíveis mas que estão presentes e emergentes de uma certa correlação de forças sociais ou políticas. A ideia de longa duração na compreensão de fenômenos estruturais leva a uma história múltipla, na qual as civilizações desempenham um papel central.

São elementos agudos na reapropriação que faz a obra de Theotônio a fim de entender o desenvolvimento dos processos contemporâneos, o que o leva a prever o robustecimento, no panorama mundial, das economias emergentes (BRUCKMANN, 2020). Ao fazer análises sobre a emergente China, que saiu da economia camponesa para se converter na maior economia mundial, o autor escolhe e reelabora o enfoque da estrutura para estudar a longa duração do processo civilizatório e, então, compreender as transformações ocorridas mundialmente e geopoliticamente na contemporaneidade. Bruckmann (2020, p. 89) pondera que “[...] é pouco útil analisar o surgimento da China como um fenômeno recente”.

Desta maneira, “[...] talvez a forma mais adequada é entendê-lo como o ressurgimento de um processo civilização milenar, que já era um império mundial e o centro de economia mundial por quase sete séculos”. Para tanto, Theotônio dos Santos dialoga com Gunder Frank, para quem “[...] o sistema mundial tem uma história de pelo menos 5.000 anos e [...] o ascenso e posição predominante da Europa e do Ocidente neste sistema mundial é apenas um desenvolvimento recente” (BRUCKMANN, 2020, p. 87) e quem afina-se - apesar de, em alguns momentos, se posicionar criticamente¹³⁴ - com o pensamento dos formuladores da

contemporânea são obrigados a buscar um caminho próprio de transição para uma economia pós-capitalista, ou seja, a experiência das formações socialistas” (DOS SANTOS, 1994, p. 29).

¹³⁴ Nos relatos de Bruckmann (2020, p. 88 e 89), “[...] em 2003, a Cátedra e Rede da UNESCO e da Universidade das Nações Unidas sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável, que Theotônio presidiu desde sua criação em 1997, organizou no Rio de Janeiro um grande seminário para discutir o processo de globalização e hegemonia mundial. [...] participaram as referências mais importantes do pensamento crítico mundial. [...] Uma das primeiras mesas de debate discutiu a questão da globalização e do sistema mundial, com a participação de Immanuel Wallerstein, Giovanni Arrighi, Samir Amin, André Gunder Frank e Theotônio. André [...] iniciou sua intervenção com o estilo polêmico que o caracterizou. Ele fez uma crítica contundente,

teoria do sistema-mundo, dentre os quais está Immanuel Wallerstein. Ainda sobre suas análises em relação à China,

Theotonio mostra que o fortalecimento do mercado chinês interno [...] continuará a pressionar, por meio de seu aumento de demanda, a oferta mundial. Não apenas as matérias-primas, o que impacta diretamente para a América Latina, mas também para setores industriais e serviços, o que afeta os EUA, Europa, Japão, Coreia do Sul, Rússia e uma grande parte da Ásia. A demanda chinesa articula um grande pólo de desenvolvimento apoiado na expansão e universalização de padrões tecnológicos que integram as inovações tecnológicas da década de 1980: robotização e inteligência artificial, novos materiais e biotecnologia (BRUCKMANN, 2020, p. 91).

Isso nos remete à atual - e sintomática - não aceitação da realidade do crescimento econômico da China - afinal, um país que não seja europeu ou os Estados Unidos não pode ser rico - e à acusação do país ter lançado o coronavírus como arma biológica para ultrapassar as outras potências na corrida pelo maior PIB e iniciar uma guerra química, discurso endossado por Bolsonaro e vários de seus aliados e apoiadores.

Dessas análises e apontamentos no que tange aos desdobramentos do fenômeno chinês se frutifica o livro *Desenvolvimento e civilização*, conforme afirma Bruckmann (2020, p. 91), o conduziam “[...] a um novo projeto teórico, que seria um estudo detalhado do capitalismo de Estado no mundo contemporâneo, a partir da experiência chinesa. Projeto que nunca foi realizado e que com certeza ficará como agenda de pesquisa para as novas gerações”.

Os escritos de Theotônio dos Santos sobre desenvolvimento e processo civilizatório trazem uma significativa contribuição para o entendimento da geopolítica mundial e da própria situação da América Latina, conforme aponta Bruckmann (2020, p. 92 e 93):

Qual é o papel da América Latina? Qual é o papel da região que se insere de forma dependente e subordinada no sistema mundial desde o final do século XV, quando se inicia o período colonial no continente? Situação que se reelabora ao longo dos últimos cinco séculos, inclusive após as guerras de independência das colônias espanholas. É neste ponto que a obra de Theotonio vai recuperar a profundidade do processo civilizatório americano através da civilização Caral¹³⁵, que surge na costa

principalmente para Wallerstein e Arrighi que defenderam a ideia de que o sistema-mundo surgiu no século XV com o surgimento do capitalismo e suas formas de acumulação, e que vem se consolidando com grande sucesso até tornar-se o modo de produção dominante e articulador da civilização ocidental. [...] Para Frank, essa visão, apesar de crítica, não conseguiu se livrar de uma influência eurocêntrica, ao negar a existência de sistemas mundiais anteriores ao capitalismo e a emergência do Ocidente como o centro do sistema mundial. [...] Essas discussões mostraram a potência do debate de ideias e a polêmica como instrumentos para a construção de conhecimento e estão coletadas em um livro de quatro volumes publicado no Brasil com o título de *Os impasses da globalização*.

¹³⁵ “Esta sociedade altamente desenvolvida constitui o antecedente mais antigo do processo civilizatório americano e talvez o primeiro momento de integração do continente a partir do intenso intercâmbio comercial, cultural e linguística (foi o período de formação das línguas maternas do continente) que se estende desde a costa norte do Peru até a região andina, amazônia e inclusive América Central, segundo algumas hipóteses mais recentes. Desenvolveu uma importante produção agrícola a partir de conhecimentos em engenharia agrária que

norte do Peru, na região de Supe. Descoberta há mais de 20 anos pela arqueóloga Ruth Shady, a civilização Caral, com 5.000 anos de antiguidade, converteu o processo civilizacional americano em um dos mais antigos do planeta, somente depois do Egito e da Mesopotâmia. [...] O redescobrimto do mundo não europeu, que ocorreu na Ásia, África e América Latina, coloca o desafio de uma reformulação histórica de grande envergadura, capaz de superar a visão eurocêntrica e escolher os aportes dos diferentes processos civilizatórios da humanidade.

Segundo o que aponta Bruckmann (2020, p. 94) a tomada do processo civilizatório¹³⁶ para a realização das análises de Theotônio dos Santos

[...] encontrará no conceito de “eurocentrismo” um poderoso instrumento para explicar os processos de dominação política, económica e cultural. Os sistemas de dominação colonial se apoiaram em estruturas sociais e produtivas desenvolvidas pelos povos indígenas da região andina e da América Central, exatamente onde se concentraram as grandes civilizações do continente americano. O processo colonizador e as estruturas de dominação por ele impostas invisibilizaram os grandes avanços dos povos originários.

Diante e em concordância com os apontamentos de Bruckmann (2020), podemos compreender que a obra de Theotônio, pertencente ao pensamento crítico latino-americano - assim como a de Marini e Bambirra -, enriquece em muito a compreensão da história e dos processos concretos da América Latina, se desvinculando da narrativa do colonizador e, toma clássicos do marxismo como referências, ao passo que desenvolve as próprias interpretações

permitiram a construção de um sofisticado sistema de irrigação, reservatórios de água e manejo genético de sementes para melhorar a qualidade das colheitas. Foi um grande produtor de algodão e desenvolveu uma ampla rede comercial de tecidos de algodão e de pesca. Ademais, foi uma civilização capaz de desenvolver importantes inovações tecnológicas, como um sistema de construção anti-sísmico que possibilitou que suas pirâmides, tão antigas quanto as do Egito, permanecessem intactas apesar de estarem localizadas em uma região altamente sísmica” (BRUCKMANN, 2020, p. 93).

¹³⁶ Destacamos as pontuações de Clóvis Moura (2020, p. 27-28), acerca do tema civilização, eurocentrismo e racismo, que dialogam com o pensamento de Theotônio dos Santos acerca do que é considerado civilizado: “O imperialismo multiplica as formas do racismo, ‘moderniza-o’ na medida em que há necessidade de uma arma de dominação mais sofisticada. Segundo a teoria de L. Levy Bruhl, como éramos pré-lógicos, os movimentos de libertação que se dinamizavam nas regiões colonizadas ou dependentes não eram políticos, mas etnocêntricos, chauvinistas, xenófobos, nacionalistas ou messiânicos, ou seja, eram movimentos pré-políticos. Embora o conceito de movimentos pré-políticos tenha sido cunhado por um historiador grandemente ligado ao pensamento marxista — E.J. Hobsbawm — acreditamos que ele seja eurocêntrico, elitista e uma forma neoliberal de analisar e interpretar a dinâmica social. Se o aceitarmos, seriam excluídos como políticos todos os movimentos do chamado Terceiro Mundo: a luta de Zapata e Pancho Villa, no México; a de Sandino, na Nicarágua; o movimento camponês de Pugachov, na Rússia; todos os movimentos de libertação da África, como o kinganbista, incluindo os Mau Mau e o de Lumumba. Tudo seria englobado sob o rótulo de milenarismo, salvacionismo ou messianismo, e seria descartada sua essência política. [...] Fora dos padrões normativos dos valores políticos europeus, civilizados e “normais”, não existiam movimentos que pudessem ser enquadrados como aceitos pelas nações dominadoras, como continuadores do “sentido” da civilização. As próprias lutas de libertação nacional eram (como acontece até hoje) consideradas revoltas intertribais, movimentos atípicos e perturbadores do processo civilizatório. Não tínhamos acesso à história, à civilização e à igualdade de direitos. A nossa inferioridade congênita e inapelável — biológica e psicológica — nos reduzia a satélites do processo civilizatório”. Ver no artigo *O Racismo como arma ideológica de dominação*, em [Racismo e luta de classes no Brasil - textos escolhidos de Clóvis Moura](#).

acerca de nossa realidade e propõe estratégias de enfrentamento e transformação no sentido da superação da condição de dependência e emancipação do povo latino-americano.

Passado esse panorama da construção da TMD e dos principais companheiros de Vânia Bambirra, iremos agora nos aprofundar sobre a vida e obra da autora com centralidade no fato dela ser uma mulher que se inseriu e atuou consistentemente em espaços intelectuais, acadêmicos e políticos predominantemente ocupados por homens e isso certamente gerou rebatimentos em suas vivências e preocupações teórico-políticas, o que debateremos com mais profundidade no próximo capítulo, dando ênfase à ‘questão da mulher’.

CAPÍTULO 2 - VÂNIA BAMBIRRA: A CENTELHA DA TMD - A REVOLUCIONÁRIA NA ACADEMIA, NA POLÍTICA E NA MILITÂNCIA

O fato de ser filha de comunista perseguido; de haver vivido o impacto da Revolução Cubana no continente; de ter deixado a UnB e, em seguida, me exilar, devido às consequências do golpe de 1964; de haver participado da experiência da Unidade Popular no Chile e, de ser obrigada a exilar-me de novo no Panamá e logo no México; de voltar para o Brasil, após a anistia de 1979, retornando a Minas Gerais, e fazer política local; de mudar para o Rio de Janeiro para colaborar com o novo governo; de retornar a Brasília, com a reintegração dos professores, no processo de abertura política, vem imprimindo à minha existência contornos *sui-generis*. Ela sempre foi assim, cheias de idas e vindas. Nunca pude me sentir estável em algum lugar. Houve sempre a sensação de provisório (BAMBIRRA, 1991, p. 95).

2.1 A influência familiar na escolha profissional e o início da caminhada acadêmica e política

Nascida em 13 de julho de 1940 em Belo Horizonte, Minas Gerais, Vânia Gelape Bambirra, filha de dois opostos¹³⁷: a mãe, Barbara Gelape Bambirra, que tinha origem italiana e que havia sido “muito rica” e com curso secundário; e o pai, Ivan de Oliveira Bambirra, “[...] um velho e obcecado militante comunista” (BAMBIRRA, 1991, p. 04), com curso primário dado pela sua mãe, que era professora. Pela Intentona Comunista de 1935 foi preso político e, dessa experiência, pôde passar para sua filha um ensinamento que a marcou para a vida: ele tinha “[...] muitos canarinhos, aos quais muito queria, pois seus cantos alegravam a sua vida. Quando saiu da prisão, o primeiro que fez foi soltar todos [...], quando percebeu que o seu canto era triste. Havia entendido o valor da liberdade” (idem).

Sofreu influências desde cedo pelas fotografias expostas de Stalin e Prestes e dos ideais pregados pelo pai - que se filiou ao Partido Comunista e o entregou bens provenientes da herança da esposa¹³⁸ -, o que aflorou seu sentimento de busca por justiça social e,

¹³⁷ Nas palavras de sua filha, Nadia: “[...] o meu avô era um alfaiate, minha avó era uma filha de uma família aristocrata italiana, Gelape, que abandona a minha avó quando ela se casa com esse alfaiate, né, negro [...] comunista. [...] A minha família Bambirra, nunca lidou muito bem com a realidade do meu avô ser um comunista ativista atuante, e, na verdade, a Vânia é quem, de alguma forma segue, aí, os passos do meu avô, o Ivan Bambirra, e tem também o Sinval Bambirra, né, em Belo Horizonte que é [...] uma pessoa muito importante dentro de todo o movimento da esquerda brasileira”. Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambirra](#). Sinval de Oliveira Bambirra, tio de Vânia, foi líder sindical e sofreu perseguição, tortura e exílio na ditadura.

¹³⁸ “Meu pai era artesão, [...] era do Partido Comunista e ele levou os irmãos, os sobrinhos, todos pro Partido Comunista. Quer dizer, eu tenho influência de casa. Mas em compensação, a minha mãe [...], ela e todos os outros irmãos abominavam o Partido Comunista, porque minha mãe era muito rica e meu pai, como comunista, convencido de tal, pegou toda a fortuna da minha mãe e deu pro Partido Comunista e comprou quatro casinhas, com o dinheiro que sobrou, na periferia. A gente morava na periferia. Meus irmãos nunca perdoaram o papai, tinham vergonha dele e diziam que ele era um desperdiçador e tal, e eu tinha orgulho dele, eu era a única que tinha orgulho dele”. Entrevista de Vânia em 2013 para o Pensamento Próprio, do IELA. Ver em: [Vânia Bambirra: intelectual e militante](#).

juntamente com seu amor à literatura - sua primeira monografia foi sobre Jorge Amado, um de seus autores favoritos, com o título *A literatura Social de Jorge Amado*¹³⁹ - e o conseqüente aprimoramento de sua capacidade de análise, a fizeram escolher estudar Sociologia e Política a fim de se tornar uma romancista social, apesar de suas inclinações ao Direito visando atuar na área trabalhista.

Sua mãe desejava que fizesse o curso de normalista - chamado de Curso Normal/Magistério de 1º grau ou Pedagógico, um tipo de habilitação para ser professora nas séries iniciais do ensino fundamental -, visando uma estabilidade financeira e empregatícia para a filha, e a mesma acatou, mesmo “[...] sabendo que não havia em si vocação pedagógica para lidar com crianças e até hoje tenho a maior admiração pelas pessoas que a têm” (BAMBIRRA, 1991, p. 03). O lado bom de ter feito esse curso é que foi no local onde o fazia que Vânia fez um teste vocacional, que teve como resultado - o que explica a genialidade de seus escritos -: “[...] o resultado foi pouco orientador, felizmente. Me disseram que eu podia fazer tudo, até medicina, mas sugeriram vagamente o direito, devido a uma alta capacidade que eu havia revelado de ‘argumentação lógica e capacidade de convencimento’” (BAMBIRRA, 1991, p. 04).

Figura 1 - Vânia Bambirra entre os pais, Ivan e Bárbara



Extraída de: Instagram de Nadia Bambirra. Postada em 26-07-2018.

Na prova oral, parte do processo de vestibular, realizado em janeiro de 1959, tal foi seu entusiasmo em falar sobre os filósofos gregos, nos seus dezoito anos, reconheceu que se

¹³⁹ Ver em: [A literatura Social de Jorge Amado](#).

preparou não para ser aprovada, mas em razão de sua inquietação intelectual, que teve uma grande contribuição de seu cunhado, a partir do empréstimo de vários livros, o então professor Petrônio Felecíssimo Machado. Aprovada no curso de Sociologia e Política, conseguiu cursar concomitantemente Administração Pública, sendo necessário acrescentar mais duas cadeiras para tanto. Já no início da caminhada acadêmica, Bambirra tem seus primeiros contatos com o machismo: no processo de concorrência à bolsa de estudos patrocinados pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, duas das quatro mulheres selecionadas desistiram de prosseguir com o curso por obra do veto paterno. Isso nos anos 1950, mas sabe-se que ainda é recorrente na vida das mulheres, não exclusivamente por parte do pai, mas muitas vezes por aquele que deveria ser/se diz seu companheiro.

Sua turma era formada por ela, Suzana Prates e mais três homens, subsequente à turma de Theotônio dos Santos com mais cinco homens, descrita pela autora como a mais brilhante. Havia ali, no que era chamado de “chocadeira de gênios”, dentro e dentre as turmas, um convívio marcado por trocas e compartilhamento de vivências pessoais, intelectuais, políticas e emocionais, tanto que alguns acabavam se casando e esse foi o caso de Bambirra e Theotônio dos Santos, cujas histórias se misturam do início dos anos 1960 ao fim dos 1980, como veremos e, de certa forma, contar a vida de um nesse período é contar a do outro.

Figura 2 - Vânia e Theotônio



Extraída de: Instagram de Nadia Bambirra, postada em 30/08/2018.

O que, nas palavras da autora, foi sua “primeira lição sobre o que é o machismo”, foram as palavras do então diretor da Faculdade, Ivon Magalhães, que disse a ela e às outras mulheres que ocupariam os seus lugares no curso: “Vocês foram aprovadas como bolsistas,

mas, como são mulheres, vão receber a bolsa porque sou muito generoso” (BAMBIRRA, 1991, p. 07). O que Ivon não imaginava era que as próprias palavras fossem o gatilho para que se manifestassem, enfim, os descontentamentos dos estudantes diante de sua gestão autoritária - e machista -, na forma de explosões de bombinhas de efeito e de seu enterro simbólico. Bambirra participou desse movimento e o encara como sua primeira experiência, seu primeiro “[...] teste como agitadora social” (idem), que culminou na auto demissão do diretor. Apesar de esse acontecimento ter sido marcado como sua primeira vitória no movimento estudantil, ela faz uma leitura autocrítica do movimento, pensando dialeticamente e reconhecendo que,

[...] apesar de suas limitações, sob a direção do professor Ivon, a nossa Faculdade era, naquela época, a única instituição no Brasil que tinha um programa de bolsas de estudo para que um grupo de alunos, durante todo o curso, estudasse em tempo completo, oferecendo sala de trabalho confortável, com máquinas de escrever, estantes, serviço telefônico, etc. Foi isso o que me afastou da perspectiva de um emprego necessário em um Jardim de Infância, propriedade de uma ex-professora que havia tido no curso de normalista; foi isso o que me possibilitou e a vários outros uma formação mais ampla e profunda, vale dizer, me concedeu o privilégio de ganhar um salário para estudar e assim poder configurar, na minha formação universitária, o que viria a ser uma sólida formação básica de cientista social. Não se nasce cientista, se aprende a ser cientista. No resultado, contam-se 90% de esforço e meramente 10% de talento. Para que o esforço seja desprezado, é necessário possuir as condições mínimas de trabalho e, essas, eu adquiri através da bolsa e do ambiente que havia entre os bolsistas (BAMBIRRA, 1991, p. 07-08).

Conforme anteriormente mencionado, na passagem da década de 1950 para a de 1960, Juscelino Kubitschek estava numa busca por tecer “um pensamento nacional, nacionalista” (BAMBIRRA, 1991, p. 09), embasado pela teoria do desenvolvimento. Os membros do ISEB eram, por vezes, convidados para a realização de conferências nas quais os bolsistas estavam presentes, com seus questionamentos e contestações, num sentido positivo, segundo a autora. Esses questionamentos deram base aos argumentos contrários às concepções teórico-metodológicas, táticas e estratégicas do Partido Comunista.

Outro episódio que influenciou o pensamento de Bambirra e seus colegas foi a Revolução Cubana, “[...] um fator de grande impacto popular, social e intelectual e enriqueceu o panorama das alternativas disponíveis para resolver os problemas de geração e distribuição da riqueza nos países do continente” (WASSERMAN, 2017, p. 40), que lhes provocou o entusiasmo necessário para que se sentissem, segundo a própria (1991, p. 10), “[...] prontos para militar no sentido de recriar o mundo, para voar, nas asas do idealismo mais puro, para outras dimensões da vida”. Então, em 1961, se voluntariaram na defesa da ilha e saíram às

ruas do Centro de Belo Horizonte, pixando nas paredes: “Cuba Sí, Ianques No!”. A autora (1991, p. 10-11) lembra do episódio com humor:

Nem as paredes da Igreja São José escaparam, para comoção dos cléricos reacionários de então. O pior é que havia sido pintada, não por um novato marxista, mas por um novato tomista, membro da Juventude Universitária Católica. Gestos nobres ou profanadores e muita ousadia juvenil. Chegamos, eu e a Suzana Prates, a escrever uma “Carta Aberta ao Presidente Kennedy”¹⁴⁰, protestando contra a invasão. Por certo não foi publicada.

Como frutos da “[...] irreverência e [...] independência de pensamento e de ação” (BAMBIRRA, 1991, p. 11) compartilhada entre os companheiros bolsistas da Faculdade de Economia, foram plantadas e amadurecidas ali lideranças de novas organizações de esquerda, em contrapartida ao PC¹⁴¹: a POLOP, tomando uma orientação marxista-leninista, onde Vânia estava entre os fundadores e escreveu *Novo Impulso para o Movimento Estudantil*¹⁴² para o Jornal Política Operária, em outubro de 1962, e em janeiro de 1964 *Os cinco anos de Cuba*¹⁴³, e a Ação Popular, apontada à orientação socialista revolucionária e cristã.

Um fato interessante é que, mesmo com a ausência de autores marxistas na grade curricular oficial dos cursos, os bolsistas se debruçaram sobre leituras e estudos dos mesmos. Bambirra bebia das fontes que a interessavam e motivavam: Marx, Engels, Lênin e Rosa Luxemburgo. Por não terem disponíveis livros em português, recorriam aos traduzidos no México e, em razão da insuficiência da bolsa para a compra de livros, alguns bolsistas roubavam das livrarias. Em vista disso, organizaram entre si uma biblioteca, na qual estavam presentes vários filósofos citados por Marx, como Hegel, Kant e Descartes para, assim, se apropriarem e compreenderem melhor a essência de seus pensamentos, ou seja, ler as fontes citadas por Marx era uma questão relevante para os então estudantes. Bambirra (1991, p. 13), após todas essas leituras, concluiu que:

[...] não existe a filosofia, a sociologia, a história, a ciência política, a economia, enfim as ciências humanas, desvinculadas entre si. Que não se pode explicar a sociedade nem o homem sem um enfoque multidisciplinar; isso é uma das peças chaves da metodologia marxista e daí provêm a sua complexidade e riqueza. Para análises específicas, obviamente procede a sua fragmentação. Porém, para as totalizadoras, como as que pretendia fazer já que pensava ajudar na transformação

¹⁴⁰ Essa foi uma de suas primeiras experiências enquanto militante. Ver em: [Carta aberta ao presidente John F. Kennedy](#).

¹⁴¹ “A Revolução Cubana reverberava na esquerda latino-americana, dando fôlego à uma visão crítica ao etapismo e ao dualismo contidos nas análises do PCB. É neste contexto que, em 1961, surge a [...] POLOP, organização que acabou com o monopólio do PCB na esquerda brasileira e buscou criar as condições de base para o surgimento orgânico de um partido revolucionário” (PRADO, 2011, p. 155).

¹⁴² Ver em: [Revista Política Operária nº 4](#).

¹⁴³ Ver em: [Os cinco anos de Cuba](#).

do brasileiro, da sociedade brasileira e, por que não, do continente, do mundo, entendi que o marxismo era o instrumento.

Sempre em busca de acumular mais conhecimento, e mostrando que se posicionava muito além de uma estudante academicista, ou seja, partia e intervía nas lutas, era e se constituía como uma intelectual militante, Bambilra (1991, p. 13) explica porquê se tornou também uma economista:

Sabia que não podia ser marxista sendo apenas socióloga, cientista política, administradora. Tinha de ser, para ser boa, cientista social. Mais ainda, para ser boa cientista, eu não podia ser de gabinete ou apenas um verme de livros. Tinha de sujar os pés de lama, para conversar com as pessoas do povo, as expressões das maiorias, aprender com os movimentos sociais.

Juntamente com seus companheiros, começou a frequentar favelas e a se entrosar com Associações de Moradores, ministrando cursos, que eram oferecidos também em sindicatos, e possibilitando, assim, uma formação para os trabalhadores que ali moravam, alguns “[...] se revelaram com claras aptidões de cientistas sociais, frustrados pela vida num contexto de injustiça social” (BAMBIRRA, 1991, p. 14). Também estabeleceram entre si relações de companheirismo e fidelidade pessoais, relações essas que possuem relevância na esquerda, “[...] afinal, nós éramos políticos de novo tipo, mas em todo caso, políticos” (idem).

Bambilra passou a se dedicar, depois do trabalho nas favelas, à formação das Ligas Camponesas em Minas Gerais, ocupando a direção política das Ligas, experiência essa que, posteriormente, se configuraria em “motivadora-motivada” de seu tema de pesquisa para a tese de mestrado, pois, naquela ocasião, se deram seus estudos preliminares quanto à questão agrária brasileira, num contexto marcado pela ascensão do debate sobre a propriedade da terra. Figura importante, Francisco Julião¹⁴⁴, “[...] líder do movimento camponês que empolgava o país, assustando a uns, esperando a outros” (BAMBIRRA, 1991, p. 15) reuniu os bolsistas, que, unidos a advogados de esquerda organizaram as Ligas, que desmoronaram depois de 1964 como resultado da repressão sobre o movimento camponês. A questão central passou a ser direcionada à organização dos “[...] assalariados agrícolas, vale dizer, bóias-frias, despojados definitivamente de suas terras” (BAMBIRRA, 1991, p. 16). Nas palavras da autora¹⁴⁵:

¹⁴⁴ Nadia reivindica a importância do movimento na vida de Bambilra: “[...] *ela sempre gostava de deixar muito claro que era a ligação dela com todo o trabalho de Francisco Julião, das ligas camponesas, a questão da reforma agrária sempre foi muito importantes, assim, no olhar da Vânia pra América Latina e pro Brasil, né*”. Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambilra](#).

¹⁴⁵ Ver em: [Vânia Bambilra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

Classe operária, movimento estudantil, movimento camponês, que nunca tinha existido, surge no cenário político, com as ligas camponesas de Francisco Julião, pediram a reforma agrária na Lei ou na marra. Eu era das Ligas Camponesas em Minas. Nós organizamos, em 1961, o primeiro e único Congresso Nacional em um porte daqueles, o MST nunca conseguiu fazer nunca daquele porte, eu adoro o MST, adoro o Stédile, mas aquele congresso camponês de 1961 foi uma coisa fantástica. Compareceu o Presidente da República, que era o Jânio, até o Magalhães Pinto, que era o governador de Minas foi lá, aquela careca dele reluzente, não é certo? E era um campesinato super radical, era a primeira vez que se via no cenário nacional a luta pela reforma agrária, e o lema era esse: “Reforma Agrária na Lei ou na marra”. Então, era um estado de agitação tal, que ou vai ou racha. Tinha que rachar, e veio o golpe militar, né?”

Em 1962, ao concluir a graduação, na formatura, que, para Bambirra teve conotações mais de política do que de festa, a estudante foi oradora das turmas, após concorrer com oito outros candidatos (homens) para tal, e, num auditório abarrotado de “[...] famílias, amigos, mas sobretudo por policiais do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)” (BAMBIRRA, 1991, p. 18), após fazer o manifesto de sua convicção em respeito à necessidade de “reformas de base”, terminou sua intervenção com a frase: “Quem poderá conter a juventude de hoje?”, convocando os colegas à luta (idem). O discurso¹⁴⁶, do início ao fim, merece ser lido, relido e referenciado, especialmente pelos estudantes. No mesmo ano, escreveu um manifesto, enquanto membro do Diretório Acadêmico, intitulado *Greve estudantil: fracasso. De quem é a culpa?*¹⁴⁷, que traz apontamentos sobre a tomada de consciência dos estudantes e elenca problemas em relação à liderança do movimento estudantil.

¹⁴⁶ Destacamos alguns trechos: [...] As autoridades se esquecem que um povo para ser livre é preciso ser culto. Os armamentos não matam nem salvam. São os homens que se matam ou se defendem. São os homens! Os únicos e finais agentes de todas as coisas. As armas, os navios, os batalhões, os tanques, as bombas, tanto podem ser um instrumento de libertação dos povos, como uma força de dominação. A história tem nos dado exemplos de povos que têm muito bem garantidas suas fronteiras mas que vivem internamente oprimidos e subjugados sem poder nem ao menos ter consciência de sua opressão. [...] Enganam-se os que acreditam ainda que a ciência é apenas uma técnica que pode ser usada para todos os fins ou que é algo puro que não se imiscui com problemas políticos. Hoje em dia, com a divisão do mundo em dois blocos, estas falsas concepções estão mais do que desmascaradas. Ninguém poderá negar que existem, por exemplo, dois tipos de economia, dois tipos de sociologia, dois tipos de administração, porque cada sistema político gera o seu instrumental científico próprio. [...] Quanto a nós, reafirmamos mais uma vez, a nossa disposição de prosseguirmos na luta pela emancipação do povo brasileiro, desse povo que à custa de sua ignorância, da sua forma, da sua indigência, da sua miséria, enfim, tem sustentado os alicerces dessa estrutura arcaica e de elites sob a qual se acentua a Universidade brasileira! Só assim, como privilegiados que somos, poderemos ter a consciência tranquila de estarmos usando desses privilégios para eliminá-los de uma vez por todas! Ver em: [Discurso de formatura](#).

¹⁴⁷ Ver em: [Greve estudantil: fracasso. De quem é a culpa?](#).

Figura 3 - Foto de Formatura com dedicatória aos seus pais



Extraída de: Instagram de Nadia Bambirra, postada em 12-05-2019.

A autora lamenta o fato de não ter conseguido guardar nenhuma foto daquele momento tão importante que foi seu discurso, pois todos os fotógrafos ali presentes eram da polícia e o material foi guardado para ser arquivado. Na ocasião, o Jornal O Binômio publicou uma entrevista (ANEXO A) de página inteira com Bambirra, intitulada *Em Minas mulher fala por homem*¹⁴⁸, onde, além de rebater falas machistas que nos parecem ter sido proferidas para provocá-la, faz uma leitura crítica sobre o Brasil:

O Brasil é um País que tenta se afirmar como potência capitalista à custa da miséria, da fome, da indigência, do analfabetismo, das grandes massas camponesas e operárias; da proletarização da classe média, enfim, como não podia deixar de ser, do que eu chamo da socialização dos esforços e privatização dos lucros.

Durante a graduação, a autora já produzia textos ricos em críticas, reflexões e propostas extremamente relevantes, como o *Conceito Marxista de Mudança Social em Mao Tsé-tung*¹⁴⁹, escrito em maio de 1960. No mesmo ano, que era o segundo de sua graduação, no

¹⁴⁸ Ver em: [O Binômio 1962](#).

¹⁴⁹ Trazemos como destaque o trecho: “As coisas se distinguem umas das outras pelos seus caracteres específicos que constituem o que se chama essência. Assim, cada processo possui suas peculiares formas de movimento, suas próprias contradições. Essa situação existe quer nos fenômenos da natureza como nos sociais e ideológicos e é por meio dela que se pode delimitar os diversos campos científicos e respectivamente seus objetos de estudo. Como se sabe, existem duas etapas do processo de conhecimento sendo que uma vai do específico ao geral e outra do geral ao específico. Assim, para se ater à universalidade tem-se de preceder pela especificidade da coisa. Então, quando já se apreendeu a essência comum das coisas prossegue-se o estudo da coisa concreta. Percebemos aqui a dialeticidade abrangente do conhecimento. O universal está no particular mas não lhe retira a nuance própria. São dois caracteres que compõem a totalidade das coisas e fenômenos os quais não podemos

texto *Reflexão Sociológica sobre a participação Política de nossa geração*, discute a crise social atravessada na época, e chama a juventude à tomada de posição na luta. Outro texto escrito na juventude foi o inspirador e profundo *A responsabilidade do indivíduo diante da história*¹⁵⁰, onde faz reflexões sobre o conceito de liberdade pela ótica do liberalismo que leva àquele conhecido - e equívoco - pensamento de que existe a possibilidade individual de optar pelas condições existenciais, e aponta que não podemos cair “[...] em tal voluntarismo estéril que nos veda a compreensão dos fenômenos sociais” (BAMBIRRA, s.d., s.p.).

Em 1961, no seu terceiro ano de curso, escreve o *Comentário sobre “O Príncipe”, de Maquiavel*¹⁵¹, mostrando sua capacidade de captar elementos e fazer uma análise única, além da escrita fluida e sempre com pitadas de crítica, o que também se vê em *Algumas anotações a propósito das ideias e teses do Prof. Vieira Pinto*¹⁵². Outra produção interessante sua é *O problema da técnica nos países subdesenvolvidos*¹⁵³ (sem data), iniciando com “o ponto de partida da visão marxista de mundo” (BAMBIRRA, s.p.), e trabalhando categorias como o desenvolvimento das forças produtivas, desenvolvimento técnico, subdesenvolvimento, planejamento e assistência técnica. Outro escrito, também sem data, foi *A Revolução Industrial como um processo*, que traz um resgate histórico das fases gerais de evolução da história da humanidade onde, tratando das consequências do desenvolvimento do fenômeno industrial, já traz algumas ideias que dialogam com a TMD¹⁵⁴:

Em 1963, após se formar, Bambirra partiu para Brasília ao ter conhecimento de que Darcy Ribeiro procurava jovens professores para fazer parte da UnB e se submeteu à seleção,

inteiramente desligar um do outro, mas que são distintos. Nisso se funda essencialmente a teoria marxista do conhecimento”. Ver em: [Conceito Marxista de Mudança Social em Mao Tsé-tung](#).

¹⁵⁰ Ademais, “[...] o fundamental do liberalismo é pois abstrato, sem nenhuma efetividade social. As Constituições Liberais pretendem assegurar aos indivíduos o direito à vida, à liberdade, à propriedade, a igualdade perante a lei, etc., etc. Ora, para se viver é preciso ter condições mínimas ou seja, comida, casa, emprego, etc. Na medida em que o Estado liberalista não cria condições para satisfazer essas necessidades básicas de todos, ele de fato deixa que proliferem condições contrárias à existência. Temos a miséria, o analfabetismo, o desemprego. Porque, o que a Constituição Liberalista dá numa linha, retira em outra. Assim, o direito à propriedade privada legaliza a exploração do homem pelo homem, a divisão da sociedade em classes.

Ver em: [A responsabilidade do indivíduo diante da história](#).

¹⁵¹ Ver em: [Comentário sobre “O Príncipe”, de Maquiavel](#).

¹⁵² Ver em: [Algumas anotações a propósito das ideias e teses do Prof. Vieira Pinto](#).

¹⁵³ Ver em: [O problema da técnica nos países subdesenvolvidos](#).

¹⁵⁴ “[...] o desenvolvimento do capitalismo, possibilitado pela Revolução Industrial, é a miséria dos países coloniais: com o imperialismo os países subdesenvolvidos passam a ser dominados sob todos os aspectos, em todos os setores, desde o econômico até o cultural, passam a ser ‘objetos’ das superpotências. De modo geral, para sua industrialização surgem grandes obstáculos e as suas poucas indústrias, quando existem, são muitas até mesmo paralisadas ou artificialmente limitadas (comentado por F. Sternberg, livro citado, pag. 27). Damos como exemplo disso o que Marx diz no seu artigo sobre ‘Futuros resultados do domínio Britânico na Índia’: ‘Os britânicos destruíram a civilização hindu quando dissolveram as comunidades nativas, arruinaram por completo a indústria indígena e nivelaram tudo o que era grande e levado da sociedade nativa. As páginas da história do domínio inglês na Índia mal oferecem alguma coisa mais que destruições’” (BAMBIRRA, s.d., s.p.). Ver em: [A Revolução Industrial como um processo](#).

que consistia na análise do currículo e entrevista no Departamento de Sociologia. Foi aprovada para ingressar como mestrande e também para atuar como instrutora, ou seja, se dedicaria, além da militância, ministrando cursos de formação política, agora nas periferias de Brasília, à tese de mestrado e à docência na graduação e extensão. Já no início dessa nova fase de sua vida se deparou com sua segunda lição sobre machismo:

Darcy Ribeiro, hoje meu grande amigo, a quem respeito e admiro, me propôs reduzir o meu salário à metade. O argumento era simples: “Você e seu marido estão trabalhando aqui. Recebem dois salários e vão enriquecer às custas da Universidade. Então vou cortar o seu salário pela metade” (BAMBIRRA, 1991, p. 19).

Bambirra não só se indignou com tal situação como usou o machismo de Darcy como combustível para mobilizar “tudo, o que podia e o que não podia” (BAMBIRRA, 1991, p. 20), por meio de ameaça de greve, o que garantiu seu salário integral. E assim, iniciando com seu protesto e sua ideia de alguma iniciativa que defendesse as e os professores, à qual se uniram outras e outros colegas que também tinham suas reivindicações, se gestava a Associação dos Professores da UnB (ADUnB) que se concretizou quinze anos depois. O machismo de seu colega nos demonstra que se posicionar de modo “progressista” publicamente e por escrito não significa muita coisa diante das atitudes tomadas e também como o patriarcado permeia todas as relações. Bambirra passou por esse e, decerto, por outros acontecidos machistas no meio político e intelectual, alguns explanados em seu memorial e provavelmente esquecidos por quem os praticou, pois, como bem diz o ditado, “quem bate esquece, mas quem apanha, jamais!”.

Figura 4 - Vânia e Darcy Ribeiro



Extraída de: Instagram de Nadia Bambirra, postada em 17/02/2020.

Em 1963, a economista foi a Cuba pela primeira vez, representando a POLOP, onde teve a oportunidade de conhecer e conversar com Che Guevara, e se impressionou com sua simplicidade, e nesse território único e significativo foi corroborado seu espírito revolucionário: “[...] fiquei ainda mais convencida de que era importante, não só explicar a sociedade, mas, sobretudo, transformá-la” (BAMBIRRA, 1991, p. 20). Um ano marcante para a autora, sob vários aspectos, foi o de 1964, começando por uma noite em que acordou com um tiroteio “[...] que parecia que ia varar o alojamento provisório de professores onde morávamos” (BAMBIRRA, 1991, p. 20-21) e, em março, já previa o que aconteceria a seguir: “[...] esses fatos históricos não são articulados somente nos subterrâneos da conspiração, afloram à luz através de uma série de artérias que os vascularizam para a sociedade como um todo” (BAMBIRRA, 1991, p. 21).

Com a concretização do golpe burguês-militar, ocorreu a despedida¹⁵⁵: a docente foi à sua sala, que ficava no prédio apelidado de “Minhocão”, e se viu tomada por uma tristeza profunda ao ver que tudo o que era seu, tanto itens pessoais quanto materiais de estudo e trabalho, dentre eles fontes para sua pesquisa de mestrado, estavam espalhados pelo chão ou tinham sumido. Descreve como “[...] um caos que nos avisava: ‘Não voltem mais!’ Então, eu fui embora, mas, antes, passei na minha sala de aula e li para a minha turma de alunos a ‘Declaração dos direitos do Homem’. Foi uma despedida muito triste” (idem). A autora pondera que as pessoas, diante do golpe, tinham que “escolher” entre três caminhos¹⁵⁶: “[...] lutar, assumindo o risco da prisão, morte ou exílio; deixar-se cooptar pelo *status quo* golpista, ou tentar permanecer ‘na moita’, ‘em cima do muro’, alvo dos dois lados” (BAMBIRRA, 1991, p. 23), e, aos que não conseguiam e não podiam escolher, restava o suicídio.

Theotônio dos Santos assumiu a liderança nacional da POLOP quando ocorreu o golpe, que o condenou a 15 anos de prisão pelo crime de “[...] mentor intelectual da penetração subversiva no interior” (BRUCKMANN, 2020, p. 95). O que Bambirra não sabia era que ela também tinha sido condenada na época, mas como uma mulher não poderia ser liderança de movimentos sociais e políticos, apenas seu companheiro ficou com o “mérito”, como ela compartilha em entrevista¹⁵⁷:

¹⁵⁵ “Quando adveio o golpe de 1964, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, entre outros professores da UnB, foram demitidos, perseguidos e seus nomes inseridos nas listas de pessoas procuradas por subversão” (WASSERMAN, 2017, p. 36).

¹⁵⁶ “A intelectualidade de esquerda, sobretudo aquela que havia permanecido no Brasil, tivera de se acomodar à realidade autoritária. De um lado, os intelectuais de esquerda que viveram o período autoritário no país se impuseram uma espécie de autocensura, procurando evitar a repressão, driblar a censura e, no limite, se manter vivos. De outro lado, produziu-se uma crítica aos movimentos guerrilheiros, acusados de impedir a negociação para o retorno à democracia (WASSERMAN, 2017, p. 99).

¹⁵⁷ Ver em: [Homenagem a Vania Bambirra](#).

Depois do golpe militar, a gente... o meu marido foi condenado a 15 anos, e eu também fui condenada. Só que recentemente eu fiquei sabendo que eu tinha sido condenada. Eu saí do Brasil com a maior cara de pau, com o passaporte e com minha filha no braço, tranquilamente, e já tava condenada a um ano de prisão. Tanto que isso não aparece no meu memorial, que eu tive que fazer quando eu fui trabalhar na Universidade de Brasília quando eu voltei do exílio. Eu achava que eu era uma exilada, não é, que tava acompanhando meu companheiro. E falava inclusive “que bom”, eu tava nas ligas camponesas, era coordenadora, participava da coordenação das ligas camponesas em Minas, fui uma das fundadoras da POLOP, e depois, pelo machismo, quem foi condenado foi meu companheiro, e como mentor intelectual das ligas camponesas, ele que não tinha nada que ver com as ligas camponesas¹⁵⁸. Eu adorava o machismo desse ponto de vista, até que eu descobri que eu também, e tem muito pouco tempo, tem uns dois meses, que eu também tinha sido condenada e não sabia, né?

Diante disso, partiu, usando o nome Ana Santos, com seu companheiro para São Paulo, onde nasceu sua primeira filha, Nadia¹⁵⁹, e permaneceram na clandestinidade¹⁶⁰ durante dois anos, até partirem em exílio para o Chile. Para ela, esse período não trouxe vivências e nem produções na área acadêmica, mas sim na “[...] acumulação de forças teóricas, políticas e pessoais” (BAMBIRRA, 1991, p. 21). Rompeu com a POLOP e se vinculou a VAR Palmares, se dividindo entre cuidados com a casa e a filha e, sem dinheiro - tiveram que vender os livros que Theotônio dos Santos comprou com sua herança para a biblioteca da Câmara dos Deputados -, conseguiu um emprego como ajudante de pesquisa na Denison Propaganda, obtendo muito aprendizado em pesquisa de opinião e percebeu que era um bom lugar para os da “esquerda derrotada”, que estavam “[...] dispostos a mostrar os melhores serviços com baixos salários, para se ocultarem da voracidade repressiva” (BAMBIRRA, 1991, p. 22). Esse período foi de intensas mudanças na vida de Bambirra e dos outros intelectuais militantes que seguiam na luta, agora para sobreviver a um regime que os abominava.

¹⁵⁸ Notamos uma divergência: em seu memorial (1994, p. 63), Theotônio dos Santos se coloca como atuante no movimento: “No movimento camponês, além de fundar as Ligas Camponesas de Minas Gerais, tive atuação fundamental na organização do I Congresso Nacional Camponês, que se realizou em Belo Horizonte. Particpei também na organização nacional das Ligas Camponesas em representação de Minas Gerais, além de organizar as Ligas Camponesas de Brasília e parte de Goiás. Talvez seja por isto que a minha condenação pelo Tribunal Militar de Belo Horizonte em 1966 tenha sido como ‘mentor intelectual de penetração subversiva no campo!’”.

¹⁵⁹ Vivenciar esses momentos certamente foi marcante para os filhos de Bambirra. Nadia, com toda sua sensibilidade, escreve: “*Ser filha da Vânia Bambirra e do Theotônio dos Santos nunca foi simples. Nasci em novembro de 64, já na clandestinidade, em São Paulo. Com dois anos fomos exilados para o Chile e aos nove para o México. O exílio é uma ferida que nunca fecha. Ser proibido de viver no teu país é um sentimento dilacerante. [...] Nunca tive raízes, e minha mãe dizia que eu estava preparada para sobreviver na selva. Com a luta armada, ela poderia desaparecer a qualquer momento e acreditava ter me preparado para isso*”. Ver em: [Homenagem a Vânia Bambirra](#).

¹⁶⁰ A autora compartilha um pouco dessa experiência e o olhar de sua mãe em relação à POLOP: “*Eu me lembro que minha mãe falava: “Os comunistas da Vaninha são os comunistas bons, porque ajudam ela. Já os comunistas do Ivan - meu pai, né? - são comunistas que não prestam, levaram todo o dinheiro da gente*”. Entrevista em 2013 para o Pensamento Próprio, do IELA. Ver em [Vânia Bambirra: intelectual e militante](#).

2.2 Primeiro exílio: o Chile e as portas abertas para o estudo da dependência

Quando sinto medo, resisto
quando ouço o som da sirene, eu busco lembrar
Irmãos com marcas no corpo
verões de pouco calor
marchando nas vozes do povo
a luta nunca acabou
sou mais um na multidão de armas na mão
minha arma é meu violão, minha voz, meu refrão
Oh, não, não me cerceia, não¹⁶¹

Bambirra chegou ao Chile, em 1966, já empregada: foi convidada para ser pesquisadora no conceituado Centro de Pesquisas de Opinião Pública (CEDOP) de propriedade de Don Eduardo Hamuy, Diretor da Faculdade de Economia da Universidade do Chile¹⁶², que, para além de outras pesquisas, realizava prévias eleitorais. Posteriormente, foi convidada pessoalmente por Don a se tornar professora visitante e pesquisadora no *Centro de Estudios Sócio Econômicos* (CESO)¹⁶³, da Faculdade de Economia. Mais tarde, se efetivou como docente por concurso de títulos, e, a partir dali, sua vida acadêmica decolou.

De início, já assumiu a cátedra que pertencia ao professor Fernando Henrique Cardoso, a quem mais tarde ela fazia críticas sobre sua visão da dependência e seus posicionamentos, inclusive enquanto um presidente que privatizou tantas das nossas riquezas. Também redigiu o artigo *Los Errores de la Teoría del Foco*¹⁶⁴, em 1967, o primeiro que repercutiu internacionalmente, que consistia em uma “[...] crítica contundente aos postulados de Régis Debray, quando este empolgava esquerda revolucionária do continente” (BAMBIRRA, 1991, p. 26), em que são pontuadas questões como a subestimação do papel da organização dos movimentos sociais e a falta de análise objetiva da questão da dependência, e

¹⁶¹ Música de Jaffar Bambirra, neto de Vânia e Theotônio, em homenagem aos avós e a todos os outros lutadores exilados. Ver em: ['A vós' - Jaffar Bambirra](#).

¹⁶² “A disposição da Universidade Chilena, notadamente, de alguns centros de ensino e pesquisa como o CESO, de receber e dar abrigo aos exilados latino-americanos perseguidos pelas ditaduras não ocorria apenas com o objetivo de oferecer guarida aos perseguidos e prestar solidariedade àqueles que professavam as mesmas ideias políticas e acadêmicas. Havia na universidade chilena, mais do que em qualquer outro ponto da América Latina, uma disputa em andamento sobre a orientação do capitalismo latino-americano como um todo, e chileno em particular. Entre 1950 e 1970, o nacional-desenvolvimentismo, predominante entre a intelectualidade e os políticos populistas, foi confrontado com as teses liberais do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM), alimentados pelos economistas de Chicago” (WASSERMAN, 2012, p. 86).

¹⁶³ “O CESO foi, em seu momento, um dos principais centros intelectuais da América Latina. A maioria da intelectualidade latino-americana, européia e norte-americana, principalmente de esquerda, passou por ali, dele participando mediante palestras, conferências, mesas-redondas e seminários. Contudo, o segredo da intensa vida intelectual que o caracterizou e que se constituiu na fonte real do seu prestígio foi a permanente prática interna de diálogo e discussão, institucionalizada nos seminários de área - as áreas temáticas eram as células da instituição - e no seminário geral e continuada nas relações pessoais, que tinham por base o companheirismo e o respeito mútuo (MARINI, 1990, p. 18).

¹⁶⁴ Disponível em: [Los Errores de la Teoría del Foco](#).

um alerta sobre os “[...] perigos subjacentes a uma receita demasiado fácil de como se fazer uma revolução¹⁶⁵” (BAMBIRRA, 1991, p. 27). Debray “[...] considerava a vitória e o sucesso da revolução cubana como obra do ‘foquismo’ e criava, com isso, uma aura de heroísmo em torno da chamada ‘teoria do foco’, atribuída a Che Guevara” (WASSERMAN, 2017, p. 80).

A autora, esperando voltar logo para o Brasil, não assinou o artigo, que circulou por vários países (inclusive Alemanha e EUA), em várias traduções, então usou o pseudônimo de Cléa Silva, que a fez mais conhecida, durante um tempo, que o nome real. A lucidez e segurança demonstradas na escrita de críticas bem fundamentadas e coerentes é uma marca da autora, que reconhece: “[...] a polêmica sempre foi o meu forte, sempre gostei de demolir esquemas analíticos e argumentos que considero sem fundamento. Em quase todos os meus trabalhos, ela está presente” (idem).

Vânia e sua família passaram sete anos e meio no Chile, e lá ela, além de se apaixonar pelo país, se afirmou “como intelectual, como professora, como pesquisadora e cientista social”. Em suas palavras, “Levantei voo. Adquiri auto confiança, produto da segurança de que o meu trabalho era sério e fundamentado. Comecei a realizar o sonho de entender o mundo para ajudar a transformá-lo” (1991, p. 28).

Ao relatar o que houve em 1968, mostra a firmeza que tem sobre seus propósitos intelectuais, pessoais e acadêmicos: Theotônio dos Santos foi convidado a dar aulas em uma universidade nos EUA, e aceitou, com o intuito de também fazer doutorado por lá. Bambilra, que acabara de ser mãe novamente, dessa vez de um menino chamado Ivan, se recusou a ir, por efeito do entusiasmo que sentia pelo seu trabalho, “[...] e com os conhecimentos da América Latina que ia adquirindo e com crianças pequenas, não gostava nem um pouco da perspectiva de ter de realizar trabalhos domésticos” (idem). Por fim, a estadia de Theotônio lá

¹⁶⁵ Carla Ferreira (2020) discorre sobre a perspectiva de Bambilra no que tange à revolução: “*Quando estudou as revoluções, se dedicou também, muito, à mexicana e à cubana, né? Sobre a Revolução Cubana ela tem não apenas a crítica a Régis Debray [...] uma crítica muito contundente e muito importante porque se disseminava na América Latina daquele então a ideia de que bastava uma inversão entre a dimensão política e militar da guerra revolucionária, uma inversão muito perigosa que conduzia a equívocos políticos muito sérios, que estavam conduzindo a esquerda latinoamericana a uma série de derrotas porque se passou a acreditar, a partir desse trabalho de Debray, que a luta de massas e a organização político partidária era secundária em relação à frente militar. Então, Vânia foi cirúrgica no debate.[...]A partir daí ela também escreve Revolução Cubana: uma reinterpretação, onde a partir da História e de evidências empíricas ela prova sua tese do papel relevante da luta de massas e da luta política que não pode ser invertida em relação à luta militar, né, à dimensão militar da luta revolucionária, para a estratégia revolucionária*”. Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambilra](#).

durou apenas seis meses, e como bem diz a autora, “[...] tive pena, mas nunca submeti meus projetos de trabalho às relações pessoais” (idem)¹⁶⁶.

A escolha em se manter firme na própria carreira e não ficar à sombra do companheiro é notável e um exemplo para as mulheres, mas devemos lembrar que nem todas têm essa escolha, e são várias as realidades. Precisamos demarcar as condições objetivas de Bambilra. Teve acesso ao ensino superior em uma época que isso era raro para mulheres, como a mesma já explanou, e, vale destacar, é um determinante para a mudança da própria história e possibilita uma diferente perspectiva de futuro, e teve ao seu lado um companheiro que a apoiava e estimulava intelectualmente. Não se trata de desmerecer sua luta e os desafios impostos pelo machismo - que foram muitos -, mas de reconhecer que há determinantes no que diz respeito à possibilidade de escolha.

Além de Bambilra e Theotônio dos Santos, vários outros intelectuais¹⁶⁷ haviam migrado para o país, vindos por exílio ou atraídos para trabalharem na sede central da CEPAL ou ILPES, em Santiago. Sobre esse movimento no Chile, a autora declara¹⁶⁸:

Por que foi no Chile que floresceu a teoria da dependência? [...] Porque todo pensamento novo, todo pensamento contestatário, todo pensamento revolucionário precisa de liberdade pra se criar, pra se desenvolver. [...] E o Chile, nos anos 60, tinha todas essas condições. Quando a gente foi pro Chile, era o governo do Freire, o pai [...] da social democracia, né? A burguesia chilena se dava ao luxo de falar na revolução em liberdade. O lema era Revolución en Libertad. Não era nem revolução e nem nada, não é? Bom, pra lá foi também, como lá era um clima tranquilo, não tinha nenhuma possibilidade de golpe ali, a sede da CEPAL e do ILPES. Qual a consequência de montarem lá, das Nações Unidas colocarem lá a sede da CEPAL e do ILPES? É que atraiu pra CEPAL e pro ILPES o que havia de melhor na intelectualidade latinoamericana. Eu penso no Edelberto Torres-Rivas, penso no Tomás Amadeo Vasconi, penso no Aníbal Quijano, penso no, bom, foi o Fernando Henrique Cardoso, que, segundo vários dizem, que ele era esquerdista, né? Eu nunca vi, ele pra mim não era nada de esquerdista não era coisa nenhuma, ele só falava em sociologia. Não gostava de política, não falava de política, não falava de esquerda, não falava de nada, era só sociologia.

Foi fundado no CESO, em 1967, um grupo de pesquisa, que era dirigida por Theotônio dos Santos e composto por Vânia, Orlando Caputo, Sérgio Ramos e Roberto Pizarro, que se dedicaria ao estudo das relações de dependência na América Latina,

¹⁶⁶ Isso nos remete à inspiradora fala de Lady Gaga: “Algumas mulheres escolhem seguir os homens, e outras escolhem seguir seus sonhos. Se você está se perguntando em qual direção seguir, lembre-se de que sua carreira jamais acordará de manhã e dirá que não te ama mais”.

¹⁶⁷ Muitos deles “[...] estavam preocupados em repensar a realidade do continente, pois era óbvio que a crise profunda e estrutural do desenvolvimento capitalista havia posto em xeque sua teoria explicativa, a teoria do desenvolvimento da CEPAL” (BAMBIRRA, 1991, p. 30), de modo que, no decorrer dos anos 1960 começaram a surgir trabalhos vindos de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, Maria da Conceição Tavares, Francisco Weffort, Carlos Lessa, José Serra, e, incorporado ao Instituto de Sociologia mais tarde, André Gunder Frank; que mantiveram entre si “frutíferas discussões”.

¹⁶⁸ Ver em: [Vânia Bambilra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

começando pelo levantamento da bibliografia necessária, “[...] abarcando desde seus antecedentes teóricos até as suas fontes estatísticas mais relevantes” (BAMBIRRA, 1991, p. 31), e partindo para a realização, toda semana, de seminários para a discussão das fontes levantadas. Esses encontros¹⁶⁹ se estendiam aos finais de semana na casa de Bambirra e dos Santos, onde se deram ricas discussões que nutriram a essência da teoria da dependência¹⁷⁰. Cada integrante desenvolveu o próprio projeto, seguindo o mesmo marco teórico, delineado por Theotônio dos Santos, que define a dependência como “[...] uma situação condicionante redefinida em função das especificidades de cada uma das sociedades latino-americanas; não é um fenômeno externo, mas que *permea* e configura a estrutura econômico-social dos países do continente” (BAMBIRRA, 1991, p. 31).

É importante demarcar que esse conceito básico histórico-estrutural “[...] passou a ser comum, explícita ou implicitamente, a todos aqueles teóricos que podem ser considerados como da corrente ‘dependentista’” (idem) e que, apesar dos mesmos se dedicarem a essa temática, não pensam da mesma forma e não se referenciam pelas mesmas fontes. O grupo de Vânia se aproximava do de Marini, à época no México, pois a metodologia e as categorias de análise empregadas foram as marxistas e houve “[...] a criação de novas categorias analíticas essenciais para compreender e explicar fenômenos novos, que não haviam sido vividos, e, portanto, nem pensados pelos clássicos marxistas” (BAMBIRRA, 1991, p. 32). Nesse sentido, afirma Theotônio dos Santos (1972, p. 181-191 *apud* WASSERMAN, 2017, p. 92):

[...] estávamos reduzidos à condição de analistas de nós mesmos, com instrumentos teóricos gerados no exterior e revisados à luz da nossa experiência. [...] nós podemos ocupar um papel na elaboração de instrumentos teóricos próprios, que podemos

¹⁶⁹ Também participava do movimento Graciela Galarce, que descreve Bambirra como uma “[...] *bela pessoa [...], que nos convocou a estudar, [...] a entender a economia mundial, [...] a entender o que passava no mundo e na América Latina, na economia, etc. E ela era parte ativa de tudo isso, e em seu cotidiano sempre transmitia sua inquietação, [...] sua necessidade de estudar, [...] ela tinha uma personalidade muito forte, apesar de ser uma pessoa frágil fisicamente. Era uma pessoa de uma fortaleza incrível [...] E eu recordo e não posso esquecer com que paixão, com que veemência Vânia defendia todos os pontos de vista [...] tão fortemente [...] e não ficava pequena ante Theotônio e nem ante nada. [...] sua capacidade de vincular a realidade com os escritos, com a teoria, e fazer livros que realmente refletiram o que acontecia e de forma exata [...] passando por sobre o que eram os pensamentos hegemônicos em seu tempo, [...] Ela defendeu com veemência tanto assim que chegava a me assustar quando ela falava porque era tão forte sua paixão [...] e nesse ponto de vista devo reconhecer que ela foi uma iniciadora a respeito da mulher em sua igualdade [...] ante a lei, ante o estudo, ante a maternidade, ante os direitos civis, ante tudo. [...] Então, especialmente para mim, Vânia foi uma pessoa que eu admirei sempre por sua valentia, por seu caráter bondoso e carinhoso, unidos a sua capacidade intelectual extraordinária, com seu carinho com seus filhos, com nossos filhos, para todos que a rodeavam.* Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambirra](#).

¹⁷⁰ Segundo compartilha Nadia Bambirra: “[...] *aos finais de semana na minha casa, se eu não me engano, aos domingos, tinha sempre um grupo de estudos, sobre toda essa questão da dependência, marxismo, era religioso, eu me lembro que pro Theotônio e pra Vânia era um momento assim que, né, não se abria mão, [...] desses estudos que eu acho que são um grande embrião de tudo que depois se torna a Teoria da Dependência também, em termos de discussões*”. Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambirra](#).

superar a condição de ser simplesmente aplicadores de instrumentos teóricos gerados no exterior [...] o proletariado latino-americano começa a entrar na história e [...] os intelectuais latino-americanos começam a expressar a entrada na história desse proletariado. E ao entrar na história, se entra na história do mundo e não somente na história da América Latina [...] A preocupação metodológica se acentua cada dia e se acentua não como produto de discussões acadêmicas [...] a própria realidade exige uma redefinição metodológica para poder apreender uma série de fenômenos que não estavam no centro das preocupações do pensamento europeu.

Ainda sobre a importância de beber do marxismo e vinculá-lo à própria realidade, que é bem diferente da Europa, na formação sócio-histórica, cultural, além do tempo onde foi pensada, Bambirra (1991, p. 32) pondera:

Utilizávamos o marxismo com familiaridade. Pensávamos que estávamos, mais que utilizando seu instrumental teórico e metodológico, recriando-o na medida em que incorporávamos a ele novos conceitos. Isso é a essência do marxismo, pelo que sempre entendi da sua concepção histórica. Não se tratava propriamente de profaná-lo, mas de abrir novos caminhos analíticos e fazê-los rejuvenescer.

O ambicioso e amplo projeto vinculado ao grupo de estudos pensado por Bambirra consistia em uma pesquisa que abarcava toda a América Latina¹⁷¹, explanando as diferenças substantivas que se deram no desenvolvimento dos países latino-americanos e pensando acerca da reforma agrária, no sentido de que era “[...] necessária, inclusive para o desenvolvimento do capitalismo dependente” (BAMBIRRA, 1991, p. 16) e nos motivos de não ter sido realizada, inquietações que deram forma e vida ao livro *O capitalismo dependente latino-americano*¹⁷², cujos três primeiros capítulos foram escritos entre 1968 e 1969 e a primeira versão completa se deu em 1970, sendo publicada no Chile, seguindo depois a vários países: como México e Itália. Somente através da editora Siglo XXI foram mais de 30 edições. No Brasil, no entanto, essa relevante obra somente foi publicado em 2013, graças a uma iniciativa do Instituto de Estudos Latino-Americanos, (IELA)¹⁷³ da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nas palavras da própria autora,¹⁷⁴

[...] a motivação desse livro, que foi escrito no Chile, há 40 anos atrás, foi devido a uma grave crise que ocorreu em todo o continente e que era produto da mudança do caráter da dependência devido à penetração intensa do capital estrangeiro nas

¹⁷¹ Nas afirmações de Bambirra (2012, s.p): *Os objetivos do livro e da teoria marxista da dependência visaram satisfazer duas ordens de necessidades. Primeiro, explicar os fatores que condicionavam e que aprofundavam a profunda crise que o capitalismo atravessava naquele momento. E naquele momento era muito grave mas nem se compara com a crise catastrófica que tá vindo por aí e que é sem saída.[...] E a segunda, naturalmente, era ter uma visão da realidade latinoamericana para, a partir dela, poder orientar movimentos revolucionários que vinham de sucessivas derrotas, uma após outra, em praticamente todo o continente, todos os países.* Ver em: [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano" \(UFRGS, 5/12/12\).](#)

¹⁷² Indicamos a exposição do livro que Carla Ferreira faz no trabalho [Vânia Bambirra, intérprete de Lênin.](#)

¹⁷³ “Coletânea de 80 volumes traz, em língua portuguesa, os clássicos do pensamento latino-americano, incluindo autores nacionais nunca editados em português”. Ver em: [Coleção Pátria Grande.](#)

¹⁷⁴ Entrevista em 2013 para o Pensamento Próprio, do IELA. Ver em [Vânia Bambirra: intelectual e militante.](#)

nossas economias. Os investimentos que antes vinham como importação de mercadorias passaram a chegar ao Brasil como investimento de Capital. Então, o Capital estrangeiro o que fazia: onde já existiam indústrias nacionais instaladas, eles entravam e tomavam o controle da situação, e onde não haviam certas indústrias, [...] as manufaturas, e tudo isso, sofreu um desenvolvimento muito intenso depois do segundo pós guerra. Eles vinham então com as maquinárias, instalavam as maquinárias aqui, já como investimento capital, e passaram a controlar a economia. Quem controla a economia naturalmente controla o cenário político, e subjugaram nossas classes dominantes que passaram à condição de classes dominantes-dominadas, tá certo? Essa é nossa história. Começa uma nova etapa de dominação externa, que, na realidade, era uma dominação interna, porque eles manipulam a economia, a política, a cultura, etc, etc, etc, os níveis da sociedade brasileira. O capital estrangeiro passa a ser o manda tudo no país. Foi isso, exatamente entender esse processo pra encontrar vias de superação”.

A pesquisa foi traçada a partir da tipologia¹⁷⁵ elaborada por Bamberra para delimitar dois grandes grupos de países latino-americanos: o grupo do tipo A, “[...] constituído por países cujo processo de industrialização começou a partir das últimas décadas do século XIX” (BAMBIRRA, 1991, p. 32) - Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Uruguai -; e o grupo do tipo B, “[...] composto por aqueles onde tal processo ocorrerá a partir da II Guerra Mundial, controlado diretamente pelo capital estrangeiro” (BAMBIRRA, 1991, p. 32) - como Paraguai, Venezuela, Peru e Equador. Apenas nos países do tipo A “[...] originou-se uma burguesia industrial nacional que elaborou um projeto próprio de desenvolvimento e o ofereceu ao conjunto da sociedade” (BAMBIRRA, 1991, p. 33) e, nesses casos, “[...] ocorreu a chamada substituição de importações e revoluções ‘democrático-burguesas’, naturalmente com as características próprias do capitalismo dependente” (idem). Já nos países do tipo B, esse perfil de burguesia de modo algum existiu, do mesmo modo o populismo, “[...] salvo em suas formas oligárquicas caricaturescas” (idem). Vânia, no decorrer do livro, mostra

[...] como, a partir dos anos cinquenta, no contexto da integração monopólica mundial, os investimentos estrangeiros diretos no setor manufatureiro - eixo principal da acumulação de capital - desnacionalizava a propriedade privada dos instrumentos de produção naqueles seis países. As burguesias nacionais tornaram-se sócias-menores das empresas multinacionais, transformaram-se em classes dominantes-dominadas, abdicando das bandeiras anti-imperialistas e nacionalistas-populistas. Tal processo culmina nos anos sessenta com os golpes de Estado de novo tipo e acirramento das tensões sociais (idem).

¹⁷⁵ Questionada pelo método escolhido e associada a Weber por isso, rebate: “*Eu não tenho nada com Max Weber, nada a ver com Max Weber, não gosto de Max Weber. Li Pouco Max Weber quando eu era estudante, por obrigação acadêmica, só por isso. A minha tipologia é marxista. Eu tinha que criar, tem muitas tipologias realmente, que são inspiradas de maneira weberiana. Mas o meu marca passo é a luta de classes, a tipologia é um recurso analítico pra separar países que tiveram desenvolvimentos completamente diferentes devido à industrialização. O nível de desenvolvimento de um país se dá pelo processo de industrialização, como no futuro o nível de desenvolvimento de um país se dará pelo processamento da revolução científico-tecnológica, tudo vai mudando, tudo vai evoluindo. Então foi um recurso analítico, tanto eu falo Tipo A, Tipo B, pra ficar bem... [...] Esse foi o critério que eu explicito logo no começo, quando eu critico a tipologia do FHC e do Enzo Faletto”.* Entrevista em 2013 para o Pensamento Próprio, do IELA. Ver em [Vânia Bamberra: intelectual e militante](#).

Mais ao final do livro, a economista avalia as contradições do capitalismo dependente em cada um dos tipos, concluindo que “[...] esse sistema não pode resolvê-las e, para manter-se necessita apelar para formas mais extremas de repressão econômica, política e social, vale dizer, para o fascismo. A alternativa a ele seria o socialismo” (BAMBIRRA, 1991, p. 33-34). O livro, que, dentre os seus, foi o mais divulgado na América Latina, tanto no ambiente acadêmico quanto no político: Bambirra foi requisitada por “muitos personagens históricos da esquerda latino-americana” (BAMBIRRA, 1991, p. 34), como militantes socialistas e comunistas e dirigentes do Movimento de Izquierda Revolucionária (MIR), a fim de discutir suas teses, que seguem sendo importantes¹⁷⁶ para a esquerda latino-americana.

Em 1969, escreveu - assinando como Glauris Fernandez - *Partido Comunista: Reforma o Revolución?*¹⁷⁷, além de uma resenha de *Capitalismo Monopolista*¹⁷⁸, de Paul Baran e Paul Sweeze. Na pensadora, muitos interesses de estudo despertaram, um deles era o fracasso dos movimentos insurrecionais na América Latina, a levando a conceber uma antologia sobre eles - especificamente durante a década de 1960 - que se transformou em um livro, com prólogo¹⁷⁹ de Bambirra, publicado primeiramente no Chile em 1971, que também escreve o artigo *Diez Anos de Insurrección en América Latina*¹⁸⁰ (ANEXO), - e que foi publicado em 1973 na Itália¹⁸¹.

A “revolução cultural” na China, foi outro tema que chamou a atenção da autora, ao comprar livros para seus filhos e descobrir que “[...] a literatura infantil chinesa, ao contrário por exemplo da soviética, valorizava o trabalho, a criação e o aporte do ser humano à sociedade de uma maneira muito bonita e motivante” (BAMBIRRA, 1991, p. 36). Esse encantamento a inspirou a escrever sobre, lhe rendendo a publicação do artigo *La Revolución Cultural y el Marxismo*¹⁸². Também naquela época se interessou “pela economia política da libertação da mulher”, num contexto de auge do feminismo, porém, “em geral, era muito mal enfocado teoricamente¹⁸³” (BAMBIRRA, 1991, p. 36). Escreveu, então, dois artigos: *La*

¹⁷⁶ Perguntada sobre o recado que a obra dá na atualidade, responde: “[...] continua mostrando isso, que o socialismo é viável e possível. Agora, a atualidade dela reside no fato de que ela trata de fazer mostrar que os países latinoamericanos, eles são iguais nas desigualdades”. Entrevista em 2013 para o Pensamento Próprio, do IELA. Ver em [Vânia Bambirra: intelectual e militante](#).

¹⁷⁷ Ver em: [Partido Comunista: Reforma o Revolución?](#).

¹⁷⁸ Ver em: [Capitalismo Monopolista](#).

¹⁷⁹ Ver em: [Prólogo Diez Anos de Insurrección en América Latina](#).

¹⁸⁰ Ver em: [Diez Anos de Insurrección en América Latina](#).

¹⁸¹ Ver em: [L'esperienza Rivoluzionaria Latino~Americana](#).

¹⁸² Ver em: [La Revolución Cultural y el Marxismo](#).

¹⁸³ No depoimento de Prado (2012, s.p.), “[...] ela tratou, ela enfrentou isso, não só na prática, né, impondo, pela qualidade da sua obra, das suas intervenções, a sua posição ali no debate, mas também teoricamente, ela tem um par de textos sobre o papel da mulher na transição ao socialismo, texto publicado no Chile, ou seja, ela encarou essa questão também de forma teórica. Contra um feminismo, diríamos, né, pequeno-burguês, o que

Mujer Chilena en Transición al Socialismo, publicado em 1971, e *Liberación de la Mujer y Luta de Clases*, publicado em 1972, ambos na revista chilena Punto Final e, depois, alcançaram vários países. Neles,

[...] tratava de desvincular a questão substantiva, que é a questão da dupla exploração da força de trabalho da mulher trabalhadora, da equivocada formulação dos movimentos feministas, que deforma o enfoque da questão ao não fazer uma diferenciação entre os vários tipos da “categoria mulher”, propugnando uma absurda luta entre os sexos. Eu colocava, a análise do problema em termos de classes sociais e ia mais longe, ao destacar que, em definitivo, o duplo trabalho - dentro e fora de casa - só seria superado com a industrialização da economia doméstica, o que pressupunha uma sociedade planificada, altamente desenvolvida, socialista (BAMBIRRA, 1991, p. 36-37).

Ainda em agosto de 1972, escreveu *La Politización de la Mujer. Una Batalla que Está por darse*, publicado na revista Chile Hoy. Sobre esses e outros escritos, que são o nosso tema de estudo, nos debruçaremos mais aprofundadamente no próximo capítulo. No mesmo ano, teve publicado na revista Sociedad y Desarrollo, do CESO, seu artigo *Integración monopólica mundial e industrialización: sus contradicciones*¹⁸⁴, que traz sua tipologia dos países A e B.

Na mesma época, se dedicou a “[...] analisar a evolução - ou involução - da esquerda chilena e brasileira” (BAMBIRRA, 1991, p. 37), com foco em duas das correntes mais significativas: a “foquista” e a reformista, por meio de três artigos descritos pela mesma como “polêmicos e muito críticos”: *El Neo-Foquismo: La ‘Nueva Teoría’ Pequeño-burguesa de la Revolución* e *El Carácter de la Revolución*, assinados como Cléa Silva, e *Partido Comunista Chileno: Reforma o Revolución*, assinado como Glauris Fernandez - o novo pseudônimo foi motivado pelo receio de que o Serviço Nacional de Informação (SNI) já tivesse conhecimento da verdadeira identidade de Cléa Silva.

Com a vitória¹⁸⁵, em 1970, da Unidade Popular (UP) e o esvaziamento pela saída¹⁸⁶ da maioria dos membros do grupo de estudos sobre dependência para trabalhar para o novo

tratava o feminismo sem tratar a questão de classe, contra isso, mas trazendo a questão do feminismo, junto com a questão de classe, ela fez isso na prática e na teoria. Ver em: [Fernando Correa Prado - A contribuição de Vânia Bambirra ao pensamento crítico latino-americano](#).

¹⁸⁴ Ver em: [Integración monopólica mundial e industrialización: sus contradicciones](#).

¹⁸⁵ Bambirra, em 2012, fala da importância dessa vitória: “A Unidade Popular [...] foi a coligação que elegeu Salvador Allende, certo? Ela foi o primeiro programa de governo, e um programa de governo vitorioso, que coloca pela primeira vez, que tratava-se de buscar a nacionalização das grandes empresas monopólicas controladas pelo capital estrangeiro[...] Estatizar as grandes empresas e começar um processo de transição ao socialismo. Foi a primeira vez que foi colocado isso na história [...] e isso pra mim é uma coisa assim que a gente nunca pode esquecer, a Unidade Popular triunfa”. Ver em: [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

¹⁸⁶ “Isso fez com que praticamente os postos fossem ocupados pelos exilados e estrangeiros. Assim, a principal orientação do Cesó – sob a direção de Theotônio dos Santos – foi a elaboração de trabalhos e debates mais teóricos, com o objetivo de servir de base ao processo da Unidade Popular, mas também para toda a periferia mundial” (SEABRA, 2019, p. 275).

governo ou em cargos de direção acadêmica, o grupo se desfez, levando a intelectual a pensar, além das contribuições feitas à questão da dependência, nos novos rumos que seus estudos iriam tomar:

[...] já não tratava mais de analisar apenas o capitalismo dependente. Tratava-se de deslindar os rumos da sua superação. Afinal, a teoria da dependência, que havíamos ajudado a elaborar e a ramificar, já havia cumprido uma enorme função prática: a de influenciar na elaboração do Programa da Unidade Popular¹⁸⁷. Pela primeira vez, um programa de governo feito por uma frente de esquerda, com a participação relevante de um partido Comunista, colocava a ênfase na liquidação dos monopólios nacionais e internacionais; estabelecia, também, que a soberania nacional só poderia ser consolidada quando fosse superado o capitalismo dependente, através da transição socialista. Eram exatamente as conclusões óbvias das teses centrais que defendíamos em nossas publicações, cursos e conferências (BAMBIRRA, 1991, p. 38).

Sempre em movimento, a economista se questionava: “[...] qual a maneira mais efetiva de entender as características que assumiria a transição socialista na América Latina?” e logo encontrou a resposta: estudar a Revolução Cubana, a “[...] única experiência concreta de transição socialista que estava em curso” (BAMBIRRA, 1991, p. 39). Cabe-nos trazer esses importantes apontamentos de Bambirra sobre a transição socialista:

*O fato da revolução ter triunfado em países atrasados condicionou suas limitações. O socialismo não demonstrou, ele não pôde demonstrar suas grandes possibilidades, porque ele triunfou no atraso e isso porque a Rússia, sendo o país mais atrasado da Europa, transformou-se logo na segunda potência mundial. Eu acho isso uma coisa fantástica. [...] Que livros está escrito que não se pode alterar a ordem natural das coisas? Vale dizer que a Revolução não poderia ocorrer no elo mais fraco da cadeia? O Lênin se utilizou muito dessa colocação pra justificar a tomada e a manutenção do poder na União Soviética, a tomada e a manutenção do poder pelos bolcheviques. A opção qual era? Era não fazer a revolução. Então, dizia ele, era preferível tentar, mesmo assim, até que o proletariado europeu viesse em ajuda do proletariado soviético. Resultado: nós todos já conhecemos. Criou-se um Estado operário sem classe operária. Tinha que dar no que deu. Valeu a pena? Eu penso que sim. Eu penso que sim porque o pior socialismo é melhor que o melhor capitalismo. Se se fortalece o capitalismo de Estado já é um grande avanço. O Lênin dizia: entre o capitalismo de Estado e o socialismo não existe nenhum degrau intermediário.*¹⁸⁸

O ambiente político no Chile nessa época era marcado pela oposição¹⁸⁹ entre o projeto adotado por Allende e as outras parcelas da esquerda, mais fortemente o MIR, que tinha um

¹⁸⁷ O programa, nas palavras de Orlando Caputo (2020), “[...] era antiimperialista porque resgatava as principais riquezas básicas do país, que estavam nas mãos das grandes empresas norte-americanas, particularmente o cobre. [...] esse programa foi muito mais avançado [...] e ademais era um trânsito pacífico ao socialismo através da via institucional, e que só fracassou também ou foi derrotado [...] pelo imperialismo e pela força armada, e por Pinochet [...] porque houveram poucas capacidades de proteger as grandes transformações que se estavam realizando”. Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambirra](#).

¹⁸⁸ Ver em: [Desafios para a esquerda na América Latina](#).

¹⁸⁹ “[...] uma das questões candentes que se colocavam no Chile de então era a da unidade da esquerda, em virtude dos problemas suscitados pela oposição UP x MIR” (MARINI, 1990, p. 22).

posicionamento mais radical - ao qual Marini aderiu -, pois “[...] consideravam necessário acirrar os conflitos sociais até o rompimento com a institucionalidade e com a burguesia” (WASSERMAN, 2012, p. 89). Por mais que Bambirra acreditasse na proposta da Unidade Popular no Chile - e sem esconder “[...] sua posição de equidistância e crítica às estratégias do projeto socialista de Allende” (idem) - tinha dúvidas de que pudesse se tornar realidade¹⁹⁰:

Como muitos companheiros que compartiam essa dúvida, vale dizer os sensatos, mas que nunca professaram a tese do “quanto pior melhor”, torcíamos e ao mesmo tempo militávamos para que tudo desse certo; se nossas preocupações científicas e políticas estivessem erradas, que a história nos desmentisse. Por isso, nunca registrei por escrito as minhas dúvidas enquanto as possibilidades de concretização do projeto da UP, pois o desânimo conduz à auto-liquidação dos movimentos sociais. Sempre acreditei que o ser humano, sobretudo as classes despossuídas, deve ser otimista; de que não se pode perder nunca a esperança (BAMBIRRA, 1991, p. 39).

Resoluta, organizou um seminário para dar seguimento aos estudos da Revolução Cubana, que se estendeu por um ano, contando com a participação de alguns colegas do CESO e dos intelectuais cubanos Mercedes Díaz de Arce, Germán Sánchez e José Bell Lara. Embora houvesse muitas trocas e colaboração entre os intelectuais, se acenderam discussões entre a autora e seus colegas cubanos em relação à interpretação da Revolução Cubana, o que é comum em ambientes acadêmicos e faz as ideias se aprimorarem ao terem sobre si vários olhares. Essas divergências se revelam no primeiro capítulo de *A Revolução Cubana: Uma Reinterpretação*, o livro que, dentre todos os seus, ela mais gostava¹⁹¹, onde é questionada a interpretação de Germán quanto ao papel da pequena burguesia na revolução e também a de Che Guevara e Fidel Castro, a autora desconfia que essa pode ter sido a razão da obra não ter

¹⁹⁰ “Allende intitulou sua política de ‘via chilena para o socialismo’, acreditando ser possível o respeito às normas constitucionais simultaneamente à implementação da reforma agrária e da nacionalização das indústrias extrativas minerais, chamada de “chilenização do cobre”. Uma forte intervenção estatal na economia marcava os primeiros anos de governo, que chegou a controlar mais de 60% das atividades produtivas. [...] a preocupação dos intelectuais exilados e daqueles que estavam nas Universidades e eram simpáticos às propostas da Unidade Popular era, principalmente, com a composição de classes do novo regime. Revelavam apreensão com o processo de transição ao socialismo ‘dentro da institucionalidade burguesa’. Se, de um lado, desejavam que tudo desse certo, por outro, compartilhavam com o MIR a ideia da incapacidade – leia-se falta de interesse – da pequena burguesia em participar do processo de reformas” (WASSERMAN, 2012, p. 88 e 90).

¹⁹¹ “[...] de todos os meus livros, o que eu mais gosto é o livro que eu escrevi sobre a Revolução Cubana - uma reinterpretação - porque naquela época imperava a tese do foquismo, e muita gente, inclusive o Che Guevara, morreu por isso. Porque tinham uma interpretação completamente equivocada da Revolução Cubana. Então, ao escrever esse livro, da mesma maneira que eu fiz uma crítica [...] ao Debrey e assinei com o pseudônimo de Clea Silva, e que foi resgatada pelo Paul Sweezy [...] mas esse artigo circulou pelo mundo, e eu acho que cumpriu a sua tarefa de tentar demonstrar que a Revolução Cubana tava muito mal interpretada, certo? E que era necessário fazer uma reinterpretação porque em Cuba não existia o foco. A concepção estratégico-tática da Revolução Cubana é uma concepção insurrecionalista típica e isto eu também tratei de demonstrar no Chile, foi lá que eu elaborei esse livro. Esse livro foi queimado pela ditadura”. Ver em: [Homenagem a Vania Bambirra](#).

sido publicada no país¹⁹², “apesar de que, como pessoa, ter tido sempre uma recepção privilegiada ali” (BAMBIRRA, 1991, p. 40).

A intelectual era fortemente motivada politicamente ao realizar a pesquisa:

[...] tratava de compreender e de explicar o caráter da revolução através de um rigoroso estudo de seus condicionamentos históricos, da situação objetiva do país e dos fatores que conduziram à sua mudança de qualidade, com o objetivo de entregar à militância revolucionária latino-americana que inspirava-se na mesma, uma análise objetiva do “modelo”. Assim, tratei de questionar, de maneira irrefutável, toda uma série de mitos que originaram a malfadada concepção “foquista”. Na primeira parte, tratei de analisar a estratégia insurrecional do Movimento 26 de Julho e o seu enraizamento na classe operária, fazendo assim uma reavaliação do mesmo, destacando a importância concedida à greve geral. Busquei explicar porque fracassou a greve geral de abril de 1958, cujo desfecho resultou na mudança da estratégia revolucionária. Pesquisei a seguir as razões do sucesso da nova estratégia, a guerrilha. Na segunda parte demonstrei o caráter democrático-burguês da primeira etapa da revolução, que estendeu-se de janeiro de 1959 a outubro de 1960, abrindo então o caminho para a transição socialista. Finalmente, busquei destacar as dificuldades dessa transição em um país pequeno, monocultor, bloqueado e hostilizado pelo imperialismo (BAMBIRRA, 1991, p. 41).

Finalizado e impresso, o trabalho não teve chance de ser distribuído, pois a editora que o faria, Prensa Latinoamericana, foi ocupada pelo exército chileno em decorrência do golpe de 1973 - que assassinou Allende - e teve todo o material queimado. Por sorte, um ex-aluno da autora, chamado Frank Teruggi, esteve na editora antes do episódio e levou consigo um exemplar do livro, que foi enviado a Paul Sweezy, um dos diretores da revista marxista *Monthly Review* e depois editado no México¹⁹³, em 1974, em Portugal¹⁹⁴, em 1975 e no Japão em 1980. Frank foi assassinado logo após o golpe, e antes de partir salvou o trabalho. Várias foram as perdas do que Bambirra e seus companheiros haviam construído coletiva e intelectualmente¹⁹⁵. O golpe significou, também, o passaporte para o neoliberalismo entrar no país e, conseqüentemente, se alastrar. Como afirma Seabra (2019, p. 275):

A derrota política no Chile não carregou consigo apenas a teoria marxista da dependência, mas também as teorias cepalinas do desenvolvimento. Aquele país foi convertido no primeiro laboratório latino-americano de aplicação do receituário neoliberal. Assim, nas décadas seguintes, os projetos políticos nacionais na região,

¹⁹² Sobre o assunto, Bambirra declara, em 2012: “*Eles me adoravam. Eu tive em Cuba 7 vezes, uma vez eu fui lá recebida como rainha, com flores, rum, [...] me deram orquídeas de Sierra Maestra, me levaram pra passear pela ilha inteira. Mas nunca publicaram meu livro lá. E nunca vão publicar, enquanto viver Raul e Fidel, porque eu fui a única que tive coragem de fazer crítica aos dois. Ao Guevara e ao Fidel, com todo respeito, mas fiz. Bom, alguém tinha que fazer, né?*”. Ver em: [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

¹⁹³ Ver em: [La Revolución Cubana: una reinterpretación](#).

¹⁹⁴ Ver em: [A Revolução Cubana: uma reinterpretação](#).

¹⁹⁵ Em seu memorial, Theotônio dos Santos (1994, p. 66) escreve: “É com muita dor que releio estas notas que explicam em parte o insuficiente desenvolvimento da teoria da dependência, cujo esforço ficou, em grande parte, enterrado sob as botas dos militares chilenos. É evidente que não tive forças para reescrever tudo isto partindo para novos trabalhos ou a reedição integrada e atualizada dos antigos”.

fossem reformistas ou marxistas, foram substituídos pelo monetarismo e liberalismo econômico (FRANK, 1991).

Destacamos um detalhe marcante dessa época: a casa onde viviam Dos Santos e Bambirra e que oportunizava encontros do grupo de estudos, logo depois do golpe, passou a abrigar a Embaixada do Panamá e, depois, “[...] foi confiscada e transformada em centro de tortura, atualmente demolida e transformada em memorial” (SEABRA, 2019) e Theotônio dos Santos foi colocado entre os primeiros procurados pela ditadura, “que o buscava ‘vivo ou morto’” (BRUCKMANN, 2020, p. 95). Graciela Galarce declara¹⁹⁶:

[...] o mais curioso e anedótico é que quando tiveram que se esconder, [...] tiveram que desaparecer, porque estavam chamados, convocados a ser apresentados à junta militar e eles estavam sendo fuzilados, todos os investigados, todos os pensantes, todos esses terroristas para a ditadura, para os fascistas. Eles se exilaram na casa da embaixada do Panamá que era a propriedade de Theotônio¹⁹⁷.

Além de ter perdido a publicação de seu livro no Chile, o golpe trouxe à Vânia aquele infelizmente já conhecido sentimento de perda e de despedida: uma semana depois do acontecido teve que se exilar¹⁹⁸, acompanhada de Theotônio e seus filhos, na Embaixada do Panamá, deixando para trás sua casa e o que, para eles, era maia valioso: “[...] a segunda biblioteca que havíamos construído ali. [...] Ficaram por lá sete anos e meio de vivências, mas o conhecimento acumulado em nossas cabeças veio conosco” (BAMBIRRA, 1991, p. 43-44).

Sendo Theotônio dos Santos retido por mais cinco meses na Embaixada em Santiago devido ao grau de “periculosidade” que apresentava no momento, Bambirra foi para o Panamá sozinha com os filhos, e ficaram por lá cerca de quatro meses e, para ela, esse tempo não teve “a menor relevância acadêmica” (BAMBIRRA, 1991, p. 44). A autora recebeu uma oferta de emprego e bolsa de pesquisa para a Fundação Friedrich Ebert, na Universidade de Caracas, agradeceu e se recusou a ir para a Venezuela, aceitando somente a bolsa, pois continuar na América Latina estava fora dos planos do seu companheiro. Receberam um convite da City University of New York e decidiram partir para lá. Já havia um empenho por parte de forças acadêmicas e políticas para que Theotônio dos Santos recebesse o salvo-conduto do governo Pinochet, documento necessário para que viajasse. Assim, Bambirra foi à

¹⁹⁶ Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambirra](#).

¹⁹⁷ Vale ressaltar que a casa era de propriedade de Vânia e de Theotônio.

¹⁹⁸ “A eclosão do golpe militar-burguês no Chile (setembro de 1973) não nos surpreendeu, mas nos equivocamos ao esperar uma resistência de massas, o que não aconteceu. Fomos todos para o Cesó e, capitaneados por Ruy e Theotônio, esperamos, em vão, pela resistência. Ficamos quase três dias na instituição até que, pelo rádio, vimos esvair-se a possibilidade de uma oposição. O destino seria novamente o exílio. Entramos na embaixada mais viável de se penetrar, que era a do Panamá, e para lá fomos” (BAMBIRRA, 2005, s.p.).

Embaixada Americana a fim de obter vistos para seus filhos. Essas idas e vindas a desagradaram profundamente:

Na verdade, eu não tinha a menor vontade de ir para a “gringolândia” e só fazia por insistência de meu companheiro, torcendo para que desse tudo errado. A partir de certo momento, quando o cônsul me fez um convite esquisito para visitar a biblioteca da “zona do canal”, vários amigos exilados passaram a revezar-se para ir comigo àquela tétrica Embaixada. Só creio que vale a pena mencionar o lance final. O cônsul me telefonou e pediu que eu levasse os passaportes, ia enfim conceder os vistos. Quando estive de posse dos mesmos, abriu o meu, retirou do bolso uma elegante caneta-tinteiro e fez um x na página inteira, onde anotou em seguida: “anulado por ordem do Departamento” (BAMBIRRA, 1991, p. 46).

Bambirra, se indignou com essa atitude do “[...] agente do sistema de discriminação e perseguição do governo americano, que paradoxalmente era negro”, assim como o fez Marini, que a acompanhava na ocasião e questionou a atitude do cônsul, que, por sua vez, o interrogou sobre o motivo de sua presença ali, ao que Marini respondeu: “[...] porque sou seu amigo e me interessa o que passa aqui com ela” (idem). Isso nos mostra mais uma face do machismo, a dos homens que respeitam apenas os homens, pois, ao nos sentirmos ameaçadas - o que acontece praticamente o tempo todo - recorreremos a amigos e parentes para nos acompanhar a fim de evitar situações de assédio.

2.3 Segundo exílio: o México, a UNAM e a miscelânea das cores

Lá estavam as grandes editoras, os múltiplos professores de enfoques diferentes, tudo possibilitado pelos enormes recursos e, sobretudo, por um maior ainda espírito democrático. Eu, que me formei no Brasil, me desenvolvi no Chile e me consolidei como cientista social no México, não posso deixar de reconhecer que toda essa experiência foi definitiva. É nesse sentido que digo, como acadêmica - e só nesse sentido - bendito exílio! (BAMBIRRA, 1991, p. 59-60).

Após a péssima experiência no Panamá, Bambirra decidiu, em janeiro de 1974, partir para o México ao saber que as portas da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) a esperavam abertas. E assim foi: imediatamente foi contratada pelo Instituto de Investigaciones Sociales (IIS), onde poderia dedicar-se por inteiro à pesquisa, e começou por reler Marx e Engels em busca de referências, sem abandonar o tema que ainda a motivava - a transição socialista. Marini, por sua vez, decidiu ir, em janeiro, para Munique, na Alemanha, onde reencontrou Gunder Frank, mas regressou ao México em setembro do mesmo ano e se juntou aos companheiros.

Como havia aceitado a bolsa da Fundação Ebert e tinha de concluir o trabalho em seis meses, escolheu se dedicar ao tema Revolução Democrática e Revolução Socialista -

Revolução Mexicana e Revolução Cubana¹⁹⁹, com o propósito de fazer uma comparação analítica entre os dois grandes acontecimentos latino-americanos. Ao mesmo tempo, foi “[...] um pretexto para me enfrontar na história mexicana, pois o meu amor pelo México foi à primeira vista. Para consolidá-lo, tinha de conhecê-lo” (BAMBIRRA, 1991, p. 48).

Ainda em 1974, participou, como delegada do IIS, do Congresso Latino Americano de Sociologia, realizado na Costa Rica, e esse evento teve um lugar especial em sua memória pois nele foi oportunizado a ela “[...] refutar, de maneira contundente, as críticas à teoria da dependência formuladas por Augustín Cueva. Na época, criticar a teoria dependentista, como era chamada pejorativamente, começava a ser moda” (BAMBIRRA, 1991, p. 48).

Em 01 de dezembro de 1975, participou da mesa-redonda *Proyección Continental de la Revolución Cubana*, na Faculdade de Ciências Políticas da UNAM, onde apresentou suas *Proyecciones de la Revolución Cubana en América Latina*²⁰⁰. Em agosto de 1976, escreveu *Ciencia Social y Perspectiva Latinoamericana*²⁰¹. Em 1977, seu artigo *Socialismo y comunismo en Marx y Engels*²⁰² foi publicado na revista *Controversia* e o *La táctica de Lenin en la revolución rusa*²⁰³ na *Cuadernos Políticos*.

Ao passo que relia as obras de Marx e Engels, a autora se dedicou às obras de Lênin, o que deu bases à sua pesquisa, que durou seis anos e tinha dois objetivos: o primeiro consistia em “[...] analisar a fundo o pensamento dos autores sobre a estratégia e tática socialistas, vale dizer, a concepção da revolução” (BAMBIRRA, 1991, p. 49). O trabalho, que se converteu em um livro produzido em parceria com Theotônio e publicado em dois volumes no México em 1980, intitulado *La Estrategia y La Táctica Socialistas - De Marx y Engels a Lenin*²⁰⁴, continha a sistematização e o aprofundamento do conteúdo de vários cursos ministrados pelo casal no Brasil, Chile e na própria UNAM, no México.

O segundo volume²⁰⁵, de autoria de Vânia, é dedicado a discutir Lênin - as concepções práticas e teóricas utilizadas para a conquista, defesa e consolidação do poder na Revolução Russa e traz uma análise da “[...] experiência da revolução de 1905 e da concepção leninista

¹⁹⁹ Ver em: [Revolución Democrática y Revolución Socialista \(Revolución Mexicana y Revolución Cubana\)](#).

²⁰⁰ Ver em: [Proyecciones de la Revolución Cubana en América Latina](#).

²⁰¹ Ver em: [Ciencia Social y Perspectiva Latinoamericana](#).

²⁰² Ver em: [Socialismo y comunismo en Marx y Engels](#).

²⁰³ Ver em: [La táctica de Lenin en la revolución rusa](#).

²⁰⁴ Ver Tomo 2 em: [La Estrategia y La Táctica Socialistas - De Marx y Engels a Lenin](#).

²⁰⁵ “Neste livro, a autora apresenta, inicialmente, a luta pelo poder nos ascensos de 1905 e 1917, fixando as condições políticas e materiais do triunfo da revolução de outubro, segundo Lênin. Analisa, ainda, o processo da luta pelo poder e defesa, consolidação e projeção do poder revolucionário. O estudo da obra completa de Lênin, disposta em ordem cronológica ao longo de 55 tomos, foi acompanhada por uma pesquisa em profundidade da história da Rússia a fim de buscar o real dimensionamento das proposições do líder bolchevique (FERREIRA, 2017, p. 6).

sobre a tática da classe operária na revolução democrático-burguesa” e “[...] de como o período de descenso das lutas deve ser compreendido como acumulação de forças, suas posições diante da guerra imperialista e da traição, por parte da II Internacional, de seus próprios princípios” (BAMBIRRA, 1991, p. 50). O segundo objetivo dessa grande pesquisa foi “[...] expor, de maneira rigorosa e sistemática a contribuição dos autores para a fundação da teoria marxista do socialismo, desde seus pressupostos até a sua implementação concreta na realidade viva” (BAMBIRRA, 1991, p. 51), tendo Marx e Engels posto a base para tal e Lênin enriquecendo e consolidando na elaboração.

Como fruto de todos esses anos trabalhados, Bambirra tinha em mãos sua tese de doutorado: *La Teoría del Socialismo en los Clásicos - Karl Marx, Federico Engels y Vladimir Ilich Lenin*²⁰⁶, onde, num anexo, discute também contribuições de outros intelectuais consultados, e que foi aprovada para publicação em livro pela UnB, em 1991, com o título *A teoria do socialismo em Marx, Engels e Lênin: Para entender o socialismo real*. Se dedicou a ler a bibliografia e os materiais que reuniu durante seu exílio no México, mas a redação da tese se deu em Belo Horizonte, entre 1980 e 1981.

A autora salienta que teve como única motivação para fazer, ao fim dos anos 1970, o curso formal de doutorado “[...] a perspectiva da anistia e da volta para o Brasil e, só por isso, minha pesquisa se transmutou em tese. Fora daqui, em muitas outras latitudes como aquelas que eu vivi, ele era absolutamente prescindível” (BAMBIRRA, 1991, p.53). Atuou como docente do mestrado e doutorado na UNAM sem possuir título algum de pós-graduação: “[...] no exterior, meus títulos eram minhas publicações” e declara: “[...] esse trabalho, como todos os anteriores, não foi concebido originariamente como um instrumento de conquista de um título, pois não o necessitava, mas como uma tarefa a mais de um cientista social” (idem).

Bambirra escreveu, em parceria com Theotônio dos Santos, *Brasil: nacionalismo, populismo y dictadura: 50 años de crisis social*, publicado em 1977 no México e no Brasil em 1988²⁰⁷, no livro *América Latina: história de meio século*. Em meados dos anos 70, resolveu sair do IIS e seguir para a docência na Faculdade de Economia da UNAM, e, para tal, prestou um concurso que envolvia apresentação de currículo, prova docente e a elaboração de uma monografia com base em um dos três temas escolhidos pela banca avaliadora, em 15 dias e com número de páginas limitado. Escolheu falar sobre a teoria da dependência e as críticas

²⁰⁶ Ver em: [La Teoría del Socialismo en los Clásicos - Karl Marx, Federico Engels y Vladimir Ilich Lenin](#). Indicamos a exposição que Carla Ferreira faz no trabalho [Vânia Bambirra, intérprete de Lênin](#).

²⁰⁷ Ver em: [Brasil: nacionalismo, populismo e ditadura: cinquenta anos de crise social](#).

formuladas sobre a mesma²⁰⁸, e, por ter restrição de espaço para desenvolvimento, teve de se focar nas críticas que considerava mais importantes, entre elas as de Agustín Cueva e Enrique Semo. E, por coincidência, um dos jurados era Cueva, a quem ela já havia enfrentado, e, para aumentar o desafio, um outro, Pedro Paz, era formado na escola do CEPAL, trazendo consigo o desenvolvimentismo da instituição. Bambera se defendeu brilhante e bravamente:

Vejam só: minhas críticas foram muito ácidas, porém, bem fundamentadas. Durante o exame público, na maior parte das vezes, segundo testemunho dos que o assistiram, como o professor Orlando Caputo, era eu quem arguia, sobretudo a Agustín, por suas críticas sem fundamento. Fui aprovada da melhor maneira. (BAMBIRRA, 1991, p. 54).

Além da merecida aprovação, veio também a publicação do trabalho em 1978, nomeado *Teoria de la Dependencia: Una Anticrítica*²⁰⁹. Apesar das emoções que se manifestavam no momento e do clima de debate, Bambera guarda boas lembranças: “Como eu sinto falta daquele ambiente, onde as divergências acadêmicas se confrontavam em alto nível e se dirimiam sem rancor pessoal” (BAMBIRRA, 1991, p. 55). Em concordância com Bambera, temos as pontuações de Fernando Correa Prado, em considerações acerca das características da autora²¹⁰:

Uma [...] característica que ela particularmente também gosta em si mesma, e que também [...] é ainda mais importante dentro do nosso contexto atual é o gosto pela crítica e pela polêmica. Hoje em dia, a gente vai em uma banca de [...] monografia, de especialização, tese, [...] mesas redondas, palestras, até mesmo debate político, que deveria ser um debate político, aquele bom mocismo, ninguém faz uma crítica direta, ninguém toca nos pontos fundamentais, ninguém fala “pô, nisso aqui você tá errado por isso, por isso e por isso, eu tenho a posição essa, essa e essa”, hoje em dia é aquele “ah, não, aqui, tal, essa virgulazinha podia ser um pouco pra cá, aqui faltou um ponto, muda aqui a bibliografia não tá certinho”, [...] uma esterilidade intelectual tremenda, no geral, obviamente que existem suas exceções, e é nelas que a gente tem que se apegar, pra trabalhar, pra ter nossa visão de atuação. E a Vânia Bambera sempre teve esse gosto pela polêmica, sempre, não teve nunca dedos pra fazer a crítica, e fazer ela bem feita, fazer incorporando o argumento a ser

²⁰⁸ Nas palavras de Prado: “[...] durante os anos 70, após digamos, um certo boom da Teoria da Dependência entre o final dos anos 60 e o começo dos 70, particularmente após o golpe contra a Unidade Popular no Chile, em 73, a Teoria da Dependência foi alvo de muitas críticas, a maioria delas, em particular no Brasil[...] e a maioria delas com pouco fundamento, sem o conhecimento de fato das obras. A maioria delas se apegava ao André Gunder Frank [...] críticas muitas vezes rasas e, a partir dessas críticas, generalizava todos os outros autores, incluindo Vânia Bambera, Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini. Se tornou prática comum naquele ambiente após metade dos anos 70 isso, e é contra essas críticas que ela escreve esse livro, com uma coragem intelectual, com uma crítica, fazendo uma crítica aos próprios avaliadores, num outro ambiente teórico, um outro ambiente intelectual, esses mesmos avaliadores deram menção honrosa pra essa defesa, gostaram dessa crítica, um deles e Agustín Cueva, [...] é um alvo da crítica e depois dessa crítica revê suas próprias posições em relação à Teoria da Dependência”. Ver em: [Fernando Correa Prado - A contribuição de Vânia Bambera ao pensamento crítico latino-americano](#).

²⁰⁹ Disponível em [Teoria de la Dependencia: Una Anticrítica](#).

²¹⁰ Ver em: [Fernando Correa Prado - A contribuição de Vânia Bambera ao pensamento crítico latino-americano](#).

criticado, conhecendo-o profundamente, e superando [...] na crítica ao Régis Debray, um tema fundamental da sua época e que ela não se furtou a criticá-lo, a entrar de frente num debate contra um intelectual que era unanimidade na época.

Em sua passagem pelo México protagonizou grandes feitos, grande parte se deve à sua atuação na UNAM, e sua inserção nessa instituição a proporcionou

[...] experiências muito ricas de contato com o mundo, através de viagens e também da recepção de cientistas sociais visitantes, convidados pelo nosso Departamento ou por outras instituições da UNAM. Esta Universidade tinha recursos²¹¹, que pareciam inesgotáveis, para promover sem nenhuma limitação, o intercâmbio de conhecimentos (BAMBIRRA, 1991, p. 57).

Impossível, lamentavelmente, não se fazer uma comparação de tal realidade com a do Brasil, tanto no quesito investimento em conhecimento nas Universidades quanto no apoio e possibilidades oferecidas aos intelectuais, visto que “[...] existiam cerca de cinquenta revistas de ciências sociais e o dilema do autor [...] girava em torno do para onde enviar e jamais o como publicar. No México, a produção intelectual é divulgada, aqui é literalmente engavetada” (BAMBIRRA, 1991, p. 58). Vale lembrar que o memorial de Vânia foi escrito em abril de 1991 e, reconhecemos, hoje existem muitas revistas científicas brasileiras, plataformas públicas de socialização do conhecimento produzido nas Universidades, mas o investimento e o fomento à pesquisa na área das ciências sociais aplicadas e na área das humanidades deixa a muito a desejar considerando o tempo presente, que é marcado pelo restrito orçamento e pelos constantes ataques e desmontes da educação pública, que nos batem tão duramente.

Na época, o México era atravessado por um “[...] verdadeiro festival de intercâmbios acadêmicos, políticos e culturais” (BAMBIRRA, 1991, p. 59), no qual os movimentos revolucionários eram largamente divulgados e solidarizados, em especial os da Nicarágua, e concebeu-se a Coordenação Permanente de Partidos Políticos Latino-Americanos

²¹¹ Bambilra compartilha em entrevista: “[...] foi um período muito interessante, foi lá que eu comecei a estudar e que desenvolvi minhas teses sobre a teoria da transição nos clássicos marxistas. O México era um país que gozava de todas as liberdades, era um país que eu nunca vi, tinha mais de 50 revistas de ciências sociais. Aqui no Brasil cê cata com as mãos e pode contar nos dedos quantas existem, não é certo? A Universidade tinha tantos recursos que a gente pensava discutir um tema, não tinha nenhum problema, traz ciclano de tal da União Soviética, beltrano da França, ciclano de Portugal... enfim, muitos recursos, muitos recursos, muitos recursos e muita liberdade”. Ver em: [Homenagem a Vania Bambilra](#).

Orlando Caputo (2020) declara: “Vânia relata como recebeu apoio para estudar coisas que nesse momento já era difícil de retomar como tema de investigação sobre o socialismo em Lênin e sua relação, e seu pensamento, bom, sobre o socialismo em geral, [...] Porém, essa foi uma época em que predominava o pensamento crítico, havia um respeito pela Teoria da Dependência, mas, depois disso, de forma tão rápida o neoliberalismo no México se aplicou com muita força, várias décadas depois que no Chile, um par de décadas, mas também com muita força”. Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambilra](#).

(COPPPAL) em virtude das lutas, em vários locais, em prol da redemocratização. Tal movimento era o que Bambirra chamava de

[...] miscelânea das cores do continente, então revividas pelo grande patrocínio de uma sociedade onde existiam amplos recursos para a educação universitária e que era exuberante, culturalmente. Assim, todas as nuances da América Latina se revelavam nela” (idem).

Em 1979, a autora foi a convite para Cuba e, dessa vez, se tratava de um convite pessoal, mesmo que ela tenha realizado uma conferência na Universidade de Havana sobre a teoria da dependência. Astuta, solicitou uma entrevista com organizadores e transmissores de cultura cubanos, e fez, junto a eles, um balanço de 20 anos de revolução cultural no país, podendo assim reciclar os próprios conhecimentos sobre a ilha e apreender os avanços que ali tiveram. Como saldo desse encontro veio a publicação, no mesmo ano, no jornal mexicano *Excelsior*, e anos depois, em 1983, no Brasil, pela intervenção de Florestan Fernandes, com o livro *Cuba: 20 anos de Cultura*²¹².

2.3.1 O nascimento do PDT: por um socialismo trabalhista

Ninguém liberta ninguém. As pessoas se libertam em comunhão.
Paulo Freire

Trataremos agora de uma parte importante da trajetória de Bambirra: a militância no Partido Democrático Trabalhista (PDT). Bambirra e Leonel Brizola se encontraram pela primeira vez em 1968, quando ela reuniu em sua casa lideranças políticas latino-americanas. Na segunda vez, estiveram juntos num grupo restrito de exilados que se hospedaram durante três dias, com a estadia promovida pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI) em um hotel em Cuernavaca - México, para conceber um projeto de programa com a intenção de compor um novo partido político focado no socialismo e trabalhismo, tendo como pontapé inicial conversas sobre a história política contemporânea brasileira e suas perspectivas. Brizola era, para ela, “[...] aquele homem pragmático, reflexivo e intuitivo ministrou as melhores aulas de ciência política concentrada que tive na minha vida” (BAMBIRRA, 1991, p. 60).

Precisaram se dedicar, em apenas uma madrugada, à elaboração do projeto propriamente dito, e Vânia ficou incumbida da responsabilidade de tratar do item concernente à situação da mulher, que, segundo ela, foi uma “[...] tarefa enfocada sob uma ótica bem

²¹² Ver em: [Cuba: 20 anos de Cultura](#).

machista; mas, em todo caso, eu conhecia, melhor que os outros, o tema” (BAMBIRRA, 1991, p. 61). Participou, meses depois, do Encontro de Lisboa (ANEXO B), que, no último dia, produziu a Carta de Lisboa²¹³ e, no fim, o encontro

[...] foi democrático e as propostas mais relevantes foram aprovadas nas comissões, o que resultou em um programa muito avançado. Nele, prevaleceram muitas das teses do chamado ‘Grupo do México’, o que nos fez sentir mais responsáveis pela sua implementação (idem).

O terceiro encontro com Brizola no México foi durante o processo de fundação da COPPPAL, e Bambirra aproveitou a oportunidade para fazer em sua casa uma reunião com a presença dele e das mulheres brasileiras que participavam do momento, todavia,

[...] foi um encontro infrutífero. Ele não se interessava muito pelas questões “especificamente femininas”, pelo menos desde o ângulo focado por intelectuais; elas, em sua maioria jovens, já haviam feito uma opção latente pelo tipo de organização que viria a se conformar como Partido dos Trabalhadores. Paradoxalmente, no programa desse partido, as mulheres foram tratadas como meras “minorias” (BAMBIRRA, 1991, p. 62).

Se somam à crítica de Bambirra ao Partido dos Trabalhadores (PT) as palavras de Lélia Gonzalez²¹⁴, outra gigante e ignorada pensadora mineira, que, na época, integrava o partido e o deixou para se incorporar ao PDT²¹⁵, e compartilhou da decepção de muitos diante da exibição do Programa do Partido em 5 de agosto de 1982 na televisão, onde foram apresentados os dez maiores problemas no país. Gonzalez (2020, p. 220) alude a apresentação a um desfile mal feito de escola de samba, apontando a omissão²¹⁶ do partido no que tange aos negros e favelados:

A impressão que se tinha era a de que, com perdão da má palavra, havia “gringo no samba”. [...] Seguindo o enredo, “Da economia à mulher”, a escola desfilou com dez alas, o que foi uma pena. Duas alas ficaram excluídas, embora pudessem ter sido

²¹³ Ver em: [Carta de Lisboa: marco do Trabalhismo na redemocratização do Brasil](#).

²¹⁴ Ver em: *Racismo por omissão*, páginas 220 e 221 do livro *Por um feminismo afro latino americano*.

²¹⁵ Em entrevista ao *Pasquim*, em 1986, ao ser perguntada pelo motivo da troca, declara: “[...] meu último sentimento em relação ao PT do Rio [...] foi vê-los como uma vanguarda falando para quatro paredes. O PDT no Rio possui um amplo respaldo popular, e dentro desse respaldo a questão racial é tratada com muito mais atenção. A razão fundamental foi essa, o próprio programa partidário. Diferentemente dos outros partidos, antes de entrar no programa propriamente dito ele declara suas prioridades, e veja que essas prioridades são a criança, o trabalhador, a mulher e o negro (GONZALEZ, 2020, p. 315).

²¹⁶ “[...] o PT na TV [...] tratou dos mais graves problemas do país, exceto um, que foi ‘esquecido’, ‘tirado de cena’ [...]. É a isto, justamente, que se chama de racismo por omissão. E este nada mais é do que um dos aspectos da ideologia do branqueamento que, colonizadamente, quer nos fazer crer que somos um país racialmente branco e culturalmente ocidental [...]. Ao lado da noção de ‘democracia racial’, ele aí está, não só definindo a identidade do negro como determinando o seu lugar na hierarquia social; não só ‘fazendo a cabeça’ das elites ditas pensantes como a das lideranças políticas que se querem populares, revolucionárias” (GONZALEZ, 2020, p. 221).

enxertadas nas outras. A dos Favelados (32 milhões, mais ou menos) poderia ter sido enxertada na da Habitação, por exemplo. A dos Crioulos, em várias outras: Desemprego, Saúde e Educação, Mulher, Habitação (de novo), Reforma Agrária, Democracia etc. [...] as alas excluídas [...] podiam ter participado do desfile sem prejudicar a escola. [...] Sem elas, apesar da beleza do abre-alas, nossa escola não ficou melhor, nem pior, nem diferente das velhas escolas de sempre.

O contato e a aproximação que Bambilra e seu companheiro tiveram com Brizola condicionaram a volta de sua família para o Brasil, especificamente para Minas Gerais, “[...] tentando mover inutilmente as duras pedras do conservadorismo mineiro” (BAMBIRRA, 1991, p. 62) no intuito de formar o partido arquitetado por eles, que certamente destoa em muito do que vem se apresentando no partido atual²¹⁷.

2.4 Terceiro exílio: a volta ao Brasil e o desamor da pátria amada

Talvez tenha muita procedência a constatação do sociólogo equatoriano Agustín Cueva: “algunos casos, como el de Brasil, los militares simplemente cortaron culturalmente al país del resto de Latinoamérica. Paradoja de la historia: entre 1964 y 1979, mientras esa nación adquiría para nosotros corporeidad y presencia casi cotidiana através de sus brillantes intelectuales exiliados, para los brasileños ‘del interior’ nosotros éramos un perfil fantasmagórico, para no decir una pura ausencia. De hecho, ni los mismos intelectuales brasileños del exilio eran conocidos en su tierra, en parte porque la censura dictatorial lo impedía y en parte también - aunque de pena decirlo - porque sus colegas del interior al principio no querían correr el riesgo de difundirlos y, después, cuando tal riesgo había desaparecido, preferían reinar sin concurrencia. En todo caso, el corte cultural fue intenso y las ciencias sociales brasileñas están profundamente marcadas por él” CUEVA, s.d., s.p. apud BAMBIRRA, 1991, p. 98).

Vânia Bambilra e Theotônio dos Santos, em nenhum momento, desde que partiram em exílio, perderam a esperança e a vontade de voltar ao Brasil, sempre mantendo em mente que o fariam logo que possível; já seus filhos, tendo sido criados no Chile e no México²¹⁸, apresentavam receios diante dessa mudança e afirmaram : “[...] nós não estamos voltando, estamos indo” (BAMBIRRA, 1991, p. 62). Tendo em mente que teriam dificuldades com a nova vida, afinal se passaram 15 anos de sua partida, não imaginaram, no entanto, que estas seriam tão grandes: “[...] se o aspecto acadêmico fosse o único fator da volta, até a reintegração na UnB, quase uma década depois, não tenho dúvidas de que o regresso foi um

²¹⁷ Está escancarado o abandono dos compromissos assumidos com o povo, são exemplos um Ciro Gomes que insiste na terceira via e Tábata Amaral, que saiu do partido em maio de forma turbulenta, não sem antes votar no Congresso a favor de desmontes de direitos da classe trabalhadora. Tamanha era a sua inclinação às pautas neoliberais que surgiram na internet piadas no sentido de que se a deputada estava em evidência, era certo que algum direito social ou trabalhista seria perdido. De toda forma, apesar das críticas, repudiamos todo e qualquer ataque direcionado à deputada, vítima de ameaças de morte e estupro.

²¹⁸ “[...] é em espanhol que Nádia, aos 14 anos, tendo saído do país no primeiro ano de vida, se justificava: ‘porque suemos mas mexicanos que brasileños. Nunca vivi en Brasil’”. (WASSERMAN, 2017, p. 97 apud ROLLEMBERG, 1999, p. 275).

desastre” (idem). Voltaram para um Brasil totalmente diferente do que deixaram em 1964, não havia lugar²¹⁹ para eles, pois a esquerda que ficou no país realizou suas manobras²²⁰ para passar pela ditadura, por sobrevivência, por convivência ou por desistência.

Uma oportunidade de visitar a terra natal se apresentou quando a anistia foi concedida, em 1979: Bambilra e o colega da docência Herbert de Souza foram chamados a Cochabamba, na Bolívia, para realizarem seminários no Instituto de Estudios Sociales y Económicos (IESE), na Faculdade de Ciências Sociales, pela Universidad Mayor de San Simón. Aceitaram o convite, felizes por, além de conhecer um novo país, poderem fazer uma visita matar um pouco da saudade do Brasil, devido à proximidade e preço acessível de passagem.

Figura 5 - O pré retorno ao Brasil, com Theotônio e Herbert. São Paulo, aeroporto de Congonhas, 15 de setembro de 1979.



Extraída de: Memorial Arquivo Vânia Bambilra.

²¹⁹ “[...] a estratégia burguesa de redemocratização articulou um novo consenso ideológico e encontrou campo de atuação específico nas ciências sociais. A Fundação Ford, em particular no Brasil, cumpriu papel bastante importante, buscando a constituição de uma comunidade acadêmica emergente capaz de dirigir a base econômica que esta havia gerado em contexto democrático. [...] Fernando Henrique Cardoso foi pioneiro na articulação do papel que a Fundação Ford exerceu no Brasil e na América Latina. O resultado foi a formação de uma comunidade acadêmica liberal, comprometida com a dominação burguesa e subordinada à hegemonia estadunidense, mas que rechaçava a ditadura e, em menor grau, o imperialismo, enquanto formas políticas de exercício do poder. Esta comunidade consolidou posições na universidade brasileira e nos meios de comunicação de massa e se opôs à reintegração do enfoque latinoamericanista à cultura política brasileira” (MARTINS, 2013, p. 15-16).

²²⁰ Nas reflexões de Marini (1990, p. 35): “Ocorreu no país um fenômeno curioso: intelectuais de esquerda, que chegavam a ocupar posições em centros acadêmicos [...] estabeleciam à sua volta uma rede de proteção contra o assédio da ditadura [...]. Entretanto, o que aparecia, originalmente, como autodefesa e solidariedade tornou-se, com o correr do tempo - principalmente ao ter início a desagregação do regime, a fins dos anos 70 - uma vocação irresistível para o corporativismo, a cumplicidade e o desejo de exclusão de todo aquele - qualquer que fosse sua conotação política - que ameaçasse o poder das pessoas e grupos beneficiários desse processo. Por outra parte, no ambiente fechado em que sufocava o país, resultava proveitoso, para os que nele podiam entrar e sair livremente, monopolizar e personalizar as idéias que floresciam na vida intelectual da região, adequando-as previamente aos limites estabelecidos pela ditadura. Neste contexto, a maioria da intelectualidade brasileira de esquerda colaborou, de maneira mais ou menos consciente, com a política oficial, fechando o caminho à difusão dos temas que agitaram a esquerda latino-americana na década de 1970, marcada por processos políticos de grande transcendência e concluída com uma revolução popular vitoriosa”.

A volta definitiva se deu em 1980 - no mesmo ano em que escreveu, para a revista *Investigación Económica*, *La política económica de la Revolución Cubana*²²¹ - após ela e seu companheiro cumprirem seus compromissos e entrarem em licença sabática. Sua pesquisa no doutorado de Economia havia sido concluída, então ainda lhe restava se dedicar à redação da tese, o que fez ao longo de um ano.

Hélio Eduardo da Silva, na época chefe do Departamento de Economia da Universidade Católica de Belo Horizonte, havia convidado Bambirra e seu companheiro para se integrarem ao corpo docente, ao elaborarem um projeto para ministrarem nos cursos de pós-graduação. Os professores que então ocupavam o Departamento já conheciam seus trabalhos e contaram com o aval imediato do reitor para que se fizesse a convocação. O casal consentiu, mas não teve uma boa experiência²²².

Dispostos, começaram seu trabalho e, mesmo que não fossem formalmente obrigados a ministrar cursos para a graduação, assumiram, para além de um seminário oferecido aos professores, um curso para os estudantes do último semestre de Economia sobre Sistemas Econômicos Comparados, pois estavam “[...] ávidos por lecionar para estudantes brasileiros”. Bambirra guarda essa experiência como uma das mais gratificantes que teve enquanto professora²²³. Concomitantemente às atividades como professores, realizavam conferências e compunham mesas redondas na universidade, e, assim, “[...] foi se gestando um clima de agitação intelectual que explicará em parte o desfecho dessa experiência” (BAMBIRRA, 1991, p. 65). O jesuíta mineiro Dom Serafim, que era o reitor da Universidade,

[...] tratou de capitalizar momentaneamente essa abertura democrática, quando no final do semestre, visitou várias faculdades, enfatizando o seu pluralismo por contratar professores marxistas. Foi, sem dúvida, um momento efêmero de distensão, onde as mentes, trancafiadas por anos de repressão, começaram a se abrir (idem).

²²¹ Disponível em: [La política económica de la Revolución Cubana](#).

²²² Nas palavras de Theotônio dos Santos (1994, p. 37): “Essa volta ao Brasil é o começo de uma nova fase em que busquei [...] criar aqui um instituto de pesquisa e docência que tivesse como objetivo central desenvolver o enfoque do sistema econômico mundial, que nos permitisse entender essas formações sociais e econômicas e o desenvolvimento econômico da América Latina e do Brasil em particular. [...] incorporei-me junto com Vânia à Universidade Católica de Minas Gerais, cujo reitor aceitou com certo entusiasmo a criação de um instituto com estas características e para o qual fomos contratados para projetarmos e viabilizarmos este instituto junto ao seu departamento de economia. [...] eu acreditava que encontraria aí uma juventude disposta a esta grande reflexão. No entanto, estas expectativas não chegaram a concretizar-se nos vários anos em que insisti nesta perspectiva. A volta àquelas gerações de profunda curiosidade intelectual foi um sonho que por sinal vem se dissipando não somente em Minas mas a nível internacional. A vocação teórica parece ter-se convertido numa raridade num mundo dominado pela pragmatismo de um lado e pelas comunicações visuais de outro”.

²²³ “A cada dia, apareciam mais alunos na sala de aula. Essa atração e respeito creio que ocorriam, não propriamente pelos nossos méritos, mas, sobretudo, pelo clima de liberdade que foi-se criando. Rompiam-se preconceitos e tabus. As palavras socialismo e comunismo, por exemplo, iam-se transformando em conceitos científicos, deixando de ser refrões subversivos. Era bonito. No final do curso, fomos agraciados como professores homenageados” (1991, p. 64). Já dizia Paulo Freire, *o educador se eterniza em cada ser que educa*.

Bambirra explica a razão de considerar um erro terem ingressado na instituição quando declara que, após a ação do reitor, num movimento de perseguição e reação ao incômodo que sua presença, que carregava seu posicionamento político, causava em certos grupos:

[...] veio o pesadelo. Uma experiência de surrealismo acadêmico. Dom Serafin deixou a reitoria, embora todos soubessem que ele continuava reinando sem ter a coroa. Seu substituto, sem nenhuma explicação plausível, simplesmente nos informou que o programa de pós-graduação havia sido cancelado. [...] O projeto foi cancelado, não por razões econômicas mas políticas, que jamais foram explicitadas. Afinal, havíamos feito uma opção partidária progressista e essa incomodava o conservadorismo mineiro. Não foi a primeira nem a última vez que a nossa participação política prejudicaria a nossa vida profissional, desnudando a persistência porfiada do autoritarismo na sociedade brasileira.

O reitor sugeriu que eles atuassem como professores com carga horária de aulas normal em universidades privadas; o que a intelectual, que sempre demonstrou amor pela pesquisa, encara como “[...] super-exploração do trabalho e sub-rendimento acadêmico” (BAMBIRRA, 1991, p. 66). Ao se verem desempregados, tiveram um alívio por poderem sustentar a família com o salário que ainda recebiam da UNAM pelo ano sabático que estava por terminar.

Estimulada pela pesquisa que desenvolvia, Bambirra escreveu, no final de 1981, *Os Programas de Partidos Políticos no Brasil: uma análise comparativa*²²⁴, o enviou a Brizola e rapidamente recebeu uma carta de Alceu Collares pedindo sua autorização para que publicasse o material pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Ainda em 1981, foi realizado em Cuba o II Congresso de Economistas do III Mundo, e o Presidente da Asociación de Economistas del Tercer Mundo (AETM) e do Comitê Organizador requisitou que Bambirra se encarregasse de selecionar e fazer o chamamento aos participantes brasileiros. Foi um evento relevante, mas que a frustrou profissional e pessoalmente, por um

²²⁴ Disponível em [Os Programas de Partidos Políticos no Brasil: uma análise comparativa](#).

“[...] tratava de elencar como se posicionavam os programas partidários a respeito de seis questões, consideradas por ela fundamentais para a sociedade brasileira: projeto de sociedade que preconiza e o interesse de quais classes representa; soberania nacional e nacionalismo; caráter do Estado brasileiro e política econômica; formas de propriedade; questões políticas e sociais; e política externa.[...] o texto também permite interpretar sua visão a respeito da democracia e da transição brasileira. Defende a ‘relação entre democracia e o poder organizado do povo para impor ao Estado transformações socioeconômicas de caráter estrutural que beneficiem as grandes maiorias trabalhadoras [...] dar conteúdo popular à democracia’ (1981:5). Segundo ela, o PDT teria essa premissa expressa claramente no seu programa, enquanto no PT e no PMDB ‘tais conteúdos só aparecem vaga e confusamente’ (1981:5). Mais adiante, ao analisar o programa do PDT, revela que o partido ‘preconiza a construção de um Estado democrático de transição ao socialismo’ e que, para ela, ‘a democracia só é real quando materializa, no nível das relações econômicas, sociais, políticas e culturais, os interesses fundamentais das grandes maiorias’ (1981:31). Em 1981, Vânia defendia o partido e o programa partidário como instrumentos do processo de democratização, o Estado como fator de transformação e a necessidade de privilegiar as tarefas econômicas, já que ‘representam interesses de classes sociais e frações de classe [...] que não podem ser completamente ocultados’ (1981:3)” (WASSERMAN, 2017, p. 129-130).

acontecimento no mínimo estranho (interessante notar que aqui ela não faz alusão ao machismo):

[...] me irritei com a desapareição do paper “A situação Econômica, Política e Social dos Países do Terceiro Mundo: Um balanço” que havia elaborado em conjunto com Theotônio dos Santos. Quando o mesmo apareceu trazia apenas o nome dele, quem ficou perplexo e constrangido. A explicação era a seguinte: a capa do trabalho havia sido perdida e só Deus sabe como. O paper continha uma parte, elaborada por Theotônio, para eventual publicação e outra elaborada por mim, especificamente para o congresso. Discutimos os trabalhos, julgamos que se complementavam e resolvemos uni-los para fazer um só conjunto. Só que, na parte que ele escreveu, continha originalmente o seu nome. Esse foi muito bem riscado por nós com o fim de aproveitar o que já havia datilografado. Como a página inicial sumiu, os organizadores cubanos - e isso eles nos contaram - decifram, com as técnicas de que dispõem, pelo avesso da página, o nome que encontraram e acrescentaram o título da mesa redonda para a qual o mesmo estava inscrito. Foi simples, mas a minha co-autoria “dançou” e nem posso mencionar o trabalho no curriculum. Nesse congresso, escutei, escutei e escutei, porém não falei nada (BAMBIRRA, 1991, p. 68).

Bambirra e o companheiro conseguiram uma bolsa de pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), de onde provinha seu sustento. Realizavam, também, esporadicamente, conferências em várias cidades mineiras e de outros Estados, geralmente a convite de organizações de jovens, movimentos estudantis ou partidos, “[...] no mais era a tentativa de construir um partido, dispondo para isso apenas de nossos poucos recursos próprios, com um idealismo juvenil que nunca conseguimos perder” (BAMBIRRA, 1991, p. 69).

Se candidatou a Deputada Federal pelo PDT em 1982 (ANEXO C) e, diante da previsível derrota eleitoral sofrida pela campanha em Minas Gerais, partiu com sua família, no segundo semestre de 1983, para o Rio de Janeiro, que no momento era governado por Brizola e tinha Darcy Ribeiro como vice-governador e Secretário Estadual de Ciência e Cultura, confiantes e guiados pela intuição e desejo manifestados pela autora:

Eu sentia então, como um nó na garganta, o sufoco das montanhas de Minas Gerais. Queria viver perto do mar, num horizonte amplo. Tinha nostalgia do Rio apesar de nunca haver vivido lá, nem sequer perto de oceano algum, nem de praia nenhuma. Não tinha oferta de trabalho, mas, ainda assim, pensava de maneira porfiada que em algo poderia colaborar com o novo governo do Rio (BAMBIRRA, 1991, p. 69).

Em relação à eleição de Brizola, que se deu em 1982, trazemos os apontamentos de Lélia Gonzalez, proferidos em um seminário na UnB em 1986²²⁵ (2020, p. 236-237), acerca do apoio que recebeu, fundamentalmente, dos negros, porque “[...] na campanha [...] Brizola foi o único candidato que falava da questão racial com tranquilidade, olhando-a nos olhos, e

²²⁵ Ver em: *A cidadania e a questão étnica*, no livro *Por um feminismo afro-latino-americano*.

falando dela não como uma coisa dramática”. Para a filósofa²²⁶, a esquerda dos anos 1970 fechou os olhos para a questão racial, o que mudou somente com a volta dos exilados que formaram o PDT:

E nós que somos de esquerda ficamos magoados, porque estávamos na esquerda. Não dá pra ficar na direita, evidentemente. Crioulo que se preza não pode ser de direita. [...] Só muda a situação a partir do retorno dos exilados. Digo isso porque, nos anos 1970, estávamos ali, como as mulheres também, na luta de articulação do movimento negro e levamos pau da esquerda tradicional ortodoxa, que dizia que estávamos dividindo as lutas populares, que a questão racial se confundia com a questão de classe. [...] Esse reducionismo, essa simplificação da questão racial em termos de uma sociedade como a nossa, é justamente fazer o jogo da direita.

Darcy Ribeiro havia indicado Bambilra, logo no começo de 1983, para dirigir uma revista teórica do PDT, então ela preparou um projeto e o encaminhou ao mesmo, e, manifestando sua confiança no trabalho de Vânia, ele afirmou: “Não li, mas gostei” (BAMBIRRA, 1991, p. 69); então, perante a aprovação, o primeiro e o segundo número começaram a ser tecidos. Todavia, novamente apareceu um empecilho: “Meu entusiasmo durou pouco. Sem nenhuma explicação, o projeto da revista foi cancelado pela instância superior. Não voltou a nascer até hoje e foi uma pena” (idem).

Figura 6 - Vânia Bambilra em 1983



Extraída de: Memorial Arquivo Vânia Bambilra.

²²⁶ Gonzalez (2020, p. 237) faz uma crítica cirúrgica ao que era tido como redemocratização, além da incumbência de discutir assuntos referentes às questões da mulher, do negro e do indígena, que devem ser debatidos e refletidos por toda a sociedade: “[...] certos temas não são contemplados devidamente com relação à proposta de democratização do país - que ao meu ver não é redemocratizado, então é de democratização, porque para nós negros, para nós índios, para nós mulheres jamais houve democracia neste país. [...] Agora estamos num processo de transição, e nesse processo de transição existe uma exclusão, sim. Não da mulher. A meu ver, a grande novidade da Nova República é o Conselho da Mulher. [...] A exclusão continuou com relação à questão do negro, [...] do índio. De repente viramos assessor para assuntos indígenas, [...] afro-brasileiros e as nossas comunidades e os nossos irmãos estão aí na pior situação possível. [...] me parece da maior importância refletirmos sobre o problema. [...] a questão do negro, a questão do índio ou a questão da mulher não são questões só nossas especificamente, e sim da sociedade brasileira, de todos nós”.

Ainda em 1983, em julho, a autora escreveu *Que socialismo almejamos?*²²⁷, declarando, de início, que o PDT era o único partido legalmente constituído que colocava em seu programa o socialismo como seu objetivo estratégico. No início de 1984, a autora recebe mais um convite: desta vez, partiu do Dr. Pablo Gonzalez Casanova, para participar de um seminário no México com a temática Estado na América Latina. Produziu, então, o trabalho *O Estado no Brasil: De João Goulart a João Figueiredo*²²⁸ e decidiu aproveitar a viagem para apresentar sua tese para obtenção do título de doutora.

A defesa de sua candidatura foi mais uma experiência acadêmica memorável e, ao regressar para o Brasil, soube que estavam abertos concursos para auxiliares de ensino para atuar em várias cátedras na Universidade Federal Fluminense (UFF), e uma das vagas era para trabalhar a História da América Latina, a qual se inscreveu. A autora considerou necessário compartilhar no memorial esse episódio, que considera vexatório, afinal, ele foi o único revés²²⁹ que sofreu em sua carreira acadêmica, pois foi muito mal classificada no concurso, e então recorreu à revisão de provas via reitoria. A resposta veio meses depois:

[...] um comunicado burocrático que me informava que o pedido de revisão de provas havia sido indeferido pela regulamentação tal e tal, e só. Esqueci: Vale lembrar que o exame curricular foi o único que ganhei. Ainda assim, obtive apenas um décimo acima do professor que foi aprovado. Pelo que comentaram alguns conhecidos meus, professores daquela universidade, o aprovado não havia produzido nada de significativo que justificasse uma qualificação tão próxima à minha. Dos membros do jurado, esqueci literalmente os nomes e não pretendo lembrá-los nunca. Valeria a pena? Penso que não (BAMBIRRA, 1991, p. 72).

Soube, um tempo depois, que não foi a única: “[...] vários outros professores, um hoje titular por concurso na UnB, cumpriu a mesma ‘via crucis’ e inclusive chegou a entrar na justiça” (BAMBIRRA, 1991, p. 72). Ainda em 1984, em 21 de setembro, Bambirra esteve em uma conferência na UFSC, onde discutiu os problemas e perspectivas do socialismo no

²²⁷ Como seria o socialismo almejado pelo partido? “[...] todos devem ter acesso à mais ampla participação democrática, ao trabalho e à educação, à saúde, à habitação, à alimentação e à liberdade e à soberania. [...] o socialismo não é incompatível com a sobrevivência da pequena e da média propriedade, bem como respeita a livre iniciativa do produtor, como deve respeitar a autonomia de qualquer cidadão em todas as suas opções filosóficas, religiosas, culturais e enfim pessoais como na questão do seu comportamento sexual” (BAMBIRRA, 1983, s.p.). Ver em: [Que socialismo almejamos?](#).

²²⁸ Ver em: [O Estado no Brasil: De João Goulart a João Figueiredo](#).

²²⁹ “Questionada sobre os motivos desse ‘revés’, falou das dificuldades de escrever em português depois de tantos anos fora do Brasil e considerou, ainda, que ‘não encontrou qualquer ambiente na academia, porque as portas estavam fechadas todas [...] porque a gente era marxista, marxista e leninista, havia um antileninismo em particular que acabava virando antimarxismo, porque Lenin se confunde com marxismo, eu me lembro que nós voltamos ao Brasil na época do auge do eurocomunismo, e veja bem, quem morreu não foi o Lenin, foram os eurocomunistas’ (entrevista concedida a Claudia Wasserman em Porto Alegre, em 5 de dezembro de 2012)” (WASSERMAN, 2017, p. 111).

Brasil²³⁰, refletindo sobre como é formado, nos jovens nas escolas brasileiras, um anti socialismo.

Posteriormente, em uma reunião em sua casa, à qual participava Darcy Ribeiro, foi criada uma oportunidade de emprego, agora na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Ele tinha planos de desenvolver na instituição uma pesquisa que ele apelidava “[...] de ‘utopia cibernética’ ou ‘diagnóstico catrastofista’ do Rio de Janeiro e do Brasil” (BAMBIRRA, 1991, p. 73) tomando como finalidade definir as prioridades para a intervenção do poder público. A autora já tinha sua atribuição definida pelo amigo: “[...] você, que sabe escrever, vai fazer o livro” (idem), o que seria apresentar os objetivos, metodologia, resultados e conclusão da pesquisa. Novamente aconteceu de um trabalho seu ser cancelado sem explicações concretas: “[...] fiquei sabendo que a razão foi ‘problemas salariais’. O projeto foi engavetado” (BAMBIRRA, 1991, p. 73-74).

À vista disso, Bambirra assumiu o cargo de assessora na Superintendência de Desenvolvimento Social na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio, e ocupar esse lugar lhe permitiu conhecer a situação dos favelados da cidade, ampliando sua visão com o que já tinha de acúmulo de Belo Horizonte. Tudo isso serviu de base para reflexões que sistematizou no artigo *Favelas e Movimentos de Favelados no Estado do Rio de Janeiro*²³¹, que foi publicado em 1985. Em 29 de julho do mesmo ano participou de uma conferência no Rio de Janeiro, onde falou sobre Socialismo e Terceiro Mundo²³².

Em seguida, o prefeito a nomeou Diretora Geral do Fundo Rio, cargo onde permaneceu pouco tempo, o que não significa que teve poucas realizações²³³. Na nova gestão da prefeitura do Município, foi indicada pelo grupo de Luís Carlos Prestes para ocupar novamente a diretoria na FAPERJ, onde participava da seleção de pessoal para os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), idealizados por Darcy Ribeiro. Enigmaticamente, aconteceu de novo:

²³⁰ “Existe no Brasil, bem ajeitada e funcionando em ampla escala, uma máquina de anti-socialismo, e tem que ser assim...[...] O objetivo [...] é desenvolver o preconceito, o ceticismo e desenvolver por fim o reacionarismo. Se o socialismo é tão sinistro quanto o capitalismo, para que vamos lutar pelo socialismo? (BAMBIRRA, 1984, s.p.). Ver em: [Problemas e perspectivas do socialismo no Brasil](#).

²³¹ Ver em: [Favelas e Movimentos de Favelados no Estado do Rio de Janeiro](#).

²³² Ver em: [Socialismo e Terceiro Mundo \(Partes I e II\)](#).

²³³ “Era o entusiasmo que movia tudo. Consegui formar uma equipe para elaborar um projeto, que ficou logo pronto, de captação de recursos internacionais para “creches comunitárias”. Elaboramos também um Plano de Classificação de Cargos, pois os funcionários trabalhavam há muito tempo ali em situação irregular, como prestadores de serviços. O plano foi aprovado de maneira recorde, o que normalizou os direitos trabalhistas de todo aquele pessoal abnegado e livrou a Prefeitura de grandes prejuízos futuros, tanto financeiros, como morais. (BAMBIRRA, 1991, p. 74-75).

[...] ao final de alguns meses, depois de amplas discussões com a comunidade, elaboramos uma completa, viável e ambiciosa proposta que encaminhamos ao Vice-Governador. Aprovada por ele, finalmente não foi implementada. Não fiquei sabendo por quê (BAMBIRRA, 1991, p. 75-76).

Desmotivada frente ao trabalho na Fundação, por todas as situações frustrantes que lhe aconteceram, a autora passou dedicar parte de seu tempo a atividades acadêmicas promovidas pela Fundação Escola de Serviço Público (FESP), escrevendo artigos, participando de conferências e congressos, cursos e seminários que enriqueceram ainda mais seu currículo e possibilitaram que seu trabalho fosse menos desconhecido no Brasil e assim recebesse mais convites para o difundir em outras cidades e estados. Afirmava, “[...] os artigos e trabalhos, jamais foram divulgados aqui” (BAMBIRRA, 1991, p. 76) e, nesse período, a autora elaborou e dirigiu,

[...] a pedido de Neiva Moreira, junto com Ruy Mauro Marini, a revista cultural Terra Firme, patrocinada pela Ed. Cadernos do Terceiro Mundo. Foi uma revista, além de bela, de alto nível. As ilustrações do número 1º foram todas desenhadas pelas mãos criadoras de Wilma Martins, que trabalhou praticamente de graça, por puro entusiasmo. As entrevistas foram realizadas por nós mesmos, contando com a colaboração de Tetê Morais e Sílvio Tendler (BAMBIRRA, 1991, p. 76-77).

Seu trabalho, dedicado à revista²³⁴, não foi remunerado, menos ainda seus artigos; e não foram ressarcidos os gastos envolvidos em tudo isso, como interurbanos, fitas e táxis, o que se configurou em mais uma decepção para Vânia: “[...] pagávamos para produzir, mas, no Brasil, até com satisfação. Mesmo assim, e ainda com um longo período entre o 1º (ANEXO) e o 2º número, por falta de recursos, a revista morreu. Foi mais uma grande frustração” (BAMBIRRA, 1991, p. 77).

A última atividade considerada interessante, pela autora, ao final do governo Brizola, além dos cursos *lato sensu* oferecidos para estudantes brasileiros e provenientes dos outros países latino-americanos na FESP, foi a coordenação do curso sobre “Administração da Segurança Pública”, promovido e patrocinado por um convênio firmado entre a FESP e a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Foi uma experiência singular para sua história acadêmica, pois a devolutiva dos participantes a surpreendeu positivamente²³⁵.

²³⁴ Bambirra (2005, s.p.) conta mais sobre a experiência: “Os diretores seríamos Ruy e eu, mas Neiva argumentou que ele teria de ser o diretor-responsável porque nós não éramos jornalistas. Aceitamos de malgrado. [...] Na preparação do segundo número, Neiva tomou as rédeas em suas mãos. Retirou Wilma e nos apresentou novas ilustrações, feias. Lembro-me de que vetei determinadamente uma que representava um camponês carregando encurvado uma enxada com a foice e o martelo... E a revista se acabou e foi uma pena. Simplesmente não tínhamos recursos próprios para mantê-la”.

²³⁵ “[...] creio que aprendi muito mais do que pude ensinar, nas conferências que ministrei. Pude descobrir muitas nuances, novas para mim, do ‘outro lado da moeda’. O curso findou quando o novo governo do Estado do Rio já havia sido eleito. A mim correspondeu realizar uma síntese conclusiva das monografias, que foram apresentadas

Bambirra participou do Encontro da Frente Continental de Mulheres, sediado em Havana no ano de 1985, que reuniu cerca de 300 pessoas, basicamente intelectuais e representantes de movimentos sociais, e “[...] foi dividido em várias comissões temáticas, a maioria por certo relacionadas à participação feminina na sociedade”. A comissão “sobre a situação econômica do continente” foi a escolhida pela autora, “[...] junto com a amiga Heleieth Saffioti, pois já andávamos saturadas dos temas ‘tipicamente femininos’”. Nessa comissão [...] tivemos a oportunidade de desfrutar um convívio muito próximo com Fidel Castro” (BAMBIRRA, 1991, p. 79) .

Figura 7 - Bambirra e Saffioti na Frente Continental de Mulheres



Extraída de: Memorial Arquivo Vânia Bambirra.

Além de poder compartilhar desse momento com Saffioti²³⁶, a intelectual pôde conhecer um pouco mais Fidel Castro, para além do que já sabia e imaginava e, nas suas palavras (1991, p. 79-80):

Ele apareceu de surpresa na abertura dos trabalhos e de lá não arredou pé. Indisciplinado, interrompia várias oradoras, buscando, com sua argúcia, obter sempre um dado adicional. Fui a primeira a falar, relatando brevemente um histórico da situação do Brasil desde 1964 e, pela sua reação, parece que ele gostou da minha

pelos participantes no final do mesmo. As monografias eram de excelente nível e, para surpresa minha, a maioria continha denúncias fundamentadas e, algumas até revoltadas, diante da precária situação na qual trabalham os nossos agentes de segurança” (BAMBIRRA, 1991, p. 77-78).

²³⁶ “Com imensa criatividade teórica, [...] em condições muito desfavoráveis, ajudou a colocar, em novos termos, o marxismo no interior da luta das mulheres e vice-versa. Daí a importância de seu primeiro grande livro, *A mulher na sociedade de classes*. [...] a publicação do livro resultou de muitas ousadias. A começar pela aventura de escrever sobre um tema pouco aceito, num ambiente predominantemente masculino, com um referencial teórico marxista, durante uma ditadura militar. [...] O livro [...] colocou em evidência o pioneirismo de Heleieth Saffioti: a primeira mulher na América Latina a escrever sobre a condição feminina na perspectiva da transformação social. A repercussão incluiu muitas críticas: ser marxista demais, ser feminista de menos e vice-versa” (GONÇALVES, 2016, s.p.). Ver em: [Heleieth Saffioti](#).

análise. Em uma questão eu e Heleieth divergimos publicamente dele e, no ato, o chamamos de machista. Talvez tenha sido a primeira vez que isso tenha ocorrido em Cuba mas, obviamente ele gostou muito. Tratava-se da questão da restrição das vagas para mulheres nas Faculdades de Medicina. Ele esclareceu muito bem o assunto. No intervalo, saiu nos procurando no corredor, para saber se o seu esclarecimento havia sido satisfatório. Pude constatar ao vivo o que já havia percebido há anos: Fidel é um ser humano diferente, hiper-dotado. Seu olhar magnético é como uma radiografia. Ele sabe com quem lida e como lidar.

Figura 8 - Bambirra com Castro e Saffioti em Cuba



Extraída de: Memorial Arquivo Vânia Bambirra.

Como habitualmente fazia um bom aproveitamento de suas viagens, dessa vez não foi diferente: para além da participação no evento, sua intenção na ida a Cuba era entrevistar mulheres que estiveram ou estavam ocupando lugares de protagonismo na guerra revolucionária ou no período de transição cubana socialista - o que mostra seu interesse pela questão da mulher - e, para isso, ao fim do encontro, propôs que Saffioti e Beatriz Bissio²³⁷ participassem, e elas aceitaram. Com intento de trazer tais falas num livro, solicitou à Federação de Mulheres Cubanas que organizasse as entrevistas, que foram três:

Entrevistamos, eu e Heleieth, Wilma Espin, que substituiu Frank Pais, depois de sua morte, na coordenação da guerra revolucionária urbana, até que teve de ir para Sierra Maestra, passando após o triunfo da revolução, a ser a Presidenta da F.M.C. (Federação de Mulheres Cubanas); Doris Tijerino, então chefe da Polícia Nacional da Nicarágua; finalmente, a última entrevista, que contou também com a participação de Beatriz, foi com a comandante guerrilheira Galia, de El Salvador. (BAMBIRRA, 1991, p. 80-81)

²³⁷ Nascida no Uruguai e naturalizada no Brasil, é professora Associada do Depto. de Ciência Política - IFCS e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada - PPGHC, na UFRJ, possui Doutorado em História pela UFF. “Percorreu, ao longo de três décadas, a América Latina, África e Ásia (em particular o Oriente Médio), e fez a cobertura de momentos marcantes da história contemporânea”. Ver em: [Currículo Lattes](#).

Durante a viagem de volta ao Brasil, Bambirra sugeriu a Saffioti, que era a especialista no tema mulher, que escrevesse a introdução do livro e ela se dispôs, e, em entrevista em Lima concedida a Beatriz, abordou abrangentemente o assunto. Bastava, então, que se fizesse a transcrição do que foi falado, para que tivessem o material necessário tanto para a revista de Beatriz quanto para a introdução, porém houve um inconveniente: a fita que continha a gravação foi perdida e “[...] Saffioti não quiz, ou não teve mais tempo, para voltar a repetir suas reflexões” (BAMBIRRA, 1991, p. 81-82). Não perdeu a esperança, mantendo conservados todos os materiais, na esperança de um dia serem publicados, porém com “[...] um enorme desânimo de montar o livro, sem saber se será do interesse de algum editor, sobretudo numa época em que o socialismo está sendo tão abjurado” (BAMBIRRA, 1991, p. 82). Toda essa situação foi lamentável, pois certamente se perdeu um brilhante e necessário livro - que, seguramente, é do nosso interesse.

Em 1986 - no mesmo ano em que escreve *A Luta pelas 'Diretas' e pela Constituinte no Brasil*²³⁸ e *Prólogo a Marxismo e Teologia da Libertação, de Luigi Bordin*²³⁹, e integra uma conferência sobre O Capitalismo dependente latino-americano e sua Teoria Crítica: uma tentativa preliminar de balanço²⁴⁰ em Nicarágua, para participar, enquanto intelectual, de uma reunião de partidos políticos da América Latina. Nesse momento, Bambirra coloca uma nota de rodapé que muito tem a contribuir com nossa pesquisa, mostrando mais uma situação de machismo a que foi submetida:

Meu companheiro também foi convidado e viajamos juntos. Quando lá chegamos, estavam reservados quartos separados para nós. Eles não sabiam que éramos casados, pois sempre mantive o meu próprio sobrenome. Recusamos o quarto supérfluo mas, fiquei feliz, uma vez mais, de saber que, como era usual sobretudo no exterior, eu era convidada por mim mesma. (Essas observações podem parecer supérfluas, mas, não são, em um país como o nosso. Aqui, entre os mais velhos - felizmente não mais entre os jovens - discrimina-se a mulher, sem mesmo saber-se que se está fazendo). Um bom exemplo proveniente da parte de um homem que é muito avançado politicamente: quando o Presidente Miguel de La Madrid veio ao Brasil, Brizola telefonou para o meu companheiro, convidando-o para um almoço que seria oferecido por ele ao então Presidente e no qual queria que estivessem presentes os intelectuais brasileiros que viveram exilados no México. Em seguida, pediu para falar comigo, para me explicar que eu não estava convidada, porque o protocolo mexicano havia sugerido que as esposas não fossem. E o pior foi que ele ainda acrescentou, candidamente: “Você sabe, esses mexicanos são muito machistas” (BAMBIRRA, 1991, p. 83-84).

²³⁸ Ver em: [A Luta pelas 'Diretas' e pela Constituinte no Brasil](#).

²³⁹ Ver em: [Prólogo a Marxismo e Teologia da Libertação, de Luigi Bordin](#).

²⁴⁰ Ver em: [O Capitalismo dependente latino-americano e sua Teoria Crítica: uma tentativa preliminar de balanço](#).

Imagina-se os sentimentos que foram tocados na autora, mais uma vez resumida a “esposa”. Em março de 1987, a autora foi requisitada para trabalhar na Superintendência de Planos Locais (SPL), da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano do Rio. Se familiarizou, aprendendo muito e convivendo “[...] com uma equipe que, por cima de um grande leque ideológico” (BAMBIRRA, 1991, p. 87), era profissional e comprometida e pôde viver uma experiência diferente de trabalho. Deixou a Secretaria, com muito pesar, no final de 1987, quando foi reintegrada à UnB. Em setembro do mesmo ano, participou de uma palestra, no Rio de Janeiro, sobre a Dívida Externa²⁴¹, um assunto extremamente necessário e pouco discutido, de forma direta, didática e acessível, explicando a dívida em si.

Ainda no ano de 1987, no Rio, deu aulas no Instituto Bennet e, tendo dificuldade em permanecer, desistiu pelo alto custo com o transporte. Passou, então, a atuar na Universidade Cândido Mendes, mais próxima de sua casa e mais conveniente, pois, por ministrar dois cursos seguidos, podia voltar de ônibus ou de carona para casa. O cansaço era compensado pelo quesito econômico. Foi uma época difícil, como compartilha (1991, p. 88):

Afinal, o salário de um funcionário municipal era muito baixo e eu tinha me separado do meu companheiro. Tinha de manter sozinha a casa, o filho que comigo morava, a empregada, o filho da empregada e um par de cachorros enormes. Ademais, volta e meia enviava algum dinheiro para o meu pai, que vive em Minas Gerais e então já tinha 90 anos e quatro filhos, que estudavam. [...] Se a reintegração na UnB não houvesse acontecido eu teria tido, compulsoriamente, de me refugiar de novo em alguma universidade estrangeira. Foi um período no qual a minha produção acadêmica foi irrelevante. Até então, tudo indicava que no Brasil não havia lugar seguro para mim.

Bambirra assumiu formalmente sua volta à UnB em dezembro de 1987, porém, durante as férias, em janeiro de 1988, foi para o México, determinada a, enfim, defender sua tese e obter seu título de doutora. Comparada com a apresentação de candidatura ao título, a defesa foi monótona, era o mesmo texto, com a adição de um anexo de 100 páginas onde a

²⁴¹ Bambirra (1987, s.p.) referencia Fidel Castro, que afirma que essa dívida é impagável, e realmente vemos isso no cotidiano: “Fidel dizia: a dívida é impagável por quatro razões. A primeira razão é histórica, porque foi o continente que financiou o desenvolvimento da Revolução Industrial, na Europa, particularmente na Inglaterra, na época. Celso diz no livro dele que o ouro que o Brasil mandou para a Inglaterra via Portugal dava para construir uma ponte de ouro daqui até lá. Sem contar o dos outros países, a prata mexicana, o estanho boliviano, etc. Quer dizer, nós financiamos a Revolução Industrial deles. Essa é a razão histórica. Há uma razão moral: enquanto você está pagando os juros dessa dívida, nosso povo está morrendo de fome. São dados do Jaguaribe, não sou eu que estou levantando isso. Ele já dá esse dado desde 1974, no livro dele, e agora voltou a reafirmar o dado na comissão dos estudos para a nova constituição: ‘64% dos brasileiros vivem em nível de miséria absoluta, basta pensar que 40% dos assalariados recebem ali um salário mínimo. Figueiredo tinha razão quando dizia: ‘eu dou um tiro na cabeça se eu ganhasse um salário mínimo’; mas é assim’. Então, aí está a razão social. A razão política para insistirem em pagar essa dívida e fazer o povo morrer de fome. E isso, sim, é atentado e é genocídio. Esse continente vai explodir, o caldeirão já está quente demais. E, por último, [a dívida é impagável] por razões econômicas, porque matematicamente não se pode pagar”. Transcrição disponível em: [Dívida Externa](#).

autora discorre sobre as principais contribuições teóricas dadas à teoria do socialismo que vieram após Marx, Engels e Lênin. Foram poucas as questões levantadas pela banca, que a aprovou com menção honorífica e, finalmente, a estudiosa obteve o título.

A volta de Bambirra e outros docentes e funcionários à Universidade de Brasília foi viabilizada pela reintegração,

[...] concebida pelo ex-reitor Cristóvam Buarque, um personagem altaneiro, cuja visão sobressaiu por sobre a mediocridade da engrenagem burocrática universitária, montada na época da ditadura. Foi implementada pela Profa. Geralda Dias, que lhe dedicou seus melhores esforços para que fosse equânime. É importante registrar isso aqui, pois com ela foi subsanada, em parte, uma injustiça histórica. As perdas mais profundas, jamais se recuperam (BAMBIRRA, 1991, p. 91).

Novamente seguindo um conselho de Marini, a autora se integrou ao Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais, onde uma disciplina ministrada foi a de História Política e Social da América Latina²⁴². Teve uma ótima recepção por parte do chefe do Departamento, “[...] e, em geral, pelos professores e pelo pessoal administrativo. Talvez um ou outro, por sectarismo ideológico, tenha se sentido incomodado com a presença dos reintegrados, mas nunca manifestaram isso de maneira direta” (BAMBIRRA, 1991, p. 92).

A acolhida mais significativa à docente veio dos estudantes da graduação e da pós-graduação - demonstraram isso na “avaliação do professor” em 1988 -, sempre motivados pelas suas aulas. Meses depois de voltar ao trabalho na universidade, a autora foi vítima de uma *fake news* - embora o termo não fosse nem imaginado à época, o sentido e a exposição causados à vítima são os mesmos: uma edição dominical do Jornal do Brasil teve como destaque uma nota sobre a Universidade, assinada por Helena Brito, que mexeu com os ânimos de Bambirra, pois a colocou como centro da confusão:

Nela, entre outras besteiras, dizia que os reintegrados almejavam transformar-se em titulares e, citava o meu nome como líder, para em seguida agregar que eu era apenas “candidata a doutor”. Fiquei indignada pela duas mentiras, pois, ademais de já possuir o título formal de doutor, eu não havia liderado nada nesse sentido e nem existia, que eu soubesse, entre os reintegrados que não tinham condições para tal, essa pretensão. Conversei com o reitor e com o vice-reitor em exercício e este promoveu uma reunião com a jornalista, oferecendo-me ainda desmentir a nota no Boletim da Universidade. A jornalista se desculpou, disse que havia obtido a informação pelo curriculum que eu havia entregue na época da reintegração... Pareceu-me estranho - como haveria de ter acesso a isso? - e a chamei de pouco profissional. Procurei então o Diretor da sucursal do jornal em Brasília, Sr. Etevaldo Dias, exigindo uma retratação. Ele me disse que isso não ocorreria e, diplomaticamente, ofereceu-se para fazer publicar um artigo meu, sobre qualquer tema, indicando abaixo o meu título de doutor. Dava-me quatro dias para isso. Eu andava muito ocupada com pesquisa, tinha de viajar e, acabei não enviando nada

²⁴² Ver em: [Programa da Disciplina História social e política da América Latina](#).

para ele. Como me arrependo de não haver entrado imediatamente na justiça! mas, esqueci (BAMBIRRA, 1991, p. 90).

Não fica explicado quem foi o responsável pela falácia direcionada a Bamberra, e nem sua motivação, mas, tempos depois, ela procurou por Etevaldo, com o artigo *Lênin, esse desconhecido* em mãos, e o que se segue é mais uma decepção sem explicação:

Ele o leu de imediato. Disse-me que estava excelente e, que o enviaria para o suplemento *Idéias*, para ser publicado na mesma semana. Não foi. Após semanas, telefonei para ele, perguntando o que havia acontecido, respondeu-me que a pauta do suplemento estava lotada e que poderia levar uns dois meses para sair, mas, se eu quisesse, estava liberada para buscar outro veículo. Disse-lhe que assim ia fazer e pedi ao mesmo para jogar a cópia que tinha no lixo. “Não”, disse, “vou conservá-lo em meus arquivos” (BAMBIRRA, 1991, p. 91).

No decurso dos anos 1988, 1989 e 1990, Bamberra desenvolveu dois projetos de pesquisa²⁴³, “Os movimentos sociais no Brasil no período da Abertura Política” e “Os movimentos sociais e o déficit público - A dívida social, a miséria, seus efeitos e consequências” - não fugindo do que fazia de praxe em sua carreira - aliar a docência à pesquisa. Ao fim de seu memorial, a autora elenca vários de seus feitos intelectuais, citando uma das nossas maiores preocupações - a falta de publicização de seu trabalho no Brasil e reafirma uma questão a que muitos discentes e docentes se queixam e que estamos tentando resgatar: “[...] apesar de que o nosso pensamento tenha percorrido boa parte do mundo afora, no Brasil, a não ser por via oral - aulas e conferências - ele não teve quase nenhuma divulgação e, portanto influência” (BAMBIRRA, 1991, p. 97).

No decorrer da década de 1990, Bamberra foi também coordenadora da Assessoria Técnica do PDT na Câmara dos Deputados, assim os pareceres passavam por ela, que participou ativamente da regulamentação da Constituição de 1988, época pouco documentada de sua vida, o que fica de tarefa para próximos estudos. Nas palavras de Carla Ferreira²⁴⁴ (2020):

Vânia era uma organizadora disciplinada, uma militante que não temia enfrentar as principais contradições com posicionamentos claros e concretos sobre quase todos os temas sociais, políticos e econômicos do seu tempo [...] o que a gente tem visto sobre os anos 90 dela não fogem disso, né, e ela não só se posicionou como dirigiu o posicionamento de uma bancada com todos os pareceres os principais debates que o Brasil atravessou nos anos 90, né, no Congresso Nacional. Ela não era, portanto, em política, nem afeita ao esquerdismo, nem ao oportunismo, que são duas tensões que perpassam a prática militante da esquerda historicamente, né, e que é muito comum a gente se confrontar.

²⁴³ Ver lista de cursos, projetos e relatórios de pesquisa em: [Outros escritos, cursos, projetos e relatórios de pesquisa](#).

²⁴⁴ Ver em: [Vânia Bamberra e a Teoria Marxista da Dependência, live com Carla Ferreira](#).

Em 1990, escreve *El Estado en Brasil. Del dominio oligárquico a la apertura controlada* e, em 1991, *Anotações sobre a concepção estratégica do PDT*²⁴⁵. Em 1992, em *Nafta - a nova era da dependência*, discute o aprofundamento da dependência latino-americana em decorrência do acordo e traz uma das questões que mais a incomodava: a desnacionalização das empresas nos países latino-americanos²⁴⁶. Em 1993 tem seu livro *A teoria marxista da transição e a prática socialista*²⁴⁷ publicado pela Editora Universidade de Brasília, viaja a Havana para participar do IV Foro de São Paulo²⁴⁸, representando o PDT e faz uma intervenção assertiva sobre socialismo, neoliberalismo, e privatizações - “*Caso nosso partido chegue ao governo, [...] nossa meta, é questionar todas as privatizações, reverter todas as privatizações. Porque significaram o saqueamento da nossa economia, [...] do nosso povo, [...] da nossa soberania*” - e escreve sobre Neuzia Brizola²⁴⁹.

Em abril de 1996, em Brasília, escreveu *O PDT e a Reforma Agrária*²⁵⁰. Em janeiro de 1997, escreve *Êxodo Rural e Êxodo Urbano: a luta pela Reforma Agrária no Brasil*²⁵¹ dividindo, entre outros elementos trabalhados, “a história do êxodo rural e dos cortiços urbanos” em três capítulos: o êxodo propriamente dito, a revolução científico-tecnológica e a formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, a partir de 1984 (BAMBIRRA, 1997, s.p.). Um trecho específico nos remete à atualidade:

No Congresso Nacional, a poderosa bancada ruralista anda alvoroçada para deter as reformas que visam agilizar a aquisição de terras para a reforma agrária, pois sabe que o governo necessita de seus votos para privatizar a Previdência Social, que seria entregue aos banqueiros, e terceirizar a administração pública, por meio da demissão maciça dos servidores públicos e, a UDR renasceu na região do Pontal do Paranapanema, ostensivamente raivosa e ameaçadora, buscando defender, pela intimidação das armas, a grilagem de terras públicas (BAMBIRRA, 1997, s.p.).

²⁴⁵ Ver em: [Anotações sobre a concepção estratégica do PDT](#).

²⁴⁶ “Intensifica-se desse modo a monopolização, concentração e centralização da economia, que se expressa através da instalação de grandes empresas multinacionais e da absorção, por parte dessas, de empresas nacionais, por meio de compras, fusões, associações, etc. Verifica-se, também, a desnacionalização progressiva da propriedade privada dos meios de produção nos setores até então controlados por produtores nacionais. Um dos efeitos mais perversos desse processo é a perda da soberania nacional, pois as classes dominantes transformam-se em classes dominantes-dominadas, em sócias-menores do capital estrangeiro. As políticas nacionalistas são abandonadas por essas, cabendo apenas a governos diretamente comprometidos com os movimentos sociais populares resgatá-los, como foi o caso do de Salvador Allende, no Chile (BAMBIRRA, 1992, s.p.). Ver em: [Nafta - a nova era da dependência](#).

²⁴⁷ Ver em: [A teoria marxista da transição e a prática socialista](#).

²⁴⁸ Destacamos o trecho: “*A democracia jamais foi concebida por nós [...] como uma mera abertura do capitalismo, mas como uma democracia socialista. Entendíamos, desde o primeiro momento, que a luta antiimperialista era uma vez uma luta anticapitalista e jamais abriremos mão disso. [...] Nossas convicções passaram a ser cada vez mais socialistas. É que os princípios não mudam só porque as primeiras experiências fracassam. Pobre ciência, se assim fosse*”. Ver em: [Memorial-Arquivo Vânia Bambirra - intervenção pessoal \(ponencia\) no Foro de São Paulo, Havana 1993](#).

²⁴⁹ Ver em: [Neuzia Brizola](#).

²⁵⁰ Ver em: [O PDT e a reforma agrária](#).

²⁵¹ Ver em: [Êxodo Rural e Êxodo Urbano: a luta pela reforma agrária no Brasil](#).

Em 28 de maio do mesmo ano, escreve *Conjuntura nacional - FHC: perda de popularidade ou de credibilidade?*²⁵². Ainda em 1997 escreve *Análise dos projetos de lei do Poder Executivo e similares que 'dispõem sobre os Planos Privados de Assistência à Saúde*.

Em 18 de outubro de 2000, escreveu uma carta para Miro Teixeira e se retirou com tristeza e pesar do PDT, que se afastou do propósito firmado em 1979, se tornando apartidária mas se posicionando a favor do PSOL²⁵³. Retornou ao Rio de Janeiro, onde passou a morar com a filha Nádia e o neto Jaffar, permanecendo afastada da vida pública, mas mantendo seu vínculo com o MST, movimento social intimamente ligado a uma parte importante de sua obra: a questão agrária. Em 2008, assinou, junto a outros nomes da intelectualidade latino-americana, o Manifesto das Américas contra a Lei de imigração européia²⁵⁴ e foi entrevistada pelo jornal Brasil de Fato²⁵⁵. Em 2011, foi homenageada²⁵⁶, junto a outras mulheres lutadoras do povo, pelo MST e declara no evento: “[...] eu sei que esse movimento é o movimento mais importante da América Latina”. Em 2014, participou do Ciclo de Debates Resistir Sempre Ditadura Nunca Mais²⁵⁷.

Ainda há que se descobrir muito sobre a riqueza da trajetória de Vânia Bambilra, que permaneceu como sempre foi: aguerrida e motivada a mudar a realidade da América Latina, até o fim: em 9 de dezembro de 2015, no Rio de Janeiro, “ela encantou, mas deixa plasmado em todos os seus livros esse grito revolucionário”²⁵⁸. No Chile, se dedicou a aulas de karatê para aprender a se defender, chegando à faixa marrom e, com isso, no México, pôde se defender de um assalto e proteger os passaportes que carregava - na época do exílio, era uma mulher à frente de seu tempo. Não se dizia feminista e não entendia a razão pela qual as feministas a valorizarem tanto, apesar de em vários momentos de sua vida se dedicar ao estudo da emancipação da mulher, o que veremos adiante²⁵⁹.

²⁵² Ver em: [Conjuntura Nacional - FHC: perda de popularidade ou de credibilidade?](#).

²⁵³ Bambilra declara em 2012: “o único partido de esquerda que existe no Brasil, a meu juízo, modestamente, é o PSOL”. Ver em: [Vânia Bambilra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#)

²⁵⁴ Ver em: [Manifesto contra a nova lei da imigração européia](#).

²⁵⁵ Ver em: [Revolução técnico-científica questiona capitalismo](#).

²⁵⁶ Ver em: [MST faz homenagem a mulheres lutadoras do povo](#).

²⁵⁷ Ver em: [Resistir Sempre – Ditadura Nunca Mais: 50 Anos do Golpe de 1964](#).

²⁵⁸ Ver em: [Vânia Bambilra, presente](#).

²⁵⁹ Informações obtidas de falas de Nadia Bambilra em seminário realizado em 13 de agosto de 2021 no curso de especialização em Economia e Desenvolvimento Agrário, cuja turma é batizada com o nome Vânia Bambilra. Instituições participantes: Universidade Federal do Espírito Santo e Escola Nacional Florestan Fernandes.

Figura 9 - Vânia em 2013

Extraída de: site do IELA.

A economista, cientista política, docente, pesquisadora, militante e autora de 1,50m que foi exilada, boicotada e ignorada, mas nunca silenciada - pois sua voz é ecoada por cada pessoa que a conhece -, escrevia, falava e agia com tenacidade e nunca abriu mão de seus valores²⁶⁰, deixou um legado gigantesco de amor, força, resistência e, principalmente, esperança, que é combustível para a continuidade de sua luta pela superação desse modo de produção, à qual nos somamos. Vânia Bambirra, presente!

²⁶⁰ “[...] lembrei-me da recusa de Vânia Bambirra em aceitar uma das últimas homenagens prestadas a ela pouco antes do seu falecimento. Tratava-se de uma condecoração, a Ordem de Rio Branco, concedida pelo Ministério das Relações Exteriores, emitida pelo Palácio do Itamaraty em 30 de abril de 2014. Segundo relatos daqueles que estavam mais próximos dela nos últimos anos, Vânia rejeitou a homenagem pois o que realmente desejava do governo era respeito à sua obra e mudanças no país. Também gostava de comparar aquela condecoração rejeitada com a homenagem que recebera do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) em janeiro de 2011, da qual muito se orgulhava” (WASSERMAN, 2017, p. 144).

CAPÍTULO 3 - UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO DE VÂNIA BAMBIRRA ACERCA DA MULHER LATINO-AMERICANA

Eu lamento profundamente que hajam vertentes do feminismo que queiram colocar mulheres contra as mulheres [...] que exclua, que negue a existência profunda e doída de mulheres negras e transexuais no Brasil que são rasgadas pelo racismo, pelo feminicídio, pela transfobia, pela prostituição compulsória, pela violência, porque nasceram e foram criadas a pão de ló, do alto dos seus condomínios, das suas graduações, e que acham que as suas experiências individuais são capazes de formular aquilo que é o feminino, ou mesmo o feminismo, ignorando a multiplicidade e muitas vezes caindo dentro de um discurso raso, que é o discurso biológico.

Nós não precisamos de um feminismo que nos reduza a um discurso biológico, o patriarcado já fez isso muito bem: o lugar das mulheres é de procriação e de cuidado do lar atrelado à biologia.

Não é preciso que nasça uma vertente feminista pra dizer isso, é preciso que hajam vertentes feministas para dizer que o lugar das mulheres é onde elas quiserem, e que as mulheres têm suas especificidades, a sua realidade não é igual à minha, que não é igual à dela, e nós todas somos mulheres, mas cada qual temos os nossos recortes, e todos eles são importantes.

A minha dor não é maior do que a sua, mesmo tendo sido diferente, e, pra eu dizer da minha dor, da minha experiência, não preciso anular a sua, eu posso colocar todas elas num lugar e entender: o que nos fortalece? O que nos une? Nós somos mulheres diferentes, mas em algum lugar nós temos ponto de encontro, e é isso que me interessa²⁶¹.

3.1 O livro *A Emancipação da mulher: luta de ontem, hoje e amanhã*

Iniciaremos nossa análise a partir dos escritos de Vânia sobre a mulher que dariam corpo ao livro *A Emancipação da mulher: luta de ontem, hoje e amanhã*, que reúne as teses, que, para a autora (também para nós), são “[...] fundamentais sobre a situação da mulher na sociedade capitalista e a forma sobre a qual deve ser conduzida a luta pela sua emancipação” (BAMBIRRA, s.d, s.p.). Se trata de um projeto que a autora pensou em trazer para nosso país²⁶², segundo o que escreveu na Nota Prévia²⁶³, visto que seu conteúdo tem “[...] além de um valor teórico, um certo valor histórico e que, portanto, se justifica divulgá-los no Brasil, para que sejam submetidos à crítica dos leitores brasileiros”, palavras com as quais, deveras, concordamos.

²⁶¹ Palavras de Erika Hilton, “[...] a primeira mulher preta e trans a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal da capital de São Paulo. Eleita em 2020 com mais de 50 mil votos, a vereadora de origem periférica é hoje considerada uma voz de referência nas lutas contra o racismo e pelos direitos humanos, LGBTQIA+ e das mulheres”. Ver em: [ERIKA HILTON | Podcast Lança a Braba #025](#).

²⁶² “O leitor ou a leitora brasileiros poderão se perguntar: Mas que importância tem para nós conhecermos essa experiência chilena? Por que não discutir a problemática da luta pela emancipação da mulher brasileira? Nós responderíamos: É com a reflexão sobre a experiência acumulada das lutas de outros povos, em seus fracassos e vitórias, que humildemente podemos refletir sobre a nossa história e nossa própria experiência buscando nossos próprios caminhos e formas específicas de luta. Quem tem a prepotência ou a ignorância com relação às lutas travadas em outras nações jamais conseguirá compreender e orientar corretamente a sua própria luta”. (BAMBIRRA, s.d., s.p.).

²⁶³ Ver em: [Nota prévia](#).

Bambirra manifesta seu envolvimento com o Chile, visto que tornou-se personagem ativa - apesar de suas discordâncias citadas no capítulo anterior - no processo de transformações sociais ocorridas com a vitória de Allende e, a partir de suas vivências nesse contexto e de seu acúmulo teórico e político, concebeu as críticas que logo iremos analisar:

Sem que estivéssemos filiados a algum partido ou movimento político chileno, nos empolgamos, primeiro, com a vitória da Unidade Popular e, em seguida, com as grandes medidas de corte econômico e social que foram por ela implementadas. Participamos ativa e entusiasticamente das suas marchas, desfiles e comícios, fizemos coro junto ao povo chileno de suas palavras de ordem, dirigimos em nossa instituição universitária um Comitê da Unidade Popular, tentamos resistir durante três dias, também na Universidade, ao golpe fascista: estávamos dispostos a lutar e a dar nossa vida pela resistência chilena, mas fomos derrotados. [...] Por tudo isso não tivemos jamais reservas ao formular nossas impressões críticas com relação ao processo de mudanças sociais no Chile; muito pelo contrário, nos sentíamos na obrigação de colaborar, na medida das nossas forças, com uma análise crítica-constitutiva, que foi muito bem recebida no ambiente intelectual e político do país e nas diversas partes do mundo onde estes trabalhos foram publicados (BAMBIRRA, s.d., s.p.).

A autora pontua que, nos partidos da esquerda chilena, havia uma gritante e sistemática subestimação das demandas específicas das mulheres: “[...] suas reivindicações eram as de todo o povo, mas elas não conseguiam que todo o povo se levantasse por suas reivindicações como categoria mulher” (idem). Afirma que os seus escritos mostrarão que “[...] a base objetiva para a exploração ou a dupla-exploração do trabalho da mulher nas nossas sociedades, reside no caráter pré-capitalista do labor doméstico, da função feminina de ser reprodutora de valores de uso, mas não de valores de troca enquanto ‘dona de casa’” (idem), o que a leva a ser dependente emocional e economicamente de seu marido, tal situação corrói sua capacidade criadora e a aliena enquanto ser humano. Indica um posicionamento que é reforçado em grande parte de seus textos: sua visão crítica ao feminismo²⁶⁴ ao anunciar que

[...] o responsável pela situação de opressão da mulher não é o considerado “primeiro sexo”, quer dizer, o homem, mas sim o sistema de exploração. Por isso, enfocar a luta da mulher contra o homem – posição típica do feminismo – é uma postura equivocada e, consciente ou inconscientemente reacionária, na medida em que tende a desviá-la de seu principal objetivo que é a superação do sistema

²⁶⁴ Consideramos importante destacar que não existe só um feminismo. Mariátegui (1924, s.p.) traz uma reflexão importante sobre o(s) feminismo(s): “Ninguém deve se surpreender que todas as mulheres não se reúnam em um movimento feminista único. O feminismo tem, necessariamente, várias cores, diversas tendências. Se pode distinguir no feminismo três tendências fundamentais, três cores primárias: feminismo burguês, feminismo pequeno-burguês e feminismo proletário. Cada um destes movimentos formula suas reivindicações de uma maneira distinta. A mulher burguesa alia seu feminismo ao interesse da classe conservadora. A mulher proletária alia o seu feminismo com a fé das multidões revolucionárias na sociedade futura. A luta de classes – fato histórico, não uma afirmação teórica – se reflete no plano feminista. As mulheres, como os homens, são reacionárias, centristas ou revolucionárias”.

capitalista. Só o socialismo tem condições de *começar* a promover a efetiva libertação da mulher, através da planificação centralizada da economia; da promoção da participação popular na gestão da vida econômica e social; da incorporação no processo produtivo; da elevação do nível cultural de todo o povo, condição elementar para o desaparecimento dos preconceitos machistas (BAMBIRRA, s.d., s.p.).

Tal libertação deve ser precedida pela tomada de consciência da mulher que, ao se unir às outras forças da classe trabalhadora, se torna uma potência transformadora. Conheçamos, pois, a obra dessa grande e importante pensadora, que vivenciou, como demonstrado anteriormente, e enfrentou o machismo, se inspirou principalmente, em Marx e Lênin, além das contribuições de Margaret Benston²⁶⁵, para tratar da questão da mulher latino-americana.

3.1.1 A mulher chilena na transição ao socialismo (La mujer chilena en la transición al socialismo)²⁶⁶ - 1971

[...] na medida em que as mulheres tomam consciência da situação de exploração a que estão submetidas como tais, na medida em que lhes mostre onde reside a raiz dessa exploração, como em geral ocorre com todos os explorados, seu potencial revolucionário se transformará muito mais rapidamente e com mais vigor, em força revolucionária. Em outras palavras, as mulheres trabalhadoras têm mais motivos do que os trabalhadores para serem revolucionárias. E não há razão que justifique, em nome da revolução, não levantar para elas, com toda a clareza, não apenas seus problemas de classe, mas também seus problemas enquanto mulheres (BAMBIRRA, 1971, p. 4).

Escrito em espanhol, em junho de 1971, o artigo traz uma análise crítica de Bambirra acerca do lugar e papel da mulher na sociedade chilena, e, para tanto, a autora recorre aos pensamentos de Margaret Benston em *Economia Política para a Libertação das Mulheres*, de 1969, de Lênin em *Cartas de Longe*²⁶⁷, de março de 1917 e a um editorial do jornal oficial do Partido Comunista, o *El Siglo*, acerca da Assembleia de Mulheres Comunistas do Chile, realizada em maio do mesmo ano. A autora aborda, além de outras questões, o não lugar dos problemas da mulher - operária, camponesa e pequeno-burguesa - enquanto “categoria social específica” nas reflexões do Partido Comunista e da esquerda revolucionária como um todo - o que é contraditório, visto que, segundo Saffioti (1976, p. 36) “[...] todo socialismo, quer na sua forma utópica, quer na sua expressão científica, tentou mostrar à mulher os caminhos de

²⁶⁵ “Uma das inspirações de Vânia Bambirra em relação à temática da opressão das mulheres foi a escritora marxista e feminista norte-americana Margaret Benston, que escreveu uma obra intitulada *The political Economy of women's liberation*. O conteúdo precípua da obra revela a necessidade de compreender o trabalho das mulheres na economia doméstica e no lar, como parte associada à economia capitalista, representando uma tentativa de teorizar sobre a questão referenciada na aplicação do materialismo histórico-dialético. Destaca-se que durante longos anos, a autora norte-americana foi uma importante fonte de inspiração para muitas feministas marxistas, dentre elas Vânia Bambirra” (SIQUEIRA, 2020, p. 105).

²⁶⁶ Ver em: [La mujer chilena en la transición al socialismo](#).

²⁶⁷ Ver em: [Cartas de Longe](#).

sua libertação” - e busca, então, definir quais são esses problemas e apontar a situação de opressão vivenciada pelas mulheres.

Cabe destacar que, à época, o país passava por um momento marcante: como já mencionado, a vitória de Salvador Allende acendeu, por um lado, as esperanças do povo de transformações e construção de uma nova sociedade e, por outro, as dúvidas e discordâncias de parte da esquerda, conforme anteriormente mencionado. Bambirra, que não acreditava numa transição pacífica²⁶⁸, demarca em alguns momentos no artigo que não se está construindo no país o socialismo em si, mas as suas bases, visto que “[...] não houve uma verdadeira revolução social, mas sim um processo de mudanças partidas da legalidade burguesa” (BAMBIRRA, 1971, p. 8).

Bambirra traz um breve histórico da luta das mulheres - atrelada desde o início à dos negros no movimento antiescravagista nos Estados Unidos²⁶⁹ -, e um fator marcante é a luta

²⁶⁸ Nas palavras da própria, em 2012, “[...] o fracasso da Unidade Popular, foi um fracasso da via pacífica, eu sempre tive minhas dúvidas, minhas sérias dúvidas, e nunca acreditei que aquilo ia perdurar, né? Eu sabia que vinha. Até por intuição feminina. Em último recurso eu falava intuição feminina, mas coisa pacífica... revolução pacífica eu não acredito. As últimas que vierem vai tudo ser pacífica, mas as primeiras, não tem jeito. Porque o ritmo da revolução é marcado pela contra revolução. Quem radicaliza não é a esquerda, é a direita. A esquerda só responde. Claro que pra quem toma o poder é muito melhor não ter revolução, não ter derramamento de sangue. Se a guerra civil vem é porque a direita reage. Foi assim na Revolução Russa, foi assim na Cubana, foi assim em todas. E vai ser em todas durante um grande período. Pelo menos eu penso, infelizmente, que é assim”. Ver em: [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

²⁶⁹ Angela Davis, para nós uma das mais importantes autoras marxistas, trata da questão em *Mulheres, raça e classe* (2016), publicado em 1981. “Por que tantas mulheres se juntaram ao movimento antiescravagista? Havia algo especial no abolicionismo que atraía as mulheres brancas do século XIX de um modo que nenhum outro movimento reformista havia conseguido? [...] a Revolução Industrial fez com que a sociedade estadunidense passasse por uma profunda metamorfose. Nesse processo, as circunstâncias da vida das mulheres brancas mudaram radicalmente. Por volta dos anos 1830, o sistema fabril absorveu muitas das atividades econômicas tradicionais das mulheres. Claro, elas foram libertadas de algumas de suas velhas tarefas opressivas. [...] A turbulenta década de 1830 foi de intensa resistência. A rebelião de Nat Turner, no início do decênio, anunciava de modo inequívoco que a população negra estava profundamente insatisfeita com seu destino de escravidão e, mais do que nunca, determinada a resistir. Em 1831, ano da rebelião de Nat Turner, nasceu o movimento abolicionista organizado. [...] Na mesma época, mulheres brancas de origem mais abastada começavam a lutar pelo direito à educação e por uma carreira fora de casa. [...] As mulheres brancas do Norte – tanto as donas de casa de classe média quanto as jovens operárias – frequentemente evocavam a metáfora da escravidão quando tentavam expressar suas respectivas opressões. [...] Para as trabalhadoras, a opressão econômica sofrida no emprego tinha uma forte semelhança com a escravidão. [...] As primeiras feministas podem ter descrito o matrimônio como uma “escravidão” semelhante à sofrida pela população negra principalmente devido ao poder impactante dessa comparação – temendo que, de outra maneira, a seriedade de seu protesto se perdesse. Entretanto, elas aparentemente ignoravam que a identificação entre as duas instituições dava a entender que, na verdade, a escravidão não era muito pior do que o casamento. [...] Em 1833, quando a Sociedade Antiescravagista Feminina da Filadélfia foi criada, [...], o número de mulheres brancas simpatizantes à causa da população negra era suficiente para estabelecer o vínculo entre os dois grupos oprimidos. Em um fato de ampla repercussão naquele ano, uma jovem branca se tornou um exemplo dramático da coragem e da militância antirracista feminina. Prudence Crandall foi uma professora que desafiou a população branca de Canterbury, Connecticut, ao aceitar uma menina negra em sua escola. Sua postura íntegra e inflexível durante toda a polêmica simbolizou a possibilidade de firmar uma poderosa aliança entre a já estabelecida luta pela libertação negra e a embrionária batalha pelos direitos das mulheres. [...] Trabalhando no movimento abolicionista, as mulheres brancas tomaram conhecimento da natureza da opressão humana – e, nesse processo, também aprenderam importantes lições sobre sua própria sujeição. Ao afirmar seu direito de se opor à escravidão, elas protestavam – algumas vezes abertamente, outras de modo implícito – contra sua própria exclusão da arena

pelo direito da mulher ao voto²⁷⁰, que se inicia no final da década de 1840, de forma bastante conflituosa e polêmica, que “[...] enquanto consumação exata da consciência do dilema das mulheres brancas de classe média [...] ignorava totalmente a difícil situação das mulheres brancas da classe trabalhadora, bem como a condição das mulheres negras” (DAVIS, 2016, p. 67) e é contemplada mais de 70 anos depois nos EUA e em 1934 no Brasil. Porém, vale destacar que a iniciadora do movimento sufragista nos Estados Unidos, Elizabeth Cady Stanton, demonstrando racismo e xenofobia, recuou na aliança antiescravagista diante da possibilidade do homem negro e do imigrante terem o direito²⁷¹ ao voto. A partir dos anos 1960, a luta das mulheres se amplia para um questionamento do próprio sistema capitalista e das suas opressões, e, “[...] embora levantando seus interesses específicos, [...] adquire um caráter amplo de luta de libertação, tende a convergir e se unir com a de todos os setores e classes oprimidas, como a dos negros norte-americanos” (BAMBIRRA, 1971, p. 3).

O artigo de Bambirra, apesar de curto, traz importantes apontamentos sobre a mulher, à qual é reservado um lugar de “objeto” na sociedade chilena - mesmo diante de seu privilégio em relação às mulheres de outros países latino-americanos -, “cujos sujeitos são os homens” (BAMBIRRA, 1971, p. 4). Esse lugar é explicitado tanto na tímida participação da mulher em espaços como cargos públicos e políticos - quando aparecem, geralmente são associadas a algum homem que possibilitou tal ocupação -, movimento estudantil, no rol dos profissionais mais conceituados; quanto na sua própria e limitada formação:

Claro que toda discriminação se exerce em função de um mínimo de condições objetivas, vale dizer que, se a mulher não exerce certas funções, é, em grande parte, porque não está qualificada para elas. Mas isso se verifica não porque não seja capaz, mas pelo fato de não ter sido socialmente capacitada. Isso é óbvio: as mulheres em geral são menos inteligentes, menos criativas, em uma palavra menos aptas. E a discriminação encontra aí a sua base para a racionalização. Mas, se é assim, é porque em nossas sociedades a mulher é formada como um ser muito limitado, para ser sedutora, para ser superficial; sua função não é exercitar e desenvolver sua inteligência, mas ser agradável, atraente, submissa ao homem, útil

política. Se ainda não sabiam como apresentar suas reivindicações coletivamente, ao menos podiam defender a causa de um povo que também era oprimido” (p. 49, 50, 51, 52 e 55).

²⁷⁰ Havia a participação de mulheres integrantes da luta antiescravagista na Conferência de Seneca Falls, que abrigou o início dessa discussão, porém, “[...] não havia uma única mulher negra na audiência. Nem os documentos da convenção fazem qualquer referência às mulheres negras. À luz do envolvimento das organizadoras com o abolicionismo, deveria ser perturbador o fato de as mulheres negras serem totalmente desconsideradas”. Isso evidencia “[...] uma enorme fraqueza da campanha abolicionista: seu fracasso em promover uma ampla conscientização antirracista. Essa grave deficiência [...] infelizmente foi transferida para o movimento organizado dos direitos das mulheres. [...] As líderes do movimento pelos direitos das mulheres não suspeitavam que a escravização da população negra no Sul, a exploração econômica da mão de obra no Norte e a opressão social das mulheres estivessem relacionadas de forma sistemática (DAVIS, 2016, p. 70, 71 e 76).

²⁷¹ “‘Corto fora meu braço direito antes de colaborar ou de pedir pelo voto para os negros, e não para as mulheres’. A sra. Stanton fez referências depreciativas a ‘Sambo’ e à concessão do voto a ‘africanos, chineses e todos os estrangeiros ignorantes assim que chegam à costa’” (FLEXNER, 1973, p. 144 *apud* DAVIS, 2016, p. 87).

dentro de certos limites, em uma palavra, "feminina", isto é, objeto (BAMBIRRA, 1971, p. 5).

Essa condição e lugar de objeto à qual a mulher é situada, a acompanha independentemente de sua classe e atravessa todos os “tipos” de mulher, que a autora coloca como a prostituta, a semiprostituta, a dona de casa e a mulher supostamente “independente”²⁷². Destacamos o fato da autora se dedicar, especialmente em tal época, a uma leitura em relação à trabalhadora do sexo, por ela nomeada prostituta, despida de uma venda moral e entendendo-a como alguém que, salvo exceções, o faz por questão de sobrevivência.

Apontamos que são raros os textos que abordam a questão dessa forma e há uma lacuna na nossa formação em relação às (os) trabalhadoras (es) do sexo, inclusive no que tange à prostituição compulsória, que é uma realidade imposta especialmente às pessoas trans.

Bambirra faz fortes críticas à esquerda latino-americana a partir da premissa colocada por Che Guevara: a tarefa de criar o **novo homem** (grifo da autora), “[...] no sentido de ser humano - de suas limitações materiais e morais mais agudas, que estão dadas pelo caráter de dominação e opressão do capitalismo”, ou seja, desenvolvimento humano, que deve passar por “[...] toda uma série de profundas transformações nas relações econômicas e sociais existentes, a partir das quais emergiria uma nova concepção do mundo, da sociedade, dos indivíduos” (BAMBIRRA, 1971, p. 7), não bastando ser apenas uma questão classista, mas incorporando aspectos das relações sociais, culturais, familiares, religiosas, num movimento de questionamento do que está dado e é imposto. A autora traz como exemplo o movimento *hippie*, notadamente questionador de valores tradicionais, e aponta (1971, p. 7) a tática do capitalismo de se apropriar dele para a manutenção de sua hegemonia, como sempre o faz:

Sem dúvida, o capitalismo é um sistema com uma gama muito ampla de recursos para a sobrevivência e manutenção de seus interesses. Diante de fenômenos parciais e limitados desse tipo, trata de incorporá-los, ajustá-los e torná-los funcionais. É assim que se desenvolve toda a industrialização do **hippismo**; por exemplo, através da moda, que expressou certa renovação e flexibilidade nos padrões de consumo. [...] A esquerda não pode deixar a burguesia manipular e tirar proveito das formas, muitas vezes espontâneas, que surgem do questionamento das instituições. De fato,

²⁷² “[...] sua independência é relativa na medida em que não pode deixar de ser considerada como o ser frágil, cuja possibilidade de afirmação em qualquer setor em que se encontre numa sociedade fundamentalmente "machista" é limitado porque é do "sexo frágil". A mulher tem que lutar muito mais para se afirmar, mesmo em casos de igualdade de condições técnicas ou profissionais com o "sexo forte". A igualdade, quando alcançada, é sempre relativa, geralmente sujeita a restrições, claras ou ocultas, e sempre deve enfrentar limitações maiores, que são de ordem social ou moral, muito mais rígidas do que em relação ao homem. A competição com isto é sempre um terreno desvantajoso para as mulheres e isto não se verifica apenas naquelas funções, ou que são especificamente consideradas mais como femininas, que, em geral, são também as mais mal remuneradas, como as professoras, por exemplo, ou naquelas funções em que consegue afirmar-se não de forma adequada pela sua capacidade técnica, mas sobretudo pela sua condição de objeto, em que se espera que a mulher seja também simpática e amiga do chefe ou do patrão” (BAMBIRRA, 1971, p. 6).

isso ocorre na medida em que o movimento revolucionário não entende e é incapaz de oferecer uma alternativa programática superior a essas manifestações de descontentamento. Nesse sentido, a tendência é cair no esquematismo e na simplificação de problemas que afetam particularmente os jovens, por exemplo (grifo da autora).

Nesse sentido, nos lembramos da monetização de pautas sérias que está em evidência na atualidade: grandes empresas estampando em seus produtos as cores do arco-íris, frases bonitas e incentivadoras às mulheres, propagandas protagonizadas por negros, ao passo que seu único foco é quanto o público-alvo vai aumentar sua taxa de lucro. Isso nos leva ao avanço perigoso dos feminismos que não assumem uma perspectiva de classe, um exemplo é o feminismo liberal, um desserviço à luta feminista que se apropria e utiliza de forma esvaziada palavras-chave como empoderamento, sororidade e *girl power* para, além de reduzir a questão à ascensão individual ao colocar mulheres em posição de poder²⁷³, legítima, assim a opressão e exploração de outras mulheres, ou seja, é um favor ao capitalismo ao representar “[...] uma força de consolidação da sociedade de classes na medida em que permite a esta assumir uma aparência que melhor dissimule suas contradições internas” (SAFFIOTI, 1976, p. 71).

Importa salientar que em todo o artigo, não há menção à questão étnico-racial: a autora fala em “tipos” de mulheres mas não aponta as brancas, negras²⁷⁴ e indígenas e há nisso uma problemática, pois sabemos que há uma “[...] questão crucial: a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra” (GONZALEZ, 2020, p. 43). Em relação à libertação²⁷⁵, Bambirra (1971, p. 6) afirma: “[...] quando a mulher ‘independente’ tem filhos, só pode sê-lo através da exploração de outra mulher, ou seja, a empregada doméstica. A opressão de outra paga o preço da conquista dessa ‘liberdade’”. E quem são as

²⁷³ A título de exemplo, nos aludimos à série *Sex Education*, que traz importantes elementos para pensarmos em vários âmbitos da vida. Na terceira temporada, uma nova diretora, Hope, assume a escola, o que, de início, é bem visto pelos estudantes, pois uma mulher jovem que se apresenta disposta a ouvir suas demandas e questionamentos representa um grande avanço. Porém, logo a diretora mostra seu caráter conservador: no lugar das aulas de educação sexual, se prega a abstinência e se promove o medo dos estudantes em relação à sexualidade, impõe o uso de uniformes, humilha estudantes publicamente e oprime suas individualidades, além de ser transfóbica e afirma estar cansada da “*histeria egocêntrica e obsessiva de identidade de gênero*”. Além disso, a diretora promove Vivienne, uma estudante negra, a líder do movimento estudantil, uma importante posição, o que, à primeira vista, é uma manifestação do reconhecimento de sua liderança e inteligência, mas, posteriormente, confessa que “*ter uma jovem negra forte e inteligente na liderança mostra o quão progressista nossa escola é*”. E Vivienne questiona: “*então, tem a ver com minha aparência*”. Hope, por sua vez, responde: “*é claro que é*”. Ver em: *Netflix*.

²⁷⁴ “Nós, ativistas negras, já estávamos aqui durante muito tempo nos defendendo das violências de raça, classe e gênero”. Ver em: [Conheça Paola Palacios e sua luta pelas mulheres negras no Chile](#).

²⁷⁵ Essa é uma questão extremamente delicada e exigente teoricamente. Importante evidenciar que a “liberdade” que está sendo mencionada, reivindicada e criticada pelas autoras, cada uma com uma perspectiva, é a liberdade da venda da força de trabalho, ou seja, não é uma efetiva liberdade.

trabalhadoras domésticas que custeiam essa “independência”? A CEPAL (2018, p. 40) nos dá um panorama sintomático:

Segundo estimativas da Organização Internacional do Trabalho, esta categoria ocupacional é composta por 18 milhões de pessoas na região, das quais 93% são mulheres, estando sobrerrepresentadas as mulheres indígenas, afrodescendentes e migrantes (OIT, 2015). A informação proveniente dos censos de 2010 em oito países da região permite chegar a uma cifra aproximada de 7 milhões de pessoas que trabalham em empregos domésticos. Desse total, pouco mais de 4,5 milhões, ou 63%, eram afrodescendentes (CEPAL, 2017b). Essas cifras sustentam-se em geral sobre a herança colonial-escravista, particularmente sobre a distribuição sexual e racial do trabalho doméstico. Os regimes de escravidão e servidão a que estiveram submetidos africanos, afrodescendentes e indígenas na América Latina e no Caribe constroem um sentido histórico que até hoje dá significado ao trabalho doméstico remunerado (Ávila, 2009).

Então, nos perguntamos: quem são essas mulheres? Onde estão as mulheres negras e indígenas chilenas? Tal inquietação nos levou a uma busca na internet e não foi fácil acessar dados concernentes à composição étnico-racial do Chile dos anos 1970 e nem de atualmente, a maioria dos textos encontrados trazem informações do tipo “[...] a população é mestiça, mistura de europeus e indígenas”. É sabido que, assim como os outros países da América Latina, foi um território colonizado e expropriado, ou seja, os povos originários foram em sua maioria exterminados violentamente²⁷⁶. Além disso, houve um esforço por parte dos historiadores de apagamento da escravização dos negros da história do país a fim de “[...] construir uma identidade nacional baseada principalmente na herança europeia”²⁷⁷. No censo de 2017²⁷⁸, consta que os povos originários conformam 13% da população, ou seja, mais ou menos 2 milhões de pessoas, num país com mais de 17 milhões. Sobre os negros, não são inclusos explicitamente²⁷⁹ nos processos de recenseamentos, o que mostra a negação da

²⁷⁶ Alguns trechos de Galeano (2019, p. 31,34, 63, 64): “Três anos depois do descobrimento, Cristóvão Colombo, pessoalmente, comandou uma campanha militar contra os indígenas da Dominicana. Um punhado de cavaleiros, 200 infantes e uns quantos cães especialmente adestrados para o ataque dizimaram os índios. [...] Finalmente, a população do Caribe deixou de pagar tributos, pois desapareceu: os indígenas foram completamente exterminados nas lavagens do ouro, na terrível tarefa de revolver as areias auríferas com a metade do corpo debaixo d’água, ou lavrando os campos até a exaustão [...]. Muitos indígenas da Dominicana se antecipavam ao destino imposto por seus novos opressores brancos: matavam seus filhos e se suicidavam em massa. Em 1581, Felipe II afirmou, durante uma audiência em Guadalajara, que um terço dos indígenas da América tinha sido aniquilado, e que aqueles que ainda viviam eram obrigados a pagar tributos pelos mortos. [...] *Os índios da América somavam não menos que 70 milhões, ou talvez mais, quando os conquistadores estrangeiros apareceram no horizonte; um século e meio depois estavam reduzidos tão só a 3,5 milhões*”.

²⁷⁷ Ver em: [Por que a escravidão foi praticamente apagada da história de Chile e Argentina: 'Aqui não há negros'](#).

²⁷⁸ Ver em: <http://resultados.censo2017.cl/>.

²⁷⁹ No relatório da CEPAL (2021, p. 18) consta que conformam 9,9% da população, com um adendo: “Contabilizam-se as pessoas que, na pergunta sobre a que povo indígena pertenciam, especificaram na categoria “outro” que eram afrodescendentes”. Ver em: [Afrodescendentes e a matriz da desigualdade social na América Latina: desafios para a inclusão](#).

questão étnico-racial nos censos²⁸⁰ - não por acaso, pois esses levantamentos escancaram a realidade que muitos querem ignorar/mascarar - essa é uma séria questão enfrentada pelos movimentos negros do subcontinente.

Bambirra, além de fazer cirúrgicas críticas à esquerda do Chile e dos demais territórios da América Latina, aponta a hipocrisia presente na sociedade dos anos 1970, que cabe trazer para o Brasil da atualidade:

E assim, luta-se contra a maconha ao mesmo tempo que promove-se o álcool, da mesma forma com que muitos lutam contra a prostituição durante o dia, praticando-a à noite; como a imoralidade **hippie** é combatida em nome da preservação dos valores morais da juventude, mas ao mesmo tempo a promovendo, através dos jornais, como ideal para a própria juventude (BAMBIRRA, 1971, p. 7).

A autora demonstra sua preocupação em relação à necessidade de se atuar na consciência do povo: da juventude, das mulheres e dos próprios militantes, esta era uma questão importante para ela, tendo em vista seus vários trabalhos em cursos populares, movimentos sociais, entre outros. Assim, se forjaria uma potência revolucionária para combater o reacionarismo, e é no sentido de colaborar com esse movimento e trazer elementos para tal discussão que Bambirra construiu o artigo, carregado de elementos importantes para se pensar também na esquerda atual.

3.1.2. Libertação da mulher e luta de classes (*Liberación de la mujer y lucha de clases*)²⁸¹ - 1972

A luta pela libertação da mulher é uma luta política e revolucionária, que, por se tratar de uma luta contra o sistema capitalista, que mantém e necessita da opressão da mulher, está inserida no contexto da luta de classes e deve ser liderada pela classe operária, por meio de seus partidos e organizações de vanguarda. Nesse sentido, **também não se trata de uma luta das mulheres pela sua libertação, mas sim de uma luta de todos os explorados pela libertação das mulheres.** Esta é a forma correta que esta luta deve assumir e, portanto, deve ser travada por todos os revolucionários, homens e mulheres [...] (BAMBIRRA, 1972, p. 15, grifo da autora).

²⁸⁰ “A construção dos Estados latino-americanos foi um processo marcado pela exclusão étnica e racial e pela elaboração de nacionalidades unívocas em termos culturais, que privilegiavam a “branquitude” dos sujeitos como condição para o exercício pleno da cidadania. [...] O caso chileno ilustra bem este processo, já que, ao declarar o ventre livre (1811) e o fim da escravidão (1823), eliminaram-se os negros, “zambos” e “quarterones” das enumerações do censo, em decorrência de uma lógica republicana dominante, a qual procurava esconder a humilhação que a escravidão significava para uma sociedade que tentava viver num regime republicano [...] Apesar das demandas das organizações afrodescendentes do Chile, o censo de 2017 não incluiu essa opção, de modo que a população afrodescendente teve que selecionar a opção “outra” na pergunta sobre povos indígenas ou originários e preencher as lacunas com o termo “afrodescendente”, o que pode ter dificultado a autoidentificação desse contingente populacional” (CEPAL, 2018, p. 20, 21 e 22). Ver em: [Mulheres afrodescendentes na América Latina e no Caribe. Dívidas de igualdad](#).

²⁸¹ Ver em: [Liberación de la mujer y lucha de clases](#).

Novamente atendendo a um convite da *Punto Final*, Bambirra está presente na edição de fevereiro de 1972, intitulada *Libertação da mulher: uma tarefa de hoje*, trazendo seus apontamentos acerca do tema “mulher”, ainda que, segundo a própria autora, não seja especialista no assunto. O artigo de 6 páginas, síntese e transcrição de uma palestra realizada em outubro de 1971, evidencia a preocupação da autora no que concerne ao lugar que cada mulher ocupa dentro das classes sociais e do processo revolucionário - o que mostra a presença da essência da TMD -, além de problematizar questões polêmicas e que deveriam - e devem - ser colocadas em pauta. Nota-se no desenvolvimento do texto uma já mencionada característica marcante de Bambirra: a exposição de uma ideia à qual ela se opõe, as reflexões despertadas a partir dessa ideia e suas contraposições, sempre colocando em evidência sua perspectiva militante emancipadora. Nas palavras de Ferreira (2017, p. 16), “[...] ela não seguiu os modismos. Ao contrário, procurou na experiência social acumulada respostas para problemas atuais, buscando apreender suas especificidades históricas para encontrar mediações políticas necessárias”.

Nesse sentido, a autora expõe a concepção burguesa da mulher e como ela é expressa em seus meios de comunicação - que não são neutros -, no caso o jornal *El Mercurio*, cujas

[...] ideias correspondem não só a quem as escreve; fundamentalmente expressam o pensamento do jornal de que é um representante genuíno de uma classe. Parece grotesco à primeira leitura, mas é, sem dúvida, importante como exposição de uma concepção ideológica de um sistema explorador que, sendo incapaz de libertar as mulheres, se apega aos seus valores decadentes para encontrar neles a justificação para manter uma situação opressiva (BAMBIRRA, 1972, p. 11).

Tais ideias expressas no jornal reproduzem a decadência típica do pensamento burguês, que nos remete a um pensamento feminista liberal, no sentido de conquista do espaço pela mulher em relação aos homens, o que é uma abordagem rasa à qual a autora se coloca como crítica. Colocando a mulher como ignorante politicamente, passiva e fútil e a considerando um ser pensante apenas ao assumir sua “responsabilidade” diante do orçamento doméstico e dos movimentos bancários, realidade das mulheres burguesas, visto que as camponesas e outras mulheres exploradas (sobre)vivem com orçamentos restritos e insuficientes.

Isso demonstra a falta de interesse e capacidade do jornal em pensar nas diferentes realidades objetivas da mulher chilena, que é, em sua maioria, pertencente à classe trabalhadora:

Ao invés de falar da dupla exploração das mulheres quando também trabalham fora de casa, falam da "dupla missão" que as mulheres "se impuseram" (conferindo ao

sexo feminino a distinção de masoquista...). E se reconhece que esta “dupla missão” “não deixa de complicá-la em muitos aspectos (SIC!) e tanto, que há momentos em que se pergunta se esta libertação (?) alcançada à força de tantos sacrifícios, valia a pena...” (BAMBIRRA, 1972, p. 11).

O jornal segue e dá espaço à “imprensa feminina”, que promete preparar²⁸² a mulher para se manter atualizada diante das inovações que surgem em alimentos, produtos de limpeza e novos aparelhos, a fim de modernizá-la para melhor realizar suas tarefas domésticas e se manter em seu lar. Além de todo esse valioso conhecimento, a imprensa traz todas as questões que interessam à mulher e que contemplam todos os assuntos aos quais ela deve dominar: horóscopo, moda, perfume e maquiagem, enxoval, receitas, decoração, plantas, famosos, além dos conselhos para os relacionamentos amorosos. É isso, essas são as questões fundamentais no que diz respeito à libertação da mulher. É a imprensa burguesa escancarando que a mulher deve “[...] se adaptar às circunstâncias em que se vive, sem jamais questioná-las”, assim a oferece “[...] regras de conduta [...] a fim de tornar mais suportável sua condição de objeto” (BAMBIRRA, 1972, p. 12). Se a mulher conseguir dominar tudo isso e manter a casa limpa, organizada e o marido²⁸³ e os filhos bem alimentados, sua missão está cumprida, em outras palavras, tudo gira em torno da casa, do marido e dos filhos.

Obviamente destinada às mulheres burguesas, a imprensa feminina também afeta as da classe trabalhadora, pois as impregna de valores defendidos pela classe dominante e as faz desejar possuir todas essas roupas, joias, essas condições objetivas e preocupações para além de trabalhar para comer, o que traz um sentimento de frustração e revolta e leva algumas à prostituição para que consigam usufruir da “sociedade de consumo”. Bambirra (idem) tece críticas às mulheres privilegiadas que têm acesso ao conhecimento, mas seguem se

²⁸² A mulher trabalhadora não se inclui ali: “De que adianta saber ‘como cuidar de um casaco de pele’ se você nunca teve um? De que adianta saber como se maquiar, se não tem dinheiro para cosméticos? De que serve a ‘preparação para o uso de dispositivos cada vez mais complexos’, se esses dispositivos não chegaram à casa dos trabalhadores e camponeses? (BAMBIRRA, 1972, p. 12). Em concordância, temos Saffioti (1976, p. 42): “A indústria de eletrodomésticos, a existência de produtos alimentícios semiprontos, ; limitação da natalidade, a antecipação do início da educação das crianças (escolas maternas e, sobretudo, jardins da infância) tantos outros produtos da civilização moderna têm, certamente, poupado a mulher da execução de serviços fatigantes e demorados.[...] Constata-se, em primeiro lugar, que as referidas facilidades existem no mercado como qualquer outra mercadoria, apresentando, pois, um valor de troca. Este preço nem sempre pode ser pago pelas famílias cuja mulher trabalha por salário, especialmente pelas famílias operárias que mais necessitariam daquelas facilidades.

²⁸³ “A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica. Isto equivale a dizer que, afora as que permaneciam solteiras e as que se dedicavam às atividades comerciais, as mulheres, dada sua incapacidade civil, levavam uma existência dependente de seus maridos” (SAFFIOTI, 1976, p. 17). Bambirra afirma em 2012: “*E quem não tem independência econômica, isso vale tanto pro plano familiar quanto pro plano de país, quem não tem independência econômica não tem independência política. É a situação da mulher que não trabalha, que não tem um salário, que não pode se auto manter. Ela jamais terá uma independência política. Ela sempre será um satélite do marido*”. Ver em: [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

alimentando dessa imprensa fútil e demarca a infeliz falta de uma imprensa feminina emancipadora:

A "imprensa feminina" é uma arma muito eficiente de dominação burguesa. Por meio dela, dá-se uma contribuição efetiva para a manutenção da mulher de fato como um ser inferior; consegue restringi-la ao pequeno mundo das banalidades, e assim ajuda a mantê-lo como objeto passivo e ao mesmo tempo como agente ativo da dominação burguesa. É triste constatar que esta imprensa também é admirada pelos setores femininos que têm maior acesso à cultura, como é o caso das universitárias, que geralmente, tudo assim indica, nem sequer têm uma atitude crítica frente a ela. Não ousaríamos dizer o mesmo da grande maioria das militantes políticas, mas não temos muitos elementos para sermos muito otimistas, principalmente diante da ausência de outro tipo de imprensa feminina.

Após apresentar a concepção burguesa da mulher, Bambirra se dedica à concepção proletária e às tarefas que se apresentavam naquele momento, demarcando que o socialismo não havia sido alcançado no país e que o comunismo era um ideal ainda distante. Nesse sentido, se fazia necessário “[...] colocar em pauta o que é possível alcançar a curto e médio prazo sem perder de vista as metas mais avançadas” (BAMBIRRA, 1972, p. 12-13).

A autora coloca duas metas a serem definidas a curto prazo, que indicam em si a influência de Lênin, sendo a primeira a “[...] abolição imediata de todas as leis que são opressivas para a mulher” (BAMBIRRA, 1972, p. 13), ou seja, um grande número, visto que a maioria das leis eram e são pensadas, debatidas e votadas por homens, vale dizer, brancos, o que em si já carrega diversas questões a se pensar, visto que, como bem coloca Mariátegui (1924, s.p.), “[...] os Direitos da Humanidade, como uma vez escrevi, poderiam ser melhor chamados de Direitos do Homem. A democracia burguesa tem sido uma democracia exclusivamente masculina”. Bambirra ressalta que é tarefa da Unidade Popular, que, “[...] embora já tenha começado a enfrentar a transformação jurídica em relação às mulheres, o fez de maneira muito tímida e lenta” (idem) e mostra uma perspectiva avançada ao propor “[...] exigir plena igualdade jurídica e de alcançar a plena legalização de uma série de direitos, como por exemplo, dentre outros, o do aborto, o divórcio²⁸⁴” (idem).

²⁸⁴ No Chile, o divórcio era proibido até 2004, o que levanta uma série de questionamentos em relação à situação da mulher. Além disso, as mulheres que se divorciavam eram obrigadas a esperar 270 dias para se casarem novamente, o que mudou apenas em 2020: “O Congresso chileno aprovou uma lei que elimina uma antiga discriminação contra as mulheres, que as obrigava a esperar - diferentemente dos homens - 270 dias após assinarem o divórcio ou ficarem viúvas para se casarem novamente para, assim, esclarecer dúvidas quanto à paternidade de eventuais filhos. [...] ‘Esta lei encerra uma das discriminações mais injustas do Código Civil. As mulheres ficavam sob o manto da suspeita’, disse a ministra da Mulher, Mónica Zalaquett”. Ver em: [Chile elimina lei que obrigava mulheres a esperar 270 dias para se casar após divórcio](#). Isso nos remete a Engels (1954, p. 61-62 *apud* Saffioti, 1976, p. 40): “A vigência da regra de fidelidade conjugal só para a mulher expressa, segundo Engels, o objetivo da monogamia de ‘procriar filhos de uma paternidade incontestável, (. . .) porque esses filhos entrarão um dia na posse da fortuna paterna, na qualidade de herdeiros diretos’. 8 A propriedade, quer de objetos, quer de pessoas, e talvez a própria combinação delas, é responsabilizada pela opressão de que é

O aborto era em sua época e ainda é uma questão urgente, delicada e carregada de preconceitos e intromissões de cunho moral e religioso e segue sendo decidido em sua maioria, por homens. Destacamos que a autora traz a questão no início dos anos 1970, que começou a ser debatida de fato em janeiro do corrente ano e foi contemplada com a aprovação na Câmara chilena da descriminalização em até 14 semanas em setembro²⁸⁵. A decisão previsivelmente se deu em meio aos protestos dos pró-vida que, a partir do nascimento, não querem mais saber de como se dará de fato a sobrevivência e a criação da criança. O que essas pessoas não entendem - ou fingem não entender - é que, independente da opinião do senso comum, os procedimentos ocorrem e vão ocorrer, tanto para as mulheres que podem pagar por uma clínica quanto para aquelas que muitas vezes morrem por tentativas caseiras precárias, o que atesta que o aborto é questão de saúde pública.

A segunda meta pontuada por Bambirra se refere a um conjunto de medidas a serem efetivamente implementadas, “[...] como a criação de uma ampla rede de serviços públicos, creches, escolas com semi-internatos, lavanderias, restaurantes coletivos”, que configuram nos “[...] primeiros passos para que a responsabilidade no serviço doméstico e com o cuidado dos filhos passe a ser antes de tudo uma responsabilidade social e só secundariamente da família e da mulher” (BAMBIRRA, 1972, p. 13). A autora aponta que o regime de semi-internato libera a mulher que é mãe da frustração de ser prisioneira eterna do lar para o trabalho produtivo²⁸⁶ e que a alimentação, transporte, banho, seria desempenhada pelo serviço social. Bambirra reivindica que o ideal “[...] seria mesmo que as crianças pudessem dormir em escolas (internatos) quando os pais tivessem que sair à noite para reuniões ou atividades culturais, etc” (idem), o que certamente seria recebido pela direita conservadora como a conhecida fala de que “querem destruir a família”, afinal é um absurdo a mulher se retirar de seu papel natural de cuidadora e satisfazer as próprias necessidades e vontades, que, ao que parece, foram renunciadas contratualmente a partir do dia do nascimento de seus filhos.

alvo a mulher na família monogâmica. [...] ‘A existência da escravidão no lado da monogamia, a presença de jovens e belas escravas que pertenciam ao homem de corpo e alma, eis o que imprime desde o princípio à monogamia seu caráter específico: o de não ser monogamia’.

²⁸⁵ Ver em: [Câmara do Chile aprova descriminalização do aborto até 14 semanas](#).

²⁸⁶ Saffioti (1976, p. 43), que também negava o feminismo mulher x homem, traz elementos para se pensar objetivamente nessa questão: “Libertar a mulher das maternidades involuntárias e substituir os modos domésticos de socialização dos filhos pelo trabalho organizado de equipes especializadas nesta tarefa não seria libertá-la para o nada quando a estrutura ocupacional não pode absorver o potencial de força de trabalho feminina? A ser mantida a estrutura de classes, haveria necessidade de se selecionarem outros caracteres naturais que pudessem funcionar como marcas sociais a fim de justificar a marginalização da estrutura de classes de certas categorias sociais. Nestes termos, o processo de emancipação feminina corre paralelo ao processo de libertação do homem”.

A partir disso, a autora segue com uma diferenciação e problematização dos tipos de família - burguesa, pequeno-burguesa e proletária - e o papel da mulher em cada classe, tendo em mente que “[...] a imagem pública, a imagem familiar da família, seus valores fundamentais, são os da família burguesa”, visto que é a classe dominante que define os valores dominantes²⁸⁷, assim “[...] tenta impor a sua imagem a toda a sociedade para que as classes dominadas, em particular a classe trabalhadora, ao olharem para si mesmas, encontrem apenas a face do opressor e, desta forma, possam se identificar com ele” (BAMBIRRA, 1972, p. 14).

A família burguesa é bem alimentada e servida pelas suas várias empregadas, desconhece os serviços públicos pois não precisa deles e a imagem que a representa é a mulher, que, mesmo sendo atravessada pelo machismo e pela condição de objeto, não tem sua força de trabalho explorada e trabalha apenas se assim preferir, “ou por vocação, ou por entretenimento” (idem). O que nos vem em mente é aquela famigerada manchete da *Revista Veja*²⁸⁸ que traduz a ex primeira dama Michelle Temer como “bela, recatada e do lar” - que tanto tem a ver com a imprensa feminina criticada por Bampirra nos anos 1970²⁸⁹ -, ou seja, a imagem perfeita da burguesia, uma mulher que, ao mesmo tempo que deve ser discreta, deve representar um troféu para o marido exibir em eventos e guardar em casa.

A família pequeno-burguesa, ao passo que aparenta aproximação em alguns aspectos com a burguesa, tem muito mais similaridades com a proletária, visto que também precisa se preocupar em economizar para garantir sua casa, seu carro e a mulher trabalha em casa, pois não tem várias empregadas à disposição e dedica seu tempo “[...] a ficar bonita, com os cabeleireiros, as lojas e as costureiras”, vivendo “[...] em função de seu mundo pequeno, fechado, medíocre e estéril” (BAMBIRRA, 1972, p. 14). Vivendo de aparências, sempre estão em busca de subir a escada das classes para se tornarem burgueses e temem as mudanças estruturais na sociedade, o que explica seu caráter conservador e contrário às políticas de distribuição de renda e de acesso destinadas aos pobres - as manifestações anti-PT que o digam. Essa mulher, que não quer ser igualada às pobres, acaba se tornando uma presa fácil para os movimentos de direita ávidos por manter cada um em seu lugar.

²⁸⁷ “As famílias proletárias, por sua vez, e na medida de suas possibilidades, adotam, num simulacro de prestígio, a ideologia da classe dominante: a mulher deve ser exclusivamente dona-de-casa, guardiã do lar. E as próprias mulheres, em sua imensa maioria, têm de si próprias uma imagem cujo componente básico é um destino social profundamente determinado pelo sexo” (SAFFIOTI, 1976, p. 29-30).

²⁸⁸ Ver em: [Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”](#).

²⁸⁹ Ressaltamos que nos referimos às críticas da autora direcionadas ao jornal e à imprensa feminina, ao passo que reconhecemos a existência de uma disseminação da pílula anticoncepcional nos anos 70, um importante elemento de libertação da mulher.

A família proletária, por sua vez, é atravessada por outras dinâmicas: o homem e a mulher trabalham exaustivamente para sobreviver, e a mulher²⁹⁰ se desdobra entre a dupla ou tripla jornada de trabalho. Os filhos dos proletários já têm seu destino traçado desde o útero de sua mãe - considerado fábrica de mão de obra: são empurrados para o trabalho, na área em que forem aceitos, pela necessidade de contribuir²⁹¹ com o apertado orçamento familiar. As meninas, desde cedo, aprendem o trabalho doméstico, pois suas opções para o futuro são: ser trabalhadoras, empregadas domésticas ou prostitutas, vivendo assombradas, nos dois últimos casos, pelo aborto, que virou uma rotina. Bambirra reivindica a atenção do Governo Popular às trabalhadoras domésticas e às prostitutas, pautando a regulamentação das suas atividades enquanto as mesmas não forem eliminadas, o que é o objetivo final, diante da incorporação das mulheres à vida produtiva, uma questão premente que é ignorada e silenciada pelo capitalismo pois, para ele, de quase nada é lucrativa:

Um dos segredos mais bem guardados das sociedades capitalistas avançadas envolve a possibilidade – a real possibilidade – de transformar radicalmente a natureza das tarefas domésticas. Uma parte substancial das incumbências domésticas das donas de casa pode de fato ser incorporada na economia industrial. Em outras palavras, as tarefas domésticas não precisam mais ser consideradas necessária e imutavelmente uma questão de caráter privado. Equipes treinadas e bem pagas de trabalhadoras e trabalhadores, indo de casa em casa, operando máquinas de limpeza de alta tecnologia, poderiam realizar de forma rápida e eficiente o que a dona de casa atual faz de modo tão árduo e primitivo. Por que um manto de silêncio cobre essa possibilidade de redefinir radicalmente a natureza do trabalho doméstico? Porque a economia capitalista é estruturalmente hostil à industrialização das tarefas domésticas. A socialização das tarefas domésticas implica amplos subsídios governamentais, a fim de garantir que se torne acessível às famílias da classe trabalhadora, para as quais a necessidade desse serviço é mais evidente. Uma vez que, em termos de lucro, o resultado seria pequeno, a industrialização das tarefas domésticas – como todas as iniciativas que não geram lucro – é um anátema para a economia capitalista (DAVIS, 2016, p. 215).

²⁹⁰ Vale a leitura de Saffioti (1976, p. 17): “A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental”.

²⁹¹ Marx (2013, p. 317) reflete, obviamente em uma época e território distintos, sobre essa incorporação das mulheres e de seus filhos: “À medida que torna prescindível a força muscular, a maquinaria converte-se no meio de utilizar trabalhadores com pouca força muscular ou desenvolvimento corporal imaturo, mas com membros de maior flexibilidade. Por isso, o trabalho feminino e infantil foi a primeira palavra de ordem da aplicação capitalista da maquinaria! Assim, esse poderoso meio de substituição do trabalho e de trabalhadores transformou-se prontamente num meio de aumentar o número de assalariados, submetendo ao comando imediato do capital todos os membros da família dos trabalhadores, sem distinção de sexo nem idade. O trabalho forçado para o capitalista usurpou não somente o lugar da recreação infantil, mas também o do trabalho livre no âmbito doméstico, dentro de limites decentes e para a própria família”.

Bambirra defende, também, que os problemas da mulher “[...] estão diretamente relacionados à situação da classe à qual pertence” (BAMBIRRA, 1972, p. 15) - demarcamos que mulher não é um ser universal, e apontamos, mais uma vez, a ausência da questão étnico-racial²⁹², fator também determinante - e, ao passo que reconhece o privilégio da mulher pequeno-burguesa em relação à proletária, aponta que a mesma deve ser inserida, no movimento revolucionário no que tange às reivindicações da mulher, em unidade com o proletariado, num compromisso das organizações e partidos da esquerda no país, sob a liderança da classe trabalhadora, pois “[...] a teoria quando penetra nas massas torna-se uma força material” (MARX, 1843 *apud* BAMBIRRA, 1972, p. 15).

A autora demonstra sua aproximação com o marxismo ao afirmar:

Há que se disseminar a concepção marxista sobre a mulher. Há que se romper definitivamente com os preconceitos que ainda existem entre amplos setores da militância política de esquerda sobre o assunto, é preciso mostrar-lhes que a manutenção de uma atitude machista e que leva a ridicularizar e rechaçar o enfrentamento dos problemas da mulher é objetivamente uma atitude de defesa dos valores burgueses e contra-revolucionários (idem).

Se orientando na luta de classes, reconhecendo a Lei Geral da Acumulação Capitalista e de seus desdobramentos sobre a classe trabalhadora, e reivindicando a destruição do capitalismo, Bambirra explicita elementos certos para se pensar de forma combativa, coletiva e revolucionária a emancipação da mulher a partir da premissa primordial e fundante de seu pensamento: a Emancipação Humana.

3.1.3 A propósito do “Ano Internacional da Mulher” (A propósito del “Año Internacional de la mujer”)²⁹³ - 1975

Uma das mais deploráveis sobrevivências pré-capitalistas nas sociedades latino-americanas é a situação das empregadas domésticas. Estas são as escravas e servas modernas. Com uma jornada de trabalho de mais de 12 horas diárias, com salário que não chega nem, em geral, à metade do salário mínimo de um trabalhador não especializado e praticamente sem quase nenhuma legislação social que a proteja (sem aposentadoria, sem garantias trabalhistas, sem efetivo direito a férias remuneradas, etc.); sem direito sequer a ter as condições mínimas de uma vida pessoal (casa, filhos, etc.), esta categoria social é, sem dúvida, a mais explorada do sistema. Não alcançou nem mesmo as conquistas sociais mínimas que o proletariado

²⁹² Gonzalez (2020, p. 142) é certa ao afirmar: “[...] o feminismo latino-americano perde muito de sua força abstraindo um fato da maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região. Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas. Concordamos plenamente com Jenny Bourne, quando ela afirma: ‘Eu vejo o antirracismo como algo que não está fora do movimento de mulheres, mas como algo intrínseco aos melhores princípios feministas’”.

²⁹³ Ver em: [A propósito del “Año Internacional de la mujer”](#).

alcançou há mais de meio século nos países capitalistas desenvolvidos. Esta situação decorre do fato de, em países onde o desemprego é uma das características básicas do funcionamento do sistema, as filhas de trabalhadores e camponeses, na sua grande maioria, só têm o emprego doméstico como alternativa à prostituição. Por meio deste, as mulheres burguesas e pequeno-burguesas podem se livrar da "carga doméstica" que advém da organização social baseada no núcleo familiar (BAMBIRRA, 1975, s.p.).

Escrito em espanhol²⁹⁴, provavelmente²⁹⁵ em 1975, época em que Bambilra já estava vivendo no México, o curto texto traz uma ampla reflexão sobre a relação patroa-empregada²⁹⁶, ou seja, a opressão de uma mulher sobre outra, a partir de três tipos de “dona de casa”, que podem se misturar ou variar a depender do humor e intencionalidade da empregadora: a patroa *tirana*, a *paternalista* e a *eficiente*, ao passo que pontua a situação de trabalho²⁹⁷ da empregada doméstica²⁹⁸, que é permeada por assédio moral, sexual, estigmatização, infantilização, informalidade e desvalorização. A autora evidencia que

[...] qualquer forma de relação patroa-empregada é superexploradora, independentemente dos tipos de relacionamento que os mascaram. Dos bairros pequeno-burgueses para cima, em geral, na casa - esta minicélula do funcionamento das nossas sociedades... - existe uma mulher ultra-explorada (BAMBIRRA, 1975, s.p.).

Nomeada “escravista moderna” pela autora, a patroa *tirana* é a que, por se considerar superior à “serviçal”, e montada em enraizados preconceitos sociais - para Bambilra

²⁹⁴ Ver em: [A propósito del "Año Internacional de la Mujer"](#).

²⁹⁵ A Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Ano Internacional da Mulher em 1975. No Memorial Arquivo consta como data aproximada o ano de 1975. Foi realizada no México a primeira Conferência Internacional sobre a Situação da Mulher.

²⁹⁶ O filme *Que horas ela volta?* traz importantes reflexões sobre a questão.

²⁹⁷ Em termos de Brasil, “[...] apesar de constituir uma realidade para muitas mulheres desde a época colonial, o trabalho doméstico remunerado somente foi reconhecido como profissão em 1972, com a promulgação da Lei 5.859. Isso significa, portanto, que até a década de 1970, as trabalhadoras domésticas eram desconsideradas como grupo produtor de um trabalho e objeto de direitos trabalhistas e sociais. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), instituída em 1943, ignorou a existência desta ocupação profissional que, já naquele momento, empregava um grande contingente de brasileiras, responsáveis pelas tarefas de cuidados com casas e famílias de seus/suas patrões/patroas. Este tratamento desigual foi reafirmado e reforçado pela Constituição Federal de 1988 que, apesar de garantir conquistas como o salário-mínimo, o 13º salário e a licença maternidade de 120 dias, deixou de estender às trabalhadoras domésticas o mesmo rol de direitos assegurados aos demais trabalhadores brasileiros” (IPEA, 2011, p. 3). Ver em: [Situação atual das trabalhadoras domésticas no país](#).

“A situação dos trabalhadores domésticos começou a mudar para melhor em 2013, quando a presidenta Dilma apoiou e o Congresso Nacional aprovou por quase unanimidade, a chamada PEC das Domésticas, que estendia a essa categoria os direitos trabalhistas de todos os trabalhadores do país. Em 2015 foi aprovada a lei nº 150 que regulamentava essa Emenda Constitucional. Dessa forma estava abolida a histórica discriminação trabalhista que se apoiava no preconceito racial de uma classe média herdeira da tradição escravista”. Ver em: [Benedita: empregada doméstica, pouco a comemorar e muito pelo que lutar](#). Benedita da Silva, que, como sua mãe, foi uma trabalhadora doméstica, teve um importante papel nessa luta.

²⁹⁸ Nas palavras de Carla Ferreira, em 2020: “*A Vânia problematizou a situação destas mulheres e não só problematizou em textos como militou ao lado das empregadas domésticas e das mulheres moradoras de favela em Belo Horizonte, a partir dos anos 80, quando ela volta do exílio, dos seus dois exílios, né, para o seu terceiro exílio acadêmico e político no Brasil*”. Ver em: [Vânia Bambilra e a Teoria Marxista da Dependência, live com Carla Ferreira](#).

“claramente classistas” e acrescentamos, geralmente também racistas -, exige duramente de *sua* empregada doméstica um trabalho exaustivo e com o menor salário. O relacionamento entre ambas se dá de forma vertical e a patroa, ao comprar a força de trabalho, se vê no direito de tratá-la como um objeto sem necessidades, uma máquina de obediência que não precisa se alimentar, pensar, respirar, nem descansar. Por ser uma pessoa com baixo nível cultural, e, frustrada por ter como principais preocupações a rotina e os dramas familiares, da vizinhança, e do marido, despeja toda a sua ira na empregada doméstica, com quem convive mais (BAMBIRRA, 1975, s.p.).

Tendo em mente e evidenciando que não dá para se falar em trabalhadoras domésticas e suas patroas sem relacionar com a questão étnico-racial, trazemos um relato de vida de Joyce Fernandes²⁹⁹ (2019, s.p.):

Desde muito nova eu já acompanhava a minha mãe nas faxinas [...]. Lembro que o único lugar que eu podia sentar era na mesa da cozinha ou na área de serviço.[...] questionava a minha mãe dizendo o por que a gente não comia na sala, por que não podia usar o banheiro deles. Minha mãe só falava para eu parar de ser enxerida e ficar quieta. [...] Meus pais se esforçaram ao máximo para pagar um curso profissionalizante, já que eles não teriam condições de pagar uma universidade. [...] Sendo assim, agarrei essa oportunidade [...] e fiz na maior seriedade. [...] Terminei o curso e comecei a entregar meu currículo bem escrito e digno de uma vaga de trabalho excelente. [...] Foi aí que eu entendi o peso de ser preta em um país racista. Chegando na entrevista as pessoas tomavam um susto ao perceberem que eu era preta. Faziam a entrevista, e pediam pra eu aguardar em casa. [...] Já cansada de não conseguir nada, uma amiga me falou que a tia dela estava precisando de alguém que fizesse uma limpeza leve três vezes na semana. Na época, desempregada, querendo comprar minhas coisas e pagar um curso de inglês, fiquei um pouco chateada porque não era o que eu queria, mas acabei aceitando. [...] Fui trabalhar naquele lugar, que na primeira semana o serviço era bem leve mesmo [...] Quando me dei conta, estava indo todos os dias, fazendo tudo na casa com o salário de quem era pra ir três vezes na semana. [...] Anos depois eu fui trabalhar na casa dos pais de uma dessas patroas e vivi um episódio horrível. Era aquela época em que uma tal marca de leite estava contaminada com soda cáustica. O pai da minha ex-patroa pediu para que eu comprasse leite para o café da tarde [...]. Na minha casa, [...] a gente comprava tudo do mais barato, e já tinha esse hábito, assim fiz. [...] Quando esse homem viu a caixa de leite na pia, teve um surto e gritou [...]: “Sua neguinha petulante, quem você pensa que é pra comprar essa porcaria pra minha casa? Se no muquifo da sua favela, lá onde você mora, cês tão acostumado a tomar esse lixo, leva pra sua casa [...]”

²⁹⁹ Joyce Fernandes, historiadora e rapper Preta-Rara, foi trabalhadora doméstica por 9 anos e publicou em seu *Facebook* sua traumática última experiência, que repercutiu e recebeu mensagens e comentários com relatos de outras mulheres que passaram por situações parecidas, o que deu início à página [Eu Empregada Doméstica](#). Posteriormente, foi lançado seu livro, *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada*, cujo título já diz muito, traz, inclusive, depoimentos de sua mãe e avó. Não foi possível, por motivos financeiros, obtê-lo. Porém, há um trecho, o que utilizamos, disponível no site da [Amazon](#) com relatos da autora sobre suas experiências. No trecho, inclusive, a autora lembra que nosso atual presidente, nada surpreendentemente, “[...] foi o único que não assinou a PEC das domésticas, constituição que assegura o direito trabalhista da profissão”.

Seguindo a tipologia de patroas caracterizada por Bambirra, temos a patroa *paternalista*, a “populista”, que, ao nosso ver é a mais comum em novelas, seriados, filmes, e a mais perigosa, pois algumas de suas piores ações se dão de forma sutil. Sua relação com a empregada tem um tom cordial e até de certa proximidade e é recheada de conselhos e conversas, por vezes a patroa doa suas roupas velhas. Esse tratamento íntimo e protetor é uma artimanha para fazer com que a empregada, que é uma figura indispensável, não deseje abandonar o emprego. Diferentemente da *tirana*, mas tão exploradora quanto, a *paternalista* é um pouco mais culta e exerce alguma atividade fora do lar.

Aquela máxima “é como se fosse da família” se encaixa perfeitamente nesse tipo de situação, que esconde o fato de que é, na realidade, “[...] uma forma, consciente e inconsciente, de tentar adoçar a exploração da mesma. Ela lhe presta ‘favores’ (que são ‘cobrados’ por meio de queixas e reclamações quando a empregada faz algo que a desagrada)” (BAMBIRRA, 1975, s.p.). Algumas, quando as empregadas são mais jovens, a chamam de “filha”, ou, na situação reversa, de “mãe”, mas essas parentes, quando moram na mesma casa, têm um quatinho separado do resto da casa. Nos apoiamos nas palavras de Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 12-13), dispostas no livro *Feminismo para os 99%: um manifesto*³⁰⁰:

Nosso feminismo é sobre as trabalhadoras domésticas. Aqui no Brasil, apenas em 2015 os direitos básicos, como férias remuneradas, foram estendidos às trabalhadoras domésticas. No país que ainda tem “quatinho de empregada”, não é possível um feminismo que não enfrente radicalmente, frontalmente, a exploração daquelas, majoritariamente negras, que no silêncio dos lares ricos brasileiros experimentam no corpo uma nova forma de escravidão. O feminismo das 99% articula necessariamente raça e etnia, gênero e classe.

A última patroa é a *eficiente*, é um tipo mais escasso nas nossas sociedades. Geralmente, é a mulher profissional, mais culta e socialmente ativa, que não tem tempo para cuidar da casa e coloca em seu lugar a empregada, que “[...] a substitui efetivamente como “dona de casa”, permite sua realização profissional e independência econômica”, ou seja, certa liberdade de uma mulher às custas de outra. O relacionamento entre ambas é mais profissional, mediado por direitos da empregada de um lado e exigências de eficiência e resultados pela patroa de outro. À patroa não interessa a vida privada da empregada, apenas a realização de suas tarefas e, como escreve Bambirra (1975, s.p.), “[...] apesar do relacionamento mais profissional com a empregada, este tampouco deixa de esconder o seu caráter explorador, simplesmente esta forma de exploração é exercida mais *a la capitalista*”.

³⁰⁰ Ver em: [Feminismo para os 99%: um manifesto](#).

Após a diferenciação, a autora afirma que os problemas da categoria mulher - que, novamente, defendemos não ser universal - “[...] são um produto da situação discriminatória em que esta viveu milenarmente, no curso do desenvolvimento e extinção de diversos sistemas socioeconômicos baseados na exploração do trabalho” (BAMBIRRA, 1975, s.p.). Bambirra aponta as condições objetivas que fazem com que a mulher seja vista como menos apta, capaz e inteligente: “[...] “essas qualidades devem passar por um processo de desenvolvimento e amadurecimento que, na maioria das mulheres que vivem no sistema de exploração (seja como cúmplices deste ou como suas vítimas), isso não ocorre”, visto que “[...] por maior inteligência potencial que uma pessoa possui, se ela não se desenvolver tende a se esterilizar” (idem). Isso explica também porque o marxismo é tão temido, visto que proporciona a tomada de consciência da própria situação e da potência transformadora de uma classe trabalhadora que, assim, se levanta contra a própria exploração.

Trazendo a reflexão para as trabalhadoras domésticas do Brasil atual, elas “[...] representam, hoje, cerca de 6 milhões de mulheres no Brasil, o que corresponde a quase 15% das trabalhadoras ocupadas (10% das brancas e 18,6% das negras)”³⁰¹ (IPEA, 2020, p. 7). São golpeadas, também, pela precarização do trabalho, terceirização, todos os ataques e retiradas dos direitos da classe trabalhadora: a incorporação ao Programa de Microempreendedor Individual (MEI) é apenas um exemplo. Um fato sintomático é que a primeira morte em decorrência da covid-19 no Rio de Janeiro foi uma trabalhadora doméstica cuja empregadora, que a contaminou, havia regressado de uma viagem à Itália (idem).

Bambirra finaliza sua reflexão tecendo, mais uma vez, uma crítica ao por ela intitulado *feminismo típico*, - ao qual é incluída Simone de Beauvoir - que, ao colocar mulher contra homem “[...] sem fazer nenhuma distinção no interior da própria categoria mulher (imaginemos a empregada doméstica marchando junto com sua patroa para reivindicar a liberdade de ambas contra a tirania masculina...)” (BAMBIRRA, 1975, s.p.), conduz a um reformismo ineficaz.

Concordamos que a luta pela emancipação da mulher não se reduz a uma guerra contra o homem, mas que se deve pensar, de modo rigoroso, em *todas as mulheres*: cis, trans³⁰², e deve se incluir o debate das travestis³⁰³ e de pessoas não-binárias, indígenas, negras, quilombolas, ribeirinhas, camponesas, mulheres em situação de rua, moradoras de

³⁰¹ Ver em: [Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de covid-19 no Brasil](#).

³⁰² Indicamos a leitura da monografia [Não é só por peitos e coxas: a dignidade da pessoa trans para além do espelho](#), de Glayce Kelly Fieno Melo.

³⁰³ “Por que, se vão a uma marcha contra o FMI, contra o imperialismo ianque, por que não vem a nossas lutas também? Então, teremos que falar destas questões como uma coisa cotidiana, porque nós somos cotidianas também” (BERKINS, 2000, s.p.). Ver em: [O Direito Absoluto Sobre os Nossos Corpos](#).

favela, analfabetas, idosas, migrantes, mulheres com deficiência, mães solo, mulheres privadas de liberdade³⁰⁴.

3.1.4 A situação das mulheres latino-americanas (*The situation of Latin American women*³⁰⁵) - 1978

Acho que a luta pela libertação das mulheres deve ser liderada pela classe trabalhadora e seus partidos, e todas as reivindicações das mulheres devem ser feitas no contexto dessa luta, sobretudo as das mulheres oprimidas, dos trabalhadores, dos camponeses e de setores importantes da pequena burguesia. Para concluir, as mulheres têm a obrigação de participar nas lutas gerais do povo, em busca da democracia política e econômica como pré-requisitos de uma revolução socialista. Esses setores populares também devem se solidarizar com as demandas das mulheres, defendendo sua inserção no processo produtivo e seu direito a uma participação política mais ampla, embora saibam que isso só será possível com a superação do capitalismo (DIAZ; KRISCHKE, 1978, p. 42).

Em outubro de 1978, na Cidade do México, Vânia foi entrevistada por Amanda Diaz e Magali Krische para o jornal canadense *Two Thirds*, com o fito de discutir a situação das mulheres latino-americanas. A matéria de 5 páginas³⁰⁶ começa com uma breve apresentação da trajetória intelectual da autora, que, na época, vivia no México. É demarcada sua “forte contribuição para o estudo da dependência na América Latina” e são citados três de seus livros: *A Revolução Cubana: uma reinterpretação*, *O capitalismo Dependente Latino Americano* e *Teoria da Dependência: Uma anticrítica*. Questionada se poderia se falar sobre a situação das mulheres latino-americanas de forma geral ou se seria mais adequado tratar de cada país separadamente, Bambilra se mostra contrária à ideia generalista de mulher:

Eu enfrentaria o problema de um ângulo totalmente diferente. Não se pode lidar com as questões das mulheres em geral. Sempre tento especificar distinções de classe quando lido com a situação das mulheres. Essa é a distinção crucial. Existem tantas categorias de mulheres quanto classes sociais; a situação da mulher burguesa é diferente da camponesa ou da classe trabalhadora. “Mulheres em geral” não existem. É fácil perceber que a mulher trabalhadora está sujeita a uma dupla exploração, como trabalhadora e como mulher. Ela trabalha em dois turnos; um na fábrica e outro em casa. [...] Acho que os problemas básicos da mulher trabalhadora são os mesmos, seja na Argentina, no Brasil ou no México. Isso também se aplica às mulheres pequeno-burguesas e burguesas. [...] acredito que devemos tomar a América Latina como uma unidade; os problemas comuns são os mais relevantes, apesar das diferenças existentes (DIAZ; KRISCHKE, 1978, p. 38).

É um posicionamento ao qual concordamos em partes, pois, sua fala “não existem mulheres em geral” dialoga com nossa insistência de que mulher não é uma categoria

³⁰⁴ “Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas” Audre Lorde. Ver em: [Mesmo que as correntes sejam diferentes, somos todas prisioneiras](#).

³⁰⁵ Ver em: [The Situation of Latin American Women \(entrevista de Vania Bambilra à revista Two Thirds\)](#).

³⁰⁶ Páginas 38 a 42. No PDF disponível no Memorial Arquivo, faltam as páginas 39 e 41.

universal, pois, apesar de todas nós sermos afetadas pelo machismo e sexismo no bojo do capitalismo, não somos iguais, não existe uma mulher latino-americana específica. Assim, “[...] como seu funcionamento fere a todas nós, todas nós precisamos combatê-lo com unhas e dentes. [...] A verdade é que, embora todas soframos a opressão misógina na sociedade capitalista, nossa opressão assume diferentes formas” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 56). Porém, a autora salienta que pauta a classe como distinção crucial no que tange à mulher, o que consideramos que deve ser encarado de forma mais ampla a fim de avançar, em concordância com Davis (2016, p. 20) e acrescentando etnia e território.

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 2016, p. 20).

Mais adiante, Bambirra reforça seu posicionamento contrário ao feminismo³⁰⁷ que ela enxergava como cisão entre mulheres e homens e defende a união de todos enquanto classe trabalhadora em prol da revolução:

Acredito que as mulheres devam participar e se organizar como tal, mas faço uma distinção entre isso e o feminismo. Deixe-me explicar isso melhor. Eu acredito que isso é importante. Domitila organizou as esposas dos mineiros; elas não trabalhavam nas minas, mas se organizaram para lutar ao lado dos mineiros, participando de suas greves em defesa de interesses comuns. Elas eram organizadas como mulheres, lutando lado a lado com seus homens. Eles organizaram um comitê de donas de casa - mas era uma organização política, que incluía suas reivindicações como mulheres. Também é assim que as mulheres se organizam nos países socialistas. Em Cuba, a Federação das Mulheres Cubanas defende os interesses específicos das mulheres, mas a Federação está relacionada com o Partido e com todo o processo social e revolucionário. Não é uma luta isolada e particular, porque a questão principal é a

³⁰⁷ Essa visão antagônica e até distorcida do feminismo tem origem antiga: “A respeito do incipiente feminismo, assim se pronuncia, em 1838, Caroline Norton ‘As disparatadas e estúpidas teorias desenvolvidas por umas poucas mulheres acerca da igualdade de direitos e inteligência não constituem opinião geral entre seu sexo. Eu, pelo menos (eu e milhões mais), creio na superioridade natural do homem, como creio na existência de Deus. A posição natural da mulher em relação ao homem é de inferioridade’. A própria Beatriz Webb, que mais tarde se tornaria investigadora social, demonstrando-se capaz de desenvolver trabalho tão eficaz quanto os homens, declara publicamente, ao assinar um manifesto de protesto contra as sufragistas ‘Nunca conheci um homem que eu não tenha considerado, por pouco que ele valesse, como superior a mim’ [...] Ao arrolar as fraquezas do feminismo, Viola Klein aponta o dilema diante do qual as mulheres, sobretudo as das gerações mais jovens, foram colocadas: lutar pelos seus direitos e se transformar num ser puramente racional ou permanecer na imanência, mas como um ser rico de vida emocional. [...] De modo algum, todavia, o feminismo pode ser acusado de ter apresentado a mulher emancipada como um ser racional e carente de vida emocional. Mary Wollstonecraft, Angelina Grimké, Ernestine Rose, Margaret Fuller, Elizabeth Cady Stanton, Julia Ward Howe, Margaret Sanger e tantas outras feministas foram capazes de amar, foram amadas e mães dentro ou fora do casamento legal (KLEIN, 1958, p. 63 *apud* SAFFIOTI, 1976, p. 62).

luta pelo socialismo e pela revolução proletária. Nesse contexto, não consigo imaginar um movimento de mulheres que se volte contra os homens. Acho que os inimigos são de outro tipo, e não vejo nenhuma vantagem em misturar as demandas das mulheres trabalhadoras com as das mulheres burguesas; elas são qualitativamente diferentes (DIAZ; KRISCHKE, 1978, p. 40).

Em relação à consciência e mobilização política e reivindicatória das mulheres, a autora declara:

É difícil generalizar; é preciso ser mais específico. Por exemplo, no Chile, durante o período da Unidade Popular, o número de creches aumentou e a participação das mulheres em todos os aspectos da vida social e política também aumentou. Nos últimos 15 anos, houve uma incorporação muito maior das mulheres à luta social no Brasil, mas ainda é uma participação difusa. Os jornais femininos começam a aparecer como jornais de oposição à ditadura. É o caso de "Nós Mulheres", que na minha opinião é excelente. O Movimento da Anistia é liderado por mulheres. Não tenho muitas informações sobre a Argentina, mas entendo que tem havido um aumento da presença feminina nas lutas sociais. [...] Em primeiro lugar, o processo de desenvolvimento cultural, econômico e industrial; e, em segundo lugar, a crise dos sistemas capitalistas dependentes, que empurrou as mulheres para uma participação mais ativa. O caso de Domitila, por exemplo, mostra que a luta pela sobrevivência levou as mulheres a lutar. No Brasil, a crise tem levado as mulheres a se organizarem em praticamente todos os estados. As mulheres estão cada vez mais preocupadas com questões como a democracia, a luta pelo socialismo, a exploração dos trabalhadores, etc. Em suma, o maior desenvolvimento cultural e a profunda crise do capitalismo dependente estão levando setores que não participaram muito a mais formas intensas de participação (DIAZ; KRISCHKE, 1978, p. 40).

As palavras de Bambirra trazem à luz uma questão importante de ser pensada: a luta não se dá por opção, se dá, pois, pela necessidade de mudança por sobrevivência e como consequência da consciência que, ao ser despertada em relação à própria situação de exploração, se torna uma luta coletiva e organizada, é como uma chama que se acende e traz à luz a necessidade de se superar um sistema que nos separa e nos corrói. Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 65) desfiaram esse processo:

A luta é tanto uma oportunidade como uma escola. Pode transformar aquelas pessoas que dela participam, desafiando nossos entendimentos anteriores sobre nós mesmas e reformulando nossas visões de mundo. A luta pode aprofundar nossa compreensão de nossa própria opressão – o que a causa, quem se beneficia dela e o que pode ser feito para superá-la. Além disso, pode nos encorajar a reinterpretar nossos interesses, redefinir nossas esperanças e expandir nossa aceção do que é possível. Por fim, a experiência de luta pode nos induzir a repensar quem deve ser considerado aliado e inimigo. Pode ampliar o círculo de solidariedade entre as pessoas oprimidas e aguçar nosso antagonismo com nossos opressores. [...] as várias opressões que sofremos não formam uma pluralidade incipiente e contingente. Embora cada uma tenha as próprias formas e características, todas estão enraizadas em um único e mesmo sistema social e são por ele reforçadas. É ao nomear esse sistema como capitalismo e ao unir forças para combatê-lo que podemos superar da melhor forma as divisões que o capital cultiva entre nós – divisões de cultura, raça, etnicidade, diversidade funcional, sexualidade e gênero.

Bambirra reitera sua preocupação com o oportunismo da burguesia em relação à luta das mulheres, e cita o caso dos mais destacados setores feministas nos EUA e sua “[...] tentativa de colocar as mulheres contra os homens, de restringir o caráter do movimento e de apresentá-lo como um movimento mais amplo, mais político e mais unitário” cuja liderança era ocupada por mulheres da burguesia e pequena burguesia, que “procuram utilizar o movimento desfigurando-o, privando-o do seu conteúdo revolucionário e socialista” (DIAZ; KRISCHKE, 1978, p. 40). Nesse sentido, a autora chama a atenção para a necessidade de, ao vermos alguns “avanços” obtidos por esse tipo de feminismo, olharmos para eles criticamente e não o confundirmos como vindos de aliados, pois não colaboram efetivamente com a luta das mulheres, se tratando de um “[...] desvio que objetiva emancipar a mulher sem transformar a sociedade em suas próprias bases” (SAFFIOTI, 1976, p. 60). Siqueira (2020, p. 106) traz elementos para pensarmos nos tipos de feminismo:

Tanto as correntes do movimento feminista (burguesas e pequeno-burguesas) quanto as ativistas e intelectuais marxistas procuravam analisar a partir dos seus referenciais teórico-políticos a condição da mulher na sociedade moderna. De fato, entre as feministas liberais burguesas e pequeno-burguesas europeias e norte-americanas havia uma visão preconceituosa em relação às mulheres latino-americanas e as mulheres negras. As latino-americanas, no final dos anos 1960 e nos 1970, lutavam contra os regimes ditatoriais e, no caso das mulheres negras, que viviam no continente africano e das mulheres do continente asiático, estavam lutando em favor dos processos de libertação nacional, portanto, suas pautas eram diferentes das feministas europeias e norte-americanas. E muitas destas feministas dos países centrais tinham se distanciado há muito do feminismo marxista, socialista.

Numa conjuntura conflituosa, Bambirra cita o próprio país ao apontar a dificuldade de se acenderem lutas sociais naquele momento, que era “[...] sufocado pela presença de ditaduras militares como a que governa o Brasil há 14 anos. É difícil para mulheres e homens se expressarem nessas circunstâncias. O sistema repressivo da América Latina é muito violento” (DIAZ; KRISCHKE, 1978, p. 40). Seu interesse “[...] pela questão da mulher e o marxismo ocorre neste difícil contexto econômico, político e social internacional, no qual ganha importância o movimento e as reivindicações de mulheres em vários continentes” (SIQUEIRA, 2020, p. 108). Interrogada sobre a suposição de que “[...] quando uma mulher sai para trabalhar, ela geralmente vai por causa das necessidades de sua família, e não para sua própria realização” (idem), Bambirra é categórica e coloca a necessidade de sobrevivência como motivação, o que é uma questão central no que se refere à classe trabalhadora:

[...] você também deve considerar que quando um jovem vai trabalhar em uma fábrica, ele não o faz porque escolheu o trabalho. Ele vai trabalhar naquela fábrica porque tem uma necessidade muito objetiva de sobrevivência, e não tem oportunidade de desenvolver seu potencial, estudar mais e escolher o que ele quer

ser na vida. O mesmo acontece com uma criança que mendiga na rua. Nem o trabalhador, nem a criança, nem a mulher estão cumprindo sua existência. A sociedade frustra e castra a maioria das pessoas. O problema da mulher pode ser um pouco mais dramático, mas é compartilhado pelos setores oprimidos em geral, como a impossibilidade de escolha, de se desenvolver socialmente. Como falamos antes, a mulher da classe trabalhadora é discriminada não só por ser mulher, mas por pertencer à classe trabalhadora, e isso é importante. A mulher pequeno-burguesa não precisa trabalhar para complementar o salário do marido (idem).

Em relação à situação da mulher cubana³⁰⁸, são feitas algumas perguntas a Bambilra em termos de participação na política e, em suas considerações, o saldo é positivo, pois aumentou e “[...] se você der uma olhada nas Teses e Resoluções do Primeiro Congresso do Partido Comunista de Cuba, verá a preocupação do Partido com a incorporação massiva de mulheres e em tornar essa incorporação significativa” (DIAZ; KRISCHKE, 1978, p. 42). Já em relação à inserção da mulher ao processo produtivo, a autora tem uma visão mais ampla, pois tem a consciência de que a Revolução Cubana se deu em uma situação específica³⁰⁹ por se tratar de um país onde não houve um desenvolvimento efetivo da industrialização e que a mudança não se dará de forma repentina, mas gradual:

O problema é que Cuba não conseguiu criar as condições que permitissem às mulheres sair de casa. A infraestrutura necessária de creches, restaurantes populares, lavanderias coletivas e assim por diante levará anos para ser concluída; implica uma revolução de arquitetura e urbana em todos os níveis, e uma solução para a contradição urbano-rural. Por isso disse que isso só poderia ser alcançado em uma etapa comunista, o que implicaria um tremendo desenvolvimento das forças produtivas. [...] a mudança não pode ser realizada de uma só vez. É um processo relativamente lento, mas há uma tendência crescente em direção à consciência de

³⁰⁸ Siqueira (2020, p. 110), ao reconhecer a importância de Cuba para Bambilra, traz importantes apontamentos: “A Revolução Cubana e a organização das mulheres nas conquistas revolucionárias foram uma fonte de inspiração e aprendizado. É importante destacar que as cubanas tiveram participação efetiva desde as guerras de independência e em meio à criação de várias organizações no período pós-Revolução de 1959, como a criação, em 1960, da Federação de Mulheres Cubanas. A referida Federação de Mulheres Cubanas teve como fundadora Vilma Espín Guillois, combatente em Sierra Maestra e companheira de Raul Castro. As mulheres cubanas tiveram algumas conquistas importantes e enfrentaram a tarefa de elevação do nível político e ideológico das massas femininas para contribuírem com a construção da nova sociedade e com a tarefa de formação das gerações futuras. Apesar das conquistas em relação à construção de creches, aumento da escolarização das mulheres e outros direitos previstos no código da família, é preciso dizer que, em relação à participação das mulheres em cargos e espaços políticos, os avanços não foram inteiramente satisfatórios, pois ainda estavam sob o domínio de posições machistas. Cuba estava sob a orientação política e ideológica do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) e foi, em certo sentido, conservadora em relação à família e às questões LGBTQI+”.

³⁰⁹ A autora faz os seguintes apontamentos em 2012: “Cuba é um exemplo vitorioso, e o único que nos sobra, de socialismo. É, sim, uma especificidade em relação à teoria do socialismo, porque os clássicos pensavam que as revoluções ocorreriam em países desenvolvidos, com classes operárias desenvolvidas. Então, como existir um poder operário em países que não têm classe operária desenvolvida? [...] Cuba não teve nem que enfrentar uma burguesia industrial porque lá não existia burguesia industrial. Teve que enfrentar uma oligarquia corrupta e submissa ao império. E pior, ela teve que enfrentar o próprio império. Cuba teve que enfrentar o imperialismo, não é certo? Os clássicos consideravam que a revolução poderia, sim, triunfar em países atrasados, era uma intuição que eles tinham a esse respeito, no século XIX. Mas teria que ser sustentada internacionalmente. Foi o que ocorreu com Cuba. Sem a União Soviética teria sido impossível, teria sido inviável, a Revolução Cubana”. Ver em: [Desafios para a esquerda na América Latina - Novembro de 2012](#).

que essa incorporação é necessária. Por outro lado, o desenvolvimento da indústria, hospitais, fábricas e assim por diante em Cuba ajuda naturalmente a criar as condições para esta incorporação, e o aumento da acumulação permite a destinação de mais recursos para a construção de creches, restaurantes coletivos, e provoca o desaparecimento de filas para alimentação, criando assim as condições necessárias para a libertação total das mulheres (idem).

Cuba, apesar dos vários avanços, a ilha ainda era um país machista, e Bambirra destacou um ponto importante: “[...] hoje em Cuba, o ativista que discrimina sua esposa e não colabora em casa, é expulso do Partido” (idem). Perguntada, agora em relação aos países capitalistas, sobre o poder de decisão e à participação política das mulheres, afirma que se limita ao voto: “[...] é muito restrito e só aparece como direito de voto nos países onde existe uma democracia representativa”. Chama a atenção para um fato curioso: “É interessante ver que, em muitos casos, os partidos de direita são eleitos com base nos votos das mulheres. [...] As mulheres tendem a ser conservadoras e a esquerda sempre perdeu seu voto”, o que nos lembra das suas considerações e reivindicações acerca da politização e organização da mulher, mostrá-la que nesse modo de produção ao qual estamos engaiolados, não há possibilidade de liberdade e nem autonomia. Em sua tese de doutorado, a autora (BAMBIRRA, 1993, p. 62 apud FERREIRA, 2017, p. 11-12) reforça:

Por isso as mulheres, as operárias e camponesas em particular, têm um dupla razão para serem revolucionárias, pois sob o sistema de exploração, além de estarem submetidas à exploração como trabalhadoras, são também exploradas com categoria social mulher; e o marxismo demonstra que somente a nova sociedade conseguirá libertar definitivamente a mulher, através da industrialização da economia doméstica que uma consequência do progresso material, mas sobretudo da organização planificada do progresso.

Ao ser indagada pelo jornal sobre o que considerava como a melhor alternativa entre “[...] se preocupar com a situação das mulheres antes de uma revolução socialista, ou [...] esperar, dedicar esforços à revolução e depois cuidar da libertação das mulheres” (idem), se apoia na ideia de que “[...] a luta pela libertação da mulher deve ser iniciada agora, porque é um componente muito importante da luta por uma revolução socialista. Deve-se tirar o melhor proveito possível dessa luta; é uma importante bandeira revolucionária” (DIAZ; KRISCHKE, 1978, p. 42), evidenciando a influência de Lênin (1919, s.p.), que diz que “[...] a verdadeira emancipação da mulher, o verdadeiro comunismo, só começará onde e quando comece a luta das massas”. Bambirra, assim, reconhece a importância da luta das mulheres como parte de uma revolução protagonizada pela classe trabalhadora, e devemos salientar aqui que existem vários recortes dentro dessa classe que devem ser considerados e que a mesma não é composta somente pela figura clássica do operário/trabalhador fabril:

Contrariamente ao entendimento tradicional, o que produz a classe na sociedade capitalista não são apenas as relações que diretamente exploram a “mão de obra”, mas também as relações que a geram e a repõem. Tampouco a classe trabalhadora global é composta exclusivamente de pessoas que trabalham por salários nas fábricas e nas minas. Igualmente fundamentais são aquelas que trabalham no campo e nas residências particulares; em escritórios, hotéis e restaurantes; em hospitais, creches e escolas; no setor público e na sociedade civil; o precariado, as pessoas desempregadas e aquelas que não recebem remuneração em troca de seu trabalho. Longe de estar restrita a homens brancos heterossexuais, em cuja imagem ainda é muito frequentemente fantasiada, a maior parte da classe trabalhadora global é constituída de imigrantes, pessoas racializadas, mulheres – tanto cis como trans – e pessoas com diferentes capacidades, cujas necessidades e os desejos são renegados ou deturpados pelo capitalismo (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 39-40).

Diante do exposto, compreendemos a importância da participação e das considerações feitas de forma crítica, notadamente marxista/leninista, de Bambilra nessa entrevista, em uma época tão conturbada em que a América Latina era atravessada por ditaduras militares e a autora, sendo um dos alvos desse processo, estava sendo ouvida e referenciada. Como era de costume, defendeu seus ideais e a potência que a mulher latino-americana representa com garra e rigor teórico e político.

3.1.5 Propostas de luta para a mulher brasileira (1982)

As mulheres, como parte majoritária do povo, devem lutar por todas as reivindicações de caráter democrático e nacionalista, pelas profundas reformas estruturais que o nosso país necessita até alcançar a meta superior que é a criação de uma sociedade mais justa, igualitária e socialista. Contudo, devem ao mesmo tempo levantar as suas reivindicações particulares, buscando convencer a sociedade da justiça das mesmas, pois até hoje muito pouco foi feito no Brasil para aliviar a discriminação, os preconceitos e a exploração das mulheres, particularmente das trabalhadoras (PDT, 1982, p. 3).

Trataremos agora de expor e analisar algumas questões levantadas no *Programa de lutas para as mulheres brasileiras do PDT*³¹⁰, partido que, como mencionado, teve Vânia como uma de suas fundadoras. O documento, de 1982, que traz expressões típicas da linguagem da época que devem ser por nós superadas, como “delinquentes juvenis” e “menores”, é assinado pelo Movimento das Mulheres Trabalhistas do PDT de Belo Horizonte, porém, no Memorial Arquivo há uma nota³¹¹ explicativa que aponta a participação da autora

³¹⁰ Ver em: [Programa de lutas para as mulheres brasileiras do PDT](#).

³¹¹ “Nota do Memorial-Arquivo Vânia Bambilra: documento programático do PDT para a questão da mulher. Embora o texto tenha passado certamente por processo de discussão coletiva e traga a assinatura Movimento de Mulheres Trabalhistas do PDT de Belo Horizonte, comprovadamente Vania cumpriu papel determinante em sua redação. Além de conter formulações identificáveis em outros textos seus sobre a questão da mulher, o manuscrito, com a letra da autora, encontra-se entre os papéis de seu acervo documental”. Ver em: [Nota do Memorial-Arquivo Vania Bambilra](#).

na redação, construído a partir de 6 pontos de propostas, que são 1. *Propostas contra a dupla exploração do trabalho da mulher*, 2. *Propostas contra a discriminação no trabalho*, 3. *Propostas sobre a preservação da saúde e a segurança vital da mulher*, 4. *Propostas Jurídicas*, 5. *Propostas Organizativas* e 6. *Propostas Culturais*. O Programa traz reivindicações cruciais para as mulheres brasileiras de ontem e de hoje e, apesar do nosso real interesse em analisá-lo na íntegra - o que fica para pesquisas futuras - optamos por abordar algumas questões que consideramos ser de maior pertinência para o presente trabalho, presentes nos pontos 2 e 3, dialogando com os escritos de Bamberger, além de verificar em tais questões o que foi contemplado até então.

Pois bem, o ponto 2, *Propostas contra a discriminação no trabalho*, começa com a exigência do cumprimento da legislação trabalhista de 1943 que só existia e existe no papel: “[...] salário igual para trabalho igual para homens e mulheres, independentemente, portanto, de sexo, cor, credo, ideologia e idade” (PDT, 1982, p. 4). Em 1976, uma mulher recebia 46% do salário de um homem que desempenhava a mesma função (idem). Em 2018, segundo o IBGE, em todas as ocupações levantadas as mulheres ganhavam menos que os homens: as professoras 9,5%, as agricultoras 35,8%, as médicas 28,2% e as advogadas 27,4% (PARADELLA, 2019, s.p.), o que mostra que essa luta perdura. Há mais de dez anos se faz o tensionamento para a implementação de multas a empregadores que não cumprirem com a igualdade salarial (CNN BRASIL, 2021, s.p.).

Pontuam, a partir do fato de que as mulheres compõem a maioria da população do Brasil, a obrigatoriedade de se ter empregada pelo menos ¼ de mão de obra feminina no total de trabalhadores contratados por todas as empresas e demarcam o “[...] combate à discriminação racial na contratação de mulheres, principalmente a discriminação contra a mulher negra, a maior vítima” (PDT, 1982, p. 5-6). Cabe trazer alguns dados para refletir tal questão na atualidade: segundo a CEPAL (2018), as mulheres “afrodescendentes” no Brasil em 2010 representavam 12,4% da taxa de desemprego total e as “não afrodescendentes” 8,1%; 9,7% ocupavam cargos administrativos enquanto as “não afrodescendentes” eram

Carla Ferreira reitera essa reivindicação: “[...] é importante também reconhecer no trabalho da Vânia o esforço dela para que na carta de fundação do PDT e no programa de lutas para as mulheres brasileiras a Vânia consubstanciou, e ela foi a principal redatora, acredito que junto com a Saffioti, mas analisando os papéis da Vânia, a datilografia e o escrito a mão desse manifesto do PDT é com a mão dela e com a letra dela. Então eu acredito que ela teve um papel fundamental na redação desse programa de lutas para a mulher brasileira que virou na verdade o programa do PDT para as mulheres e que traz questões tão interessantes já nos anos, no início dos anos 80 como, por exemplo, as demandas inclusive mais avançadas como a que foi substanciada na Lei Maria da Penha, por exemplo [...]”. Ver em: [Vânia Bamberger e a Teoria Marxista da Dependência, live com Carla Ferreira](#).

12,9%; já no trabalho manual eram 72% “afrodescendentes” e 55,7% “não afrodescendentes”, o que indica que essa luta também perdura.

Pautam a extensão dos direitos celetistas às trabalhadoras domésticas, que foi contemplada em 2015 como supramencionado, e da sindicalização da categoria, que havia dado seus primeiros passos em 1936, por iniciativa de Laudelina de Campos Melo, a Dona Nina, que fundou a primeira associação de domésticas e influenciou diretamente a criação do primeiro Sindicato, oficializado em 1989 (AGÊNCIA SENADO, 2010). Em relação à moradia das trabalhadoras domésticas, colocam a necessidade de exigência de acomodações³¹² - o conhecido quarto da empregada - dignas que devem ter 2 ½ x 2m nas plantas de novas construções a serem analisadas para aprovação e a criação de pensionatos para trabalhadoras domésticas como uma alternativa a morar com os patrões, o que seria uma medida provisória, pois o emprego doméstico deve desaparecer (se forem criados os serviços populares acima elencados).

É desenvolvida uma problematização que discute a situação da trabalhadora doméstica e a classe média, que em muito dialoga com as considerações de Bambirra no texto *A propósito do “Ano Internacional da Mulher”* onde se considera “[...] verdadeiramente uma relação de trabalho pré-capitalista, mais próxima do regime servil ou escravista” e que é esquecido o direito da trabalhadora de “procriação” (PDT, 1982, p. 7), o que foi posteriormente riscado a caneta e substituído por “ter filhos”. No que se refere às desempregadas, é proposta a criação de agências de emprego de âmbito municipal e estadual e seguro de desemprego “[...] de um salário mínimo, a partir do terceiro mês de desemprego, e deverá ser vigente até a oferta de um novo emprego” (idem). O seguro-desemprego foi assegurado pela Constituição, porém com validade determinada de, no máximo, 3 a 5 meses, a depender de alguns critérios referentes ao tempo do vínculo empregatício (BRASIL, 2015).

O terceiro ponto, *Propostas sobre a preservação da saúde e a segurança vital da mulher*, começa por postular uma reformulação dos sistemas médicos-hospitalares a fim de garantir que as mulheres - trabalhadoras ou não - sejam atendidas de forma rápida e eficaz, a orientação médica e psicológica acerca de métodos anticoncepcionais e o fornecimento de pílulas anticoncepcionais para que se previna a realização do aborto. Na Constituição de 1988 se previa, no artigo 226, o planejamento familiar, que foi regulamentado em 1996 na forma da

³¹² Em 2018, foi aprovada a [Lei 13.699/18](#), que foi acrescentada ao Estatuto da Cidade e prevê a “[...] garantia de condições condignas de acessibilidade, utilização e conforto nas dependências internas das edificações urbanas, inclusive nas destinadas à moradia e ao serviço dos trabalhadores domésticos, observados requisitos mínimos de dimensionamento, ventilação, iluminação, ergonomia, privacidade e qualidade dos materiais empregados” (BRASIL, 2018, s.p.). Esses requisitos mínimos não são especificados.

Lei 9.263, e “[...] orienta-se por ações preventivas e educativas e pela garantia de acesso igualitário a informações, meios, métodos e técnicas disponíveis para a regulação da fecundidade”, sendo assim, “[...] serão oferecidos todos os métodos e técnicas de concepção e contracepção cientificamente aceitos e que não coloquem em risco a vida e a saúde das pessoas, garantida a liberdade de opção” (BRASIL, 1996).

E quais são os métodos atualmente oferecidos? Os reversíveis são os de barreira (diafragma, Dispositivo Intra Uterino (DIU) de cobre e preservativos - lembrando que os últimos são os únicos que previnem contra as infecções sexualmente transmissíveis (IST's)), os hormonais orais (pílula combinada, mini pílula ou pílula de emergência) e os hormonais injetáveis (mensais ou trimestrais). Já o método irreversível é a esterilização cirúrgica, conhecida como laqueadura na mulher e vasectomia no homem, que carrega questões problemáticas: a mulher ou o homem deve ter 25 anos ou mais ou dois filhos e, caso tenha união conjugal, o procedimento deve ser precedido de consentimento de ambos.

Vale lembrar que nenhum dos métodos é 100% eficaz, o que nos leva à questão do aborto, que é abordada de forma muito bem fundamentada, crítica e avançada pelas mulheres que construíram o documento, que se firmam no fato, “real e permanente” de que eram realizados milhões de abortos “cuja incidência clandestina é alarmante” e em condições extremamente desiguais, como mencionamos acima, e que “[...] não cabe pois a falsa postura de se ser contra ou a favor, mas sim reconhecer que o fenômeno existe e não pode ser ignorado farisicamente” (PDT, 1982, p. 9). Destacam que, em países onde o procedimento foi legalizado, a prática tendeu a baixar, o que deve ser visto no Brasil a partir do momento que a mulher se ver em uma maior segurança social e econômica, o que a fará encarar a maternidade não mais com insegurança e medo, mas como uma escolha sua.

Trazem ao debate as igrejas, que “[...] condenam o aborto. Respeitamos todas as religiões, mas seus preceitos só podem incidir sobre seus fiéis e não sobre a população em seu conjunto” (PDT, 1982, p. 10), lembrando da separação entre a Igreja e o Estado, que até hoje, infelizmente, é uma lenda, e colocam a proposta de realização do procedimento até os dois meses de gestação.

Não é de hoje que a mentalidade conservadora religiosa se institucionalizou e a religião tem andado de mãos dadas com a política, em um governo onde Damares Alves, a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, que mais reforça e serve ao patriarcado e é uma representante pró-vida assídua, um movimento essencialmente contraditório que se preocupa com a vida apenas dentro do útero e, mais recentemente, se pensou no “capital

humano em desenvolvimento” a partir do PL 5435/2020, conhecido como “bolsa estupro”³¹³. O Brasil, que só não condena o aborto em caso de risco à vida da mulher, estupro ou feto anencéfalo, é um retrocesso em relação aos seus países vizinhos, como Chile, Bolívia, México e Argentina (os dois últimos avançaram recentemente no sentido da legalização do aborto) e a mulher pobre que não pode ou não pretende ter filhos, vive cotidianamente o medo de engravidar e ser morta ou sofrer detenção de 1 a 3 anos, o que é previsto nos artigos 124 e 126 do Código Penal de 1940.

Em relação à segurança da mulher, é proposta a criação, “[...] pelas prefeituras - com a solicitação de apoio às comunidades, Igrejas e outras instituições - de SOS-Mulher, visando amparar de imediato as mulheres espancadas pelos seus maridos ou conviventes” (PDT, 1982, p. 11), reconhecendo a constância desse fenômeno na sociedade em geral. Enfatizam que têm a consciência de que as medidas são paliativas, porém necessárias até que se tenha uma “[...]sociedade mais justa e menos agressiva”, que será “[...] quando o povo estiver organizado comunitariamente, quarteirão por quarteirão, as comunidades poderão exercer um controle fraterno sobre cada uma das suas micro-unidades familiares” (idem).

Assim, se explicitam os objetivos do SOS-Mulher: garantir um abrigo para a mulher espancada e os filhos, caso necessite; fornecer à vítima, às crianças e ao cônjuge ou convivente assistência psicológica; advertir e, em caso de reincidência, agilizar a aplicação as sanções legais ao agressor; viabilizar desquite e divórcio para as mulheres de poucos recursos que desse necessitarem; e “[...] criar um novo ambiente social que coaja ao espancador a não torturar ou maltratar sua esposa ou convivente” (idem).

A Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, uma das leis mais populares do nosso país, foi sancionada em 2006, 24 anos após a elaboração do SOS-Mulher, o nome desta lei é uma homenagem e reconhecimento a uma mulher que sofreu sucessivos episódios de violência, e representa um enorme avanço para a luta das mulheres brasileiras. Podemos dizer que esta recente lei contempla as propostas realizadas há décadas pelas mulheres do PDT, dentre essas a autora em foco neste estudo, e também avança em vários sentidos: não se refere somente a relacionamentos conjugais ou afetivos e nem se limita à residência da vítima, abarcando também o empregador e familiares.

Tipifica a violência para além do “espancamento”, cria a Delegacia da Mulher, estabelece a criação de casas-abrigo para as vítimas e seus dependentes, estabelece as medidas protetivas de urgência (uma questão delicada que requer estudo e debate mais aprofundado) e,

³¹³ Ver em: [Bolsa estupro: entenda projeto de lei e impacto em aborto legal](#).

mais recentemente em 2018, prevê a detenção em caso de descumprimento da medida, entre outros pontos. Não podemos deixar de mencionar, também, a questão do feminicídio³¹⁴ (que também requer um rigoroso aprofundamento), visto que “[...] em um país onde mulheres são mortas, é muito natural que mulheres desejem saber por que isso acontece” (GRIMKÉ, 1837, s.p. *apud* DAVIS, 2016, p. 58). No Brasil, a cada 6 horas e meia ocorreu um feminicídio em 2020 (REINHOLZ, 2021).

Concebemos, diante do que foi exposto, que o programa do PDT foi revolucionário e visionário, pautando questões necessárias e vitais para a mulher brasileira. No entanto, como marxistas que somos, não devemos nos esquecer de que todos esses avanços se deram no bojo de um Estado mediado por uma legalidade burguesa que, em sua essência, não liberta³¹⁵ ninguém realmente. São nas palavras de Lênin (1919, s.p.), que tanto inspirou e estimulou o pensamento de Vânia, que nos baseamos:

A posição da mulher põe particularmente em evidência a diferença entre a democracia burguesa e a socialista [...]. Em nenhuma república burguesa (isto é, onde existe a propriedade privada da terra, das fábricas, das minas, das ações, etc.) mesmo na mais democrática, em nenhum lugar do mundo, mesmo no **país mais avançado**, a mulher goza de **plena igualdade de direitos**. [...] Em palavras, a burguesia democrática promete a igualdade e a liberdade, mas, de fato, até mesmo a república burguesa mais avançada **não deu** à metade feminina do gênero humano, a plena igualdade jurídica com o homem, nem a libertou da tutela e da opressão deste último.[...] Não pode haver, não há e não haverá verdadeira «liberdade» enquanto a mulher não for libertada dos privilégios que a lei reconhece ao homem, enquanto o operário não for libertado do jugo do capital, enquanto o camponês trabalhador não for libertado do jugo do capitalista, do latifundiário, do comerciante. [...] Não liberdade para todos, não igualdade para todos, mas **luta** contra os opressores e os exploradores, **liquidação de qualquer possibilidade** de oprimir e de explorar. Esta é a nossa palavra de ordem! (grifos do autor).

A partir da leitura das propostas presentes no documento - que era muito avançado para aquela época - percebemos nele pontos levantados por Bambilra nos textos já expostos e

³¹⁴ Incorporado como circunstância qualificadora do crime de homicídio no Código Penal pela Lei nº 13.104, em 2015.

³¹⁵ “Enquanto o neoliberalismo remodela a opressão de gênero diante de nossos olhos, vemos que a única maneira de as mulheres e as pessoas não alinhadas à conformidade de gênero atualizarem os direitos que têm no papel ou que ainda podem conquistar é transformando o sistema social subjacente que oculta nossos direitos. O aborto legal, em si, faz pouco pelas mulheres pobres e da classe trabalhadora que não têm nem recursos para pagar por ele nem acesso a clínicas que o realizam. Em vez disso, a justiça reprodutiva exige assistência à saúde gratuita, universal e não lucrativa, bem como o fim de práticas racistas e eugenistas na profissão médica. Da mesma maneira, para as mulheres pobres e da classe trabalhadora, a igualdade salarial pode significar apenas igualdade na miséria, a menos que venha com empregos que paguem pisos salariais generosos, com direitos trabalhistas substanciais, que possam ser reivindicados, e com uma nova organização do trabalho doméstico e do trabalho de cuidado. Então, as leis que criminalizam a violência de gênero também são uma farsa cruel se fazem vista grossa ao sexismo e ao racismo estruturais dos sistemas de justiça criminal, deixando intactos a brutalidade policial, o encarceramento em massa, as ameaças de deportação, as intervenções militares, o assédio e o abuso nos locais de trabalho. Por fim, a emancipação legal permanece uma casca oca se não inclui serviços públicos, programas sociais de habitação e recursos financeiros para garantir que as mulheres abandonem a violência doméstica e no local de trabalho” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 30).

analisados, como o debate sobre a situação da mulher, as creches, restaurantes e lavanderias populares, a proteção, amparo e regulamentação das trabalhadoras do sexo, a garantia de direito às trabalhadoras domésticas, o acesso ao divórcio, a questão do aborto e, especialmente, a politização e consequente participação das mulheres na luta pela transformação estrutural da realidade brasileira, o que de fato as libertará, assim como aos seus.

3.2 A politização da mulher: uma batalha que está por se dar (La politización de la mujer: una batalla que está por darse)³¹⁶ - 1972

[...] existe uma grande subestimação, por parte dos revolucionários, da importância e da necessidade urgente de desenvolver uma intensa luta ideológica. As mulheres das classes exploradas têm grande potencial revolucionário. E, no entanto, os resultados de cada eleição demonstram que a passividade da esquerda neste terreno garante as maiorias femininas à direita (BAMBIRRA, 1972, s.p.).

Publicado em agosto de 1972 na *Revista Chile Hoy*, o texto de Bambilra tem como centralidade sua preocupação com a necessidade da promoção do crescimento da conscientização da classe trabalhadora, considerada pela autora como um grande ponto fraco da esquerda no processo revolucionário do país, pois, apesar de ter condições para ser criada, é, infelizmente, subestimada, ao passo que reconhece que houve, sim, esforços, mas foram modestos e limitados. Bambilra (1972, s.p.) defende que a batalha pela conscientização do povo não deve ter um caráter doutrinário nem messiânico, mas

[...] deve ser, sobretudo, o questionamento do modo de produção, de vida e de funcionamento do sistema burguês. Deve se expressar através da explicação, da análise e da discussão, com todos os setores do povo, das medidas a serem tomadas contra o sistema burguês. Deve esclarecer, sem nenhum temor, ante o povo, a existência de todas as dificuldades que enfrenta o processo revolucionário. Deve ser o cimento que une as vanguardas ao povo e sobretudo deve promover e estimular a mais intensa luta ideológica contra a velha ordem burguesa, contra suas tradições, sua cultura e sua visão do mundo.

A autora enfatiza que é necessário se considerar a eficácia (ou não) das iniciativas da esquerda no enfrentamento à vigência e manutenção dos valores culturais da burguesia e toma como exemplo a politização³¹⁷ da mulher: não havia um questionamento às leis burguesas

³¹⁶ Ver em: [La politización de la mujer: una batalla que está por darse](#).

³¹⁷ Um trecho para reflexão acerca do desafio de se promover a consciência da mulher: “Bebel, para quem a questão feminina é igualmente parte da social, procede também por raciocínio analógico. Acusa, todavia, o ponto de rompimento da analogia na percepção da dupla determinação da vida da mulher. Na medida em que a mulher foi, em sua expressão, ‘o primeiro ser humano a sofrer a escravidão’, antes mesmo que esta existisse como fundamento de um modo de produção, a mulher carrega o pesado fardo da tradição de subalternidade. O passado se enraizou de tal modo em seu ser que suas condições de vida lhe parecem normais. Se é difícil tornar o

referentes à mulher, não se publicava reflexões e, conseqüentemente, não se fomentava a discussão sobre a superexploração à qual eram submetidas no bojo do modo de produção capitalista e havia uma ampla propagação dos valores burgueses presente em revistas e demais meios de comunicação que se dedicavam a manter as mentes e corpos das mulheres engaiolados, servindo à manutenção do sistema, como discutido em *Libertação da mulher e luta de classes*.

Bambirra (1972, s.p.) toca em uma questão importante: “[...] as publicações de direita para a mulher tornaram-se visivelmente politizadas. A esquerda está ciente desse fato, mas quase não tomou nenhuma iniciativa para conter essa ofensiva contra-revolucionária”, o que merece atenção, pois evidencia que há um empenho em direção ao convencimento e que há uma luta ideológica deixada em segundo - ou último - plano. Mais uma vez demonstra que o que se passava no Chile, no momento, não era uma transição ao socialismo, visto que “a transição só se desenlaça enquanto processo efetivo com a resolução do tema do poder” e “a dificuldade reside no fato de que o tema do poder se articula com tarefas construtivas de um novo Estado e em saber governá-lo” (FERREIRA, 2017, p. 13). Assim,

o que está acontecendo no Chile é que novos valores estão surgindo - como é normal em todo processo revolucionário - mas dado o caráter institucionalizado desse processo, esses novos valores são apenas fracamente sobrepostos aos antigos, coexistem com eles, sem questioná-los profundamente e sem ameaçá-los de destruição. Os valores burgueses, institucionalizados por gerações sucessivas, seguem sendo os dominantes. [...] É certo que um questionamento profundo dos valores burgueses só pode ocorrer quando o movimento popular está em ascensão, na ofensiva. No Chile, tem existido mobilizações de massa, mas estas têm sido contidas dentro de marcos muito precisos: os permitidos pelas regras do jogo institucional. Desta maneira, nas mudanças realizadas, foi necessariamente necessário restringir a participação criativa das amplas massas (BAMBIRRA, 1972, s.p.).

A autora faz uma pontuação relevante: os valores da classe dominante moldam a sociedade como um todo e se impregnam nas atitudes, comportamentos, processos de aprendizado, religiosidade³¹⁸ e nas relações interpessoais, o que inclui uma parcela

trabalhador consciente do mecanismo pelo qual opera a ordem social competitiva, muito mais difícil será conscientizar na mulher sua determinação potenciada. Além do mais, a divisão da sociedade em classes sociais (totalidades parciais apresentando certo grau de autonomia) impede a solidariedade entre a totalidade das mulheres. [...] ‘Torna-se difícil demonstrar-lhe que sua situação é indigna dela e que deve procurar tornar-se, na sociedade, um membro possuidor dos mesmos direitos que o homem e sua igual sob todos os aspectos’” (BEBEL, 1951, p. 100 *apud* SAFFIOTI, 1976, p. 45).

³¹⁸ Não podemos nos esquecer da dominação ideológica de caráter religioso, pois a burguesia se apropria de valores bíblicos, como obediência e submissão, para subsidiar a opressão da mulher. O feminismo, desde seu início, é constantemente atacado por fundamentalistas religiosos: “[...] em 28 de julho de 1837, o Conselho de Pastores da Igreja Congregacional de Massachusetts divulgou uma carta pastoral punindo-as severamente por engajar-se em atividades que subvertiam a determinação divina do papel das mulheres: ‘O poder da mulher é sua

significativa da própria esquerda, onde é comum encontrar em pessoas “[...] que ocupam cargos e funções importantes, sobretudo entre os elementos de origem pequeno-burguesa, as características que são típicas da atuação dos burocratas da classe dominante” (BAMBIRRA, 1972, s.p.), no que concorda Saffioti (1976, p. 46): “[...] a par de atacar o capitalismo, transforma-se, às vezes, no eco de suas intenções”. Assim, esse aspecto deve ser encarado e refletido seriamente.

Nesse sentido, nos lembramos das críticas à esquerda, nomeadamente ao PT, feitas entre vaias e aplausos, por Mano Brown no período eleitoral de 2018, em comício anterior ao segundo turno da eleição, o momento do vira-voto. Algumas de suas palavras³¹⁹:

[...] vai pagar o preço, porque a comunicação é a alma. Se não tá conseguindo falar a língua do povo vai perder mesmo. [...] tem uma multidão que não tá aqui que precisa ser conquistada. Ou a gente vai cair no precipício. [...] o que mata a gente é a cegueira e o fanatismo. Deixou de entender o povão, já era. [...] O partido do povo tem que entender o que o povo quer. Se não sabe, volta pra base e vai procurar saber.

O resultado todos conhecemos. Por que um homem declaradamente machista, racista e homofóbico foi eleito para Presidente do Brasil em 2018? Djonga³²⁰ já anunciava em *Olho de Tigre*³²¹ em 2017: “pra salvar o país, Cristo é um ex-militar que acha que mulher reunida é puteiro”. Não foi eleito pela maioria dos votos, mas teve um número expressivo que mostra “a ignorância dos votos nos bons homens maus”³²² e sua vitória pode ser atribuída em grande parte pelo “ódio ao PT” e pela promessa do Messias em “acabar com a corrupção e a mamata”, o que dispensa comentários levando em conta o que tem acontecido, mas também que havia pessoas que se identificavam com seus posicionamentos e declarações, como os fundamentalistas religiosos, armamentistas e latifundiários.

A esquerda - da centro-esquerda dos social liberais ou democratas à extrema esquerda - é muita gente, é muito ampla e não é universal. A base à qual Mano Brown se refere é ao ideal de justiça social, de luta, de soberania do povo e, para isso, é necessário o trabalho de base, que é o que Bambera defende no texto: uma ação política e de educação popular em que os movimentos sociais e partidos políticos se unem ao povo - a base à qual também são pertencentes -, ouvem suas demandas e se empenham a organizá-la a fim de conhecer e assim

dependência, que emana da consciência dessa fraqueza que Deus lhe deu para protegê-la [...]” (DAVIS, 2016, p. 56).

³¹⁹ Ver em: [Mano Brown faz discurso histórico pra mudar não só a eleição, mas o PT.](#)

³²⁰ Pensador e rapper mineiro que, inclusive, já foi estudante do curso de História da UFOP. Suas letras são revolucionárias e denunciam o racismo estrutural e a violência policial.

³²¹ Ver em: [Djonga - Olho de Tigre.](#)

³²² Ver em: [Na Cara Da Sociedade.](#)

reivindicar seus direitos, construindo em comunhão a luta pela emancipação da classe trabalhadora, considerando que “[...] no interior da velha sociedade se formam os elementos de uma nova, e que a abolição das velhas ideias acompanha a supressão das velhas condições de vida” (ENGELS; MARX, 2008, p. 42-43).

A partir de tais fundamentos teórico-políticos, entendemos que cabe mencionar, dentre tantos outros exemplos possíveis de serem evidenciados, a onda de protestos³²³ populares que ocorreu no Chile em outubro de 2019, cujo estopim foi o aumento do preço da passagem do metrô - que já representava um valor alto - o que resultou num movimento encabeçado, inicialmente, por estudantes, ao qual se acrescentaram diversos movimentos de trabalhadores, mulheres e indígenas que se revoltaram contra o neoliberalismo³²⁴ que tomou o país e corroeu, principalmente, a classe trabalhadora com salários irrisórios, desemprego, a capitalização da aposentadoria, a falta de investimento em saúde e educação, entre outros processos adoecedores. O povo reivindicava a substituição da Constituição de Pinochet de 1980, que escancarou ainda mais as portas para a ofensiva neoliberal, o que foi um ponto positivo e está sendo contemplado. Importante ressaltar que tal revolta acontece 30 anos depois do fim da ditadura de Pinochet, ou seja, essa consciência crítica de todas as regressões da ofensiva neoliberal sobre o povo só conseguiu tamanha dimensão com revoltas estudantis na década de 2000 e este amplo movimento que ocorreu no ano de 2019. Ainda assim, a esquerda que foi eleita no fim do ano passado (Boric) conserva algumas posturas moderadas e liberais que podem estancar as intenções claramente revolucionárias desse movimento de massas.

São notórias as semelhanças com as manifestações ocorridas no Brasil em 2013, assim como o fato de que havia uma consciência do povo da situação à qual estava submetido, mas sem um conteúdo político, em outras palavras, sem uma base que fornecesse um direcionamento para uma transformação efetiva. Torna-se relevante explicitar a importância de se “[...] promover a participação organizada das massas, ao mesmo tempo em que elevam seu nível de consciência política, através de uma intensa luta ideológica” (BAMBIRRA, 1972, s.p.) e, assim, construir uma sociedade emancipada.

³²³ Ver em: [4 pontos para entender os protestos no Chile](#).

³²⁴ “Quatro décadas de neoliberalismo derrubaram os salários, enfraqueceram os direitos trabalhistas, devastaram o meio ambiente e usurpam as energias disponíveis para sustentar famílias e comunidades – tudo isso enquanto os tentáculos do sistema financeiro se espalhavam pelo tecido social” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 34).

3.3 Comentário a “Se me deixam falar” (“Si me permiten hablar...”) ³²⁵, de Domitila de Chungara (sem data)

[...] uma das cabeças femininas mais lúcidas que existem no continente. Creio que não estou exagerando se digo que não conheci melhor socióloga e com uma especificidade: suas reflexões sobre a sociedade, sobre as classes e, muito em particular, sobre a exploração não são propriamente resultado de estudo, mas da sua vivência direta, do seu sofrimento e da vontade compulsiva de compreender sua situação e dos que a rodeiam, para descobrir uma esperança de superação da existência miserável (BAMBIRRA, s.d, s.p.).

O breve comentário de Bambirra, apesar de se referir ao livro *Se me deixam falar... Testemunho de Domitila de Chungara, uma mulher das minas da Bolívia*, publicado no final de 1977 e considerado um marco do feminismo latino-americano, ainda que a própria Domitila tivesse discordâncias com o feminismo, o que também ocorreu com Vânia, é uma demonstração da admiração da autora pela mineira e lutadora social, além de uma reivindicação de sua importância. A obra, de autoria de Moema Viezzer ³²⁶, é resultado de conversas, correspondências e entrevistas advindas do impacto causado na jornalista e educadora popular brasileira diante das falas de Domitila, que representava as trabalhadoras da Bolívia ³²⁷ no Comitê das Donas de Casa da Mina Siglo XX, na tribuna da Conferência Mundial sobre a Situação da Mulher ³²⁸, realizada na cidade do México em 1975 no âmbito do Ano Internacional da Mulher. A potente voz de Domitila passou a ecoar em intervenções em vários outros eventos pelo mundo a partir dali e sua fala era sempre acompanhada da história do Rei Midas ³²⁹, uma alusão ao capitalismo e um chamado à sua destruição.

³²⁵ Ver em: [Comentário a “Si me permiten hablar...”, de Domitila De Chungara.](#)

³²⁶ Ver entrevista com Viezzer em: [Domitila Barrios de Chungara: "uma ícone latino-americana". Entrevista especial com Moema Viezzer.](#)

³²⁷ O país recebeu esse nome em homenagem a Simón Bolívar, um grande defensor da emancipação da América Latina. “Responsável pela luta que deu origem à independência de Venezuela, Colômbia, Equador, ao Peru e à Bolívia, Simón Bolívar sonhava com a consolidação de uma Pátria Grande. O projeto não se consolidou, mas seus ideais de ganharam vida no século XX, quando o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, se autodenominou bolivariano, e lançou a corrente bolivarianista inspirada em suas ideias, em 1998”. Ver em: [O legado de Simón Bolívar na América Latina de hoje.](#)

Ao se falar na Bolívia, se lembra do roubo intenso das minas de prata de Potosí e do extermínio dos povos originários: “Nos séculos XVI e XVII, a montanha rica de Potosí foi o centro da vida colonial americana [...] Aquela sociedade potosina, doente de ostentação e desperdício, só legou para a Bolívia vaga memória de seu esplendor, as ruínas de suas igrejas e palácios e oito milhões de cadáveres de índios. [...] A Bolívia, hoje um dos países mais pobres do mundo, poderia vangloriar-se – se isto não fosse pateticamente inútil – de ter nutrido a riqueza dos mais ricos países” (GALEANO, 2019, p. 56).

³²⁸ “Domitila não gostou muito do evento: ‘... Diziam que era um evento que ia representar camponesas, donas de casa, mulheres trabalhadores e pobres. Não foi assim. As mulheres presentes eram quase todas de formação acadêmica e completamente diferentes de nós, bolivianas, mineiras e donas de casa. Cumpri a tarefa de denunciar o que acontecia nas minas (o salário baixo, a superexploração), mas os organizadores e participantes da Conferência não estavam interessados em nossos problemas sociais” (LEVINO, 2012,s.p.). Ver em: [Domitila Barrios de Chungara: “Sem as mulheres, a revolução fica pela metade” - A Verdade.](#)

³²⁹ ““Era uma vez um rei chamado Midas. Ele tinha muita sede de riqueza e pediu aos deuses em quem acreditava para que tudo o que ele tocasse se transformasse em ouro. Foi atendido. Imaginem sua felicidade,

Domitila Barrios de Chungara foi uma boliviana que nasceu em Pulacayo em 1937, onde o machismo marcava as relações e havia uma

[...] compreensão era de que lugar de mulher é em casa e que mulher não precisa aprender a ler e escrever, pois isto serve apenas para mandarem carta para os namorados. Mas teve sorte, pois seu pai, um camponês que depois se tornou mineiro, lhe dizia que “as mulheres podem fazer as mesmas coisas que os homens”. (LEVINO, 2012, s.p.).

A vida nas minas era sua realidade, e a boliviana trabalhou³³⁰ “[...] como ‘palliri’ (dedicada a recuperar minério entre os resíduos ou desmontes) para alimentar seus cinco irmãos e sua mãe doente” (JONAS, 2012, s.p.) e depois se casou com um mineiro. Sua luta começou pela própria sobrevivência e a dos seus, e deu corpo a um importante movimento:

Até o ano de 1961, não havia organização de mulheres nas minas e, na maioria dos casos, os homens não deixavam que elas participassem das reuniões. Foi com Domitila, na Mina Siglo XX (Século 20), que as mulheres começaram a conquistar seu espaço até formarem o Comitê de Donas de Casa, mulheres de mineiros, órgão de apoio à luta dos trabalhadores, ligado ao sindicato e à Central Operária Boliviana (COB) (idem.).

Domitila, assim como suas companheiras e companheiros mineiros, sofreu duramente com as ditaduras burguesas-militares que assombravam o país: em 1967, perdeu um filho ao ser torturada grávida por confrontar uma intervenção militar em resposta a uma greve nos distritos mineiros, que resultou em uma chacina. Anos depois, a boliviana teve outra experiência traumática: em uma nova investida militar, “[...] se refugiou numa mina junto aos dirigentes do setor, mas teve que sair forçada por parto, desta vez de gêmeos. Um deles estava já morto em seu ventre, aparentemente devido aos gases tóxicos do interior da mineradora” (JONAS, 2012, s.p.). Participou aguerrida e ativamente da resistência à ditadura de Hugo Banzer iniciada em 1971. Em 1978, se uniu a outras quatro companheiras das minas em uma greve de fome, à qual se somaram outras milhares de pessoas, que fortaleceram a mobilização e realizaram passeatas e atos políticos, o que culminou na queda do general.

Bambirra, em suas palavras, enfatiza que Domitila “[...] tratou de reivindicar o caráter de classe, e não feminista, da luta da mulher proletária”, ao apresentar um relato de conversa

até perceber que não podia mais comer nem beber, pois a água, os alimentos, tudo virava ouro em suas mãos. Arrepentido, voltou a implorar aos seus deuses para perder essa capacidade de transformar tudo em ouro; em troca, ofereceu toda a sua fortuna’. Assim é o capitalismo. Transforma tudo em mercadoria, em lucro, em dinheiro. Não importa a destruição da natureza, da vida, de tudo. Se não for contido, chegará ao ponto de não se ter mais alimento nem água para beber. Pior do que Midas, é que o capitalismo não se arrepende. Se não for contido por uma revolução do povo consciente e organizado, destruirá mesmo a vida na terra” (idem).

³³⁰ Vale a leitura de Marx (2013, p. 376) sobre como era vista a mulher mineira. É evidenciada a “obrigação doméstica” da mulher, e a responsabilização da mesma pela criação dos filhos e uma visão moralizadora que coloca a atividade como desonrosa para a trabalhadora e para seu marido, que, por sua culpa, se entrega à bebida.

na tribuna que reforça o fato de que mulher não é um ser universal e há relações e situações que devem ser analisadas:

O diálogo que ela manteve com a presidenta de uma delegação mexicana é muito significativo. Assim o relata: “Disse a senhora: ‘-Vamos falar sobre nós, senhora... Nós somos mulheres. Olhe, senhora, esqueça o sofrimento de seu povo. Por um momento, esqueça os massacres. Já conversamos o suficiente sobre isso. Já ouvimos o suficiente disso. Vamos conversar sobre a gente, sobre você e eu... sobre a mulher, também’. Ao que Domitila responde: ‘-Muito bem, vamos conversar sobre as duas. Mas, se me permite, vou começar. Senhora, eu a conheço há uma semana. Cada manhã você chega com uma roupa diferente; e eu não. Cada dia você chega pintada e penteada, como quem tem tempo para ficar em um cabeleireiro muito elegante e pode gastar um bom dinheiro nisso[...] tenho certeza que você mora em uma casa muito elegante, em um bairro elegante, não? No entanto, nós, mulheres dos mineiros, temos apenas uma pequena casa emprestada e quando nosso marido morre ou fica doente ou é afastado da empresa, temos noventa dias para sair de casa e ficar na rua. Agora, senhora, diga-me: você tem algo semelhante à minha situação? Tenho algo semelhante à sua situação? Então, de que igualdade vamos falar entre nós? Se você e eu não somos iguais, se você e eu somos tão diferentes? A gente não pode, neste momento, ser igual ainda que sejamos mulheres, não acha?’”. Domitila também caracteriza a situação da dupla exploração do trabalho de forma muito clara: ‘Normalmente vou para a cama à meia noite. Portanto, durmo de quatro a cinco horas. Estamos acostumadas a isso. Bem, eu acho que tudo isso mostra muito claramente como o mineiro é explorado duplamente, não? Porque, dando para eles tão pouco salário, a mulher tem que fazer muito mais em casa. E é um trabalho de graça que a gente está fazendo pro empregador, enfim, né?’. Ela tem uma ideia nítida de como a mão-de-obra feminina da classe trabalhadora está à margem da economia de mercado, como seu caráter pré-capitalista é funcional para o sistema. Desse modo, ela raciocina, com a simplicidade e agudeza de uma mulher do povo: ‘Um dia me ocorreu a ideia de fazer um quadro. Usamos como exemplo o preço da lavagem de roupas por dúzia e descobrimos quantas dúzias de roupas lavávamos por mês. Depois, o salário de uma cozinheira, uma babá, uma empregada doméstica. Tudo o que nós, esposas de trabalhadores, fazemos todos os dias, averiguamos. No geral, o salário necessário para pagar o que fazemos em casa, comparado aos salários de cozinheira, lavanderia, babá, empregada doméstica, era muito maior do que o companheiro ganhava na mina durante o mês. Então, dessa forma, fizemos nossos companheiros entenderem que sim, nós trabalhamos, e até mais do que eles, em certo sentido. E que inclusive contribuímos ainda mais dentro de casa com o que economizamos. Então, mesmo que o Estado não reconheça o trabalho que a gente faz em casa, o país se beneficia e os governos se beneficiam, porque a gente não recebe nenhum salário desse trabalho’” (BAMBIRRA, s.d., s.p).

Domitila colocou em evidência uma questão necessária de ser pensada e trazida para nossa realidade: a de que as donas de casa e esposas de mineiros³³¹ realizavam cotidianamente

³³¹ Além da intensa exploração, as minas representavam (e representam) uma sentença de morte: “A pneumoconiose tinha sido a primeira enfermidade profissional da América; hoje, quando os mineiros bolivianos completam 35 anos de idade, já seus pulmões se negam a continuar funcionando: o implacável pó de sílica impregna a pele do mineiro, vinca-lhe o rosto e as mãos, aniquila seus sentidos de olfato e paladar, conquista-lhe os pulmões, endurece-os e por fim o mata” (GALEANO, 2019, p. 75).

um trabalho não remunerado³³² e ignorado - que consiste em manter a reprodução da força de trabalho a ser empregada nas minas, ou seja, também eram exploradas.

Nessa esteira teórica, (DALLA COSTA; JAMES, 1973, p.28 *apud* DAVIS, 2016, p. 222) afirmam que “[...] o trabalho de dar à luz, criar, disciplinar e servir o trabalhador produtivo. Seu papel no ciclo de produção permaneceu invisível porque apenas o produto de seu trabalho, o trabalhador, era visível”.

Em suma,

Domitila não concebia a libertação da mulher desvinculada da libertação de todos os trabalhadores, e nisso se diferenciava do movimento feminista: “A nossa posição não é igual à das feministas. A nossa libertação consiste primeiramente em conseguir que o país seja liberado para sempre da opressão das grandes potências capitalistas e que possamos formar um governo da classe trabalhadora, incluindo nós, mulheres. Aí, então, as leis, a educação, tudo será feito de acordo com as necessidades do povo. Então, sim, vamos ter mais condições de chegar a uma liberação completa, também da nossa condição de mulheres” (LEVINO, 2012, s.p.).

A leitura do comentário de Bambilra possibilitou a busca por conhecer a história de Domitila, uma verdadeira revolucionária que fala de um lugar específico, além de reforçar a importância do protagonismo da classe trabalhadora na luta e de se evidenciar que ainda há muito que se aprender no que tange às mulheres latino-americanas e se chegar àquelas e aqueles que ocupam a base do sistema, o sustentando com sua vida.

3.4 Comentário a Margaret Benston [esboço] (sem data)

[...] nos países capitalistas dependentes, como é o caso dos latino-americanos, não se justifica a organização de movimentos de libertação – como o das mulheres – desvinculado, isolado do contexto geral da luta de todas as classes oprimidas. Estes devem estar intimamente entrosados programática e praticamente com as lutas de todo o povo pela construção de uma nova sociedade que deverá surgir através de um profundo processo de transformações estruturais em todos os níveis da vida econômica, social e política. As mulheres enquanto tais têm problemas que lhes são

³³² O trabalho ignorado e não remunerado de milhões de mulheres também é feito em casa, ao cuidar dos filhos que vão à escola para se alfabetizar e mais tarde se tornarem força de trabalho e do marido que é explorado, também faz parte da manutenção do capitalismo. “Como as tarefas domésticas não geram lucro, o trabalho doméstico foi naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho, em comparação com a atividade assalariada capitalista” (DAVIS, 2016, p. 218).

Recentemente, na Argentina, as mulheres conquistaram o direito de ter contabilizado para a aposentadoria o cuidado com os filhos, num reconhecimento do fato de que muitas abandonam seus empregos para se dedicar ao feito, o que urge ser ecoado nos outros países da América Latina. Ver em: [Argentina: Cuidar dos filhos é considerado trabalho e contará para aposentadoria](#). No Brasil, a deputada Talíria Petrone, do PSOL, apresentou, em agosto, um projeto de lei com essa perspectiva. Ver em: [Projeto de Lei n. 2757/2021](#).

“Esse é um pressuposto universal humano que o capitalismo preferiria ignorar e tenta esconder: que grandes quantidades de tempo e recursos são necessárias para dar à luz, cuidar e manter seres humanos. [...] muito do trabalho de criar e/ou manter seres humanos ainda é feito pelas mulheres em nossa sociedade. [...] no curso normal das coisas, a sociedade capitalista não confere nenhum valor a esse trabalho, mesmo dependendo dele” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 73).

específicos, porém estes problemas somente poderão ser resolvidos na medida em que o conjunto das classes oprimidas se comprometam enquanto tais com a sua resolução. Os movimentos para a libertação da mulher encontram sua máxima justificação, portanto, na medida que sejam capazes de não se isolar e de se aglutinar com os demais movimentos populares [...] (BAMBIRRA, s.d, s.p.).

O texto, disponibilizado pelo memorial arquivo Vânia Bambirra³³³, trata-se de um esboço da leitura da autora em relação ao texto *Economia Política para a Libertação das Mulheres*, de Margaret Benston, cujo conteúdo está presente, quase que inteiramente, exceto o final, no já exposto *A mulher chilena na transição ao socialismo*. A autora defende a “[...] criação de novos valores superiores com o objetivo de superar os preconceitos sobre os quais se assenta a visão machista do mundo” e a união de todos os movimentos sociais, políticos, ou seja, de todos aqueles que se opõem ao sistema capitalista e que sofrem as suas mazelas, num enfrentamento da base material dessa exploração e opressão, demarcando que não deve ser orientado por um enfoque liberal e reformista, mas se dar ativa e subversivamente.

3.5 Sobre A Problemática Da Mulher Mexicana (Script Revisado) (Sobre la problemática de la mujer mexicana (Guión Revisado)³³⁴ [projeto de livro] - sem data

Nesse tópico, apresentaremos o projeto de livro pensado por Bambirra, que está sem data, mas, por se referir à mulher mexicana, intuímos datar dos anos em que a autora morou no país, entre 1974 e 1980. Composto por três capítulos (ou partes), “A mulher em uma sociedade de classes: México”, “A mulher e o Imperialismo” e “A mulher e a luta pelo socialismo”, é notável o encadeamento da questão da mulher com a luta de classes e a supressão do capitalismo no pensamento da autora, que se propõe a analisar a presença da ideologia burguesa no “movimento de libertação da mulher” e destaca a urgência de se “[...] fazer uma análise da mulher no México a partir de uma perspectiva não-burguesa, situando a problemática dentro da análise crítica do sistema”.

No primeiro capítulo, Bambirra se dedicaria ao estudo da mulher na sociedade de classes, dos lugares por ela ocupados e também dos não lugares, em 4 tópicos:

1. A mulher no trabalho produtivo: a mulher trabalhadora, a mulher camponesa, a mulher no trabalho agrícola, (a mulher indígena), a empregada, a secretária, a trabalhadora doméstica.
2. A mulher no lumpem: em geral, com uma análise mais ampla da prostituição.
3. A mulher e a educação: as mulheres sem educação; a experiência universitária e no trabalho profissional. A burguesa que trabalha fora de casa.

³³³ Ver em: [Comentário a Margaret Benston](#).

³³⁴ Ver em: [Sobre la problemática de la mujer mexicana](#).

4. O trabalho da mulher: dentro da estrutura econômica do México, uma análise do papel peculiar do trabalho da mulher, tanto em casa como fora dela. O problema da operária que também trabalha em casa. O trabalho invisível da mulher, etc.

Podemos notar que a autora assume o estudo da necessária temática da prostituição, da mulher indígena, da mulher e a educação, é uma questão diretamente ligada com a libertação da mulher, visto que o conhecimento é um fator determinante para sua emancipação e deve ser apropriado e reivindicado. Em relação ao trabalho invisível da mulher, é válido trazer a pontuação de Davis (2016, p. 214):

Os incontáveis afazeres que, juntos, são conhecidos como “tarefas domésticas” – cozinhar, lavar a louça, lavar a roupa, arrumar a cama, varrer o chão, ir às compras etc. –, ao que tudo indica, consomem, em média, de 3 mil a 4 mil horas do ano de uma dona de casa. Por mais impressionante que essa estatística seja, ela não é sequer uma estimativa da atenção constante e impossível de ser quantificada que as mães precisam dar às suas crianças. Assim como as obrigações maternas de uma mulher são aceitas como naturais, seu infinito esforço como dona de casa raramente é reconhecido no interior da família. As tarefas domésticas são, afinal de contas, praticamente invisíveis: “Ninguém as percebe, exceto quando não são feitas – notamos a cama desfeita, não o chão esfregado e lustrado”. Invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas – esses são os adjetivos que melhor capturam a natureza das tarefas domésticas.

De fato, o trabalho invisível da mulher em casa só é notado quando não é feito. Quantas vezes não ouvimos falas de mulheres preocupadas com visitas inesperadas que, ao encontrarem a casa bagunçada, pensariam que lá “não tem mulher”, assim como se, seus maridos, ao serem vistos “mal arrumados”, assim seriam questionados: “não tem mulher na sua casa?”. Infelizmente, são vários outros exemplos de como o “cuidado” com a casa se torna um trabalho compulsivo:

[...] o trabalho da mulher nunca acaba, ela sempre está fazendo alguma coisa. Mesmo antes de dormir, você ainda precisa fazer alguma coisa – esvaziar os cinzeiros, lavar uns copos. Você continua trabalhando. É a mesma coisa todo dia; você não pode dizer que não vai fazer aquilo, porque você tem de fazer – como preparar uma refeição: precisa ser feita porque, se você não fizer, as crianças não vão comer [...]. Acho que você se acostuma, você apenas faz automaticamente. Uma dona de casa em tempo integral contou a Oakley sobre o caráter compulsivo das tarefas domésticas: “Acho que o pior é que você tem de fazer o trabalho porque você *está* em casa. Mesmo que eu tenha a opção de não fazê-lo, não sinto que poderia realmente não fazê-lo porque sinto que *devo* fazê-lo” (OAKLEY, 1974, p. 44 e 65 *apud* DAVIS, 2016, p. 227 e 228).

No segundo capítulo, a discussão, que teria um tom satírico através de exemplos ilustrativos, se dedicaria aos rebatimentos do imperialismo na vida da mulher, no que tange ao trabalho em empresas estrangeiras, como a imagem da mulher era concebida e difundida a partir de estereótipos e sua condição de objeto e de sua característica de vulnerabilidade a ser

engolida por determinadas ideologias, passando longe de ser uma pessoa com capacidade de se auto realizar e descobrir e aprimorar diferentes habilidades. Assim seria estruturado:

1. A relação da mulher com o capital estrangeiro: empresas estrangeiras - a indústria farmacêutica, o trabalho das maquiadoras.
2. A imagem da mulher nos meios de comunicação e em até que ponto se reflete a posição oficial frente à problemática. Especificação dos vários protótipos e estereótipos femininos amplamente difundidos pela imprensa, a televisão, etc., um exame da propaganda comercial e de revistas e programas dirigidos ao público feminino. A mulher como objeto sexual vendável e como consumidora potencial, tanto de mercadorias quanto de ideologia. O tom seria satírico, por meio de exemplos ilustrativos, sem perder de vista o fim crítico.
3. A manipulação física e ideológica das mulheres por meio de programas médico-sociais: (tom de denúncia) a. os programas internacionais chamados de controle populacional. Quem os funda, quais são os propósitos ideológicos, etc. Desde o uso de mulheres indígenas e negras³³⁵ como cobaias para regular os meios de controle de natalidade, até programas de esterilização massiva e involuntária em toda a América Latina e especialmente no México. b. os programas nacionais que afetam a mulher e a família em geral: paternidade responsável, planejamento familiar e controle de natalidade, etc. c. a experiência da mulher (principalmente a operária e a camponesa) nos centros de assistência médica. Tratamento, atitudes, etc.

Nos chama atenção no tópico 3 a atenção dada à saúde da mulher de forma ampla e se pretendia abordar questões que atravessam especialmente as mulheres da classe trabalhadora, cotidianamente, como controle populacional e de natalidade e programas eugenistas de esterilização massiva e involuntária, que notadamente têm um recorte étnico-racial e classista e denotam o controle violento e assediador do Estado sobre nossos corpos. São exemplos a esterilização de mulheres indígenas³³⁶ e de mexicanas³³⁷ nos EUA e a violência contra Janaína

³³⁵ Importante Bambilra trazer essa questão, pois, como insistimos, o debate da mulher deve ser perpassado pela questão étnico-racial e, em relação ao país, os indígenas, em 2010, representavam 15,1% da população do México (CEPAL, 2015) e em 2015, os negros representavam 1,2% (CEPAL, 2021). “O México é um bom exemplo de como os projetos nacionais de mestiçagem contribuíram para a invisibilização dos afrodescendentes. No século XVIII, o México era o país que havia recebido o maior número de escravos nas Américas (cerca de 200.000)[...]. No México colonial, as comunidades negras excediam a população branca. Contudo, apesar da grande diáspora africana, os governos mexicanos pós-revolucionários promoveram uma ideologia de mestiçagem centrada na glorificação do passado indígena pré-colonial e suas contribuições para o caráter e potencial de desenvolvimento do México moderno. A negritude foi apagada da imagem nacional mexicana, tanto como categoria racial separada quanto como componente da população mestiça. Essas noções persistiram ao longo do século XX e, ainda em 1996, relatórios apresentados em nome do Estado mexicano às Nações Unidas afirmavam que o racismo era inexistente no país e que a maioria da população mexicana era mestiça (miscigenada indígena e branca)” (BANCO MUNDIAL, 2018, p. 42).

³³⁶ “Jean fazia parte da Nação Navajo - um território nativo americano que ocupa partes do Arizona, Utah e Novo México nos Estados Unidos. [...] Ela foi uma das vítimas de um programa de planejamento familiar patrocinado pelo Estado que submeteu milhares de mulheres a esterilizações forçadas. Como ela, pelo menos 3,4 mil indígenas - de culturas onde a riqueza é medida pela quantidade de filhos e não por bens materiais [...]. Na época, ao procurar um hospital, foi informada de que havia sido esterilizada, e que isso havia acontecido - sem ela saber - anos antes, no mesmo dia em que havia passado por uma cirurgia para retirar o apêndice”. Ver em: [A chocante história das mulheres esterilizadas contra a vontade nos EUA](#).

³³⁷ “Durante boa parte do século 20, milhares de pessoas foram esterilizadas em instituições psiquiátricas nos Estados Unidos, e, em muitos casos contra a vontade de suas famílias. [...] cerca de 25% dos cerca de 20 mil pacientes esterilizados eram latinos, sendo a maioria deles mulheres de origem mexicana. [...] O estudo concluiu que do total de intervenções realizadas em pacientes de origem hispânica, 61% foram em mulheres e 38% em

Aparecida Querino no Brasil³³⁸. Em relação à paternidade responsável³³⁹, que, em linhas gerais, diz respeito à responsabilidade dos pais em assumir, igualmente, a criação dos filhos que ambos geraram, mas que, sabemos, recai historicamente sobre a mãe. No México, até 2014 não havia licença paternidade³⁴⁰ para os trabalhadores, que atualmente têm direito a 5 dias de licença. 5 dias para se habituar a uma nova vida e criar vínculo com a criança, além de supostamente - pois sabemos que é raro - realizar o cuidado da mulher que teve um parto recente. Isso reforça a tendência e a vigência da paternidade ausente e da sobrecarga das mulheres na criação e educação dos filhos.

Em relação à experiência nos centros de assistência médica, no México, o sistema de saúde se desdobra de forma fragmentada entre público e privado - onde o público é controverso e possui formas de separação e classificação baseados numa lógica econômica e não contemplam de forma universal os usuários³⁴¹, pois há pouco investimento, o que nos remete ao nosso SUS e à importância de reivindicá-lo e defendê-lo. Aproveitamos para fazer um comentário: é notável a diferença que é vista em hospitais e postos de saúde em relação à presença de acompanhantes. Na maioria gritante dos casos, mulheres doentes, machucadas, ou até grávidas, estão sozinhas a esses espaços, inclusive em casos de internações; enquanto os homens, quando buscam os serviços, estão acompanhados de suas namoradas, esposas ou mães, naturalmente e por vontade divina, suas cuidadoras. Basta observarmos no cotidiano. Isso faz com que nos perguntemos: quem cuida de quem cuida?

homens. Na opinião de Alexandra Stern, o resultado é um reflexo do preconceito que existia na época contra mulheres de origem mexicana, que eram acusadas, além de promíscuas, de terem muitos filhos”. Ver em: [Investigação revela história secreta de esterilização de latinos nos Estados Unidos](#).

³³⁸ “Há pouco mais de um mês, assisti perplexa ao caso da esterilização forçada de Janaína Aparecida Querino, uma mulher em situação de rua [...] Thais Machado Dias, do Coletivo Feminista de Saúde e Sexualidade, mencionou o perigo de que o caso de Janaína, a mulher que foi esterilizada a mando da Justiça, abra um precedente para uma reedição das medidas racistas do passado: ‘Fazer com que pessoas que não cabem numa dita norma social não se reproduzam é um processo eugênico que se repetiu em vários momentos da história. Se a gente trabalha com laqueadura involuntária para pobres, mulheres negras e usuários de substâncias, vamos retroceder anos de história e de direitos humanos’, declarou a veículos após a repercussão do caso”. Ver em: [‘O caso Janaína me lembrou que o Brasil já fez esterilização em massa – com apoio dos EUA’](#).

³³⁹ Na nossa Constituição, a paternidade responsável está referida no parágrafo 7 do artigo 226: “§ 7º Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas”.

Carla Ferreira (2020, s.p.) traz um importante apontamento sobre a interferência nada imparcial do Estado nas relações: “[...] eu tenho acompanhado alguns debates, me chama a atenção, por exemplo, o debate da questão da guarda compartilhada, por exemplo, que surge como uma demanda da paternidade ativa como parte da revolução sexual que acontece nos anos 60 e vai se desenvolver no Canadá e no centro capitalista como uma demanda que busca dividir o cuidado dos filhos com os companheiros homens, né, os pais, que surge lá nesse contexto, é uma conquista que fica na espera do acordo mútuo no interior da família mas que no capitalismo dependente vai ser intermediado pelo Estado, pelo Estado capitalista dependente, que vocês sabem, é um Estado autárquico”. Ver em: [Vânia Bambirra e a Teoria Marxista da Dependência, live com Carla Ferreira](#).

³⁴⁰ Ver tabela da existência ou não de licença paternidade por país em: [Leyes Nacionales](#).

³⁴¹ Ver em: [Análise do Seguro Popular de Saúde mexicano: uma revisão integrativa da literatura](#).

Bambirra concebeu o último capítulo da seguinte forma:

A libertação da mulher na perspectiva de luta contra o capitalismo e pelo socialismo. Uma análise que vai para além da afirmação de que a libertação feminina só virá com a libertação humana. Examinando especificamente o papel da mulher mexicana nas lutas populares (com exemplos também de outros países da América Latina), esta seção serviria como uma conclusão, levando a uma análise das perspectivas para a mulher na luta. (Apêndice exemplificando os níveis de integração das mulheres em países que já alcançaram o socialismo.)

Lembramos aqui das entrevistas realizadas por Vânia em 1985 com mulheres guerrilheiras e que lamentavelmente não puderam ser utilizadas, pois contribuiriam muito para o conteúdo do livro. Se coloca à mostra uma característica incontestável da autora: sua vontade e disposição teórico-crítica e o compromisso com a revolução, reivindicando a mulher trabalhadora enquanto protagonista e capaz de escrever a própria história. A autora concebeu, ademais, apêndices que enriqueceriam em muito o livro:

1. Nota sobre a aparente ausência da mulher na historiografia mexicana, e a necessidade de reexaminar o papel da mulher ao longo da história do México, especialmente durante a Revolução de 1910.
2. Uma breve bibliografia comentada sobre as contribuições mais importantes para a problemática da mulher na obra de Marx, Engels, Lenin, Krupskaya, Trotsky, Stalin, Kollontai, Zetkin, Bebel e outros. Seria bom atualizar isso, incluindo também referências às contribuições de revolucionários mais recentes, como Che, Fidel, Mao, na FLN, etc.
3. Notas sobre declarações e propostas recentes de grupos femininos nacionais e internacionais, enfocando naqueles que mantêm uma posição crítica perante a sociedade capitalista e que apresentam uma alternativa revolucionária.

Diante do exposto, concebe-se que Bambirra - que se dedicava a estudar o passado, refletir o presente e buscar a construção de bases para um futuro diferente - pensou amplamente em um projeto que muito contribuiria com a luta das mulheres latino-americanas em variados aspectos, corporificando, mais uma vez, as características revolucionárias acumuladas no decorrer da própria trajetória e nas formulações da TMD, visto que, como afirmou sabiamente Lênin, *sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento emerge apenas através da invenção e da reinvenção, através da inquietante, impaciente, contínua e esperançosa investigação que os seres humanos buscam no mundo, com o mundo e uns com os outros.

Paulo Freire

O longo - e necessário - caminho percorrido até aqui não poderia ser de outra forma: a fim de se mostrar “o não-lugar” de Vânia Bambirra e contribuir com a construção desse lugar, especialmente no seio do Serviço Social brasileiro e na UFOP. Para tanto, se estudou a gestação da TMD - que permanece válida e atual³⁴² pois o capitalismo dependente, que não é exclusividade da América Latina³⁴³, ainda não foi superado -, as diferenças com outras correntes teóricas, as formulações de Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini, e se demonstrou que se trata de uma perspectiva marxista, crítica, reveladora, revolucionária e transformadora que tanto incomodou a ponto de se ter uma tentativa de abafar e deformar toda essa potência - vale lembrar que Fernando Henrique Cardoso tem enorme responsabilidade nesse quesito e se apresentava e era apresentado como “única fonte” de interpretação e orientação do capitalismo dependente no Brasil - e, assim como os canarinhos de Ivan, o pai de Vânia, nossos radicais foram engaiolados, mas não foram silenciados.

Ao estudar a vida e obra³⁴⁴ de Vânia, se pôde visualizar que a TMD e tudo aquilo que este marco teórico se propunha a ser, se manifestava na sua militância, na docência, na vida

³⁴² Como pontua Carla Ferreira, em 2020, “*Como o capitalismo dependente não foi superado, e nem será superado enquanto houver capitalismo, a teoria crítica, assim como o capital, continua vigente, as relações capitalistas continuam, e a teoria do valor, tal como Marx a explicou, continua vigente, embora exija explicações sobre as formas, a questão das formas no marxismo é muito importante, também a TMD continua vigente. Não mudou a forma como nós nos vinculamos ao mercado mundial. Não mudou o caráter do Estado no capitalismo dependente. Não mudou a configuração particular que as classes sociais adquirem na nossa formação econômico-social, e as diferenciações se dão em processos históricos que estão dados. Agora, novas questões exigem novas abordagens, novas apropriações e respostas que deem conta de explicar essas relações. Então, assim, a TMD continua vigente, mas a TMD também está desafiada a responder às contradições sociais nas suas formas atuais. Hoje, nós temos uma rebelião, uma ascensão do movimento negro, nós temos uma primavera das mulheres em curso, temos uma série de contradições que tem a ver com a quarta Revolução Industrial[...]. Todos estes são desafios atuais que, a partir do olhar da TMD, que é o olhar do pensamento crítico, que é o olhar do marxismo, em última instância, apenas que pensado a partir da nossa realidade concreta do capitalismo dependente, exigem explicações, exigem apropriações críticas que deem conta de aspectos novos que são colocados pela história. A história segue acontecendo e nos colocando desafios, nos colocando a necessidade de explicação das suas imbricações, das suas contradições [...]. Nós vamos ter que observar as transformações que o capitalismo está sofrendo, e, a partir desta lente crítica, dar conta destes fenômenos*”. Ver em: [Vânia Bambirra e a Teoria Marxista da Dependência, live com Carla Ferreira](#)

³⁴³ Nas palavras de Vânia: “[...] nós estudamos a América Latina mas, naturalmente, existem sociedades em dependência em outros continentes, em outras partes do mundo, que não eram o nosso objeto de pesquisa”. Ver em: [Vânia Bambirra: intelectual e militante](#).

³⁴⁴ Assumindo o que disse Carla Ferreira em 2020: “[...] se nós analisarmos o conjunto da obra da Vânia, nós vamos ver que ela está demandando que nós avancemos no pensamento crítico sem alimentar ilusões modernizadoras e desenvolvimentistas, um projeto que não pode ser abstrato, mas que deve dialogar com o nível da consciência social, ter capacidade de mobilização e organização pra avançar com base em lutas concretas, é um projeto nacional antiimperialista que traz o germe do verdadeiro internacionalismo, aquele da

política e pessoal, que a mesma se preocupava em estudar com rigor a tática e a transição socialista - e, importante destacar, o fez de forma não dogmática -, e que o boicote que sofreu na esperada, porém dolorosa, volta ao Brasil em razão de sua postura assertiva³⁴⁵ e perspectiva revolucionária era inegavelmente atrelado ao machismo e à ofensiva neoliberal.

Ao analisar os escritos da autora acerca da mulher, se percebe a presença do marxismo-leninismo nas reflexões de uma mulher que atuou ativamente na esquerda latino-americana, que percebeu e vivenciou o quanto ainda havia - e há - que se avançar em relação ao reconhecimento do potencial da mulher da classe trabalhadora para a emancipação de sua classe e da própria forma de se conceber a mulher como um ser pensante, criativo, articulado e revolucionário, e não apenas aquela que cuida do homem e de seus filhos.

Seus escritos revelam uma atualidade e nos instigam a pesquisar mais, conhecer mais, contribuir com a construção de uma teoria revolucionária e emancipatória que subsidie uma ação revolucionária e emancipatória. A autora pautou, nos anos 1970 e 1980, inexoráveis questões, que ainda hoje são secundarizadas, ainda que reconheçamos que houve avanços, mas é inegável a contribuição dos seus escritos para pensar no ontem e no hoje de nós mulheres, “[...] localizando a participação das mulheres trabalhadoras latino-americanas não só na luta por direitos e condições de trabalho, mas, particularmente, nas tarefas de transição ao socialismo” (SIQUEIRA, 2020, p. 108).

Abordou o aborto, as trabalhadoras do sexo, as trabalhadoras domésticas, a maternidade³⁴⁶ em uma visão não romantizada, mas prática, o acesso a direitos sobre os nossos corpos e aos direitos trabalhistas (ainda que dentro dessa ordem capitalista que deve

classe trabalhadora que é feita de homens, mulheres de todas as cores e origens, de diversas gerações, empregados e desempregados, e que, portanto, incorpora no cerne da luta de classes o feminismo, o antirracismo, o combate à LGBTfobia e a todas as formas de opressão, trazendo os sujeitos à emancipação como parte ativa e criativa desse projeto. É um projeto que deve nos permitir uma apropriação social de todo o conhecimento acumulado pela humanidade, da tecnologia e de toda a força criativa e produtiva do trabalho para o bem comum, para o usufruto do tempo livre como parte de um amplo movimento de desalienação social que nos permita nos apropriarmos do produto do nosso trabalho, do nosso processo de trabalho, numa relação mais harmônica com a natureza e que nos permita desenvolver plenamente as nossas possibilidades humanas”. Ver em: [Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bambirra](#).

³⁴⁵ Nas palavras de Nadia, em carta para um evento de homenagem à sua mãe: “*Ela nunca se rendeu à ideia de ter que cooperar com aquilo que não acreditava, em nome de qualquer acordo ou interesse, seja de ordem política ou pessoal. Sempre foi radical com seus princípios e acredito que isso a isolou. Vivi com ela os últimos quinze anos e a vi ser isolada paulatinamente. Sempre atribuí isso ao fato dela ser autêntica, já que a maioria daqueles jovens radicais que conheci na infância se tornaram fantoches de jogos políticos em nome de votos e afins. Ela se dizia uma dinossaura”.* Ver em: [Homenagem a Vania Bambirra](#).

³⁴⁶ Contribui Saffioti (1976, p. 26): “A maternidade não pode, pois, ser encarada como uma carga exclusiva das mulheres. Estando a sociedade interessada no nascimento e socialização de novas gerações como uma condição de sua própria sobrevivência, é ela que deve pagar pelo menos parte do preço da maternidade, ou seja, encontrar soluções satisfatórias para os problemas de natureza profissional que a maternidade cria para as mulheres”.

ser superada³⁴⁷), combateu fortemente o feminismo que se sustentava no contraponto ‘mulher x homem’ (uma visão extremamente conservadora e inadequada) e pautou a politização da mulher, gerando, assim, “[...] o verdadeiro poder de combater aquele que é o sustentáculo e o beneficiário do sexismo: o sistema capitalista monopolista (DAVIS, 2016, p. 227) e, como afirmado pela própria Vânia em 2013, “[...] *a minha obra sempre foi [...] muito militante, eu nunca escrevi nenhuma página que não tivesse o objetivo de ajudar a transformar, a mudar, a realidade do continente, [...] da América Latina e a realidade do Brasil em particular*”³⁴⁸.

Abrimos um parêntese para deixar demarcado que, sabendo da existência de vários feminismos e vários movimentos de libertação da mulher, podemos e devemos participar da construção do que realmente se direciona à nossa emancipação, um feminismo popular e abrangente. Como apontam Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 13 e 54),

[...] vivemos nos últimos anos uma nova primavera feminista, que exige que a gente se debruce sobre os rumos da nossa luta. Com quais mulheres os feminismos diversos dialogam? Que mulheres estão convencidas sobre a importância do feminismo? De que mulheres tratam os feminismos? Quais mulheres seguem ainda guetificadas e marginalizadas nos feminismos? [...] e nada que mereça o nome de “liberação das mulheres” pode ser alcançado em uma sociedade racista, imperialista. Ao mesmo tempo, compreendemos que a raiz do problema é o capitalismo, do qual o racismo e o imperialismo são parte integrante. Esse sistema social que se orgulha do “trabalho livre” e do “contrato salarial” só pôde ter início devido à violenta pilhagem colonial e à “caça comercial de peles negras” na África, seu recrutamento forçado para a escravidão no “Novo Mundo” e a expropriação de povos indígenas .

Ressaltamos, assim, que os homens não são nossos inimigos³⁴⁹, e as mulheres brancas não são inimigas das não brancas, no entanto, o que urge ser pautado é que, (sobre)vivendo numa sociedade que é estruturalmente patriarcal³⁵⁰ e racista, não ocupamos os mesmos lugares e não somos atravessados pelas mesmas questões, o que significa pautar o debate das classes sociais considerando e partindo de tais determinantes. Ademais, deve-se considerar e reconhecer os limites que eram impostos à autora e aos seus companheiros naquele tempo:

³⁴⁷ “O feminismo para os 99% é um feminismo anticapitalista inquieto – que não pode nunca se satisfazer com equivalência, até que tenhamos igualdade; nunca satisfeito com direitos legais, até que tenhamos justiça; e nunca satisfeito com a democracia, até que a liberdade individual seja ajustada na base da liberdade para todas as pessoas” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 85).

³⁴⁸ Entrevista para o Pensamento Próprio, do IELA. Ver em [Vânia Bambirra: intelectual e militante](#).

³⁴⁹ “Aqueles que contestam o feminismo e seus progressos com argumentos sentimentais e tradicionalistas pretendem que a mulher seja educada apenas para o lar. Mas, isto quer dizer, praticamente, que a mulher deve ser educada apenas para as funções de mulher e de mãe. A defesa poética do lar é, na realidade, uma defesa da servidão da mulher. Ao invés de enobrecer e dignificar o papel da mulher, o diminui e o rebaixa. A mulher é algo mais que uma mãe e uma fêmea, assim como o homem é algo mais que um macho” (MARIÁTEGUI, 1924, s.p.).

³⁵⁰ “De modo mais geral, o homem foi, dentro do patriarcalismo brasileiro, o elemento móvel, militante e renovador; a mulher, o conservador, o estável, o de ordem. O homem, o elemento de imaginação mais criadora e de contatos mais diversos e, portanto, mais inventor, mais diferenciador, mais perturbador da rotina. A mulher, o elemento mais realista e integralizador” (FREYRE, 1961, p. 102 apud SAFFIOTI, 1976, p. 94).

como mencionado, a partir das ditaduras houve perda de, além de companheiros e amigos, bibliotecas e suas produções teóricas, era um outro modo e condições de se produzir conhecimento teórico e político; não havia as facilidades das quais podemos usufruir hoje: *word*, livros em PDF, *Google*... mesmo exilados, produziram amplamente e viveram experiências intelectuais riquíssimas³⁵¹.

Ousamos afirmar que cumprimos, dentro das nossas condições, o que nos propusemos, em conformidade com o que aponta Prado (2011, p. 160):

Tarefa fundamental é resgatar seu pensamento hoje a partir de uma leitura sempre crítica e também prospectiva, ou seja, tomando seus pontos valiosos e superando os traços enraizados em seu contexto. Para isso é preciso agir como escritor, ter algo de detetive, buscar essas referências escondidas, ler e estudar suas obras, que, apesar de silenciadas ou *ninguneadas* pelo pensamento estabelecido, teimam em voltar à tona, chamadas pela própria realidade.

A **hipótese** de que “a autora aborda a questão da mulher a partir da teoria social crítica e, portanto, compreende que é pressuposto para a emancipação da mulher a transformação societária, ou seja, a superação do capitalismo e, no contexto da luta de classes, a mulher assume um lugar de protagonismo” foi comprovada pela análise dos vários textos onde Vânia, guiada por Marx, Lênin e pelas próprias vivências enquanto lutadora social, reivindica a mulher como uma força revolucionária que era potente para a transição socialista, porém, ignorada e secundarizada pela esquerda latino-americana.

O **objetivo geral** de “compreender como a questão da mulher aparece e é abordada na obra de Vânia Bambirra” foi contemplado, e, vale dizer, não é uma tarefa somente para este trabalho, que fica como uma iniciativa que pode - e deve - receber contribuições futuras de forma coletiva. Os **objetivos específicos** também foram contemplados: “aprofundar o conhecimento acerca da vida e obra de Vânia Bambirra” no capítulo 2, “reconhecer os fundamentos da Teoria Marxista da Dependência nas formulações de Vânia Bambirra acerca da mulher” - o que explica o resgate feito no capítulo 1 -, “refletir sobre o contexto das lutas de classe e o papel protagônico das mulheres na obra de Vânia Bambirra” no capítulo 3, e “contribuir com a difusão das ideias e da obra da autora”, o que foi dedicado no trabalho

³⁵¹ Bambirra, em 2012, declarou: “*Eu fiquei 15 anos no exílio. Claro, o Darcy dizia, a gente tá comendo o caviar do exílio. Tá, a gente foi muito bem tratado, muito bem recebido no exílio. Eu nunca fui tão bem recebida na minha vida como no México, entende? Poxa, a gente era bem tratado, nós chegamos no México, podia escolher a faculdade que a gente queria trabalhar, todas tavam com as portas abertas pra nós, entende? Mas o Brasil era o Brasil, aqui era a terra da gente. Aqui tinha a luta da gente. Então, pô, ficar 15 anos fora por causa desses danados desses milicos, não vale. Isso não é direito, né?*”. Ver em: [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

como um todo e que foi e é reivindicado pela filha de Vânia: *“tenho certeza que a História vai entender o valor dessa mulher e de seu pensamento”*³⁵².

Sendo assim, fica em evidência a importância da realização desse estudo para a pesquisa, para o Serviço Social, para pensar a realidade brasileira e para uma formação com um real e forte embasamento teórico-crítico que subsidie uma atuação profissional crítica enquanto assistente social, especialmente junto às mulheres da classe trabalhadora, o nosso público majoritário. Por exemplo, no caso de atuar em algum Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) ou Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS), a abordagem não será orientada por cartilhas do Ministério de Desenvolvimento Social (MDS) ou das estruturas de governo, mas sim, pelo que escreveu Vânia, juntamente com as colaborações de outras referências abordadas no trabalho, enxergando essas mulheres a partir da referência classista e seus determinantes em um contexto de capitalismo dependente, ou seja, como pessoas atravessadas por relações étnico-raciais, territoriais, políticas e afetivas, tendo em mente que

[...] nem a classe trabalhadora nem a humanidade são uma entidade indiferenciada, homogênea, e que a universalidade não pode ser alcançada ignorando-se suas diferenças internas. Hoje ainda pagamos o preço por esses lapsos políticos e intelectuais. Enquanto neoliberais celebram com cinismo a “diversidade” a fim de embelezar as predações do capital, muitas alas da esquerda ainda recorrem à velha fórmula que defende que o que nos une é uma noção abstrata e homogênea de classe e que o feminismo e o antirracismo só podem nos dividir. [...] a proliferação de lutas fragmentárias não engendrará os tipos de aliança robustos, de ampla base, necessários para transformar a sociedade. Entretanto, essas alianças se tornarão impossíveis se não conseguirmos levar nossas diferenças a sério. Longe de propor apagá-las ou banalizá-las, [...] lutemos contra o uso de nossas diferenças como armas pelo capitalismo (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 84-85).

Destacamos que há uma tarefa em aberto de “[...] sopesar as sínteses que nos legou Bambera à luz das profundas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais em curso na atualidade a fim de dar prosseguimento a seu programa de investigação” (FERREIRA, 2017, p. 17), se apropriando, assim, da TMD a fim de se fazer avançar o pensamento crítico, buscando novos horizontes de atuação efetiva, empenhada por pensadores como Jaime Osório, Carlos Eduardo Martins, Roberta Traspadini, Carla Ferreira, Mathias Luce, Claudia Wasserman, Kathiuga Bertollo, Fernando Correa Prado, Cristiane Souza Sabino, à qual nós, estudantes que estamos iniciando nossa trajetória, nos somamos.

Por fim, esse trabalho - que consideramos não convencional pela sua extensão, temática abordada e processo de pesquisa - além do reconhecimento e da reivindicação da

³⁵² Ver em: [Homenagem a Vania Bambera](#).

importância da leitura e incorporação para a vida de Vânia Bambirra e de autores como Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Heleieth Saffioti, é resultante e expressão do *amor* pela leitura, pela educação, pelo compartilhamento de conhecimentos, pelo Brasil, pela América Latina; que implica naturalmente o *ódio* - que serve como potência transformadora, que aqui é totalmente liberto e desvinculado da culpa cristã - pelo Bolsonaro com seu desgoverno e aliados, pela fome, pela miséria, pelo desmonte da educação, pelo fascismo, racismo, machismo, homofobia, transfobia, intolerância religiosa, tudo isso coroado pela força que vem daquela que *endureceu sem perder a ternura*: Vânia, um combustível no sentido de transformação, coragem, luta, resistência e, acima de tudo, esperança, pois, como dito pela própria, “*a gente que é revolucionária continua sempre sendo uma otimista irreversível*”³⁵³.

Vânia Bambirra, presente!

³⁵³ Ver em [Vânia Bambirra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano"](#).

REFERÊNCIAS

OBRA DE VÂNIA BAMBIRRA

BAMBIRRA, Vânia. A literatura social de Jorge Amado. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_11/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

_____. Anotações sobre a concepção estratégica do PDT. 1991. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/pdt_08/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

_____. A propósito del “año Internacional de la Mujer”. 1975. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/mujer_03/>. Acesso em: 25 maio 2021.

_____. A responsabilidade do indivíduo diante da história. S.d. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_04/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. A Revolução Cubana: uma reinterpretação. Centelha: Portugal, 1975. 313 p. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/08/RevcubEdPortuguesa.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

_____. A Revolução Industrial como um processo. S.d. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_08/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. A teoria marxista da transição e a prática socialista. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993. 309 p. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/A-teoria-marxista-da-transi%C3%A7%C3%A3o-e-a-pr%C3%A1tica-socialista-1992.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2021.

_____. Capitalismo dependente Latino-americano e sua Teoria Crítica: uma tentativa preliminar de balanço. Conferência. Rio de Janeiro. Junho de 1986. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_15/#easy-footnote-4-361>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Capital Monopolista. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_17/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

_____. Carta aberta ao Presidente John F. Kennedy. 1961. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_09/>. Acesso em: 03 fev. 2021.

_____. Ciencia Social y Perspectiva Latinoamericana. México: ago. 1976. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/rev_08/>. Acesso em: 14 maio 2021.

_____. Comentário a Margaret Benston. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/mujer_08/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

_____. Comentário sobre “O Príncipe”, de Maquiavel. 1961. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_06/#easy-footnote-1-778>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Conceito marxista de mudança social em Mao Tsé-Tung. 1960. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_03/>. Acesso em 18 abr. 2021.

_____. Conjuntura Nacional. FHC: Perda de popularidade ou de credibilidade? Brasília, 28 maio 1997. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/pdt_16/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

_____. Cuba: 20 anos de cultura. Editora Hucitec: São Paulo, 1983. 123 p. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/Cuba.-20-anos-de-cultura-1983.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

_____. Discurso de Formatura. 1962. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_10/>. Acesso em: 04 fev. 2021.

_____. Dieci anni di insurrezione in America Latina. Mazzotta Editore: Itália, 1971. 59 p. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/07/diecianni.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

_____. Diez años de insurrección en América Latina. Prensa Latinoamericana, 1971. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/Vania-Bambirra-Diez-anos-insurreccion-en-America-Latina.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

_____. Dívida Externa. Palestra. Rio de Janeiro. 24 set. 1987. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_01/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Êxodo Rural e Êxodo Urbano: A luta pela Reforma Agrária no Brasil. jan. 1997. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_04/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Favelas e Movimentos de Favelados do Rio de Janeiro. Política e Administração. nº 2. Rio de Janeiro, jul-set. 1985. p. 239-253. **Memorial Arquivo Vânia Bamberra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/08/Vania_favelasemovsoc.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2021.

_____. Greve estudantil: fracasso. De quem é a culpa? Jornal FACE - Órgão do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, Ano X, set. 1962, p. 8. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_12/#easy-footnote-1-1028>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Integración Monopólica Mundial e Industrialización: sus contradicciones. Sociedad y Desarrollo. jan-mar. 1972. p. 53-80. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/06/dep_01.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.

_____. Liberación de la mujer y lucha de clases. Liberación de la mujer: una tarea de hoy. Punto Final, 15 fev. 1972, nº 151. p. 10-15. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/06/mujer_02.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.

_____. La Mujer Chilena en la transición al socialismo. Punto Final: 22 jun. 1971. p. 01-08. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/06/mujer_01.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.

_____. La Politización de la Mujer. Una batalla que está por darse. Revista Chile Hoy, n. 10, ago.1972. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/mujer_01b/>. Acesso em: 25 maio 2021.

_____. La Revolución Cubana: una reinterpretación. Editorial Nuestro Tiempo, 1971. 2ª ed. México, 1974. 173 p. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/La-Revoluci%C3%B3n-Cubana.-Una-reinterpretaci%C3%B3n.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

_____. La revolución cultural y el marxismo. Estudios Internacionales, s.d., p. 406-416. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/07/revcult1968.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2021.

_____. La táctica de Lenin en la revolución rusa. Cuadernos Políticos, número 14, México, D.F., editorial Era, octubre-diciembre de 1977, pp. 104-113. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/07/vaniatacticalen.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2021.

_____. La teoría del socialismo en los clásicos. Karl Marx, Federico Engles y Vladimir Ilich Lenin. México, 1988. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/La-teor%C3%ADa-del-socialismo-en-los-cl%C3%A1sicos.-Karl-Marx-Federico-Engels-y-Vladimir-Ilich-Lenin-1988.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

_____. Los Errores de la Teoría del “Foco”. In: Debray y La Revolución Latinoamericana. 2º Ed. Latinoamérica Hoy, 1967. p. 26-42. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/07/los-errores-de-la-teoria-del-foco.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2021.

[content/uploads/2016/01/Los-errores-de-la-teor%C3%ADa-del-foco.pdf](#)>. Acesso em: 04 fev. 2021.

_____. **Memorial Acadêmico**. 1991. 101 p. Disponível em: https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_05/>. Acesso em: 23 jan. 2021.

_____. Nafta: a nova era da Dependência. Chasqui Latino-Americano, Rio de Janeiro, out. 1992, p. 8-10. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/memorial-abril-1991.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Neuza Brizola. 1993. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/pdt_14/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

_____. Novo impulso para o movimento estudantil. **Revista Política Operária**, nº 4, Ano I, out. 1962, p. 12-14. Disponível em: <http://centrovictormeyer.org.br/wp-content/uploads/2014/01/Revista-Politica-Operaria-Nr.-4.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2021.

_____. **O capitalismo dependente latino-americano**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2013. Disponível em: <https://www.efopvaniabambirra.com.br/biblioteca2>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

_____. O Estado no Brasil: de João Goulart a João Figueiredo. **Terra Firme**. Ano 1, nº 1, out-dez. 1985. p. 09-22. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/07/estadogoulartafig.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

_____. O PDT e a Reforma Agrária. 1996. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/pdt_15/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

_____. O problema da técnica nos países subdesenvolvidos. S.d. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_05/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Os cinco anos de Cuba. jan. 1964. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/Jornal-Pol%C3%ADtica-Oper%C3%A1ria-Os-cinco-anos-de-Cuba.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Os programas dos Partidos Políticos no Brasil: uma análise comparativa. Belo Horizonte: 1981. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/ProgramasPartidosPol%C3%ADticosBrasil-1981.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____. Partido Comunista: Reforma ou Revolução? Punto Final. Chile: 11 nov. 1969. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/07/glauris1969.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

_____. Problemas e perspectivas do socialismo no Brasil. Conferência. Florianópolis-UFSC. 21 set. 1984. Publicada em Cadernos de Economia, Centro Acadêmico Livre de Economia/CALE, n. 1., Florianópolis, fev. 1985. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_07/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Programa da disciplina História Social e Política da América Latina. 1990. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/cursos_17/>. Acesso em: 13 maio 2021.

_____. Prólogo. In: Diez años de insurrección en América Latina. Prensa Latinoamericana, 1971. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/Prologo-Diez-anos-insurreccion-1.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

_____. Proyecciones de la Revolución Cubana en América Latina. Comentário. Fonte: Arquivo Vânia Bambirra. Datilog. (Participação na mesa-redonda Proyección Continental de la Revolución Cubana. 01 dez. 1975, Facultad de Ciencias Políticas da UNAM). **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/rev_07/>. Acesso em: 14 maio 2021.

_____. Prólogo a Marxismo e Teologia da Libertação, de Luigi Bordin. 1986. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_19/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Reflexão sociológica sobre a participação política de nossa geração. 1960. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/juv_02/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Revolución Democrática y Revolución Socialista (Revolución Mexicana y Revolución Cubana). Chile, 1974. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/rev_04/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

_____. Ruy Mauro Marini: meu melhor amigo! Rio de Janeiro, 15 maio 2005. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_a1/>. Acesso em: 04 maio 2021.

_____. Sobre La Problemática De La Mujer Mexicana (Guión Revisado). **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/mujer_06/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

_____. Socialismo y comunismo en Marx y Engels. Controversia. México: maio-jul. 1977. p. 56-70. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/08/Vania_socycomuME.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.

_____. Socialismo e Terceiro Mundo (Partes I e II). Conferência. Rio de Janeiro. 29 jul. 1985. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outros-escritos/conferencias-outros-artigos-e-entrevistas/outrosescritos_02/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Teoría de la dependencia: una anticrítica. Ediciones Era: México, 1978. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/Teor%C3%ADa-de-la-dependencia.-Una-anticr%C3%ADtica-1978.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BAMBIRRA, Vânia; SANTOS, Theotonio dos. Brasil: nacionalismo, populismo e ditadura: 50 anos de crise social. p. 100-153. In: América Latina: história de meio século. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/08/histmeioseculo.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2021.

BAMBIRRA, Vânia; SANTOS, Theotonio dos. La Estrategia y La Tática Socialistas - De Marx y Engels a Lenin. Tomo 2. El hombre y su tiempo. México: 1981. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/La-estrategia-y-la-t%C3%A1ctica-en-Lenin-1981.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2021.

Cursos, projetos e relatórios de pesquisa. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outros-escritos/cursos-projetos-e-relatorios-de-pesquisa/>>. Acesso em: 13 maio 2021.

Desafios para a esquerda na América Latina - Novembro de 2012. **Memorial-Arquivo Vânia Bambirra.** 09 maio 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zEC9WQYPe9c>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

DIAZ, Amanda; KRISCHKE, Magali. The Situation of Latin American Women - Interview with Vania Bambirra. Two Thirds. out. 1978. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/06/mujer_04.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

FELIPE, Carlos; COCENZA, Antônio. Em Minas, mulher fala por homem. Jornal Binômio, 1962. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/07/binomio1962.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

Homenagem a Vânia Bambirra. **NECAD TMD.** 20 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gS8I8jZHmCo&ab_channel=NECADTMD>. Acesso em: 11 mar. 2021.

Memorial-Arquivo Vânia Bambirra - intervenção pessoal (ponencia) no Foro de São Paulo, Havana 1993. **HEDLA UFRGS.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y1YzOnYG9vg&ab_channel=HEDLAUFRGS>. Acesso em: 17 mar. 2021.

Movimento de Mulheres Trabalhistas do PDT de Belo Horizonte. As reivindicações específicas da mulher. O Trabalho e a Mulher: Um programa de lutas. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2019/07/pdtmulheres1982.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

GERAL

“E eu não sou uma mulher?”. **Alma Preta Jornalismo Preto e Livre**, 01 jul 2021. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/cotidiano/e-eu-nao-sou-uma-mulher>>. Acesso em: 24 set. 2021.

4 pontos para entender os protestos no Chile. **BBC News Brasil**, 21 out 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50130830>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

ABEPSS. **Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racial na formação em Serviço Social**. Vitória, dez. 2018. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio_debate_uestao_etnico_servico_social-201812041419427146430.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

Acerca del ILPES. **CEPAL**. Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/acerca-del-ilpes>>. Acesso em 05 fev. 2021.

A chocante história das mulheres esterilizadas contra a vontade nos EUA. **BBC News Brasil**, 29 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47026675>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. 264 p.

ALVES, Lucas Aredes. **Determinações históricas e socioculturais da universidade e da extensão universitária brasileira e problemas contemporâneos**. 2021. 142 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3391/6/MONOGRAFIA_Determina%c3%a7%c3%b5esHist%c3%b3ricasSocioculturais.pdf>. Acesso em: 28 set. 2021.

ANGELICA, Esmeralda. Bolsa estupro: entenda projeto de lei e impacto em aborto legal. **Nós mulheres da periferia**, 08 abr. 2021. Disponível em: <<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/bolsa-estupro/>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. tradução Heci Regina Candiani. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019. recurso digital. Disponível em: <<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/04/Feminismo-para-os-99-um-manif-Cinzia-Arruzza.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

A vós - Jaffar Bampirra. **RedhBrasil**, 4 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O0QVSuHL25k&ab_channel=RedhBrasil>. Acesso em: 08 maio 2021.

Banco Mundial. 2018. Afrodescendentes na América Latina: Rumo a um Marco de Inclusão. Washington, DC: World Bank. **DGM Brasil**. Disponível em: <https://dgmbrasil.org.br/media/publicacoes/Relatorio_Port_JH4BjdV.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Benedita: empregada doméstica, pouco a comemorar e muito pelo que lutar. **PT**, 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://pt.org.br/benedita-empregada-domestica-pouco-a-comemorar-e-muito-pelo-que-lutar/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

BERKINS, Lohana. O Direito Absoluto Sobre os Nossos Corpos. *Revista América Livre*, 18 dez. 2000, Edição digital. **Marxists**, 20 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/berkins/2000/12/18.htm#topp>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BERTOLLO, Kathiúça. A mineração extrativista em Minas Gerais: “ai, antes fosse mais leve a carga”. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 459-469, set./dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/79502/47367>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BOTTOMORE, Tom (org). **Dicionário do pensamento marxista**. R. J: Zahar, 2013. 705 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2543654/mod_resource/content/2/Bottomore_dicion%C3%A1rio_pensamento_marxista.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. **Ato do Comando Supremo da Revolução nº 1, de 10 de Abril De 1964**. Ato nº 1 - Suspende Direitos Políticos. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/atocsr/1960-1969/atodocomandosupremodarevolucao-1-10-abril-1964-364826-publicacaooriginal-1-csr.html>>. Acesso em: 13 out. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm>. Acesso em: 01 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 6.683, de 28 de Agosto de 1979**. Concede Anistia e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16683.htm>. Acesso em: 04 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.263, de 12 de Janeiro de 1996**. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19263.htm>. Acesso em: 01 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de Março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm>. Acesso em: 01 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.134, de 16 de Junho de 2015**. Altera as Leis nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego e o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nº 10.779, de 25 de novembro de 2003, que dispõe sobre o seguro-desemprego para o pescador artesanal, e nº 8.213, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência Social; revoga dispositivos da Lei nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, e as Leis nº 7.859, de 25 de outubro de 1989, e no 8.900, de 30 de junho de 1994; e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13134.htm#art1>. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2757/2021**. Altera a Lei nº 8213/1991, de 24 de julho de 1991 para dispor sobre a aposentadoria por cuidados maternos. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node01b90i2wrbrmsinr74irif7z4f2518748.node0?codteor=2054102&filename=PL+2757/2021>. Acesso em: 22 nov. 2021.

BRUCKMANN, Mónica. Prólogo a la antología de Theotonio dos Santos. **Revista Desenvolvimento e Civilização**, v.1, nº2, p. 66-101, jul-dez. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdciv/article/view/56730/36401>>. Acesso em: 25 out. 2021.

CAITANO, Simone Cristina. **Genocídio da juventude negra brasileira: um olhar crítico sobre o valor da vida**. 2018. 77 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018. Disponível em: <[https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/1534/6/MONOGRAFIA_Genoc%
%addioJuventudeNegra.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/1534/6/MONOGRAFIA_Genoc%c3%a0JuventudeNegra.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2021.

Câmara do Chile aprova descriminalização do aborto até 14 semanas. **CNN**, 28 set. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/camara-do-chile-aprova-descriminalizacao-do-aborto-ate-14-semanas/>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CARVALHO, Vitória Latorre de. **A condição histórica e as formas de organização do negro no Brasil: os desafios impostos pelo racismo, do escravismo colonial ao capitalismo dependente**. 2021. 88 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: <[https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3020/6/MONOGRAFIA_Condi%
%a7%c3%a3oHist%c3%b3ricaFormas.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3020/6/MONOGRAFIA_Condi%
%a7%c3%a3oHist%c3%b3ricaFormas.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2021.

CEBRAP. Institucional. Disponível em: <<https://cebrap.org.br/institucional/>>. Acesso em: 09 out. 2021.

CFESS. Dia Latino-Americano e Caribenho pela Descriminalização e Legalização do Aborto. **CFESS Manifesta**, Brasília, 28 set. 2020. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/2020-CfessManifesta-legalizaAborto.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

Chile elimina lei que obrigava mulheres a esperar 270 dias para se casar após divórcio. **NSC Total**, 02 set. 2020. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/chile-elimina-lei-que-obrigava-mulheres-a-esperar-270-dias-para-se-casar-apos-divorcio>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

Claudia Wasserman - A corrente radical da Teoria da Dependência (UFRGS, 5/12/12). **HEDLA UFRGS**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUEZCEd79KI&ab_channel=HEDLAUFRGS>. Acesso em:

Coletânea de 80 volumes traz, em língua portuguesa, os clássicos do pensamento latino-americano, incluindo autores nacionais nunca editados em português. **IELA**. Disponível em: <<https://iela.ufsc.br/colecao-patria-grande>>. Acesso em: 24 maio 2021.

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). **Afrodescendentes e a matriz da desigualdade social na América Latina: desafios para a inclusão. Síntese**. Santiago, 2021, 53 p. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46872/1/S2000930_pt.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2021.

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). **Mulheres afrodescendentes na América Latina e no Caribe: Dívidas de igualdade**. Santiago, 2018, 97 p. Disponível em: <https://www.cepal.org/sites/default/files/publication/files/44171/S1800726_pt.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). **Os Povos Indígenas na América Latina Avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos**. Santiago, 2015, 124 p. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37773/1/S1420764_pt.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2021.

Conferência de Abertura: A trajetória política e intelectual de Vânia Bampirra. **Estado, Direito e Capitalismo Dependente**, 20 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GSLji66NbX8&t=101s&ab_channel=Estado%2CDireitoeCapitalismoDependente>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CRUZ, Eliana Alves. ‘O caso Janaína me lembrou que o Brasil já fez esterilização em massa – com apoio dos EUA’. **The Intercept Brasil**, 18 jul. 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/07/18/laqueaduras-esterilizacao-forcada-mulheres/>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

DAL ROSSO, Sadi; SEABRA, Raphael Lana. A teoria marxista da dependência: papel e lugar das ciências sociais da Universidade de Brasília. **Sociedade e Estado**, v. 31, 2016, p. 1029-1050 Universidade de Brasília Brasília, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3399/339950940010.pdf> . Acesso em: 12 set. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. [recurso eletrônico] tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. 237 p. recurso digital.

DEL VALLE RIVERA, María del Carmen; JASSO VILLAZUL, Sergio Javier. **Obras reunidas de Theotônio Dos Santos**. Instituto de Investigaciones Económicas: UNAM, México, 2015, 1268 p. Disponível em: <<http://ru.iiiec.unam.mx/4086/>>. Acesso em: 26 out. 2021.

Documentário: Ruy Mauro Marini e a dialética da dependência. **Expressão Popular**, 27 maio 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ww4_HoY-UYA&t=566s&ab_channel=Express%C3%A3oPopular>. Acesso em: 20 out. 2021.

DOS SANTOS, Theotônio. **Memorial**. Niterói, RJ: UFF, 1994. 109 p.

ENGELS, F.; MARX, K. **Manifesto do Partido Comunista**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008. Disponível em: <<https://www.expressaopopular.com.br/loja/wp-content/uploads/2020/02/manifesto-comunista-EP.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

ERIKA HILTON | Podcast Lança a Braba #025. **Lança a Braba Podcast**, 07 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ctyu_z0PXS8&ab_channel=Lan%C3%A7aaBrabaPodcast>. Acesso em: 24 set. 2021.

Fernando Correa Prado - A contribuição de Vânia Bambirra ao pensamento crítico latino-americano. **HEDLA UFRGS**, 21 ago. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4kdrNL9xiq4&ab_channel=HEDLAUFRGS>. Acesso em: 17 abr. 2021.

FERREIRA, Carla Cecília C. **Vânia Bambirra, intérprete de Lênin**. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Marx e o marxismo 2017: De O capital à Revolução de Outubro (1867 – 1917) promovido pelo NIEP-Marx, Niterói, agosto de 2017.

FERREIRA, Igor Francisco. **Capitalismo dependente: considerações acerca da categoria superexploração da força de trabalho**. 2019. 81 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2243/9/MONOGRAFIA_Capitalismo_DependenteConsidera%c3%a7%c3%b5es.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

Fundadora do primeiro sindicato de trabalhadoras domésticas do Brasil, Laudelina de Campos Mello lutou por sua categoria durante 70 anos. **Agência Senado**, 27 abr. 2010. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2010/04/27/fundadora-do-primeiro-sindicato-de-trabalhadoras-domesticas-do-brasil-laudelina-de-campos-mello-lutou-por-sua-categoria-durante-70-anos>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019. 400 p.

GONÇALVES, Renata. Heleieth Saffioti. **Marxismo 21**, 08 mar. 2016. Disponível em: <<https://marxismo21.org/heleieth-saffioti-marxismo-genero-e-feminismo/>>. Acesso em: 04 maio 2021.

GONZÁLEZ, Jaime. Investigação revela história secreta de esterilização de latinos nos Estados Unidos. **BBC News Brasil**, 11 jul. 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130711_esterelizacao_secreta_latinos_an>. Acesso em: 27 nov. 2021.

GONZÁLEZ, Jaime. Por que a escravidão foi praticamente apagada da história de Chile e Argentina: 'Aqui não há negros'. **BBC News Brasil**, 19 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48600318>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (orgs). 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 375 p.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo: Revista Ciências Sociais Hoje, 1984, p. 223-244. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%20A9lia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%20A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2021.

GRAZZIOTIN, Karin. O Relatório Secreto de Nikita Krushev – 25 de Fevereiro de 1956. Um divisor de águas na História da URSS. **Revista Relações Internacionais**. Disponível em: <<https://relacoesexteriores.com.br/relatorio-secreto-nikita-krushev-urss/>>. Acesso em: 23 set. 2021.

GUIMARÃES, Sandra. Sobre racialização e as armadilhas coloniais. **Papacapim**, 17 jul . 2020. Disponível em: <<http://www.papacapim.org/2020/07/17/sobre-racializacao-e-as-armadilhas-coloniais/>>. Acesso em: 8 maio 2021.

HAILER, Marcelo. Fim do Bolsa Família deixa milhões de beneficiários na incerteza. **Revista Fórum**, 30 out. 2021. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/fim-bolsa-familia/>>. Acesso em: 30 out. 2021.

International Monetary Fund. **O FMI em um relance**. Disponível em: <<https://www.imf.org/en/About/Factsheets/IMF-at-a-Glance>>. Acesso em: 08 out. 2021.

IPEA. **Situação atual das trabalhadoras domésticas no país**. Comunicados do Ipea, 5 maio 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110505_comunicadoipea90.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

IPEA. **Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil**. Nota Técnica, nº 75, jun. 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10077/1/NT_75_Disoc_Vulnerabilidades%20das%20Trabalhadoras%20Domesticas.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. et al. 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011. 39 p. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_retradodesigualdade_ed4.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

JACQUES, Luiz. Domitila Barrios de Chungara: "uma ícone latino-americana". Entrevista especial com Moema Viezzer. **Nosso futuro roubado**, 28 mar. 2012. Disponível em: <<https://nossofuturoroubado.com.br/domitila-barrios-de-chungara-uma-icone-latino-americana-entrevista-especial-com-moema-viezzer/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

JONAS. Faleceu Domitila Chungara, a mineira que enfrentou as ditaduras. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, 15 mar. 2012. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/03/13/cinco-anos-sem-domitila-chungara-a-lider-do-movimento-de-mulheres-que-impulsionou-a-queda-da-ditadura-boliviana/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Jornal de Casa #71 - O Paraíso Do Paulo Guedes. **Victor Camejo**. 13 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XFhhPwSeVGs&ab_channel=VictorCamejo>. Acesso em: 16 out. 2021.

KRASNIAK, Laís Cristine; et al. Análise do Seguro Popular de Saúde mexicano: uma revisão integrativa da literatura. **Saúde Debate**, Rio De Janeiro, v. 43, n. Especial 5, p. 273-285, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/3NCnCdYJtckWztyZ5ytT8nd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

Lei que cria multa para empresa que paga menos para a mulher vai a sanção. **CNN Brasil**, 01 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/lei-que-cria-multa-para-empresa-que-paga-menos-para-a-mulher-vai-a-sancao/>>. Acesso em: 08 nov. 2021 .

LÊNIN, Vladimir Ilyich. A Contribuição da Mulher na Construção do Socialismo. **Marxists**, 17 out. 2007. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/07/28.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

LÊNIN, Vladimir Ilyich. Cartas de Longe (nº 33). **Marxists**, 13 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/03/20.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

LÊNIN, Vladimir Ilyich. O poder soviético e a situação da mulher. **Marxists**, 19 out. 2007. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/11/06.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LEVINO, José. Domitila Barrios de Chungara: “Sem as mulheres, a revolução fica pela metade”. **A verdade**, 12 maio 2012. Disponível em: <https://averdade.org.br/2012/05/domitila-barrios-de-chungara-sem-mulheres-revolucao-fica-pela-metade/>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Leyes Nacionales. **Parlamericas**. Disponível em: <https://www.parlamericas.org/uploads/documents/Leyes_Nacionales.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2021.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

LUCE, Mathias Seibel. **A teoria do subimperialismo em Ruy Mauro Marini**: contradições do capitalismo dependente e a questão do padrão de reprodução do capital: a História de uma categoria. 2011. 225f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36974/000817628.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2021.

LUCE, Mathias Seibel. Brasil: nova classe média ou novas formas de superexploração da classe trabalhadora? **Debate**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, p. 169-190, jan./abr. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/Bw9kP9zNxqHZFp6DPy87H6t/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

Manifesto contra a nova lei da imigração europeia. **Vermelho**, 28 jul. 2008. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2008/07/28/manifesto-contra-a-nova-lei-da-imigracao-europeia/>>. Acesso em: 17 out. 2021.

Mano Brown faz discurso histórico pra mudar não só a eleição, mas o PT. **SPressoSP**, 24 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kt8LEqgMci4&ab_channel=SPressoSP>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MARIÁTEGUI, José Carlos. As Reivindicações Feministas. Primeira Edição: jornal “Mundial” em 19 dez. 1924, Lima, Peru. **Marxists**, 14 out. 2013. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/mariategui/1924/12/19.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MARINI, Ruy Mauro. A Constituição de 1988. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Ideas_Autores/maurinirm/05br/maurini_brasil00005.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

_____. Dialética da Dependência. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 325-356, dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/24648/15300>>. Acesso em: 12 set. 2021.

_____. **Memória**, 1990. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Ideas_Autores/maurinirm/01sobre/marini_sobre00002.pdf>. Acesso em: 04 out. 2021.

MARTINS, Carlos Eduardo. O Pensamento de Ruy Mauro Marini e sua atualidade para as Ciências Sociais. p. 15-47. In: FILHO, Niemeyer Almeida. (Org). **Desenvolvimento e dependência: cátedra Ruy Mauro Marini**. Brasília: Ipea, 2013. 233 p. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_desenvolvimento_de_dependencia.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021

_____. **O Pensamento Social Latino-Americano e os Desafios do Século XXI**. 2012, 39 p. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-35-encontro/gt-29/gt26-10/1125-o-pensamento-social-latinoamericano-e-suas-contribuicoes-para-as-ciencias-sociais/file>>. Acesso em: 17 out. 2021.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Livro I. O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. 751 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/MARX%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo..pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

MELO, Glayce Kelly Fieno. **Não é só por peitos e coxas: a dignidade da pessoa trans para além do espelho**. 2021. 110 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3255/1/MONOGRRAFIA_N%c3%a3oS%c3%b3Peitos.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.

Ministério da Saúde. Panorama. 04 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/rede-cegonha/panorama/panorama>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

MOREIRA, Jéssica. Conheça Paola Palacios e sua luta pelas mulheres negras no Chile. **Nós mulheres periféricas**, 05 nov. 2020. Disponível em: <<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/conheca-paola-palacios-e-sua-luta-pelas-mulheres-negras-no-chile/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

Morre, aos 81 anos, o economista Theotônio dos Santos. **Vermelho**, 27 fev. 2018. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2018/02/27/morre-aos-81-anos-o-economista-theotonio-dos-santos/>>. Acesso em: 17 out. 2021.

MOURA, Clóvis. **Racismo e luta de classes no Brasil - textos escolhidos de Clóvis Moura**. Editora Terra Sem Amos: Brasil, 2020. 48p. Disponível em: <<https://terrasemamos.files.wordpress.com/2020/11/racismo-e-luta-de-classes-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

_____. Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo. *Afro-Ásia*, n. 14, 1983. **Marxists**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/moura/1980/03/21.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2021.

MST faz homenagem a mulheres lutadoras do povo. **Movimento Sem Terra**, 4 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HqM6ZkSMmXM>>. Acesso em: 28 set. 2021.

NICOLAJ, Vanessa. O legado de Simón Bolívar na América Latina de hoje. **Brasil de Fato**, 18 dez. 2019. <<https://www.brasildefato.com.br/2019/12/18/o-legado-de-simon-bolivar-na-america-latina-de-hoje>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**. Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. CFESS/ABEPSS: 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7ª ed revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 244 p.

Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **UNA SUS**, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

PARADELLA, Rodrigo. Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens. **Agência de notícias IBGE**, 08 mar. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Parágrafo 7 Artigo 226 da Constituição Federal de 1988. **JusBrasil**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644841/paragrafo-7-artigo-226-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

Pensadores da Pátria Grande - Vânia Bambirra. **IELA UFSC**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s5K_MfwpchY&t=12s>. Acesso em 05 mar. 2021.

Perfil #22 - Djonga - Olho de Tigre (Prod. Malive/Slim). **PineappleStormTV**, 25 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0D84LFKiGbo&ab_channel=PineappleStormTV>. Acesso em: 24 nov. 2021.

Por que eu sou candidata a Deputada Federal. **Memorial Arquivo Vânia Bambirra**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/Cartaz-Vania-Dep.-Fed.-1980.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

PRADO, Fernando Correa. Vânia Bambirra e o marxismo crítico latino-americano. **Rebela**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 152-160, jun. 2011. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/2793/2083>>. Acesso em: 29 set. 2021.

PROCÓPIO, André Borges. **Mineração e questão ambiental sob a perspectiva do Jornal A Sirene**. 2021. 200 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3325/6/MONOGRAFIA_Minera%a7%a3oQuest%a3oAmbiental.pdf>. Acesso em: 08 out. 2021.

RAMOS, Ana Carolina Bartolamei; ORSOMARZO, Fernanda. Mesmo que as correntes sejam diferentes, somos todas prisioneiras. **Geledés**, 12 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mesmo-que-as-correntes-sejam-diferentes-somos-todas-prisioneiras/>> Acesso em: 27 nov. 2021.

REINHOLZ, Fabiana. A cada seis horas e meia uma mulher morre no Brasil, vítima da violência de gênero. **Brasil de Fato RS**, 24 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefatores.com.br/2021/11/24/a-cada-seis-horas-e-meia-uma-mulher-morre-no-brasil-vitima-da-violencia-de-genero>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

Resistir Sempre – Ditadura Nunca Mais: 50 Anos do Golpe de 1964. Disponível em: <<https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/10651/1/Revista50AnosDoGolpeComCapa2.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2021.

Revolução técnico-científica questiona capitalismo. **MST**, 8 jan. 2008. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=https://mst.org.br/2008/01/08/revolucao-tecnico-cientifica-questiona-capitalismo/&sa=D&source=docs&ust=1637970568037000&usg=AOvVaw15LK0KYQ2P8TupYGDlt5uG>>. Acesso em: 28 set. 2021.

RIBEIRO, Bruno. Carta de Lisboa: marco do Trabalhismo na redemocratização do Brasil. **PDT**, 16 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.pdt.org.br/index.php/carta-de-lisboa-marco-do-trabalhismo-na-redemocratizacao-do-brasil/>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

RODRIGUES, Henrique. Argentina: Cuidar dos filhos é considerado trabalho e contará para aposentadoria. **Revista Fórum**, 20 jul. 2021. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/argentina-cuidar-filhos-trabalho-aposentadoria/>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

Ruy Mauro Marini Escritos. Disponível em: <<http://www.marini-escritos.unam.mx/index.html>>. Acesso em: 04 out. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4300331/mod_resource/content/1/SAFFIOTI%20%20Heleieth.%20A%20mulher%20na%20sociedade%20de%20classes.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.

SCHUQUEL, Thayná. As declarações infelizes de Paulo Guedes. **Metrópoles.** Disponível em: <<https://www.metropoles.com/webstories/as-declaracoes-infelizes-de-paulo-guedes>>. Acesso em: 18 set. 2021.

SANTOS, Alice Maria Gomes. **Exploração como padrão de adoecimento: os novos processos de trabalho e o sofrimento da trabalhadora e do trabalhador no Brasil.** 2021. 56 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: <<https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/3397>>. Acesso em: 28 out. 2021.

SANTOS, Adilson Pereira dos. **Políticas de ação afirmativa, novo ingrediente na luta pela democratização do ensino superior: a experiência da Universidade Federal de Ouro Preto.** 2011. 261 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2011. Disponível em: <<https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/10121/1/dissertacao%20Adilson.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

SEABRA, Raphael Lana. Do dependentismo à teoria marxista da dependência: uma síntese crítica desta transição. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 1, p. 261-283, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/23918/21750>>. Acesso em: 06 set. 2021.

Seminários de EPM - A ideologia do desenvolvimento e a controvérsia da dependência | Fernando Prado. **PPG-EPM UFABC.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vcDN2GoRTYw>>. Acesso em: 13 out. 2021.

SIQUEIRA, Sandra Maria M. A análise de Vânia Bambilra acerca da opressão das mulheres latino-americanas. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 99-113, abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/36655/21817>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SIQUEIRA, Sandra Maria M. **O marxismo e o combate à opressão das mulheres.** Salvador: LeMarx/FACED/UFBA, 2019. 165 p. Disponível em: <<http://www.lemarx.faced.ufba.br/arquivo/marxismoecombateopressoesmulheres.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2021. Salvador, 2019.

Sobre a CEPAL. **CEPAL.** Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/cepal-0>>. Acesso em 05 fev. 2021.

TAVARES, Elaine. Vânia Bambilra, presente. **IELA UFSC**, 10 dez. 2015. Disponível em: <<https://iela.ufsc.br/noticia/vania-bambilra-presente>>. Acesso em: 24 maio 2021.

The World Bank. **O Banco Mundial no Brasil**. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/country/brazil>>. Acesso em: 08 out. 2021.

The World Bank. **O que nós fazemos**. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/what-we-do>>. Acesso em: 08 out. 2021.

The World Bank. **Um Grupo do Banco Mundial: Uma Visão Geral da Estratégia do Grupo do Banco Mundial**. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/16093>>. Acesso em: 08 out. 2021.

Universidade de Brasília. **História**. Disponível em: <<https://www.unb.br/a-unb/historia>>. Acesso em: 04 out. 2021.

Universidade de Brasília. **Invasões históricas**. Disponível em: <<https://www.unb.br/a-unb/historia/633-invasoes-historicas?menu=423>>. Acesso em: 13 out. 2021.

Vânia Bambilra: 80 anos. **Marxismo 21**. 31 dez. 2020. Disponível em: <<https://marxismo21.org/vania-bambilra-80-anos-1940-2015/>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

Vânia Bambilra e a Teoria Marxista da Dependência, live com Carla Ferreira. **Casa Rosa Luxemburgo**, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O3tScOk1sj8&t=503s&ab_channel=CasaRosaLuxemburgo>. Acesso em: 26 maio 2021.

Vânia Bambilra: intelectual e militante. **IELA UFSC**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9fsZ6AIRtS8&t=5s>>. Acesso em 05 mar. 2021.

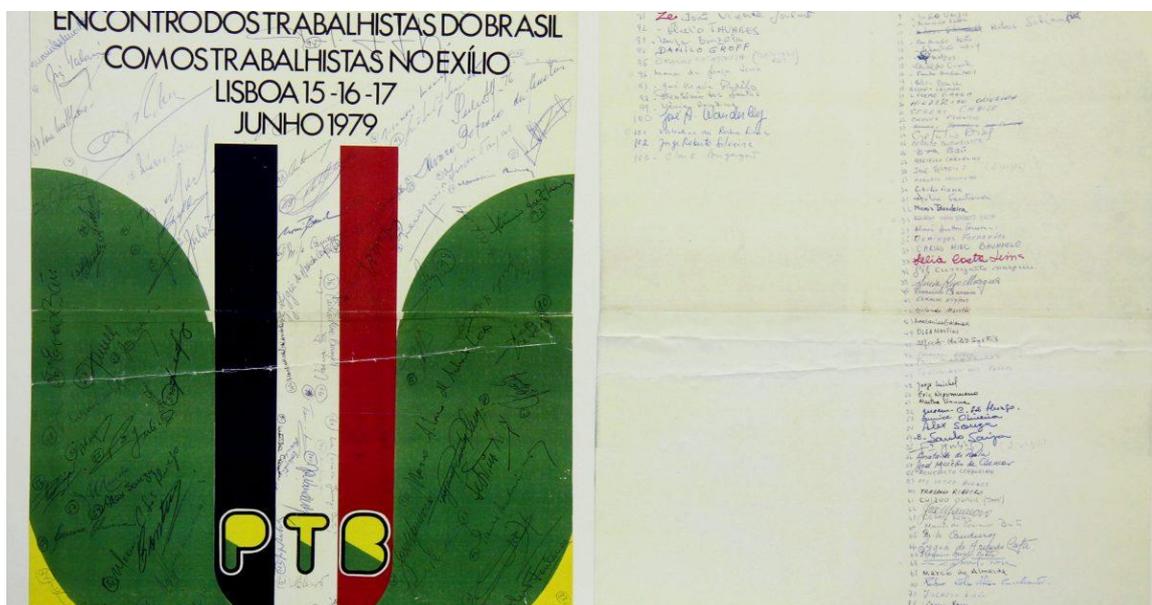
Vânia Bambilra - O papel do Brasil na integração latino-americana. **IELA UFSC**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J9Dpw6vitP4&ab_channel=Ielaufsc>. Acesso em: 03 abr. 2021.

Vânia Bambilra - Os 40 Anos de "O Capitalismo Dependente Latino-Americano" (UFRGS, 5/12/12). **HEDLA UFRGS**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dG_uUcrBL2M&ab_channel=HEDLAUFRGS>. Acesso em: 26 mar. 2021.

WASSERMAN, Claudia. **A teoria da dependência: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2017. v. 1. 161 p.

WASSERMAN, Claudia. Transição ao socialismo e transição democrática: exilados brasileiros no Chile. **História Unisinos**. v. 16 n. 1, p. 82-92, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2012.161.07/833>>. Acesso em: 29 set. 2021.

ANEXO B - assinaturas dos participantes do Encontro de Lisboa de 1979 (Vânia e Theotônio no centro)



Fonte: site do PDT.

ANEXO C - Cartaz de candidatura a Deputada Federal - 1982

Para Deputada Federal
VÂNIA BAMBIRRA

PDT



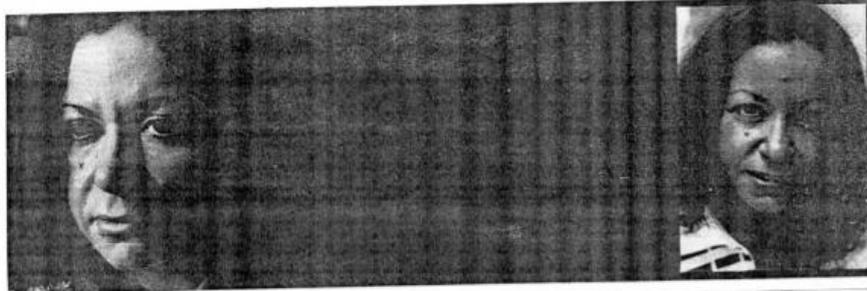
MENSAGEM DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CHEFE DA CASA CIVIL DO PRESIDENTE JOÃO GOULART:

"Querida amiga. Querido amigo.
Tenho um pedido que fazer a você. Peço de coração, que vote por mim em VÂNIA BAMBIRRA. Eleita deputada federal pelo meu partido, o PDT, ela será nosso orgulho. Não conheço ninguém tão capaz de representar a mulher brasileira e de defender os direitos das crianças."

Darcy Ribeiro

Fonte: Memorial Arquivo Vânia Bambirra.

The Situation of Latin American Women - Interview with Vania Bambirra



by Amanda Díaz and Magali Krischke October 1978

Vania Bambirra is a Brazilian-born researcher. After the coup d'état overthrowing the government of Joao Goulart in Brazil, Vania went to live in Chile, where she became involved in interesting and important academic and political activities. She worked for several years at CESO (Centre for Social Studies), affiliated with the University of Chile. In that institution, she carried out important research, writing several articles on women in the journal *Punto Final*. Other articles related to Latin America were written by Vania under the pseudonym Clea Silva. Among her works, which form a strong contribution to the study of dependency in Latin America, the following books can be cited: *La Revolución Cubana: una reinterpretación*; (Mexico); *El Capitalismo Dependiente Latino Americano* (Siglo XXI, Mexico: 1974); *Teoría de la Dependencia. Una anticitica* (Ediciones Era, Mexico: 1978).

At present, Vania lives and works in Mexico (like many other researchers from Latin America, she has had to request political asylum after the Chilean coup d'état in 1973) at the Universidad Autónoma de México, Departamento de Economía.

Two Thirds: We would like to focus our conversation on the situation of women over the last ten or fifteen years, but before that, Vania, we would like you to give us an idea of your own work and experience in the field of Latin American Women's Studies.

Vania Bambirra: I acquired my first experience in Belo Horizonte, Minas Gerais, in Brazil, while I was a student, with the "favelados" movement, which at that time had a tremendous political importance. As you know, the "favelados" are shanty town inhabitants. I was working with both men and women, and the women showed a very great militant attitude. My second experience was with women, in the organization of the first Peasant League in Tres Marias, Minas Gerais. During my stay in Chile, I had very few contacts with popular sectors; I dealt mainly with University people. I wrote a couple of articles on the situation of the Chilean

woman from a Marxist point of view, which were published in the magazine *Punto Final*.

TT: Do you think we can talk about the situation of women in Latin America in general, or should we focus on the problems of women in each country in particular?

V.B.: I would tackle the problem from an entirely different angle. One can't deal with women's issues in general. I always try to specify class distinctions when I deal with the situation of women. That is the crucial distinction. There are as many categories of women as there are social classes; the situation of the bourgeois woman is different from that of the peasant or working-class woman. "Women in general" do not exist. It is easy to see that the working-class woman is subject to a two-fold exploitation, as a worker and as a woman. She works two shifts, one at the factory and one at home.

TT: Maybe our point was not clearly made. When we asked you if it was possible to talk about the situation of women in Latin America, we were wondering if it would be better to concentrate on the situation of women in a specific country, or to make specific distinctions for each country within a general framework, due to the different cultural variables which exist in each place.

V.B.: I believe that the basic problems of the working class woman are the same, whether in Argentina, Brazil or Mexico. This also applies to the petit bourgeois and bourgeois women. Perhaps one can say that the Chilean woman is more politically conscious, has a greater militant tradition than the Brazilian woman, and that this is due to a cultural difference. On the other hand, I think that the Chilean woman is not as advanced as the Argentine woman. Chile has not reached the degree of technological development of Argentina, and this reflects in some ways on women's attitudes. In spite of all this, I believe we should take Latin America as a unit; the common problems are the most relevant, in spite of the differences which exist.